

Nova edição

ITINERÁRIO JUVENIL

Temas para grupos de jovens (pós-crisma)

1º ANO



juventude
patriarcado de Lisboa

Prefácio

Em 2002, Dom José Policarpo, Patriarca de Lisboa, em conjunto com os serviços diocesanos da Juventude e da Catequese, lançou o Itinerário Juvenil. Como ele próprio apresentava, no Prefácio da primeira edição, “é um itinerário porque toda a vida é um caminho a percorrer e a descobrir. No caso da vida cristã, este caminho é percorrido seguindo Cristo como seus discípulos e avançar na caminhada significa descobri-lo a Ele, sempre de novo, contemplando o Seu rosto e com Ele aprender a amar a Igreja, que Ele ama, à qual nos chamou e que nos identifica com ele, numa comunhão de amor. Só em Igreja se progride no seguimento de Cristo.”

Depois da celebração do crisma, muitos são os jovens que querem continuar o seu percurso na Igreja e é a pensar neles que este itinerário é agora reeditado. Ontem, como hoje, ele continua a seguir esse caminho de descoberta da Igreja, sempre com uma dimensão comunitária, de “grupo”. Doze anos depois do seu lançamento, torna-se necessária uma revisão e actualização de conteúdos, mantendo a estrutura e muitas das dinâmicas originais.

Destinado aos animadores, mais do que um “livro”, é um instrumento, um subsídio para o trabalho pastoral com jovens, e que só faz sentido se for lido, partilhado e posto em prática com fé, compromisso, oração e missão.

É o próprio Papa Francisco que lança o desafio: “Os jovens que escolhem Cristo são fortes, nutrem-se da sua Palavra e não se «enchem» com outras coisas. Tende a coragem de ir contra a corrente. Tende a coragem da verdadeira felicidade! Dizei não à cultura do provisório, da superficialidade e do descartável, que não vos considera capazes de assumir responsabilidades e enfrentar os grandes desafios da vida.” (Mensagem para a XXIX JMJ 2014)

Apesar do crescimento e da influência cada vez maior das novas tecnologias no quotidiano dos jovens, que dão uma aparente ilusão de comunidade e de relação, nada pode substituir o encontro presencial, a partilha dos sonhos e das conquistas, dos medos e das dificuldades. O próprio Jesus olhava com amor, sorria, tocava, e vivia em comunidade com os seus discípulos. Em grupo, a vida torna-se comunhão, a comunhão cresce em amizade e amor, e o amor conduz a Deus.

A Diocese de Lisboa, que se quer viva e unida, conta com o empenho de todos e precisa de todos. Peço ao Senhor que ilumine sempre os olhos do coração de todos os que se cruzarem com este itinerário, para que saibam a esperança a que foram chamados e vivam no mundo como herdeiros de uma alegria que não acaba nunca!

Pe. Carlos Gonçalves

Diretor do Serviço da Juventude do Patriarcado de Lisboa

O Itinerário Juvenil

O Itinerário Juvenil (IJ) parte, desde logo, da percepção de um conjunto de necessidades que, no campo da Pastoral Juvenil, importa dar resposta:

1. A necessidade de um projecto concreto e abrangente que permita e sustente uma caminhada juvenil especificamente cristã, que integre harmoniosamente, na sua dinâmica própria de crescimento, as diversas dimensões a ela inerentes: humana, cristológica, eclesial.
2. A carência de propostas de itinerário para grupos juvenis integradas num projecto que ultrapasse uma necessidade pontual ou objectivos demasiadamente confinados a uma determinada realidade ou perspectiva.
3. A urgência de construir a comunhão na diversidade de caminhos percorridos pela Pastoral Juvenil aos seus diferentes níveis (Serviços diocesanos, vigararias, grupos juvenis), que os faça convergir e orientar, com as suas realidades e ritmos, em função de um percurso com pontos de referência e objectivos comuns, com uma espiritualidade profundamente cristológica e eclesial que desperte para o compromisso com o mundo e para a Igreja diocesana como o lugar próprio do ser cristão.

O QUE É O ITINERÁRIO JUVENIL?

O IJ é uma caminhada proposta aos jovens, a partir dos 16 anos, que, tendo terminado os 10 anos de catequese e celebrado o sacramento do Crisma, pretendam continuar um percurso de crescimento humano e cristão, agora no âmbito de grupos juvenis.

Este IJ desenvolve-se ao longo de três anos, após os quais o grupo que acolhe esta proposta deverá ter atingido a maturidade suficiente com vista à sua autonomia e à construção do seu próprio caminho, em função da sua identidade e vocação específicas e no respeito pelos desafios diocesanos.

Cada um destes anos tem como base uma das três perguntas lançadas aos jovens, em jeito de desafio, pelo Papa João Paulo II, aquando da XV Jornada Mundial da Juventude: “Quem procurais?”; “Quem dizeis que eu sou?”; “Para quem devemos ir?”

De cada uma destas interrogações nasce um conjunto de aspectos que permitiram o estruturar de um IJ que, gradualmente, procura conduzir o grupo e cada um dos jovens à descoberta das dimensões fundamentais do ser cristão.

Este percurso procura ser simultaneamente catequético e vivencial, apresentando e ajudando a consolidar os aspectos fundamentais da fé cristã e conduzindo o jovem a uma coerência de vida e a um compromisso crescente em Igreja e no mundo. Por isso, a estruturação deste IJ conduz também a um assimilar da metodologia, sempre fecunda, da revisão de vida.

ANO	DIMENSÃO	REVISÃO DE VIDA
1º - “Quem procurais?”	Antropológica (a pessoa)	VER olhar a realidade
2º - “Quem dizeis que eu sou?”	Cristológica (a relação com Cristo)	JULGAR perceber a realidade através do olhar de Cristo
3º - “Para quem devemos ir?”	Eclesiológica (vivência em Igreja e compromisso com a construção do mundo)	AGIR acção com vista à transformação

O ANIMADOR

Neste percurso, o papel do animador é fundamental. Sem a sua colaboração, não há Pastoral Juvenil, por muito bons que sejam os planos e projectos, que envolva os jovens e que constitua para eles um caminho de crescimento e de amadurecimento na relação consigo próprios, com os outros e com Deus. Mas o termo animador gera muitas vezes equívocos, quer no que este significa, quer no que implica para quem assume o desafio de o ser. Importa, por isso, perceber o que é ser animador e quais as suas funções.

Ser animador é...

Animador é uma palavra recente na nossa linguagem. Usamo-la para designar uma função importante desempenhada por uma pessoa na vida de um grupo.

A palavra é bonita, mas equívoca. É bonita porque nos situa, logo à partida, no essencial da função que ela quer definir. Com efeito, “Anima” é uma palavra latina que significa “alma” e que, em português, veio a dar origem a palavras como “ânimo”. Um animador é, por definição, alguém que tem a ver com a “alma”, o “ânimo” de um grupo. Mas é uma palavra equívoca porque nos pode levar a um grande engano: pode levar-nos a pensar que a pessoa a quem chamamos “animador” é que é a origem, a fonte, a causa e o alimento desse ânimo, dessa alma, desse espírito do grupo... E, nas coisas da fé, não é assim. O animador só é animador porque é “animado”: antes de animar, é ele mesmo animado; não tem em si mesmo a fonte desse ânimo; pelo contrário, recebe-o como um dom gratuito (que, por isso mesmo, não é conquistado, nem sequer merecido...). O Espírito está nele, age nele e através dele. Mas é o Espírito que age! E o Espírito não se confunde com as capacidades e as qualidades daquele que se deixa conduzir por Ele. É por isso que o que faz um bom animador não são as qualidades de cada um mas, acima de tudo e antes de tudo, a sua docilidade ao Espírito Santo. O animador só é um bom animador se se deixar conduzir pelo Espírito. O ânimo que ele fomenta no grupo e transmite aos outros só é ânimo autêntico e fecundo, capaz de gerar frutos duradouros de verdadeira vida, se for bebido em Deus.

É também por isso que o animador de um grupo não é necessariamente o que tem mais qualidades, o que é mais capaz. O animador não é o melhor. É simplesmente o que ama e vê a vida com os olhos do Amor que é Deus. A vida toda. E é por isso que não pára quieto: vive inquieto enquanto “Cristo não for tudo em todos”. Porque se deixa contagiar pelo amor de Deus (e Deus não descansa enquanto não vir realizado em cada homem aquilo que ele sonhou que nós havíamos de ser...).

É ainda por isso que ser animador não é apenas uma função, um papel que se desempenha num grupo. Antes de ser tarefa (qualquer coisa que se faz) é uma condição (tem a ver com o que somos!). Um cristão, todo o cristão, é, por definição, um animador. Não apenas num grupo ou num lugar, mas na sua vida toda! Porque ser cristão é viver animado pelo Espírito de Deus e deixar-se conduzir por Ele. Sempre!... Nas horas bem dispostas e nas outras, nas fáceis e nas difíceis... Sempre!

É por isso que ser animador não é razão para vaidade! Com os nossos critérios demasiado pequeninos e mesquinhos, damos muito valor à imagem, à “importância”, à “grandeza”, ao “dar nas vistas”... Ainda temos muito que andar para perceber que a verdadeira grandeza é a do serviço: “Quem quiser ser grande no meio de vós, faça-se vosso servo” (Mc 10, 43).

Para se ser animador basta descobrir Deus em tudo, o essencial da vida e dispormo-nos a segui-l’O com uma única certeza: a do Amor que Ele nos tem. O segredo da dificuldade de um animador está em deixar-se possuir pelo Amor de Deus e dar tudo por Ele. E é por isso que a condição fundamental para se ser animador é viver numa atitude permanente de “escuta” de Deus. É viver tentando descobrir sempre a vontade de Deus, aceitando até que o caminho às vezes não é tão claro e evidente como queríamos porque a “estrela” que nos leva a Deus nem sempre brilha no nosso horizonte.

Sem esta procura permanente de Deus, o animador esgota o que tem para dar (até porque a única coisa que podemos verdadeiramente dar aos outros é o testemunho da nossa procura...). Se não for o Espírito de Deus a falar em nós... não teremos novidade nenhuma a comunicar: “Poderá um cego guiar outro cego? Não irão os dois cair nalguma cova?”

Funções do animador

O acompanhamento, realizado pelo animador, é um serviço de escuta, de amizade, de esperança, cuja fonte se encontra na contemplação do amor de Deus e na vida em comunidade. O animador, na sua missão de acompanhar o jovem, respeita a liberdade do seu caminho, que é sempre um percurso pessoal em que ninguém o pode substituir. O animador apresenta Cristo, promove o encontro com Ele, vive e propõe o Evangelho que ilumina o sentido da vida, tornando possível a experiência de vida em Igreja, que continua a missão salvadora de Jesus. Ajuda a tomar consciência das diversas vocações para se viver totalmente segundo Cristo, em Igreja, participando na construção do mundo novo e estimula a que cada um se encontre e se desenvolva integralmente.

Função objectivadora

Ajudar o jovem a situar-se diante da verdade objectiva sobre si mesmo, sobre Cristo e a Igreja, sobre o Homem e o mundo. O animador deve ser “espelho”, no qual se reflecte o mundo interior do jovem e os valores do Evangelho.

Função confrontadora

Guiar na descoberta das próprias incoerências frente aos valores do Evangelho e da respectiva vocação, personalizando as situações e assumindo-as como suas. Ajudar o jovem a desmascarar os seus enganos e ilusões, as suas incongruências, detectando “os gemidos do Espírito” no meio dos seus sentimentos, aspirações, desejos... Ajudar a simplificar, a descomplexificar.

Função pedagógica

Ajudar a crescer na assimilação dos valores e objectivos, através da programação e avaliação constante e sucessiva de acções e experiências concretas.

Função estimuladora

Incentivar, dar alento, apoiar, estimular o jovem no caminho empreendido, especialmente nos momentos de obscuridade e de crise.

Atitudes referentes ao Animador

- Atenção às pessoas do grupo, à tarefa a realizar, aos acontecimentos, ao ambiente da sala e entre as pessoas;
- Capacidade de escutar e acolher, com a mente livre de juízos de valor ou preconceitos, a história pessoal dos jovens;
- Avaliação de si próprio e de cada elemento do grupo, sem preconceitos nem exageros, para que todos se possam realizar no grupo. Avaliar com frequência as suas atitudes no sentido de melhorar a sua relação com o grupo. Procurar contactar com outros animadores;
- Introdução das palavras, silêncios, tons de voz, gestos e factos do grupo. Chegar ao porquê das coisas. Oferecer ao grupo pontos de vista próprios;
- Doação pessoal a todos e cada elemento do grupo. Disponibilidade sincera, jovial, constante, mas que não sirva de dispersão;
- Colaboração com todos e cada um dos elementos do grupo no trabalho a desenvolver, sem querer fazer tudo nem invadir as competências dos outros;
- Ser uma pessoa de oração, uma pessoa contemplativa, que sabe descobrir e ler na história e na vida os sinais dos tempos, os sinais de esperança, os sinais da presença de Deus;
- Ser uma pessoa que procura ou já vive com suficiente coerência os valores da sua própria vocação, e que se mostra com autenticidade em todo o seu proceder e na relação com o animando. É importante que consiga falar da sua própria experiência, do significado que tem para si a vida, a fé, Jesus, a Igreja, a vocação, a família...;

- Desprendimento como João Baptista, que indica caminhos que conduzem a Jesus sem pretender reter a amizade e atenção do jovem em si. Domínio de si próprio e do desejo do poder;

Atitudes do Animador referentes ao Grupo

- Disponibilizar as informações relativas a actividades e acontecimentos com interesse para o grupo, bem como de todo o material necessário para o seu trabalho que estejam ao seu alcance;
- Propor elementos de promoção, métodos, técnicas, mas sem impor nem se impor;
- Recapitulação de tudo o que se vai dizendo e fazendo; por conseguinte, ter capacidade de síntese e objectividade;
- Atitude de aceitação e acolhimento incondicional, de reconhecimento pelo que a pessoa é e não pelos “méritos” que possui ou pelas expectativas que oferece. Colocar-se no lugar do jovem e compreender como vive e a riqueza que tem para revelar;
- Capacidade de paciência e de esperança para respeitar os ritmos de cada jovem que acompanha e do grupo como um todo, com as suas decisões, entusiasmos, dúvidas, retrocessos,...
- Levar todos os elementos do grupo a participar, cada qual segundo as suas possibilidades. Incentivar a que todos participem com aquilo que constitui a riqueza de cada um, para enriquecimento de todos;
- Tornar possível um ambiente agradável e estimulante que promova a coesão e a solução de conflitos, dissensões, pontos mortos;
- Prospecção do futuro possível, indo mais além do quotidiano e adiantando-se aos acontecimentos;
- Avaliação periódica do andamento e crescimento do grupo;

O animador também se faz. Por isso, deve encontrar-se com outros animadores para trocar experiências e conhecer outras visões e vivências de grupo.

COMO UTILIZAR ESTE IJ?

Este IJ é destinado ao animador, e tem como principal objectivo ajudá-lo a preparar-se e a preparar os encontros com o seu grupo, em função de um percurso simultaneamente catequético ou temático e vivencial. Já apresentámos a lógica do Itinerário na sua globalidade, em função dos três primeiros anos de vivência do grupo após a catequese da infância e adolescência e a celebração do Sacramento do Crisma. Importa agora conhecer mais de perto este primeiro ano, e de que modo este livro pode ser utilizado pelo animador.

Estrutura

Tal como os restantes anos, o percurso proposto para este primeiro ano encontra-se estruturado em 3 trimestres, com aproximadamente 3 encontros temáticos e 1 celebração por trimestre. Esta estrutura procura, desde logo, acompanhar o ritmo do ano litúrgico, ajudando a fazer a ponte entre o que é reflectido e vivido no grupo e o que, como Igreja, celebramos relativamente ao mistério de Cristo. Por outro lado, este esquema, não esgotando todos os encontros do grupo, que se pressupõe reunir-se semanalmente, permite uma maior flexibilidade e adaptação do mesmo, dando espaço para uma maior atenção e desenvolvimento de algumas das temáticas propostas, quando tal se considere importante em função das necessidades do grupo e das pessoas que o compõem, bem como a outras actividades e momentos de vivência do grupo, de carácter lúdico, de compromisso (com a comunidade, acção sócio-caritativa...), celebrativos ou de oração (retiros, peregrinações, encontros diocesanos, vigílias de oração). Estes momentos também são importantes, pela riqueza de vivências, pela criatividade que suscitam e pelo crescimento e abertura de horizontes que muitas vezes proporcionam.

Os objectivos

É importante manter um rumo definido, saber para onde se caminha, como e porquê: o grupo não é apenas um grupo de amigos (embora seja muito importante que tal aconteça!), mas é um grupo de jovens cristãos comprometidos numa caminhada de fé. Por isso, além dos objectivos gerais de cada ano, também cada trimestre e cada tema tem objectivos próprios. Estes servem, desde logo, para que o animador saiba onde se pretende chegar, o que é essencial transmitir, e ajude os elementos do seu grupo a caminhar nesse sentido. Por outro lado, eles surgem como ponto de referência para perceber se, num determinado encontro, o essencial foi atingido, quais os aspectos em que o grupo teve mais dificuldades, se as mesmas justificam que se demore um pouco mais de tempo num determinado tema. A atenção ao grupo e às pessoas que o compõem é, aqui, fundamental. Por último, a fidelidade ao itinerário apresentado e aos seus objectivos ajuda-nos a construir a comunhão, permitindo que os grupos de jovens da nossa diocese caminhem ao mesmo ritmo, ainda que no respeito pela sua diversidade.

A preparação

No início de cada trimestre, encontramos um texto que ajuda a perceber a unidade que é construída por todos os temas que nele se integram, e a discernir melhor, dado os encontros estarem ligados entre si, até onde deve ir e onde deve parar em cada um deles. Acima de tudo, este texto é fundamental para a própria formação do animador, para que possa, ele próprio, reflectir a temática proposta, e, depois, preparar com cuidado os encontros. É já clássica, mas não deixa de ser verdadeira, a expressão: «um encontro não preparado é um encontro falhado».

Tendo estes aspectos em linha de conta, o animador vê-se na necessidade de preparar um tema concreto. Vistos os objectivos do mesmo, ele tem à sua disposição um conjunto de textos considerados como essenciais, e que devem servir como base para que os conteúdos essenciais sejam transmitidos. Além destes, dão-se algumas sugestões metodológicas para o desenvolvimento do tema e alguns subsídios para um momento final de oração. Este esquema visa sobretudo ajudar o animador a preparar o encontro, mas não é limitativo e muito menos obrigatório. Cada grupo é um grupo, e ninguém melhor que o animador o conhece. Por isso, importa ser criativo e, sempre que necessário ou aconselhável, o animador pode e deve adaptar as metodologias propostas em função da realidade do grupo, dos seus ritmos, experiências e expectativas, podendo também acrescentar outros subsídios no tratamento dos temas (outros textos, músicas, filmes, apresentações, fotos, etc.). Mas esta criatividade deve sempre ter em atenção os textos tidos como essenciais e permitir a manutenção de um ritmo comum (em relação ao resto da diocese) e fiel aos objectivos propostos.

As dinâmicas e as sínteses

Os mesmos objectivos facultam o necessário enquadramento dos momentos mais lúdicos e criativos que marcam os diversos encontros. Com efeito, estes momentos não valem só por si mas valem sobretudo por aquilo que o animador souber retirar deles, explorando a diversidade e a criatividade presente nos mesmos em função do percurso que pretende que o grupo faça dentro de determinado tema. Importa também que todo o trabalho seja pontuado por momentos de síntese, dirigidos e propostos pelo animador. Estas sínteses ajudarão o grupo a consolidar as diversas ideias e experiências presentes ao longo do encontro, orientando-o no sentido da aquisição e apreensão dos conteúdos fundamentais pretendidos para cada tema. As mesmas deverão partir sempre da partilha do grupo, da sua reflexão e do seu trabalho, podendo o animador recorrer também às introduções, aos textos de apoio e a outros que considere importantes para a sua preparação.

A leitura da Palavra de Deus e a oração

Em cada encontro, a oração deve ser um momento privilegiado de escuta/interiorização da Palavra e de “leitura” da vida. Interessa fazer do grupo uma comunidade orante, capaz de celebrar a vida, confrontando-a com a Palavra de Deus e, em festa, perceber novos caminhos.

Pode existir mesmo um espaço mais cuidado, quando possível, arranjado pelo próprio grupo, com um ícone ou outra imagem com velas, flores, panos, etc., que seja simultaneamente simples e acolhedor, confortável (algumas almofadas e uma carpete ou tapete podem ajudar) onde o grupo reze.

A oração não tem que ser complicada nem é um “bicho de sete cabeças”. Aqui, o animador deverá avaliar a vivência do grupo neste domínio, apresentando formas diversificadas de oração e, gradualmente, criando o gosto de rezar e, com o tempo, valorizando os momentos de silêncio e de partilha. As próprias propostas podem valorizar os tempos litúrgicos (veneração da cruz na Quaresma, de um ícone de Maria em Maio ou no Advento, a coroa do Advento, um pequeno presépio no tempo do Natal, a simbologia da luz e da água no Tempo Pascal, etc...). É sempre preferível fazer um momento simples de oração, mas com sentido, do que demasiadas palavras e barulho em que só nós falamos e não deixamos que Deus fale.

É muito importante que cada encontro inicie com uma oração simples de louvor ou de invocação ao Espírito Santo. O grupo deve, desde logo, ter consciência de que cada um destes encontros só existe através do Amor de Cristo, que os une e chama para esse momento particular das suas vidas, e não qualquer outra motivação.

Para o final de cada encontro, são apresentadas propostas mais concretas, esquemas e conteúdos possíveis de oração, que incluem cânticos (no início e no fim), salmos ou textos de interiorização, leitura bíblica, momentos de silêncio, preces, a oração do Pai Nosso, etc.

A atenção aos pequenos pormenores

Outros pequenos aspectos podem ainda fazer a diferença na vivência do grupo e na sua consolidação. Um deles é o acolhimento, que passa, por exemplo, pelo preparar do espaço onde o grupo se reúne, ou por reservar algum tempo para que, se necessário, se fale do que aconteceu durante a semana, se partilhe uma experiência importante (mas sem que o encontro se torne só nisso). Outro é o conhecimento de cada um dos elementos do grupo: por exemplo valorizando e tendo em atenção o facto de um ou mais jovens do grupo terem celebrado o seu aniversário na semana anterior ou mesmo no dia em que decorre o encontro e arranjando uma lembrança que lhe(s) é oferecida da parte do grupo.

A atenção às pequenas coisas é fundamental, porque são elas que fazem a nossa vida de todos os dias e que mais nos marcam.

Momentos simbólicos

Outra forma de valorizar e consolidar a unidade do grupo e o seu sentido de pertença a uma caminhada juvenil diocesana é também o recurso a símbolos e momentos de festa e de compromisso. Neste sentido, e desde o lançamento do IJ, optou-se por criar um símbolo representativo de toda esta caminhada e que é distribuído aos jovens numa celebração diocesana a ocorrer após a Páscoa, e que normalmente coincide com a Vigília de Pentecostes: a lucerna. Ao seu significado, enquanto símbolo de Cristo, luz do mundo, e da fé que recebemos no baptismo, alia-se o desejo de fazer dela um sinal de compromisso com a caminhada proposta e um elemento representativo e consolidador da unidade que se pretende criar entre todos os grupos que optam pelo IJ. Para tal, aconselha-se vivamente que ela se torne um objecto de uso comum dos jovens, utilizado, quer nas celebrações do grupo, sempre que haja o rito da luz, quer nas celebrações da sua comunidade (por ex., na Vigília Pascal) ou nos momentos de oração propostos a nível vicarial ou diocesano, sempre que tal seja solicitado. Pode-se ainda sugerir que os jovens tenham em atenção o local onde colocam a lucerna, na sua própria casa, valorizando-a e tornando-a visível: «Ninguém acende uma candeia para a cobrir com um vaso ou para a esconder debaixo da cama; mas coloca-a no candelabro, para que vejam a luz aqueles que entram» (Lc 8, 16).

O compromisso eclesial

Este Itinerário surge como uma proposta para um grupo concreto, no âmbito de uma realidade própria e na qual se desenvolve, cresce e para a qual é enviado. Toda e qualquer proposta de caminhada para

jovens deve ser vivida na abertura à comunidade e conduzir ao compromisso com a Igreja e com o mundo. Cabe ao animador, em conjunto com o Pároco, fazer o discernimento dos dons que cada elemento do seu grupo manifesta e das necessidades da comunidade local, propondo em conformidade as melhores formas de compromisso, de modo a que o grupo possa também crescer nesta dimensão.

Todas estas pistas e indicações, bem como as propostas que se seguem neste livro relativamente a cada um dos temas apresentados, são sobretudo um instrumento de trabalho com vista a ajudar os animadores a caminharem com o seu grupo e a construírem, pela fidelidade ao itinerário proposto, uma pastoral juvenil verdadeiramente diocesana, que vá ao encontro das necessidades dos jovens e que responda àquilo que Cristo os chama a ser: «sal da terra e luz do mundo», testemunhas credíveis do seu Evangelho.

1º Ano

“Quem procurais?”

Objectivos gerais

- Descobrir a vida como dom, um caminho e uma opção;
- Descobrir a “humanidade” de cada um como espaço de abertura à relação com os outros e com Deus;
- Despertar uma atitude de maravilhamento perante si mesmo, os outros, a criação e Deus.

Índice

1º Bloco – <i>Acolher a vida (até ao Natal)</i>	11
I – A Vida, dom que se acolhe	13
II – A Vida, procura e projecto	27
III – A Vida, o desafio de Deus	38
IV – Celebração “A Vida Manifestou-se”	74
2º Bloco – Descobrir a relação (até à Páscoa)	77
I – A Relação: o caminho do Homem	79
II – A Relação: o caminho de um projecto de amor	86
III – A Relação: o caminho de Deus	106
IV – Celebração - “Amou-nos até ao fim”	136
3º Bloco – Caminhar como um povo (depois da Páscoa)	141
I – A Igreja, Mistério de Comunhão	143
II – A Igreja, Comunidade dos discípulos	154
III – A Igreja Diocesana	164
IV – Celebração “Chamados à Comunhão”	175

1º Bloco - **Acolher a vida**

INTRODUÇÃO

Um novo ano a abrir e uma nova etapa de aprofundamento da fé a desenhar-se para os grupos de jovens: esse é o desafio do Itinerário. E logo no primeiro trimestre lança-nos o desafio de descoberta da vida como um dom e um projecto, que se acolhe e que se descobre. Aliás, a surpresa permanente que nos traz a frescura da vida, obriga o nosso coração a deter-se e a reconhecer que o segredo é acolher.

Esse é o segredo da vida de Jesus: a sua vida e a sua missão vêm do Pai. Jesus não vive por si e para si: acolhe o Pai e acolhe cada pessoa, e aí mesmo encontra o altar da sua oferta, da entrega da sua vida. Para Jesus, acolher é um desafio a dar-se, é um convite irrecusável a esgotar de amor as suas energias. Este nosso trimestre começará precisamente pela experiência do acolhimento. Conhecendo cada elemento do grupo surgirá a alegria de reconhecer a riqueza inquietante que está nas suas vidas e histórias pessoais. Acolher assim é um acto de fé porque me obriga a aceitar a criatividade de Jesus que insinuará a sua presença nestes irmãos de percurso.

E a partir daqui, maiores serão as insinuações de Jesus ao grupo: se O acolhemos, uns com os outros, teremos de acolher também a sua insistência em construir um projecto de vida connosco. Jesus não pretende simplesmente cruzar-se com o homem, mas realmente encontrar-se com ele e propor um caminho onde todas as realidades sejam convites ao crescimento e não simples acasos ou quimeras. Em comum, no grupo, este será um motivo forte de confronto, interrogação e partilha: que projecto? Que valores? Que decisões? Que inquietações?

Da parte de Jesus, este é o momento em que Ele fala de liberdade. Para Jesus, o amor do Pai não é um rio a correr indefinidamente: é uma urgência de resposta e compromisso, uma necessidade de discernimento, um apelo para a entrega e para o abandono. É na liberdade assim desafiada que se decide o projecto para a vida e se descobre que o melhor projecto está na intimidade com Jesus e na verdade das suas palavras. Saber o que vida quer de mim e eu da vida é uma interrogação que no seguimento de Jesus encontra a plena resposta. A segunda etapa passará pela interrogação do nosso projecto e dos contornos acerca da vida a construir, no que eles são meus e de Deus.

E aqui tudo se define em definitivo: é que o projecto maior que Deus nos oferece tem o selo da vida de Jesus e chama-se santidade. Acolher a vida e interrogá-la é a porta aberta para aceitar a proposta de Deus a vivermos a intensidade e a verdade da própria vida de Jesus. Deus convida a esta santidade porque aí se encontra, não simplesmente uma forma de vida, mas a “vida em abundância” de que Jesus foi e é o modelo e a fonte para todos os homens.

OBJECTIVOS

- Conhecer-se a si mesmo;
- Tomar consciência dos diferentes aspectos que constituem a pessoa humana;
- Tomar consciência do contributo de cada um para o bom funcionamento do grupo;
- “Perceber” a vida como dom recebido e dado;
- “Perceber” a vida como um projecto com sentido;

TEMAS

- I – A Vida, dom que se acolhe
- II – A Vida, procura e projecto
- III – A Vida, o desafio de Deus
- IV – Celebração “A Vida Manifestou-se”

LEGENDA



Material



Dinâmica



Referências YouCat



Oração



Compromisso



Textos de apoio

1º BLOCO

I – A Vida, dom que se acolhe

LINHAS GERAIS

“ Por conseguinte, acolhei-vos uns aos outros, como Cristo vos acolheu, para a Glória de Deus.” (Rm 15,7)

1. O acolhimento é uma atitude fundamental do Homem. Nenhuma sociedade sobreviveria se os homens se fechassem ao diálogo e à surpresa do encontro. O ponto de partida da nossa relação com Deus, com os outros e com a vida é sempre o acolhimento.

A História da Salvação (a história da relação de Deus com os homens), sempre foi a história de um Deus que fala e desafia, e dum homem que escuta, se interroga e responde. Jesus Cristo é o ponto alto deste diálogo amoroso entre Deus e os homens. Ele é a palavra feita carne. Para Cristo, viver é sinónimo de acolher. Ele acolhe até ao limite a vontade do Pai (cf. Fl 2, 8). Paralelamente, vive acolhendo aqueles que com ele se cruzam. Antes de se propor como caminho verdade e vida, preocupa-se em acolher. Escuta, olha, partilha a vida de cada homem, os seus problemas, alegrias e tristezas, a sua condição humana. Antes de dizer quem é e o que quer, vai ao encontro e deixa-se encontrar. Foi assim com a Samaritana, com o cego de nascença, com os discípulos de Emaús, com todos. É assim hoje com cada um de nós.

2. No início desta caminhada, comecemos por nos acolher, não esquecendo que acolher é também reconhecer. É dar espaço e tempo ao outro, porque o outro só tem o espaço que nós lhe damos. Quantos projectos, pessoas, sonhos, ficaram adiados porque não soubemos acolher? Acolher é dar-mo-nos sem medo de dizermos quem somos e o que queremos. Partilhando as nossas motivações, expectativas e anseios, comecemos a desbravar caminho.

Este plano de pastoral juvenil, mais do que um itinerário proposto, é um itinerário a construir.

O QUE SE PRETENDE

- Conhecer as pessoas que formam o grupo;
- Acolher cada um no encontro e na partilha;
- Reconhecer Jesus Cristo como o dom de Deus que acolhe o homem;
- Compreender a importância da existência de um projecto pessoal de vida.

1º Encontro

Os jovens são motivados para se “identificarem”, dizendo quem são e o que esperam da vida, dos outros e daquele grupo. Neste encontro é importante criar um espaço de acolhimento mútuo e de troca de experiências em que todos se sintam verdadeiramente eles próprios (“bem”).



Papeis ou post-its com países e respectivas capitais (tantos quantos os membros do grupo)
Bíblias ou Novos Testamentos;



[Todos]

A vida passa depressa, Senhor,
o tempo corre veloz.
Os dias sucedem-se ininterruptamente.
A vida é cada vez mais agitada.
Não há tempo para mais nada.
É preciso correr para acompanhar.

Mas hoje queremos parar um instante
para falar convosco, Senhor,
pois uma nova etapa começa agora.
Hoje os nossos pensamentos
são de gratidão:
seria difícil enumerar os benefícios
recebidos até o dia de hoje.

Queremos também pedir perdão,
pois nem sempre levamos a vida a sério.
Muitas vezes deixamos de cumprir
as nossas obrigações.
Falhamos tremendamente
nas relações com os outros.
Perdoai-nos, Senhor.

No começo deste novo ano pastoral
queremos iniciar uma vida nova,
uma vida mais autêntica
e mais sincera.

Acompanhai-nos, Senhor,
em cada dia.
Firmai os nossos passos
no caminho do bem.

Derramai a paz e o amor
nos nossos corações
para que possamos construir
um mundo novo,
onde reine a paz,
a justiça e a fraternidade,
onde se luta
para acabar com a miséria,
para aliviar os sofrimentos alheios.

Assim, a vossa presença
marcará cada vez mais o nosso mundo.

Fortalecei-nos, Senhor,
na nossa missão e guiai-nos hoje e sempre.
Ámen.



1. Apresentação: colocar nas costas de cada jovem o papel com o país / capital. Cada um tem de procurar a sua correspondência (EX – Paris / França). Dois a dois apresentam-se. Depois voltam ao grupo grande e cada um tem de apresentar o outro elemento ao restante grupo.

2. Partilha informal das motivações de cada um para estar no grupo:

- Porque estou aqui?
- O que espero dos outros?
- O que espero desta caminhada?

3. Ler uma passagem bíblica em que Cristo acolhe. Sugestões: Jesus e a Samaritana (Jo 4, 4-26); Jesus e Zaqueu (Lc 19, 1-10); A mulher adúltera (Jo 8, 1-11); Discípulos de Emaús (Lc 24, 13-35)

4. Propor, a partir da passagem escolhida, um compromisso para a semana que expresse o acolhimento nas suas múltiplas formas: como escuta, como compaixão; como início de caminho...



61



Cântico
“O Senhor é a minha força” (Taizé)

Leitura (por um dos jovens)

“Convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Não há motivo para alguém poder pensar que este convite não lhe diz respeito, já que «da alegria trazida pelo Senhor ninguém é excluído». Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direcção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada.”

(Papa Francisco, *Evangelii Gaudium - A Alegria do Evangelho*, n. 3, 2013)

Cântico

O Senhor é a minha força (Taizé)

[Todos]

“Amaremos o nosso próximo
e amaremos os que estão longe de nós.

Amaremos a nossa pátria
e amaremos a pátria dos outros.

Amaremos os nossos amigos
e amaremos os nossos inimigos.

Amaremos os católicos
e amaremos os protestantes

os anglicanos
os indiferentes
os muçulmanos
os pagãos
os ateus

Amaremos todas as classes sociais,
mas sobretudo as que mais precisarem
de ajuda
de socorro
de progresso.

Amaremos os que riem de nós,
os que nos desprezam
os que se opõem
os que nos perseguem

Amaremos os que merecem ser amados
e os que não merecem.

Amaremos os nossos adversários
e nenhum homem pode ser nosso inimigo.

Amaremos por fim,
o nosso tempo
a nossa civilização
a nossa técnica
a nossa arte
o nosso desporto
o nosso mundo.

Amaremos esforçando-nos
por compreender
por comunicar
por estimar
por servir”

(Papa Paulo VI)

Cântico

O Senhor é a minha força (Taizé)



“O próprio Jesus é o modelo desta opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. Como nos faz bem vê-Lo perto de todos! Se falava com alguém, fitava os seus olhos com uma profunda solicitude cheia de amor: «Jesus, fitando nele o olhar, senti afeição por ele» (Mc 10, 21). Vemo-Lo disponível ao encontro, quando manda aproximar-se o cego do caminho (cf. Mc 10, 46-52) e quando come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2, 16), sem se importar que O chamem de glutão e beberrão (cf. Mt 11, 19). Vemo-Lo disponível, quando deixa uma prostituta ungir-Lhe os pés (cf. Lc 7, 36-50) ou quando recebe, de noite, Nicodemos (cf. Jo 3, 1-15). A entrega de Jesus na cruz é apenas o culminar deste estilo que marcou toda a sua vida. Fascinados por este modelo, queremos inserir-nos a fundo na sociedade, partilhamos a vida com todos, ouvimos as suas preocupações, colaboramos material e espiritualmente nas suas necessidades, alegramo-nos com os que estão alegres, choramos com os que choram e comprometemo-nos na construção de um mundo novo, lado a lado com os outros. Mas não como uma obrigação, nem como um peso que nos desgasta, mas como uma opção pessoal que nos enche de alegria e nos dá uma identidade.”
(Papa Francisco, *Evangelii Gaudium - A Alegria do Evangelho*, n. 269, 2013)

“Crer em Jesus Cristo sem o ver

No Evangelho, é-nos descrita a experiência de fé do Apóstolo Tomé ao acolher o mistério da Cruz e da Ressurreição de Cristo. Tomé faz parte dos Doze Apóstolos; seguiu Jesus; foi testemunha directa das suas curas, dos milagres; ouviu as suas palavras; viveu a desorientação perante a sua morte. Na noite de Páscoa, o Senhor apareceu aos discípulos, mas Tomé não estava presente, e quando lhe foi contado que Jesus estava vivo e se mostrou, declarou: «Se eu não vir o sinal dos cravos nas Suas mãos, se não meter o dedo no lugar dos cravos e não meter a mão no Seu lado, não acreditarei» (Jo 20, 25).

Também nós gostaríamos de poder ver Jesus, de poder falar com Ele, de sentir ainda mais forte a sua presença. Hoje para muitos, o acesso a Jesus tornou-se difícil. Circulam tantas imagens de Jesus que se fazem passar por científicas e O privam da sua grandeza, da singularidade da Sua pessoa. Por isso, durante longos anos de estudo e meditação, maturou em mim o pensamento de transmitir um pouco do meu encontro pessoal com Jesus num livro: quase para ajudar a ver, a ouvir, a tocar o Senhor, no qual Deus veio ao nosso encontro para se dar a conhecer. De facto, o próprio Jesus aparecendo de novo aos discípulos depois de oito dias, diz a Tomé: «Chega aqui o teu dedo e vê as Minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no Meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente» (Jo 20, 27). Também nós temos a possibilidade de ter um contacto sensível com Jesus, meter, por assim dizer, a mão nos sinais da sua Paixão, os sinais do seu amor: nos Sacramentos Ele torna-se particularmente próximo de nós, doa-se a nós. Queridos jovens, aprendei a «ver», a «encontrar» Jesus na Eucaristia, onde está presente e próximo até se fazer alimento para o nosso caminho; no Sacramento da Penitência, no qual o Senhor manifesta a sua misericórdia ao oferecer-nos sempre o seu perdão. Reconheci e servi Jesus também nos pobres, nos doentes, nos irmãos que estão em dificuldade e precisam de ajuda.

Abri e cultivai um diálogo pessoal com Jesus Cristo, na fé. Conheci-o mediante a leitura dos Evangelhos e do *Catecismo da Igreja Católica*; entrai em diálogo com Ele na oração, dai-lhe a vossa confiança: ele nunca a trairá! «Antes de mais, a fé é uma adesão pessoal do homem a Deus. Ao mesmo tempo, e inseparavelmente, é o assentimento livre a toda a verdade revelada por Deus» (*Catecismo da Igreja Católica*, n. 150). Assim podereis adquirir uma fé madura, sólida, que não estará unicamente fundada num sentimento religioso ou numa vaga recordação da catequese da vossa infância. Podereis conhecer Deus e viver autenticamente d’Ele, como o Apóstolo Tomé, quando manifesta com força a sua fé em Jesus: «Meu Senhor e meu Deus!».”
(Papa Bento XVI, *Mensagem para a XXVI Jornada Mundial da Juventude 2011*)

2º Encontro

A partir da atitude de Jesus que acolhe, é importante perceber que a vida após o encontro com Cristo passa a ter um outro sentido, inaugurando um tempo novo, feito de procuras e de encontros. Acolher Cristo significa acolher os irmãos e construir a vida como projecto.



“Histórias de vidas”

Bíblias ou Novos Testamentos



1. Dividir em pequenos grupos e:

- pedir que, em grupo, tracem um percurso de uma “vida ideal”
- depois de algum tempo entregar a cada grupo uma história de vida (ver textos de apoio)
- pedir que analisem quais os pontos comuns e quais as diferenças entre a história de vida e a “vida ideal” por eles traçada
- Decidir se, à luz desse “confronto”, mudariam alguma coisa na “vida ideal”

2. Plenário das conclusões

3. Confrontar as conclusões com os textos bíblicos utilizados no encontro anterior

4. Apresentação, por parte do animador, de uma breve síntese do tema, tendo em conta a introdução e os objectivos, bem como o que foi dito nos encontros pelos membros do grupo.



34 | 285 | 290



Cântico

Leitura e/ou Salmo ou Hino

Momento de Silêncio

[Todos]

Ó Senhor, Vós nos dissestes
Que de nós cuidará o nosso Pai do Céu
Como cuida dos lírios do campo.

Vós que nem um lugar tivestes
Para repousar a Vossa cabeça cansada
Sede o nosso professor.
Dai-nos a força de nos darmos a Vós
Para que sejamos um instrumento
Da Vossa vontade.

E, Senhor, dai-nos o Espírito Santo para que,
Pela fé que nos concedeis, claramente discernamos
Que todos nós, para Vós, somos mais valiosos
Do que cada lindo lírio
Ou cada rouxinol que no Céu canta.
Ámen

(Madre Teresa de Calcutá)

Pai Nosso

Cântico



Histórias de vida

Maria e João Cortez de Lobão, empresários agro industriais

“A fé é o alicerce de toda a nossa vida.

A nossa fé nasceu do encontro pessoal que fizemos individualmente, e depois em casal, com o Senhor Jesus e a ‘amizade’ que daí resultou mudou para sempre o nosso viver. O que nos move e dá estrutura à nossa vida é a certeza inabalável do amor do Deus trino que é Pai, Filho e Espírito Santo e que no filho Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, viveu as alegrias e tristezas da nossa condição para através da sua vida, morte e ressurreição, nos abrir de par em par as portas da felicidade eterna. Esta fé encontra o meio ideal para se desenvolver na Igreja que Jesus fundou, presença temporal e manancial de graças do amor infinito de Deus. Percebemos assim que na vida não há coincidências e que aquilo que nos é dado viver é o caminho por excelência, lugar único onde podemos responder aos desafios que Deus nos propõe.

No nosso caso concreto isso passa pela alegria de termos oito filhos e depois de várias etapas profissionais, nos dedicarmos agora, quase em exclusivo, a um projecto agrícola no Alentejo de produção de azeitona para azeite que entretanto ganhou dimensões agro-industriais. Para transformar uma herdade que era de sequeiro num moderno olival foram precisos ao longo dos últimos cinco anos passar por sucessivos investimentos: instalou-se um sistema de rega gota a gota com 1600 quilómetros de manguerias à superfície e 20 quilómetros de condutas subterrâneas, criou-se um sistema informático de gestão da rega, plantaram-se um milhão e cem mil árvores, faz-se a apanha através de um processo totalmente mecanizado e conclui-se agora a construção de um lagar capaz de transformar por dia mais de 450 toneladas de azeitona em azeite segundo os mais exigentes critérios de higiene, rigor e qualidade. A herdade passou de dois para cerca de quarenta empregados e indirectamente, com o seu negócio, gera postos de trabalho a mais outras quatro dezenas de pessoas.

Como é que procuramos trazer a realidade da nossa fé ao dia-a-dia da nossa vida?

Em primeiro lugar procurando ser uma família que faz da sua prática religiosa um ponto alto e natural da sua existência. Respeitando que cada um dos membros da família tem que descobrir e desenvolver a sua relação pessoal e única com Deus, estabelecemos que a prática religiosa é o denominador comum da nossa vida de família com a mesma simplicidade de tudo o mais que vivemos. Salvo excepções, vamos todos à mesma Missa ao Domingo. Cada um se prepara à sua maneira...aos mais novos explicamos-lhes antecipadamente o Evangelho que vai ser proclamado e lembramos-lhes para levarem o seu missal. Os momentos em comum são sempre ocasião de

acção de graças. Às refeições são já os mais pequenos que não deixam que se comece a comer - nem que haja visitas que até podem ser agnósticos ou ateus- sem que primeiro se tenha rezado. Outras alturas em que estamos juntos - andar de carro por exemplo- são frequentemente utilizados para a recitação do terço e /ou discussão sobre temas da fé ou da actualidade religiosa. As nossas férias incluem por regra uma dimensão espiritual: há sempre um quê de peregrinação e um partir à descoberta de mais maravilhas que Deus nos confia neste mundo. Escusado será dizer que se presume tudo o resto de uma vida segundo os valores cristãos. Estes manifestam-se, entre outras coisas, no trabalho sócio caritativo em que cada membro da família se empenha mas onde há também espaço para uma acção caritativa da família como um todo em determinados projectos como as propostas que nos vêm da nossa paróquia.

Em segundo lugar vivendo a nossa actividade profissional com o mesmo espírito. Isso inclui a escolha de um projecto eticamente sustentável. Não foi indiferente para nós, pegar numa actividade que é primária e essencial à sobrevivência, como a agricultura. Aceitar este desafio, representava uma serie de adaptações e aprendizagens. Sentimos como nossa obrigação fazer as coisas especialmente bem, correctas. Se nem todos os bons gestores são cristãos, um cristão deve ser um gestor consciencioso, prudente e rigoroso no planeamento e na execução de qualquer projecto. Por isso não partimos para esta missão sem antes fazer bem o “trabalho de casa” que consiste em preparar toda a construção de uma empresa para que seja criadora de valor e de emprego.

Ao nos lançarmos nesta aventura pusemos a fasquia bem alta: tentamos implementar os princípios da doutrina social da Igreja eliminando injustiças, procurando a dignificação de cada um dos colaboradores e do trabalho, promovendo a harmonia e o bem-estar de cada um. Mas nem sempre isto é logo possível. Contudo não deixamos que a frustração de não atingir ainda ou plenamente estes objectivos nos leve a desistir de lutar por eles. Procuramos não nos esquivar às nossas obrigações. No mundo subsistem ainda situações difíceis de aceitar ou até de justificar mas que não se podem alterar unilateralmente sob pena de se criarem rupturas a nível das próprias famílias envolvidas e até no funcionamento da empresa. Para ver um exemplo: ainda hoje no mundo agrícola alentejano, pelo mesmo trabalho, as mulheres ganham menos que os homens. Quando tentámos pôr fim àquilo que nos parecia inaceitável, tivemos dois resultados indesejáveis: não só isso criava problemas nas relações dentro das famílias como os homens se recusavam a trabalhar pelo mesmo estipêndio. Tivemos que recuar e aceitar que ainda não há espaço para essa medida. Entretanto procuramos discretamente compensar as colaboradoras, atribuindo-lhes periodicamente bens produzidos na empresa, em especial azeite e proporcionando-lhes transporte gratuito para a deslocação entre a sua habitação e o local de trabalho.

Do mesmo modo, as relações com fornecedores e clientes estão sujeitas a esse código de honra que faz os bons negócios e que, apesar de já não nos lembrarmos disso, é na sua origem profundamente cristão. As negociações até podem ser duras, mas uma vez fechado o acordo, honra-se escrupulosamente e com clareza a palavra do compromisso.

Por outro lado esforçamo-nos por testemunhar junto de todos a consciência -que é nossa- de que é Deus quem nos conduz. Assim todos os anos pela altura da colheita, pedimos ao nosso Pároco que venha abençoar os primeiros frutos, pelo que chamamos todos os colaboradores, diversos fornecedores e vizinhos. Esta cerimónia é realizada dentro do horário de trabalho para que todos se possam sentir incluídos e possam estar presentes. Do mesmo modo numa grande reunião profissional anual com pessoas do sector começamos sempre o encontro com Missa e isso faz parte do programa oficial do encontro. Evidentemente que quem não quer vir não vem, mas até para esses é dado o tom inequivocamente cristão do encontro.

Não fica nenhum compartimento da nossa vida fora da alçada da nossa fé. Quer seja na vida de família, na vida profissional, no lazer, nas relações sociais, nas ocupações culturais, o critério é

sempre escolher aquilo que é são, honesto e que seja agradável a Deus. Procuramos descobrir o projecto de Deus para nós pois sabemos que só na sua concretização seremos verdadeiramente livres e felizes. Tudo hierarquizamos a esse projecto. Sem complexos, agradecendo a Deus as coisas boas que temos mas de tudo dispendo com humildade e bom senso.

O segredo desta vida pode ser explicado pela máxima que a Beata Madre Teresa de Calcutá costumava apresentar:

“O fruto do silêncio é a oração;

O fruto da oração é a fé;

O fruto da fé é o amor;

O fruto do amor é o serviço;

O fruto do serviço é a paz.”

(Guião Ano da Fé, Serviço da Juventude do Patriarcado de Lisboa, 2012)

Ricardo Baptista Leite, Deputado à Assembleia da República, Médico, Assistente Convidado da Faculdade de Ciências Médicas UNL

“Ao reflectir sobre a minha fé e a forma como se traduz no meu dia-a-dia, as palavras de São Marcelino Champagnat ecoam constantemente no meu consciente quando anunciava a sua missão de formar “bons cristãos e virtuosos cidadãos”. Assim fica evidente que a minha raiz de aluno Mariano – do movimento dos Irmãos Marista – é indissociável a este meu percurso e condiciona a minha ação a cada momento, procurando cumprir com o seu desígnio, enquanto cristão e cidadão.

Hoje a minha vida vive-se entre a medicina, a academia e a política. Foi um caminho que começou a formar-se desde muito cedo.

Foi na escola primária que comecei a tornar-me ciente da minha fé em Cristo, tendo para isso muito contribuída a formação católica proporcionada pela Regina Mundi Catholic School onde frequentei o ensino primário em Toronto, onde nasci.

Tive a felicidade de crescer no Canadá onde interiorizei os conceitos fundamentais de cidadania, de dever cívico, de pertença à comunidade e da importância do sentido de missão em tudo o que fazemos. Foi também naquele país que aos 9 anos de idade me apaixonei pela política na sequência de uma visita de estudo ao parlamento provincial. Foi naquele momento que apreendi que nós, homens, temos a oportunidade de contribuir através da nossa ação para o bem comum. Conceito este que preservo até hoje.

Aos 12 anos de idade, vim para Portugal com o resto da minha família tendo ficado a viver no concelho de Cascais, terra que adotei como minha. Antes de ingressar no Colégio Marista de Carcavelos, completei o meu 6º ano de escolaridade no colégio inglês St. Dominic’s International School. Esta fase transitória permitiu-me aprender as noções básicas da língua de Camões e adaptar-me a uma nova cultura. Foi então que encontrei São Marcelino Champagnat pela primeira vez e os seus ensinamentos enquadravam tudo o que vim sentindo ao longo da minha infância. “Foi através dos ensinamentos Marianos que aprofundei o meu amor pela Virgem Maria e através dela por Cristo. Encontrei assim a minha missão de vida. Tudo haveria de fazer para ser um “bom Cristão e virtuoso cidadão”. Ainda hoje mantenho este objectivo com humildade e com a certeza de que poderei sempre fazer mais e melhor.

Neste contexto, pressionado pela necessidade de tomar opções no percurso académico, optei pela medicina como via para cumprir com a referida missão. Foi na Faculdade de Ciências Médicas (Universidade Nova de Lisboa) que completei a minha formação pré-graduada e onde, até hoje,

continuo ligado como docente. Aprendi nesse percurso o valor intrínseco da vida humana, a fragilidade da nossa condição e como somos realmente todos iguais no momento do nascimento e da morte. A discriminação e o estigma são pois frutos apenas do preconceito e portanto da ignorância. O meu ensinamento espiritual viu-se assim complementado em cada momento pelas aprendizagens da vida tendo-me tornado, penso, mais tolerante e espero que melhor cristão.

Quis o destino que a política assumisse ainda maior papel na minha vida, curiosamente em plena crise nacional. Em plena execução do programa de assistência financeira internacional ao nosso país, vi-me eleito como deputado da nação. Na esfera da acção partidária assentei as minhas decisões na missão de cidadania que desde cedo me foi sendo incutida. Um dever de qualquer cidadão e por isso também dos cristãos de contribuir para a organização e construção do bem comum.

Isto é, como cidadãos tudo devemos fazer para que o bem comum se fundamente nos princípios cristãos: da liberdade (nomeadamente religiosa), da dignidade humana, da solidariedade e do respeito pelo ambiente e pelo espaço comum.

Considero mesmo que este não é necessariamente um papel ou dever da igreja enquanto instituição (pelo menos exclusivamente) mas sim dos cristãos leigos enquanto cidadãos. Daí a separação entre o Estado e a Igreja. Compete-nos praticar a fé e procurarmos traduzir os nossos princípios e valores em acções, nunca impondo as nossas crenças mas procurando ser um exemplo na sociedade onde estamos inseridos. Eis uma das principais razões porque assumi o desafio da causa pública.

Por isso, os cidadãos católicos podem e devem estar em diferentes partidos e defender diferentes opiniões desde que procurem e defendam sempre a verdade e que sejam consistentes com os valores e princípios cristãos. Logo, é expectável que a inserção destes cidadãos se faça em sistemas ou partidos políticos que defendem uma “liberdade responsável”, ou seja, não defendem regimes totalitários nem defendem regimes libertários (isto é, sem limites).

Espera-se mesmo que os católicos preservem a sua integridade moral e firmeza para, em cada momento, não ceder aos compromissos contra a sua consciência.

João Paulo II destacava a dignidade inalienável da consciência, na qual, como recorda o Concílio Vaticano II, reside «o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser» (*Gaudium et spes*, 16). Quando o homem e a mulher prestam ouvidos ao apelo da verdade, a consciência guia, com segurança, os seus actos para o bem. Eu acredito genuinamente nesta visão.

É por isso que o exemplo de S. Tomás Moro (constituído por JP II Patrono celeste dos Governantes e dos Políticos) é tão inspirador. São Tomás distinguiu-se pela sua constante fidelidade à autoridade e às instituições legítimas, porque pretendia servir nelas, não o poder, mas o ideal supremo da justiça. A sua vida ensina-nos que o governo é, primariamente, um exercício de virtude. Forte e seguro nesta estrutura moral, o estadista inglês, com humildade, pôs o ser humano no centro de toda a sua actividade pública, sobretudo as pessoas que se apresentavam mais vulneráveis. Procuo inspirar-me diariamente na herança do seu legado.

Tudo se resume ao simples princípio de nos amarmos uns aos outros, como Jesus nos amou. Se formos radicais no amor a Cristo, seremos tolerantes perante os demais irmãos.

Podemos viver num mundo melhor iluminados por Deus, refletindo o amor de Cristo sobre todos. Está nas nossas mãos.

Eu acredito. Acredite também.”

(Guião Ano da Fé, Serviço da Juventude do Patriarcado de Lisboa, 2012)

Guido Schäffer, médico, surfista, seminarista

“A estas palavras, Jesus disse: Ainda te falta uma coisa: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois vem e segue-me.” (Lc 18,22).

Guido, ao meditar estas palavras, não tendo nada em seu nome a não ser seu diploma de médico, decidiu dedicar a medicina aos pobres. E, deixou casa, pai, mãe, família, amigos, para seguir Jesus.

Guido nasceu em 22 de Maio de 1974, na cidade de Volta Redonda, Rio de Janeiro, Brasil, filho de Guido Manoel Vidal Schäffer e de Maria Nazareth França Schäffer. Desde o nascimento residiu com os pais na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Copacabana.

Foi batizado na Matriz de Santa Cecília, em Volta Redonda (Rio de Janeiro), em 22 de Dezembro de 1974. Recebeu a Primeira Comunhão em 11 de Dezembro de 1983 e o Crisma em 02 de Dezembro de 1990, ambos na Paróquia de Nossa Senhora de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro.

Estudou no Colégio Sagrado Coração de Maria no período de 1979 a 1991. Os traços que marcam a infância e adolescência do Guido são os de uma criança e um jovem saudável, com gosto pela praia, pelo mar, pelo desporto. De comportamento dócil, fazia amigos com facilidade. Os seus pais eram católicos fervorosos e levavam os filhos às missas dominicais e ensinavam-nos a rezar todas as noites. O pai de Guido é médico e a sua mãe é membro da Comunidade Bom Pastor (RCC), tendo trabalhado voluntariamente pela evangelização nas escolas públicas. Desde a juventude, Guido chamava os seus amigos para Cristo, primeiro para fazerem a preparação para o Crisma e depois para participarem do Cenáculo (Movimento Sacerdotal Mariano) que a sua mãe realizava uma vez por mês com os filhos e com os seus amigos.

Tirou o curso de Medicina na Faculdade Técnica Educacional Souza Marques (1993 a 1998), no Rio de Janeiro. No ano em que se formava em medicina iniciou o Grupo Fogo do Espírito Santo com o Pe. Jorjão na Paróquia de Nossa Senhora da Paz, Ipanema. Fez o internato em Clínica médica, na Santa Casa de Misericórdia, no período de 1999 até março de 2001. Após o internato, ficou a trabalhar no corpo clínico do mesmo local durante o ano de 2001. Decidiu-se por exercer a medicina como clínico geral, especialidade que amava porque lhe permitia avaliar o paciente como um todo. Considerava a clínica geral um desafio, pela necessidade de manter um bom conhecimento sobre todas as áreas da medicina.

Durante a sua formação académica dedicou-se também ao atendimento dos pacientes com HIV, pois considerava fundamental que um clínico geral conhecesse bem os sintomas da doença, a fim de a detectar com a maior brevidade, possibilitando um maior êxito no tratamento.

Trabalhando como médico na Santa Casa da Misericórdia, Guido testemunhava sua fé, como citou o Professor Clementino Fraga Filho, em homenagem realizada após a sua morte: “Em todo o tempo, dava testemunho de sua fé, no seu proceder irrepreensível com os outros. Vivia conforme os valores cristãos da cordialidade, temperança, caridade e justiça.”

Foi nesta altura que se aproximou da pastoral da saúde. Duas colaboradoras da pastoral visitavam os enfermos e ficaram interessadas pela maneira carinhosa como aquele médico atendia os pacientes. Convidaram-no a participar da missa, ele aceitou e começou desde logo a ajudá-las.

Guido ainda namorava, pensava casar-se e seguir a carreira médica, que exercia na Santa Casa e numa clínica particular. Um dia, em retiro na comunidade Canção Nova, ouviu um padre pregar a seguinte passagem bíblica: “Não desvieis o vosso olhar do pobre e Deus tampouco se desviará de ti.” (Tb 4, 7). Nesse momento reflectiu quantas vezes havia desviado o olhar dos pobres. Pediu perdão a Deus: “Jesus, ajuda-me a cuidar dos pobres”.

Uma semana depois conheceu as irmãs da ordem fundada por Madre Teresa de Calcutá (Missionárias da Caridade), cuja missão é cuidar dos pobres. Compreendeu que Deus ouvira seu pedido e estava a dar-lhe a direção da medicina que Ele queria. Ofereceu o seu trabalho às Irmãs

da Madre Teresa e começou a atender os pobres de rua. Assim, ao trabalho da pregação da Palavra de Deus no grupo de oração, somou-se o trabalho como médico junto dos irmãos de rua. Chamou os outros jovens do Grupo Fogo do Espírito Santo a participarem no atendimento aos pobres de Madre Teresa e da pastoral da saúde da Santa Casa e muitos ajudaram-no, com trabalho e donativos. Levou médicos da Santa Casa para ajudarem as Missionárias da Caridade. Uma dessas médicas, vendo o trabalho que realizavam incentivou-o a ler a vida de São Francisco de Assis (“O irmão de Assis”, de Inácio Larrañaga), livro que foi uma grande luz de Deus na sua vida. Da participação nestas obras de caridade temos relatos de curas inexplicáveis, de conversões, de moradores de rua que decidiram lutar contra os vícios etc. A Irmã Caritas (MC) que acompanhou o trabalho do Guido junto à casa das Missionárias da Caridade na Lapa escreveu: “ A sua única preocupação era salvar almas. Levar todos a um encontro pessoal com Cristo. Para isso não media esforços. De facto, toda a sua conversa era com Ele e a Ele direccionada. Não perdia uma oportunidade de proclamá-lo. Fosse com palavras ou com o próprio exemplo. Quando atendia os irmãos de rua, não só zelava pela saúde do corpo, mas e sobretudo da alma. A nenhum deles deixou de falar de Cristo. Muitos deles saíam do consultório em lágrimas e profundamente tocados. Orava por e com cada um e convidava-os a receber os sacramentos como fonte de graça e comunhão com Deus. Muitas vezes usava dos carismas com que o Senhor o agraciava. Presenciei várias vezes, sobretudo o carisma da Palavra de Ciência. A todos tratava com delicadeza, paciência e compreensão. Nunca o vi irritado ou impaciente com ninguém. Mesmo quando alguém vinha embriagado ou sob efeito de drogas e procurava confusão. Tinha sempre tempo para cada um. O seu exemplo edificava-me e... corrigia-me!”

Às palavras da Irmã Caritas (MC) junta-se as vozes dos que conheceram o Guido e com ele conviveram ou trabalharam, seja em família, nas enfermarias da Santa Casa, no grupo de oração, na pastoral da saúde, no lar das missionárias, no Mosteiro e no Seminário. Somam-se ainda os testemunhos de muitas pessoas a quem ele levou uma palavra de consolo, estimulou na fé, incentivou a continuar um tratamento médico.

Chamado ao sacerdócio, foi acompanhado pelo bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Karl Josef Romer. Estudou Filosofia (2002 a 2004) e Teologia (2006/2007), no Instituto de Filosofia e Teologia do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro.

Como aluno externo, Guido conseguiu conciliar os estudos preparatórios para o sacerdócio com o apostolado que exercia como leigo. Continuou a prestar assistência à Pastoral da Saúde da Santa Casa da Misericórdia e fazia pregações onde o chamassem. Trabalhava voluntariamente como médico, atendendo na Santa Casa da Misericórdia e no lar das Missionárias da Caridade, na Lapa. Ajudava também os seminaristas que necessitavam de atendimento médico, levando-os à Santa Casa e prestava atendimento como médico em eventos da Igreja.

Em 2008, ingressou no Seminário São José (Rio de Janeiro), para completar os dois últimos anos do curso de teologia, pois é necessário um período mínimo de vida no seminário para a ordenação sacerdotal. Segundo o testemunho de seus colegas de filosofia e teologia na Faculdade de São Bento, Guido nunca falava mal de ninguém e quando os encontrava a comentar episódios que tinham causado revolta, com habilidade desviava o assunto e levava-os para uma oração. Assim, não permitia que se cultivassem inimizades e semeava a paz em seu ambiente de estudo. Além disso, Guido possuía profundo conhecimento das escrituras sagradas e uma memória prodigiosa, citando de cor os textos e sabendo sua exacta localização, auxiliando a diversos colegas em seus trabalhos e até aos professores durante as aulas.

Observaram também o seu grande amor pela Eucaristia, que em monografia descreveu como remédio para a alma e para o corpo, utilizando na explicação seus conhecimentos médicos. Guido pregava o que vivia, por isso a sua pregação era convincente. Ele era autêntico.

No ano de 2005, residiu por alguns meses em Queluz (São Paulo) por sugestão do Pe. Jonas

Abib (Canção Nova), para melhor discernir sua vocação. Guido sentia vontade de realizar muitas coisas: queria ser sacerdote, queria formar uma comunidade de vida a exemplo da Canção Nova, pensava em estudar no seminário ligado a esta comunidade. Monsenhor Verreschi, que à época foi pároco em Queluz e é o reitor do Seminário de Lorena (São Paulo), observou no Guido duas características: uma “ansiedade” de realizar rapidamente diversos trabalhos para Deus; e ao mesmo tempo a obediência em aceitar os “nãos” a algumas de suas ideias. Em Queluz, Guido exerceu como médico voluntário da prefeitura e no ambulatório médico Pe. Pio em Cachoeira Paulista. Realizou também neste período, um trabalho de evangelização pela rádio Caminho do Sol, em Queluz. É lembrada por todos os que conviveram com o Guido em Queluz, a dedicação dele aos pobres e ao próximo, seja atendendo gratuitamente no posto médico, seja rezando por todos os que lhe pediam, escutando e aconselhando. Recordam-se das vezes que foram levar comida aos pobres de rua à noite, da forma como o Guido falava com eles, olhando-os nos olhos, conversando com carinho, e da alegria que experimentaram neste serviço. Numa dessas idas, estava muito frio e um dos três moradores de rua não tinha agasalho. Então, Guido tirou seu casaco (um casaco de couro muito bonito) e deu-o ao pobre, que se encheu de alegria.

A 1 de Maio de 2009, com trinta e quatro anos de idade, Guido faleceu, vítima de uma contusão na nuca que gerou desmaio e afogamento, enquanto surfava, na praia da Barra da Tijuca, Rio de Janeiro. Com muitos amigos Guido tinha partilhado um desejo: se Deus lhe permitisse, gostaria de morrer no mar, onde sentia a presença de Deus a falar-lhe na natureza.

Em Maio 2014 deu-se início ao processo de Beatificação.

www.guidoschaffer.com.br , 2014

Beata Madre Teresa

Madre Teresa fundou, em Calcutá, uma Congregação de Irmãs que, rapidamente, se espalhou por todos os continentes. As Irmãs consagram-se ao serviço dos mais pobres, em termos materiais ou espirituais.

Madre Teresa nasceu em 1910, em Skopje, na Jugoslávia. Morreu em Calcutá em 1997. Os seus pais eram albaneses e ela chamava-se Agnes Ganxhe Bojaxhiu. Aos 18 anos, convencida que era chamada a ser missionária, entra numa congregação de irmãs que trabalhavam na Índia. Quando ensinava num Liceu em Calcutá, começou a preocupar-se cada vez mais com as necessidades gritantes dos habitantes dos bairros de lata vizinhos e, aos poucos, percebeu que o seu lugar era “no meio dos mais pobres entre os pobres, dos mais pequenos entre os irmãos em Cristo”.

Foi assim que, em 1948, vestida com um simples sari de algodão, vai ter com os mais pobres das ruas da cidade para ir viver com eles, com a intenção de fundar uma congregação ao seu serviço. Começa por abrir uma pequena escola num bairro de lata. Escrevia na lama as letras do alfabeto bengali com um bocado de madeira para ensinar os alunos.

Havia numerosos doentes incuráveis que estavam condenados a morrer nas ruas porque os hospitais sobrelotados não os podiam acolher. O grande sofrimento destas pessoas levou Madre Teresa a abrir, em 1954, a sua primeira casa para doentes em fase terminal. Hindus, muçulmanos e Cristão eram aí acolhidos, sem distinção, e podiam morrer com dignidade e respeito na sua própria fé.

Gradualmente, as Irmãs de Madre Teresa tomaram-se mais numerosas. Madre Teresa chamou-as Missionárias da Caridade”. Para além dos três votos de pobreza, de castidade e de obediência, as irmãs têm um quarto voto: “ estar livremente de todo o coração ao serviço dos mais pobres entre os pobres”.

Onde quer que estejam, as Irmãs procuram ir ao encontro de Cristo que sofre nos mais pobres:

aqueles que têm fome e sede, aqueles que estão nus e sem abrigo, as crianças órfãs, os doentes, os moribundos, os prisioneiros, os portadores de uma deficiência, os leprosos, e também os alcoólicos e os drogados, os que estão de luto ou não são amados, os que se tornaram um fardo para a sociedade ou que perderam a confiança na vida.

Ao viver também nos países ricos, Madre Teresa e as Irmãs descobriram que a pobreza espiritual, a solidão, a falta de amor, são problemas fundamentais, por vezes mais difíceis de resolver do que a pobreza material.

Madre Teresa foi beatificada pelo Papa João Paulo II, na Basílica de S. Pedro de Roma, dia 19 de Outubro de 2003.

(Oração, frescura de uma fonte, 2006)

Beato Charles de Foucauld

Charles de Foucauld nasce em Estrasburgo em 1858. Órfão o de pai e mãe antes de ter completado seis anos, é uma criança traumatizada. Tem uma adolescência difícil, acaba por perder a fé e, possivelmente para esconjurar a angústia que traz no seu íntimo, mergulha numa vida de prazer e de desordem.

Oficial aos 22 anos, e enviado para a Argélia. Três anos mais tarde abandona o exército e empreende uma exploração arriscada em Marrocos. O testemunho da fé muçulmana desperta nele uma interrogação: “Será que Deus existe?”

De regresso a França, fica sensibilizado com o acolhimento afectuoso e discreto da sua família profundamente cristã, procura investigar e encontra, providencialmente, o Padre Huvelin que será para ele um pai e um amigo. Em Outubro de 1886, com vinte e oito anos, converte-se.

A partir deste momento, quer dar toda a sua vida a Deus. Uma peregrinação à Terra Santa revela-lhe o rosto de Jesus de Nazaré que o fascina e, doravante, vai procurar segui-Lo e imitá-Lo.

Começa por passar sete anos numa Trapa, depois quatro anos em Nazaré como eremita, junto de um convento de Clarissas. E, progressivamente, vai descobrindo que, seguir Jesus e amá-Lo apaixonadamente é fazer-se, como Ele, próximo dos que estão longe, dos mais abandonados.

Ordenado padre em 1901, parte para o Sara, primeiro para Beni-Abbès, depois para Tamanrasset, e tenta tomar-se o amigo e o irmão dos nómadas do deserto, aprendendo a língua e familiarizando-se com a cultura deles. Não procura converter ninguém, apenas amar, e é com a vida toda que quer “proclamar o Evangelho”.

No 1º de Dezembro de 1916, morre no Hagggar assassinado, durante a primeira guerra mundial, só porque quis permanecer, até ao fim, junto dos seus amigos. Foi beatificado pelo Papa Bento XVI a 13 de Novembro de 2005.

Justamente, escrevia ele um dia a um dos seus amigos de infância, que se dizia agnóstico: “ A imitação é inseparável do amor... É o segredo da minha vida. Apaixonei-me por Jesus de Nazaré crucificado há 1900 anos, e passo a minha vida a procurar imitá-Lo, tanto quanto o pode a minha fraqueza.”

(Irmãzinha Annie de Jesus, Carlos de Foucauld, Na senda de Jesus de nazaré, 2002)

II – A Vida, procura e projecto

LINHAS GERAIS

“ Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10)

1. À medida que o ser humano cresce, vai construindo a sua vida através das escolhas que faz, dos ambientes em que se insere e das relações que estabelece. Nesta fase da vida o Jovem está na idade das escolhas. As opções que toma condicionam, muitas vezes de forma irreversível, o seu futuro. Assim, é fundamental ter objectivos de vida e critérios para as suas escolhas. Mas não basta escolher. É preciso tomarmos consciência que as nossas escolhas têm consequências que temos de assumir e com as quais nos comprometemos.

2. A vida é também inquietude e surpresa. São acontecimentos e pessoas que nos tocam, nos fazem parar e tantas vezes refazer caminho. Acontece assim com Jesus Cristo – Ele é a grande surpresa da História. É uma oferta de caminho, verdade e vida. Viver para o cristão não faz sentido sem a Vida que é Cristo. Por isso, é importante, ao falarmos de vida e de escolhas, confrontarmo-nos com o que Cristo nos diz da vida.

3. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10). Viver não é só existir. Parece ser esta a conclusão que podemos tirar das palavras de Jesus Cristo quando nos interpela a viver uma vida em abundância. Viver é amar e ser amado, sorrir e chorar, perdoar e ser perdoado, construir e reconstruir. Viver é ter sonhos e projectos aos quais nos entregamos. É ter objectivos por que lutar, é ter valores para nos guiar. Viver é relacionar-se e desbravar caminho com os companheiros de jornada. Viver é, acima de tudo, ousar responder ao desafio de Deus que nos chama à vida, porque nos dá a vida. A vida é sempre uma resposta do homem a Deus criador e autor da vida. Muito mais que escolher, viver é responder ao apelo de Deus: Aquele que tem sede, venha. Aquele que o deseja, receba gratuitamente a água da vida (Ap 22,17). Para nós, filhos de Deus criados à sua imagem e semelhança, viver só pode ser dizer sim ao Pai, razão de ser da existência. Antes de querermos algo da vida, a vida - o próprio Deus, pede-nos um compromisso. O compromisso de agirmos como seus filhos, amá-lo e amarmo-nos, e empenharmo-nos na construção dum mundo alicerçado nos valores do Evangelho.

O QUE SE PRETENDE

- Partilhar o que nos inquieta e surpreende na nossa vida;
- Partilhar os valores e critérios de escolha;
- Tomar consciência de que cada um tem de querer algo da vida;
- Tomar consciência de que as nossas escolhas têm consequências;
- Tomar consciência de que escolher é comprometer-se, consigo, com os outros, com a Vida;
- Confrontarmo-nos com o convite à vida que Jesus nos faz.

Propõe-se a abordagem do tema ao longo de dois encontros passando da apreensão da vida como uma procura de resposta para os nossos desejos e aspirações para uma compreensão da vida como algo que nos desafia e interpela.

O primeiro encontro efectua uma abordagem dedutiva do tema: através de um jogo, cada elemento, quer individualmente quer em grupo, é convidado a perceber o que quer da vida, partindo do geral para o específico, do imaginário para o real, do colectivo para o pessoal.

O segundo retoma as sínteses efectuadas no primeiro encontro e, num esquema de revisão de vida, propõe o confronto entre as realidades da vida de cada um e a própria vida de Jesus.

O objectivo é criar uma unidade entre os dois encontros: perceber que o que eu quero da vida só pode ser integralmente apreendido quando me abro à questão “o que a Vida quer de mim” e que tudo isto só ganha um verdadeiro sentido naquele que é “o Caminho, a Verdade, a Vida”.

1º Encontro



Papéis com questões para a reflexão na Oração
Pequenos papéis para o compromisso na Oração



1. Apresentar ao grupo a seguinte situação imaginária:

“Era uma vez uma cidade em que os habitantes viviam tristes e sem objectivos. A vida do dia a dia não lhes dava tempo para pensar, mas sentiam que era importante mudar.

Imagina, então um dia normal onde cada habitante se esforçaria por ser feliz e tornar felizes os outros. Para tal é importante que cada um tome consciência de que a sua vida tem sentido e de que faz a diferença, que ele é importante para si e para os outros.”

a) Face a esta situação, o animador organiza pequenos grupos e dá a cada um a missão de criar uma personagem que possa contribuir para a felicidade dessa cidade.

b) A caracterização dessa personagem deve ser efectuada tendo em atenção os seguintes elementos: Nome, idade, sexo, filiação, estado civil, naturalidade, domicílio, profissão, ocupação de tempos livres.

2. Cada equipa apresenta ao grupo a personagem construída.

3. No final de todas as apresentações, o animador introduz o debate, questionando o modo como cada personagem actuaria nas situações concretas de vida: no trabalho, na família, entre amigos, na política, na associação cultural, na associação desportiva, na comunidade eclesial. O debate deverá ser conduzido de modo a que sejam identificadas as características que o grupo considera importantes e os motivos que levaram às opções apresentadas. Através das respostas dadas ao jogo, o grupo revela as aspirações que tem relativamente ao que quer da vida e ao que a vida quer de si. Estas respostas relacionam-se, pois, com o que de mais profundo cada um pensa de si e da sua razão de existência.

De modo a objectivar estas questões e a possibilitar, no 2º encontro, um confronto fecundo com a pessoa de Jesus, era bom que o animador fosse retirando, das intervenções dos grupos, as diferentes características de cada personagem, de modo a poder preencher o quadro seguinte, que será apresentado ao grupo no encontro seguinte:

Quadro-síntese

PERSONAGEM	Bombeiro	Médico
MOTIVAÇÃO	Servir os outros	Minimizar o sofrimento
ATITUDES	Serviço	Atenção
VALORES	Altruísmo	Vida

 59

 Cântico

Reflexão pessoal

Distribuir a cada um as seguintes questões:

Como é que eu me coloco perante a vida?

Tenho consciência de que a minha resposta é importante, de que ela tem sentido para os outros, para mim, para Deus?

Tenho consciência de que a vida não é um espaço neutro de escolhas, de que as escolhas por mim feitas expressam aquilo que eu sou e aquilo que eu quero?

Deixo-me questionar nas minhas atitudes, nas minhas escolhas, nos meus objectivos, nos meus valores?

No quê ou em quem alicerço as minhas opções, as minhas tomadas de consciência?

Os caminhos escolhidos comprometem-me?

Qual é o lugar de Deus na minha vida?

[Todos]

Deus eterno, onnipotente,

Tu me criaste

Com os meus irmãos

Para Ti,

para Te conhecermos,

para te amarmos,

para Te servirmos

e um dia chegarmos a Ti.

Tudo o que está na Terra

Tu nos deste

Para que com o Teu auxílio

pudéssemos viver

segundo o teu chamamento

e a nossa vocação.

Dá-me a clareza para reconhecer

o que a Ti me leva

para que eu opte e rejeite

o que de Ti me separa.

Dá-me o Teu Espírito Santo

para que somente anseie e opte

pelo que mais me leva ao destino

para o qual fui criado.

Ámen.

(Adaptação de uma oração de Princípio e fundamento, Santo Inácio de Loiola, YouCat Orações)



Cada um escreve num papel o seu nome e um valor / atitude que gostava de ver crescer na sua vida. Os papéis são baralhados e sorteados. Durante a semana cada um rezará por quem lhe calhou.



Sem “deverias” nem “ses”

É difícil viver no presente. O passado e o futuro continuam a atormentar-nos. O passado com remorsos, o futuro com preocupações. Na nossa vida aconteceu tanta coisa que nos causa intranquilidade, desgosto, indignação, confusão ou, pelo menos, ambivalência. E todos estes sentimentos não raros, são coloridos com sentimentos de culpa. Culpa que se pode expressar assim: “Tu deverias ter feito mais do que fizeste; deverias ter dito mais do que disseste”. Estes “deverias” contribuem para nos sentirmos culpados em relação ao passado e impedem-nos de marcar presença neste momento.

Mas piores ainda que as culpas são as nossas preocupações. As nossas preocupações enchem-nos a vida de “O que será se”: “O que será se fico desempregado; o que será se o meu pai morrer; o que será se não tiver dinheiro suficiente; o que será se a economia enfraquece; o que será se estala uma guerra?”. Estes muitos “ses” podem ocupar a nossa mente de tal maneira que nos tornamos cegos para olhar para as flores do jardim e para contemplar as crianças sorridentes das estradas, ou surdos para escutar a voz agradecida dum amigo.

Os verdadeiros inimigos da nossa vida são os “deverias” e “ses”. São eles que nos puxam para um passado que não se pode modificar e para um futuro imprevisível. Mas a vida real tem lugar aqui e agora. Deus é um Deus do presente. Deus está presente neste momento, quer seja difícil ou fácil, quer alegre ou triste. Quando Jesus falou de Deus, falou sempre de Deus presente onde nós estamos e quando lá estamos. “Quem Me vê a Mim, vê a Deus. Quem Me ouve a Mim, ouve a Deus”. Deus não é alguém que foi ou que será, mas Aquele-que-é; e que é para mim no momento presente. Eis por que Jesus veio para tirar de nós o peso do passado. Ele quer que nós descubramos a Deus precisamente onde estamos, aqui e agora.

A escolha

Pode parecer estranho dizer que a alegria é o resultado das nossas escolhas. Com frequência imaginamos que algumas pessoas têm mais sorte do que outras e que a sua alegria ou tristeza dependem das circunstâncias da sua vida – sobre a qual não têm controlo.

No entanto, temos uma hipótese de escolha, não tanto em relação às circunstâncias da nossa vida, quanto em relação à maneira como reagimos a essas circunstâncias. Duas pessoas podem ser vítimas do mesmo acidente. Para uma, ele torna-se motivo de ressentimento. Para outra, motivo de gratidão. As circunstâncias externas são as mesmas, mas a opção pela forma de reagir é completamente diferente. Algumas pessoas tornam-se ásperas à medida que envelhecem, outras envelhecem alegremente. Isso não significa que a vida daqueles que se tornam ásperos tenha sido mais dura do que a daqueles que se tornam alegres. Significa que foram feitas diferentes escolhas, escolhas interiores, escolhas do coração.

É importante dar-mos conta de que em cada momento da nossa vida temos a oportunidade de escolher a alegria. A vida tem muitas facetas. Há sempre facetas tristes e alegres na realidade que vivemos. E, por isso, temos sempre a possibilidade de viver o momento presente, como causa de ressentimento ou como causa de alegria. É na escolha que reside a nossa verdadeira liberdade. E esta liberdade, em última análise, é a liberdade de amar.

É capaz de ser uma boa ideia perguntarmos a nós mesmos como é que desenvolvemos a nossa capacidade de optar pela alegria. Talvez possamos reservar alguns momentos no final do nosso dia, para ver como é que o passámos – seja o que for que tenha acontecido – e agradecer a oportunidade de o ter vivido. Se assim o fizermos, aumentaremos a capacidade do nosso coração para optar pela alegria. E, ao construirmos um coração mais alegre, tornar-nos-emos, sem nenhum esforço extraordinário, fonte de alegria para os outros. Assim como a tristeza origina tristeza, assim a alegria origina alegria.

(Henry Nouwen, Aqui e Agora, Vida no Espírito, 1996)

2º Encontro



Bíblias ou Novos Testamentos



1. Recordar o encontro anterior e apresentação do quadro-síntese feito pelo animador.

2. Distribuir, por pequenos grupos, diversos relatos de encontros de Jesus com os seus contemporâneos

Sugestões: o centurião (Mt 8, 5-13); Nicodemos (Jo 3, 1-21); Jesus entre os doutores (Lc 2, 41-52); a vocação dos discípulos (Jo 1, 35-51); a pecadora arrependida (Lc 7, 36-50).

3. Após a leitura do texto que lhe foi atribuído, cada grupo procurará analisá-lo tendo em conta as seguintes questões:

- Qual a situação em que ocorre este encontro?
- Que atitude tem Jesus face ao seu interlocutor e durante o desenrolar do encontro? Como é que vai ao encontro da pessoa, como é que o interpela, qual o seu objectivo?
- Que mudanças ocorrem no interlocutor?
- O que mais me interpela neste relato? Confrontando a minha visão das coisas com a visão de Jesus, que diferenças encontro? Esta diferença compromete-me ou posso ficar indiferente?

4. Partilha das conclusões da reflexão.

5. Síntese final, feita pelo animador, com as principais características da atitude de Jesus face às pessoas que encontra. Relacionar esta atitude com o convite à vida que Jesus faz: aos interlocutores do seu tempo, a cada jovem do grupo hoje.



60

**Cântico**

Senhor Jesus, Tu és luz do mundo (Taizé)

Leitura (por um dos jovens)

“Se soubéssemos olhar a vida...

Se soubéssemos olhar a vida com os olhos do próprio Deus, então veríamos que nada no mundo é profano: tudo, ao contrário, participa da construção do Reino de Deus. Assim, pois, ter fé não é somente erguer os olhos a Deus para contemplá-Lo; é, também, olhar a terra, mas com o olhar de Cristo.

Se tivéssemos deixado que Cristo penetrasse em todo o nosso ser, se tivéssemos purificado bastante o nosso olhar, o mundo já não seria para nós um obstáculo; seria um perpétuo convite a trabalharmos para o Pai, a fim de que, em Cristo, venha o Seu reino na terra como no Céu.

É preciso pedir a Deus fé para saber olhar a Vida.”

(*Michel Quoist, Poemas para rezar*)

Cântico

“Senhor Jesus, Tu és luz do mundo” (Taizé)

Leitura (por um dos jovens)

O próprio Jesus é o modelo desta opção evangelizadora que nos introduz no coração do povo. Como nos faz bem vê-Lo perto de todos! Se falava com alguém, fitava os seus olhos com uma profunda solicitude cheia de amor: «Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele» (Mc 10, 21). Vemo-Lo disponível ao encontro, quando manda aproximar-se o cego do caminho (cf. Mc 10, 46-52) e quando come e bebe com os pecadores (cf. Mc 2, 16), sem se importar que O chamem de glutão e beberrão (cf. Mt 11, 19). Vemo-Lo disponível, quando deixa uma prostituta ungir-Lhe os pés (cf. Lc 7, 36-50) ou quando recebe, de noite, Nicodemos (cf. Jo 3, 1-15). A entrega de Jesus na cruz é apenas o culminar deste estilo que marcou toda a sua vida.

(*Papa Francisco, Evangelii Gaudium - A Alegria do Evangelho, n.269, 2013*)

Cântico

“Senhor Jesus, Tu és luz do mundo” (Taizé)

[Todos]

Jesus Cristo, Amor de todo o amor,

estiveste sempre comigo

e eu não sabia.

Estavas lá e eu esqueci-Te.

Estavas no fundo do meu coração

e eu noutros sítios Te procurei.

Quando estava longe de Ti,

Tu esperaste por mim.

Chegou o dia em que Te posso dizer:

Ressuscitado, és a minha vida.

A Ti pertença,

de Ti provenho.

Ámen.

(*Irmão Roger Schütz*)

Cântico “Senhor Jesus, Tu és luz do mundo” (Taizé)



Viver o inesperado

Há uma Vida escondida no ser humano que eleva a sua esperança. Essa vida põe à sua frente um futuro pessoal e colectivo.

Deixarás de prestar atenção a esta vida?

Sem esta esperança, ancorada no fundo do teu coração, sem este futuro para lá da tua pessoa, tu perdes o gosto de avançar.

Esta esperança não é uma pura projecção dos teus desejos, mas uma esperança que te leva a viver o inesperado, até nas situações sem saída.

Nesse a sós com Cristo tu atreves-te a esperar até à destruição das evoluções da história aparentemente invencíveis.

Esta esperança cria um impulso criador: muda os determinismos da injustiça, do ódio e da opressão.

Nesse diálogo a sós com Cristo surge uma esperança vinda d'Outro e ela reinventa o mundo.

Quando estabelece o centro do teu universo em ti mesmo, eis-te mergulhado no egocentrismo e as tuas energias de criação e de amor deslocam-se para aí.

Para mudar este centro de lugar e para que aí se acenda um amor, é-te oferecido o mesmo fogo que a todos os seres humanos na terra: o Espírito Santo que vive dentro de ti.

Deixa despertar os Seus impulsos, as Suas espontaneidades, as Suas aspirações e já a tua vida se torna forte e densa.

Enraizado neste mistério de comunhão que é a Igreja, tu és portador duma água viva? Sacias a sede de quem procura a fonte?

Não é servidor da paz e da confiança só quem o quer. É preciso ir continuamente à fonte e reconciliar em si a luta e a contemplação.

Quem aceita ser um conformista da oração, da justiça ou da paz? Quem suportaria que se dissesse de si: ele diz mas não faz, ele diz «Senhor», mas não faz a Sua vontade; ele diz «Justiça, justiça», mas não a pratica; ele diz «Paz, paz», mas nele está a guerra?

Esta é a tua obsessão, a obsessão de tantos outros. Procurando ardentemente Cristo na contemplação, sereis os construtores da paz e da confiança na família humana.

Não te deixes fechar na alternativa: compromisso com os pobres ou procura das fontes.

Não queiras ou a luta ou a contemplação, mas sim uma com a outra, uma jorrando da outra.

Este radicalismo do Evangelho é demasiado exigente para que tu julgues os que não o compreendem.

Mesmo sem compreender não te imobilizes. Cabe-te correr o risco da vida.

Pegar-te na mão, levar-te por este caminho? Ninguém o pode fazer por ninguém... A não ser Aquele que já te reconheceu...

(Irmão Roger de Taizé, O Seu Amor é um Fogo, Lisboa, Paulistas, 1990, p. 108-109)

Sobre Jesus

O mistério da Incarnação deu um tremendo impulso ao pensamento e ao génio artístico da humanidade. Precisamente por reflectirem sobre a união das duas naturezas, a humana e a divina, na Pessoa da Palavra Incarnada, os pensadores cristãos chegaram à explicação do conceito de pessoa como centro único e irrepetível de liberdade e responsabilidade, cuja dignidade inalienável deve ser tida em conta. Este conceito de pessoa tem-se revelado como pedra angular de uma civilização genuinamente humana.

Além disso, o grande ideal das Bern-aventuranças continua a ser, para a humanidade - para os homens e mulheres de cada época, de cada lugar e de cada cultura -, uma fonte incomparável de inspiração pelo assombro que suscita e pela forma como expande a nossa capacidade de ser e de agir, de contemplar e de criar.

A fé em Cristo, Palavra Incarnada, leva-nos a ver a humanidade sob uma nova luz. Permite-nos acreditar na humanidade, criada à imagem e semelhança de Deus, e, portanto, microcosmos do mundo e ícone de Deus. A ressurreição de Jesus é o acontecimento fundamental sobre o qual repousa a fé cristã. É uma realidade surpreendente, plenamente apreendida à luz da fé, mas também historicamente atestada por aqueles que tiveram o privilégio de ver o Senhor ressuscitado. É um acontecimento assombroso, não só absolutamente único na história do homem, mas que reside no próprio coração do mistério do tempo.

Na Incarnação do Filho de Deus, vemos forjada a síntese perdurável e definitiva que a própria mente humana nunca poderia ter imaginado: o Eterno entra no tempo; o Todo mantém-se oculto na parte; Deus assume um rosto humano. A verdade comunicada na revelação de Cristo deixa, portanto, de estar confinada a um lugar ou cultura particulares; pelo contrário, é oferecida a cada homem e mulher capaz de a acolher como Palavra que é, em simultâneo, a fonte absolutamente válida de significado para a vida humana.

Agora, em Cristo, todos têm acesso ao Pai, visto que, pela sua morte e ressurreição, Cristo conferiu à humanidade a vida divina que o primeiro Adão recusara. Através desta revelação, é oferecida aos homens e às mulheres a verdade última acerca da sua própria vida e acerca do objectivo da história. Visto noutra perspectiva, o mistério da existência pessoal continua a ser um enigma insolúvel. Onde poderiam os seres humanos procurar resposta para questões tão dramáticas como a dor, o sofrimento dos inocentes e a morte se não no mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo?

Jesus não fala apenas em nome de Deus, como os Profetas: Ele é o próprio Deus a falar através da sua Palavra Eterna, feita Carne. Aqui tocamos no ponto essencial em que o Cristianismo difere de todas as outras religiões, através das quais tem sido expressa a busca de Deus por parte da humanidade desde os tempos mais remotos: o Cristianismo tem o seu ponto de partida na Incarnação da Palavra.

Agora já não se trata apenas de um povo em busca de Deus, mas de Deus que vem em Pessoa falar-nos de si e mostrar-nos o caminho que a Ele conduz. É isto que proclama o Evangelho de João: «A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer» A Palavra Incarnada é, portanto, o cumprimento do anseio presente em todas as religiões da humanidade: tal cumprimento é realizado pelo próprio Deus e transcende todas as expectativas humanas. É o mistério da graça.

Em Jesus Cristo, Deus não só nos fala, mas também nos procura. A Incarnação do Filho de Deus atesta que Deus vem em busca de cada um de nós. Jesus refere-se a essa busca como o Pastor que parte à procura da ovelha perdida.

É uma busca que tem início no coração de Deus e culmina na Incarnação da Palavra. Se Deus parte em busca de cada um de nós, que fomos criados à sua imagem e semelhança, fá-lo porque nos ama eternamente na Palavra e deseja elevar-nos, por Cristo, à dignidade de filhos e filhas adoptivos. Assim, Deus parte em busca de todos nós, que somos sua propriedade especial, de uma forma diferente de qualquer outra criatura. Nós somos propriedade de Deus por virtude de uma escolha feita por amor: Deus procura-nos, movido pelo seu coração paternal.

Porque nos procura Deus? Porque nos afastámos dele escondendo-nos, como Adão e Eva se esconderam, entre as árvores do Jardim do Éden. Deixámo-nos desviar pelo inimigo de Deus. Satanás enganou a humanidade, persuadindo-nos de que éramos como Deus, de que nós, tal como Deus, podíamos conhecer o bem e o mal, governando o mundo segundo a nossa vontade, sem termos de nos preocupar com a vontade divina.

Ao partir em busca da humanidade através do seu Filho, Deus deseja persuadir-nos a abandonar os caminhos do mal, que nos fazem afastar cada vez mais. Fazer-nos abandonar esses caminhos significa fazer-nos entender que estamos a ir pelo caminho errado; significa vencer o mal, presente a cada passo da nossa história humana. Vencer o mal: é esse o significado da Redenção.

Isto é realizado pelo sacrifício de Cristo, pelo qual a humanidade redime a dívida do pecado e se reconcilia com Deus. O Filho de Deus fez-se pessoa, assumindo um corpo e uma alma no seio da Virgem, precisamente por esta razão: para se transformar em perfeito sacrifício de redenção. A religião da Encarnação é a religião da Redenção do mundo através do sacrifício de Cristo, que encerra a vitória sobre o mal, sobre o pecado e sobre a própria morte. Ao aceitar a morte na Cruz, Cristo também nos revela e dá a vida, pois ressuscita e a morte deixa de ter poder sobre Ele.

Jesus encontra-se com os homens e mulheres de cada época, incluindo a nossa, e dá-lhes as mesmas palavras: «conhecereis a verdade e, e a verdade vos tornará livres.» Estas palavras contêm simultaneamente um requisito fundamental e uma recomendação: o requisito de uma relação honesta no que se refere à verdade como condição de verdadeira liberdade, e a recomendação de evitar todo tipo de liberdade ilusório. De toda a verdade que não consiga penetrar a verdade plena acerca das nossas vidas e do mundo.

Nos nossos dias, embora já tenham passado dois mil anos, vemos Cristo como Aquele que traz à humanidade uma liberdade baseada na verdade - libertando os homens e as mulheres de quaisquer ataduras, reduções e quebras de liberdade na sua raiz, nas nossas almas, nos nossos corações e nas nossas consciências.

Jesus veio trazer a resposta definitiva ao anseio de vida e de infinito que o seu Pai celeste derramou nos nossos corações ao criar-nos. No auge de tal revelação, Jesus Cristo, Palavra Encarnada, proclama: «Eu sou a vida» e «Eu vim para que tenham vida.»

Mas que tipo de vida? A intenção de Jesus era clara: a própria vida de Deus, que ultrapassa todas as aspirações possíveis do coração humano.

A nossa experiência diária diz-nos que a vida está marcada pelo pecado e ameaçada pela morte, apesar do desejo bem que bate nos nossos corações e do desejo de vida corre através das nossas veias. Por muito pouca atenção que prestemos a nós próprios e às frustrações que a vida nos traz, descobrimos que tudo dentro de nós nos impele a transcendermo-nos, incitando-nos a vencer a tentação de superficialidade ou desespero. É então que os seres humanos são chamados a tornar-se discípulos daquele que os transcende até ao infinito, a fim de entrarem finalmente na verdadeira vida.

Entregues a nós mesmos, nunca conseguiríamos alcançar os objectivos para os quais fomos criados. Temos dentro de nós uma promessa que nos sentimos incapazes de alcançar. O Filho de Deus, porém, que veio habitar entre nós, deu-nos a sua garantia pessoal: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida.» Como Santo Agostinho o expressou, de forma tão impressionante, Cristo «deseja criar um lugar em que seja possível a toda a gente encontrar a verdadeira vida». Esse «lugar» é o seu Corpo e o seu Espírito, em que toda a vida humana, redimida e perdoada, é renovada e divinizada.

Que nos pede Cristo? Jesus pede-nos que não tenhamos vergonha dele e que nos empenhemos em proclamá-lo aos nossos irmãos. Não tenhais medo, porque Jesus está convosco. Não tenhais medo de vos perderdes: quanto mais vos derdes a vós mesmos, mais haveis de vos encontrar.

Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida. O caminho de Cristo é a vida virtuosa, frutífera e pacífica como filhos de Deus e como irmãos e irmãs pertencentes à mesma família humana. A verdade de Cristo é a verdade eterna de Deus, que se revelou a nós, não só no mundo criado, mas também através da Sagrada Escritura e, especialmente, no seu Filho Jesus Cristo e através dele, Palavra feita carne. E a vida de Cristo é a vida ela graça, esse dom gratuito de Deus, que faz partilhar a sua própria vida e nos permite viver sempre no seu amor.

Quando os cristãos estão verdadeiramente convencidos disto, as suas vidas transformam-se. Esta transformação dá lugar não só a um credível e cativante testemunho, mas também a uma urgente e efectiva comunicação de uma fé viva que, paradoxalmente, aumenta quando é partilhada.

Conhecei Jesus. Sede os primeiros a conhecê-lo: através da leitura e meditação constantes; através da oração que é um diálogo contínuo entre a vida e a Palavra de Deus.

Conhecei o Evangelho. Conhecei o Evangelho procurando a ajuda de sábios guias e testemunhas de Cristo. Pedi ajuda para chegar a conhecer e a viver aquele amor que é o coração do Evangelho. Conhecendo o Evangelho, encontrareis Cristo - e não tenhais medo daquilo que Ele possa pedir-vos. Porque Cristo é exigente, graças a Deus. Ele é exigente, de facto. Se não o fosse, não haveria nada a escutar da sua boca, nada a seguir da sua pessoa.

Agora, mais do que nunca, num mundo que está muitas vezes sem luz e sem a coragem de nobres ideais, as pessoas precisam da espiritualidade fresca e vital do Evangelho, Não tenhais medo de sair para as ruas e para os lugares públicos, como os primeiros apóstolos que pregavam Cristo e a boa nova da salvação nas praças das cidades, das vilas e das aldeias. Não é tempo de nos envergonharmos do Evangelho. É tempo de pregá-lo dos telhados. Não tenhais medo de quebrar os vossos modos de vida confortáveis e rotineiros, aceitando o desafio de dar Cristo a conhecer à metrópole moderna. Sois vós que deveis «sair pelos caminhos e azinhas» e convidar toda a gente que encontrardes para o banquete que Deus preparou para o seu povo.

O Evangelho não deve ficar escondido por medo ou indiferença. Jesus não quis que ele ficasse oculto à vista dos homens, mas que fosse posto num candelabro, para que as pessoas possam ver a sua luz e dar glória ao nosso Pai celeste.

Jesus partiu em busca dos homens e das mulheres da sua época. Entabulou com eles um diálogo aberto e verdadeiro, fosse qual fosse a sua condição. Como Bom Samaritano da família humana, fez-se próximo das pessoas, suficientemente próximo para curá-las dos pecados e das feridas que a vida lhes infligira, e trouxe-as de volta à casa do Pai.

Há certos momentos e circunstâncias da vida em que temos de fazer escolhas decisivas. Quando estamos a passar por dificuldades, pode ser difícil distinguir o bem do mal, os verdadeiros mestres dos falsos mestres. Jesus avisou-nos: «Tomai cuidado para que ninguém vos desencaminhe. Porque virão muitos em meu nome, dizendo: “Sou eu o Messias!”» e «Está próximo o Reino do Céu». Não vos deixeis enganar por esses falsos profetas.

Em vez disso, orai e escutai as palavras de Jesus. Deixai-vos conduzir pela sua verdade. Não sucumbais frente à adulação e às ilusões fáceis do mundo, que muitas vezes se transformam em trágicos desapontamentos. Não existem atalhos para a felicidade e para a luz.

Acima de tudo, procurai Jesus. Deixai que a vossa vida seja uma busca contínua e sincera do Salvador, sem nunca vos cansardes, sem nunca abandonardes a vossa missão, mesmo que as trevas envolvam o vosso espírito, que as tentações vos assediem e que o desgosto e a incompreensão vos desfaçam o coração. Tudo isso são coisas que fazem parte da vida aqui na terra; são inevitáveis, mas também podem ser boas, pois amadurecem o nosso espírito. Nunca deveis voltar atrás, porém, mesmo que vos pareça que a luz de Cristo se começa a dissipar. Pelo contrário, continuai a procurar, com fé renovada e maior generosidade.

Tentai descobrir onde está Jesus, e sereis capazes de obter através de cada pessoa algum detalhe que vos indique o seu paradeiro, que vos diga onde Ele mora. Perguntai a almas que sejam mansas, contritas, generosas, humildes e discretas; perguntai aos vossos irmãos e irmãs, de longe e de perto, pois descobrireis em cada um qualquer coisa que vos mostra onde está Jesus. Perguntai, acima de tudo, à vossa alma e à vossa consciência, pois elas serão capazes de vos indicar, de forma inequívoca, uma marca da sua passagem, um vestígio do seu poder e do seu amor.

Mas perguntai com humildade, ou seja, deixai que a vossa alma se disponha a ver, fora de si própria, aquelas partes da bondade divina que Deus semeou nas criaturas. Procurá-lo todos os dias significa possui-lo um pouco mais cada dia, ser introduzidos, pouco a pouco, numa intimidade com Ele e então sereis capazes de compreender melhor o som da sua voz, o significado da sua linguagem, a razão da sua vinda à terra e do seu sacrifício na Cruz.

(Papa João Paulo II, Ide em paz - um dom de amor perene, 2004)

III – A Vida, o desafio de Deus

LINHAS GERAIS

“Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai Celeste” (Mt 5, 48)

“Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (1Ts 4, 3)

1. Escolhemos seguir o Senhor. Mas Ele escolheu-nos primeiro. Desde sempre Deus nos amou. Cada homem, em cada tempo e lugar, em qualquer condição de vida, é um ser amado por Deus. Deus ama-te! É este o grito que ecoa desde a aurora dos tempos no mais fundo do coração da humanidade. Deus ama-te! É a certeza que, ontem, hoje e sempre, abre horizontes de vida, aos que não fecham o seu coração ao apelo amoroso dum Deus faminto do Homem.

2. Por amor, Deus cria o homem à sua imagem e semelhança e comunica-lhe a sua própria vida divina. Por amor, envia-nos Jesus Cristo, para fazer de todos os homens, no seu Filho Único, filhos adoptivos. Revelando-Se a Si mesmo, Deus quer tornar os homens capazes de Lhe responderem, de O conhecerem e de O amarem, muito para além de tudo o que seriam capazes por si próprios: «*Aprouve a Deus, na sua sabedoria e bondade, revelar-Se a Si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo Encarnado, têm acesso ao Pai no Espírito Santo e se tornam participantes na natureza divina*» (DV 2). É este o desígnio de Deus, a sua vontade, que todos os homens sejam um com Ele: *Esta é a vontade de Deus: a vossa santificação* (1Ts 4, 3)

3. Esta é a vocação do cristão: viver iluminado pelo Espírito Santo derramado no nosso coração, em comunhão com Deus e com os irmãos. A vida do cristão é sempre resposta ao convite que Deus nos faz: *Sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai Celeste* (Mt 5, 48). A nossa vocação é responder sim, em cada instante da vida, ao infinito amor de Deus. Resposta que acontece quando nos deixamos santificar por Deus, pois só Deus é Santo. A santidade é Dom, oferta gratuita de Deus, e a nossa resposta é sempre, em primeiro lugar, deixarmo-nos transformar, moldar pela Santidade de Deus. Desafio grande mas possível, como atesta o testemunho de tantos homens e mulheres que, ao longo da história da Igreja, ousaram amar como Deus amou. Na verdade, a Santidade não é uma meta impossível só ao alcance de alguns. Se Deus é amor, não nos convida a impossíveis nem pode excluir ninguém.

4. A santidade é a nossa vocação, a felicidade plena a nossa meta. Independentemente do que fazemos na vida, Deus chama-nos a ser santos, isto é, felizes. “Não tenhamos medo!”: Jesus Cristo acompanha-nos na caminhada. Ele é o nosso modelo de santidade. É na fidelidade ao Pai e ao Seu projecto que Cristo é santo. É ele que nos ensina o caminho e nos santifica porque Ele próprio é O caminho: Eu e o Pai somos um (cf. Jo 17,11). Aceitarmos livremente a proposta de Deus, é aceitarmos uma relação única e radical com Jesus Cristo. É comprometermo-nos com Cristo, compromisso que afecta toda a nossa vida.

“Na realidade, é Jesus quem buscais quando sonhais a felicidade; é Ele quem vos espera, quando nada do que encontráis vos satisfaz; Ele é a beleza que tanto vos atrai; é Ele quem vos provoca com aquela sede de radicalidade que não vos deixa ceder a compromissos; é Ele quem vos impele a depor as máscaras que tornam a vida falsa; é Ele quem vos lê no coração as decisões mais verdadeiras que outros quieriam sufocar. É Jesus

quem suscita em vós o desejo de fazer da vossa vida algo de grande, a vontade de seguir um ideal, a recusa de vos deixardes submergir pela mediocridade, a coragem de vos empenhardes, com humildade e perseverança, no aperfeiçoamento de vós próprios e da sociedade, tornando-a mais humana e fraterna. (...) Queridos jovens do século que começa, dizendo «sim» a Cristo, dizeis «sim» a cada um dos vossos mais nobres ideais. Eu peço a Cristo que reine nos vossos corações e na humanidade do novo século e milénio. Não tenhais medo de vos entregar a Ele: dar-vos-á força para O seguides cada dia em todas as situações.”

(Papa João Paulo II, XV Jornada Mundial da Juventude, Tor Vergata, 19 Agosto 2000)

O QUE SE PRETENDE

- Compreender a vida como um convite de Deus à santidade;
- Identificar na vida do dia-a-dia este convite de Deus;
- Perceber a santidade como uma vocação universal;
- Descobrir a vocação como uma resposta pessoal ao amor de Deus;
- Experimentar na vida do grupo o desafio do compromisso;

Para este tema propomos três encontros: um primeiro de motivação, o segundo de interiorização/reflexão pessoal e o terceiro de aprofundamento/síntese e. Estes encontros culminarão com a celebração.

1º Encontro



Bíblias ou Novos Testamentos



1. Propor a leitura, em pequenos grupos, do encontro de Jesus com o jovem rico (Mt 19, 16-22), subordinando o debate a duas ou três questões que podem ser as seguintes:

Quais os principais aspectos do encontro do jovem com Cristo?

Qual a importância que Cristo atribui aos mandamentos?

A proposta de Cristo é radical. Porquê?

2. Depois deste trabalho faz-se uma nova proposta a cada grupo: encenar a vida deste jovem, após o encontro com Cristo.

3. Apresentar a todo o grupo a encenação.

4. No final o animador faz uma síntese, tendo em conta o que foi apresentado pelos diversos grupos mas também a introdução e os objectivos do tema.



60 | 72 | 75 | 77 | 348



Cântico

[Todos]

Senhor Jesus, manso e humilde de coração,
concede-me um coração semelhante ao Teu!

Contagia-me com a tua maneira de olhar,
a tua maneira de ver, a tua maneira de estar...

Que toda a minha vida, os meus gestos,
as minhas palavras, as minhas lágrimas,
os meus sorrisos, falem de Ti e do Teu Reino,
falem da vida verdadeira que vieste anunciar.

Senhor Jesus, Tu que és a Luz,
ilumina a minha vida.
Ilumina a vida dos que sofrem,
dos que estão cansados e oprimidos.

Senhor Jesus, Tu que és a Porta,
conduz-me à verdadeira liberdade.
Que as minhas relações e os meus projetos
comecem em Ti e em Ti terminem.

Senhor Jesus, Bom Pastor,
faz-me dócil à Tua voz.
Mostra-me os teus caminhos.
Conduz-me pelo Teu caminho.

Sê Tu o meu alimento, a minha raiz,
a minha rocha, a minha força e salvação.

Contagia-me, Senhor, com o Teu modo de ESTAR,
com o Teu modo de AMAR, com o Teu modo de SER.
(Congregação das Escravas do Sagrado Coração de Jesus)

Cântico



«Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?» (Mc 10, 17)

1. Jesus encontra um jovem

«Quando saía [Jesus], para se pôr a caminho – narra o Evangelho de São Marcos – aproximou-se dele um homem a correr e, ajoelhando-se, perguntou: “Bom mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?”. Jesus disse-lhe: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão só Deus. Sabes os mandamentos: não matarás, não adulterarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho, não defraudarás, honrarás teu pai e tua mãe”. Ele respondeu-lhe: “Mestre, tenho guardado tudo isto desde a minha juventude”. Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele, e respondeu-lhe: “Falta-te apenas uma coisa: vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me!”. Mas, ao ouvir tais palavras, anuviou-se-lhe o semblante e retirou-se pesaroso, pois tinha grande fortuna» (Mc 10, 17-22).

Esta narração exprime de maneira eficaz a grande atenção de Jesus pelos jovens, por vós, pelas vossas expectativas, pelas vossas esperanças, e mostra como é grande o seu desejo de vos encontrar pessoalmente e entrar em diálogo com cada um de vós. Com efeito, Cristo interrompe o seu caminho para responder ao pedido do seu interlocutor, manifestando plena disponibilidade àquele jovem, que é impelido por um ardente desejo de falar com o «Bom Mestre», para aprender dele a percorrer o caminho da vida. Com este trecho evangélico, o meu Predecessor queria exortar cada um de vós a «desenvolver o próprio diálogo com Cristo – um diálogo que é de importância fundamental e essencial para um jovem» (Carta aos jovens, n. 2).

2. Jesus fitou-o e sentiu afeição por ele

Na narração evangélica, São Marcos sublinha como «Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele» (Mc 10, 21). No olhar do Senhor, está o coração deste encontro muito especial e de toda a experiência cristã. Com efeito, o cristianismo não é primariamente uma moral, mas experiência de Jesus Cristo, que nos ama pessoalmente, jovens ou idosos, pobres ou ricos; ama-nos mesmo quando lhe voltamos as costas.

Comentando a cena, o Papa João Paulo II acrescentava, dirigindo-se a vós, jovens: «Faço votos

por que experimenteis um olhar assim! Faço votos por que experimenteis a verdade de que Ele, Cristo, vos fixa com amor» (Carta aos jovens, n. 7). Um amor, que se manifestou na Cruz de maneira tão plena e total, que São Paulo escreve maravilhado: «Amou-me e entregou-se por mim» (Gl 2, 20). «A consciência de que o Pai nos amou desde sempre no seu Filho, de que Cristo ama cada um e sempre – escreve ainda o Papa João Paulo II – torna-se um ponto de apoio firme para toda a nossa existência humana» (Carta aos jovens, n. 7) e permite-nos superar todas as provas: a descoberta dos nossos pecados, o sofrimento, o desânimo.

Neste amor, encontra-se a fonte de toda a vida cristã e a razão fundamental da evangelização: se verdadeiramente encontrámos Jesus, não podemos deixar de o testemunhar àqueles que ainda não se cruzaram com o seu olhar.

3. A descoberta do projecto de vida

No jovem do Evangelho, podemos vislumbrar uma condição muito semelhante à de cada um de vós. Também vós sois ricos de qualidades, energias, sonhos, esperanças: recursos que possuíis em abundância! A vossa própria idade constitui uma grande riqueza não apenas para vós, mas também para os outros, para a Igreja e para o mundo.

O jovem rico pergunta a Jesus: «Que devo fazer?» A estação da vida em que vos encontrais é tempo de descoberta: dos dons que Deus vos concedeu e das vossas responsabilidades. É, igualmente, tempo de opções fundamentais para construir o vosso projecto de vida. Por outras palavras, é o momento de vos interrogardes sobre o sentido autêntico da existência, perguntando a vós mesmos: «Estou satisfeito com a minha vida? Ou falta-me ainda qualquer coisa?»

Como o jovem do Evangelho, talvez vós vivais também situações de instabilidade, de perturbação ou de sofrimento, que vos levam a aspirar a uma vida não medíocre e a perguntar-vos: em que consiste uma vida bem sucedida? Que devo fazer? Qual poderia ser o meu projecto de vida? «Que devo fazer a fim de que a minha vida tenha pleno valor e pleno sentido?» (Ibid., n. 3).

Não tenhais medo de enfrentar estas perguntas! Longe de vos acabrunhar, elas exprimem as grandes aspirações, que estão presentes no vosso coração. Portanto, devem ser ouvidas. Esperam respostas não superficiais, mas capazes de satisfazer as vossas autênticas expectativas de vida e felicidade.

Para descobrir o projecto de vida que vos pode tornar plenamente felizes, colocai-vos à escuta de Deus, que tem um desígnio de amor sobre cada um de vós. Com confiança, perguntai-lhe: «Senhor, qual é o teu desígnio de Criador e Pai sobre a minha vida? Qual é a tua vontade? Desejo cumpri-la». Estai certos de que vos responderá. Não tenhais medo da sua resposta! «Deus é maior que os nossos corações e conhece tudo» (1 Jo 3, 20)!

4. Vem e segue-me!

Jesus convida o jovem rico a ir mais além da satisfação das suas aspirações e dos seus projectos pessoais, dizendo-lhe: «Vem e segue-me!». A vocação cristã deriva de uma proposta de amor do Senhor e só pode realizar-se graças a uma resposta de amor: «Jesus convida os seus discípulos ao dom total da sua vida, sem cálculos nem vantagens humanas, com uma confiança sem reservas em Deus. Os santos acolhem este convite exigente e, com docilidade humilde, põe-se a seguir Cristo crucificado e ressuscitado. A sua perfeição na lógica da fé, às vezes humanamente incompreensível, consiste em nunca se colocarem a si mesmos no centro, mas decidirem ir contra a corrente, vivendo segundo o Evangelho» (Bento XVI, «Homilia por ocasião das canonizações», in L'Osservatore Romano, 12-13/X/2009, pág. 6).

A exemplo de muitos discípulos de Cristo, acolhei também vós, queridos amigos, com alegria o convite a seguir Jesus, para viverdes intensa e fecundamente neste mundo. Com efeito, mediante o Baptismo, Ele chama cada um a segui-lo com acções concretas, a amá-lo sobre todas as coisas

e a servi-lo nos irmãos. Infelizmente, o jovem rico não acolheu o convite de Jesus e retirou-se pesaroso. Não encontrara coragem para se desapegar dos bens materiais a fim de possuir o bem maior proposto por Jesus.

A tristeza do jovem rico do Evangelho é aquela que nasce no coração de cada um, quando não tem a coragem de seguir Cristo, de fazer a escolha justa. Mas nunca é tarde demais para lhe responder!

Jesus nunca se cansa de estender o seu olhar de amor sobre nós, chamando-nos a ser seus discípulos; a alguns, porém, Ele propõe uma opção mais radical. Neste Ano Sacerdotal, gostaria de exortar os jovens e adolescentes a estarem atentos para ver se o Senhor os convida a um dom maior, no caminho do sacerdócio ministerial, e a tornarem-se disponíveis para acolher com generosidade e entusiasmo este sinal de predileção especial, empreendendo, com a ajuda de um sacerdote, do director espiritual, o necessário caminho de discernimento. Depois, não tenhais medo, queridos jovens e queridas jovens, se o Senhor vos chamar à vida religiosa, monástica, missionária ou de especial consagração: Ele sabe dar alegria profunda a quem responde com coragem.

E, a quantos sentem a vocação ao matrimónio, convido a acolhê-la com fé, comprometendo-se a lançar bases sólidas para viver um amor grande, fiel e aberto ao dom da vida, que é riqueza e graça para a sociedade e para a Igreja.

5. Orientados para a vida eterna

«Que devo fazer para alcançar a vida eterna?»: esta pergunta do jovem do Evangelho parece distante das preocupações de muitos jovens contemporâneos; porventura, como observava o meu Predecessor, «não somos nós a geração cujo horizonte da existência está completamente preenchido pelo mundo e pelo progresso temporal?» (Carta aos jovens, n. 5). Mas a questão acerca da «vida eterna» impõe-se em momentos particularmente dolorosos da existência, como quando sofremos a perda de uma pessoa querida ou experimentamos o insucesso.

Mas o que é a «vida eterna», de que fala o jovem rico? Jesus no-lo explica quando, dirigindo-se aos seus discípulos, afirma: «Hei-de ver-vos de novo; e o vosso coração alegrar-se-á e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria» (Jo 16, 22). São palavras que indicam uma proposta sublime de felicidade sem fim: a alegria de sermos cumulados pelo amor divino para sempre.

O interrogar-se sobre o futuro definitivo que nos espera dá sentido pleno à existência, porque orienta o projecto de vida não para horizontes limitados e passageiros mas amplos e profundos, que levam a amar o mundo, tão amado pelo próprio Deus, a dedicar-se ao seu desenvolvimento, mas sempre com a liberdade e a alegria que nascem da fé e da esperança. São horizontes que nos ajudam a não absolutizar as realidades terrenas, sentindo que Deus nos prepara um bem maior, e a repetir com Santo Agostinho: «Desejemos juntos a pátria celeste, suspiremos pela pátria celeste, sintamo-nos peregrinos aqui na terra» (Comentário ao Evangelho de São João, Homília 35, 9). Com o olhar fixo na vida eterna, o Beato Pier Giorgio Frassati – falecido em 1925, com a idade de 24 anos – dizia: «Quero viver; não ir vivendo!» e, numa fotografia a escalar uma montanha que enviou a um amigo, escrevera: «Rumo ao alto!», aludindo à perfeição cristã mas também à vida eterna.

Queridos jovens, exorto-vos a não esquecer esta perspectiva no vosso projecto de vida: somos chamados à eternidade. Deus criou-nos para estar com Ele, para sempre. Aquela ajudar-vos-á a dar um sentido pleno às vossas decisões e a dar qualidade à vossa existência.

6. Os mandamentos, caminho do amor autêntico

Jesus recorda ao jovem rico os dez mandamentos como condições necessárias para «alcançar a vida eterna». Constituem pontos de referência essenciais para viver no amor, para distinguir claramente o bem do mal e construir um projecto de vida sólido e duradouro. Também a vós,

Jesus pergunta se conheceis os mandamentos, preocupando-vos em formar a vossa consciência segundo a lei divina, e se os pondeis em prática.

Sem dúvida, trata-se de perguntas contra a corrente em relação à mentalidade contemporânea, que propõe uma liberdade desligada de valores, de regras, de normas objectivas, e convida a não colocar limites aos desejos do momento. Mas este tipo de proposta, em vez de conduzir à verdadeira liberdade, leva o homem a tornar-se escravo de si mesmo, dos seus desejos imediatos, de ídolos como o poder, o dinheiro, o prazer desenfreado e as seduções do mundo, tornando-o incapaz de seguir a sua vocação natural ao amor.

Deus dá-nos os mandamentos, porque nos quer educar para a verdadeira liberdade, porque quer construir connosco um Reino de amor, de justiça e de paz. Ouvi-los e pô-los em prática não significa alienar-se, mas encontrar o caminho da liberdade e do amor autênticos, porque os mandamentos não limitam a felicidade, mas indicam o modo como encontrá-la. No início do diálogo com o jovem rico, Jesus recorda que a lei dada por Deus é boa, porque «Deus é bom».

7. Temos necessidade de vós

Quem vive hoje a condição juvenil encontra-se a enfrentar muitos problemas resultantes do desemprego, da falta de referências ideais certas e de perspectivas concretas para o futuro. Às vezes pode-se ficar com a impressão de impotência diante das crises e derivas actuais. Apesar das dificuldades, não vos deixeis desencorajar nem renunciéis aos vossos sonhos! Pelo contrário, cultivai no coração desejos grandes de fraternidade, de justiça e de paz. O futuro está nas mãos de quem souber procurar e encontrar razões fortes de vida e de esperança. Se quiserdes, o futuro está nas vossas mãos, porque os dons e as riquezas que o Senhor guardou no coração de cada um de vós, plasmados pelo encontro com Cristo, podem dar esperança autêntica ao mundo! É a fé no seu amor que, tornando-vos fortes e generosos, vos dará a coragem de enfrentar com serenidade o caminho da vida e assumir as responsabilidades familiares e profissionais. Comprometei-vos a construir o vosso futuro através de percursos sérios de formação pessoal e de estudo, para servir o bem comum de maneira competente e generosa.

Na recente Carta Encíclica sobre o desenvolvimento humano integral, *Caritas in veritate*, enumerei alguns dos grandes desafios actuais que são urgentes e essenciais para a vida deste mundo: a utilização dos recursos da terra e o respeito pela ecologia, a justa repartição dos bens e o controle dos mecanismos financeiros, a solidariedade com os países pobres no âmbito da família humana, a luta contra a fome no mundo, a promoção da dignidade do trabalho humano, o serviço à cultura da vida, a construção da paz entre os povos, o diálogo inter-religioso, o bom uso dos meios de comunicação social.

São desafios a que sois chamados a responder para construir um mundo mais justo e fraterno. São desafios que requerem um projecto de vida exigente e apaixonante, no qual investir toda a vossa riqueza, segundo o desígnio que Deus tem para cada um de vós. Não se trata de realizar gestos heróicos ou extraordinários, mas de agir fazendo frutificar os próprios talentos e possibilidades, comprometendo-se a progredir constantemente na fé e no amor.

(...) Cristo chama cada um de vós a comprometer-se com Ele e a assumir as próprias responsabilidades para construir a civilização do amor. Se seguirdes a sua Palavra, também o vosso caminho se iluminará e vos conduzirá rumo a metas elevadas, que dão alegria e sentido pleno à vida.”

Que a Virgem Maria, Mãe da Igreja, vos acompanhe com a sua protecção. Asseguro-vos uma lembrança particular na minha oração e, com grande afecto, vos abençoo.

(Papa Bento XVI, Mensagem para a XXV Jornada Mundial da Juventude, 2010)

2º Encontro



Folhas com texto para reflexão pessoal



1. Proposta de uma reflexão pessoal sobre o que foi abordado no encontro anterior. Essa reflexão pode ter em conta o seguinte:

Nós também nos encontramos junto de Cristo e perguntamos o mesmo que o jovem rico.

Tu, de uma forma especial, questionas o projecto que Ele tem para ti.

Ele convida-te, para quê?

Na verdade tu já começaste a responder (e ao contrário do jovem rico, não te afastaste, triste e desanimado). Mas, num caminho, as perguntas de cada um e as respostas de Deus não param.

Deus não descansa enquanto não chega ao nosso coração. E desinstala, questiona, propõe.

Perguntas tu: porquê eu?

Ele possivelmente responder-te-á: porque te escolhi e tu ouviste o meu chamamento.

Escolhido por Deus, através do encontro com Cristo, tenta perceber:

Como e quando encontras ou encontraste Cristo na tua vida.

A radicalidade da proposta de Cristo, o que te afasta dela e o que te aproxima (em relação ao teu carácter; em relação à tua vida: na família; com os amigos; na escola)



1 | 56 | 58 | 59 | 60 | 61 | 64 | 342 | 348



Tempo de oração, em que a partilha possa ter lugar, através de um compromisso, de orações espontâneas ou de outras formas.



«Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz dia após dia e siga-me» (Lc 9, 23).

Estas palavras exprimem a radicalidade de uma opção que não admite incertezas nem hesitações. Trata-se de uma exigência difícil, que impressionou os próprios discípulos e, ao longo dos séculos, impediu que muitos homens e mulheres seguissem Cristo. Mas precisamente esta radicalidade também produziu admiráveis frutos de santidade e de martírio que, ao longo do tempo, confortam o caminho da Igreja. Ainda hoje estas palavras ressoam como escândalo e loucura (cf. 1 Cor 1, 22-25). E todavia, é com elas que nos devemos confrontar, uma vez que o caminho traçado por Deus para o seu Filho é o mesmo que deve ser percorrido pelo discípulo, decidido a colocar-se no seu seguimento. Não existem dois caminhos, mas um só: o percorrido pelo Mestre. Ao discípulo não é consentido inventar outro.

Jesus caminha à frente dos seus discípulos e pede que cada um deles faça quanto Ele mesmo fez. De facto, diz: não vim para ser servido, mas para servir; assim, quem quer ser como Eu, seja servo de todos. Vim até vós como alguém que nada possui; assim, posso pedir-vos que deixeis todos os tipos de riqueza que vos impedem de entrar no Reino dos céus. Aceito a contradição, o facto de ser rejeitado pela maioria do meu povo; posso pedir-vos, também a vós, que aceiteis a contradição e a contestação, independentemente de onde elas vierem.

Por outras palavras, Jesus pede que se escolha com coragem o seu próprio caminho; que se opte por ele em primeiro lugar “no coração”, porque esta ou aquela situação exterior não depende de nós. De nós depende a vontade de ser, na medida do possível, obedientes ao Pai como Ele o foi, e prontos a aceitar até ao fim o desígnio que Ele tem para cada um.

(Papa João Paulo II, Mensagem para o XVI Dia Mundial da Juventude, 2001)

«Vós, quem dizeis que Eu sou?» Jesus faz esta pergunta aos seus discípulos, perto de Cesareia de Filipe. Simão Pedro responde: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo» (Mt 16, 16). E o Mestre, por sua vez, dirige-lhe estas palavras surpreendentes: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue quem to revelou, mas o meu Pai que está nos céus» (Mt 16, 17).

Qual é o significado deste diálogo? Porque é que Jesus quer ouvir o que os homens pensam d’Ele? Porque deseja saber o que pensam d’Ele os seus discípulos?

Jesus quer que os discípulos tomem consciência do que está escondido na sua mente e no seu coração e que exprimam a sua convicção. Ao mesmo tempo, porém, Ele sabe que o juízo que vão manifestar não será apenas obra deles, porque no mesmo há-de revelar-se aquilo que o Pai derramou nos seus corações com a graça da fé.

Este acontecimento nas vizinhanças de Cesareia de Filipe introduz-nos de certo modo no «laboratório da fé». Desvenda-se aí o mistério do início e da maturação da fé. Primeiro, está a graça da revelação: uma íntima e inefável doação de Deus ao homem. Vem depois o apelo a dar uma resposta. Por fim, aparece a resposta do homem, uma resposta que doravante há-de dar sentido e configurar toda a sua vida.

Eis o que é a fé! É a resposta racional e livre do homem à palavra do Deus vivo. As perguntas que Cristo faz, as respostas que são dadas pelos Apóstolos e finalmente por Simão Pedro, constituem uma espécie de exame da maturidade da fé daqueles que vivem mais perto de Cristo.

2. Este colóquio junto de Cesareia de Filipe deu-se no período pré-pascal, isto é, antes da paixão e da ressurreição de Cristo. Seria preciso lembrar ainda outro acontecimento, durante o qual Cristo, já ressuscitado, examinou a maturidade da fé dos seus Apóstolos. Trata-se do encontro com o apóstolo Tomé. Este era o único ausente quando, depois da ressurreição, Cristo veio pela primeira vez ao Cenáculo. Quando os outros discípulos lhe disseram que tinham visto o Senhor, ele não quis acreditar. Dizia: «Se eu não vir o sinal dos cravos nas suas mãos, se não meter o dedo no lugar dos cravos e não meter a mão no seu lado, não acreditarei» (Jo 20, 25). Oito dias depois, os discípulos estavam reunidos de novo, e Tomé com eles. Veio Jesus, com as portas fechadas, saudou os Apóstolos dizendo: «A paz esteja convosco» (Jo 20, 26), e imediatamente se virou para Tomé: «Chega aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente» (Jo 20, 27). E, então, Tomé respondeu: «Meu Senhor e meu Deus!» (Jo 20, 28).

Também o Cenáculo de Jerusalém foi para os Apóstolos uma espécie de «laboratório da fé». Mas, o que lá aconteceu com Tomé ultrapassa, de algum modo, o sucedido nas proximidades de Cesareia de Filipe. No Cenáculo, constatamos uma dialéctica mais radical entre fé e incredulidade e, simultaneamente, uma confissão ainda mais profunda da verdade de Cristo. Verdadeiramente não era fácil acreditar que pudesse novamente estar vivo Aquele que fora deposto no sepulcro três dias antes.

O divino Mestre tinha anunciado várias vezes que havia de ressuscitar dos mortos, e várias vezes dera provas de ser o Senhor da vida. Todavia a experiência da sua morte foi de tal maneira violenta, que todos tinham necessidade dum encontro directo com Ele, para acreditar na sua ressurreição: os Apóstolos no Cenáculo, os discípulos no caminho de Emaús, as piedosas mulheres junto do sepulcro... E tinha necessidade Tomé também. Mas, quando a sua incredulidade se embateu com a experiência directa da presença de Cristo, o Apóstolo incrédulo pronunciou aquelas palavras que exprimem o núcleo mais íntimo da fé: *Se assim é, se verdadeiramente estás vivo Tu que foste morto, quer dizer que és «o meu Senhor e o meu Deus».*

Com o caso de Tomé, o «laboratório da fé» ficou enriquecido com um novo elemento. A Revelação divina, a pergunta de Cristo e a resposta do homem acharam pleno cumprimento no encontro pessoal do discípulo com Cristo vivo, com o Ressuscitado. Aquele encontro tornou-se o início duma nova relação do homem com Cristo, uma relação em que o homem reconhece existencialmente que Cristo é Senhor e Deus; Senhor e Deus não só do mundo e da humanidade, mas também desta minha existência humana concreta. Um dia, S. Paulo há-de escrever: *«Perto de ti está a palavra, na tua boca e no teu coração, isto é, a palavra da fé que nós pregamos. Porque, se confessares com a tua boca que Jesus é o Senhor, e creres no teu coração que Deus O ressuscitou dentre os mortos, serás salvo»* (Rm 10, 8-9).

3. (...) Cada um de vós pode encontrar dentro si mesmo a dialéctica feita de perguntas e respostas que atrás pusemos em destaque. Cada qual pode examinar as dificuldades que sente na fé e experimentar inclusive a tentação da incredulidade. Mas, ao mesmo tempo pode experimentar também uma gradual maturação na consciência e na convicção da sua própria adesão de fé. Com efeito, neste admirável laboratório do espírito humano, que é o laboratório da fé, sempre se encontram mutuamente Deus e o homem. Incessantemente Cristo ressuscitado entra no cenáculo da nossa vida, permitindo a cada um experimentar a sua presença e confessar: *Tu, ó Cristo, és «o meu Senhor e o meu Deus».*

Cristo disse a Tomé: *«Porque Me viste, acreditaste. Bem-aventurados os que, sem terem visto, acreditam!»* (Jo 20, 29). Todo o ser humano tem dentro de si algo do apóstolo Tomé. É tentado pela incredulidade e faz estas perguntas fundamentais: *«Será verdade que Deus existe? Será verdade que o mundo foi criado por Ele? Será verdade que o Filho de Deus Se fez homem, morreu e ressuscitou?»* A resposta vai-se impondo à medida que a pessoa faz a experiência da presença de Cristo. É preciso abrir os olhos e o coração à luz do Espírito Santo. Então hão-de falar a cada um as chagas de Cristo ressuscitado: *«Porque Me viste, acreditaste. Bem-aventurados os que, sem terem visto, acreditam!»*

4. Também hoje, caríssimos amigos, crer em Jesus, seguir Jesus pelas pegadas de Pedro, de Tomé, dos primeiros apóstolos e testemunhas, implica uma tomada de posição a favor d'Ele e, não raro, quase um novo martírio: o martírio de quem, hoje como ontem, é chamado a ir contra a corrente para seguir o divino Mestre, para seguir *«o Cordeiro por onde quer que vá»* (Ap 14, 4). Não foi por acaso, queridos jovens, que eu quis que, durante o Ano Santo, se recordassem junto do Coliseu as testemunhas da fé do século vinte.

Talvez não vos seja pedido o sangue, mas a fidelidade a Cristo é certo que sim! Um fidelidade vivida nas situações de todos os dias: penso nos namorados e como é difícil para eles viverem, no mundo actual, a pureza antes do matrimónio. Penso nos casais jovens e às provas a que é submetido o seu compromisso de mútua fidelidade. Penso no relacionamento dos amigos e à tentação de deslealdade que pode insinuar-se entre eles.

Penso também em quem abraçou um caminho de especial consagração e ao esforço que às vezes tem de fazer para perseverar na sua dedicação a Deus e aos irmãos. Penso ainda em quem quer viver relações de solidariedade e de amor num mundo onde parece valer apenas a lógica do lucro e do interesse pessoal ou de grupo.

Penso igualmente em quem trabalha pela paz e vê nascer e desenvolver-se em várias partes do mundo novos focos de guerra; penso em quem trabalha pela liberdade do homem e ainda o vê escravo de si mesmo e dos outros; penso em quem luta por fazer amar e respeitar a vida humana e tem de assistir a frequentes atentados contra ela, contra o respeito que lhe é devido.

5. Queridos jovens, num mundo assim, é difícil acreditar? No ano dois mil, é difícil acreditar? Sim, é difícil. Não vale a pena escondê-lo. É difícil, mas com ajuda da graça é possível, como Jesus explicou a Pedro: «*Não foram a carne nem o sangue quem to revelou, mas o meu Pai que está nos céus*» (Mt 16, 17).

Esta noite, irei entregar-vos o Evangelho. É o presente que o Papa vos dá nesta Vigília inesquecível. A palavra nele contida é a palavra de Jesus. Se vós a escutardes no silêncio, na oração, procurando aplicá-la à vossa vida com a ajuda do conselho prudente dos vossos sacerdotes e educadores, então haveis de encontrar Cristo e segui-Lo, gastando dia após dia a vida por Ele.

Na realidade, é Jesus quem buscais quando sonhais a felicidade; é Ele quem vos espera, quando nada do que encontráis vos satisfaz; Ele é a beleza que tanto vos atrai; é Ele quem vos provoca com aquela sede de radicalidade que não vos deixa ceder a compromissos; é Ele quem vos impele a depor as máscaras que tornam a vida falsa; é Ele quem vos lê no coração as decisões mais verdadeiras que outros queriam sufocar. É Jesus quem suscita em vós o desejo de fazer da vossa vida algo de grande, a vontade de seguir um ideal, a recusa de vos deixardes submergir pela mediocridade, a coragem de vos empenhardes, com humildade e perseverança, no aperfeiçoamento de vós próprios e da sociedade, tornando-a mais humana e fraterna.

Queridos jovens, em tarefas tão nobres não estais sozinhos. Convosco estão as vossas famílias, estão as vossas comunidades, estão os vossos sacerdotes e educadores, estão tantos de vós que, sem fazer alarde, não se cansam de amar a Cristo e de acreditar n'Ele. Na luta contra o pecado, não estais sozinhos: muitos como vós lutam e, com a graça do Senhor, vencem!

6. Queridos amigos, vejo em vós as «*sentinelas da manhã*» (cf. Is 21, 11-12), nesta alvorada do terceiro milénio. No decurso do século que morre, jovens como vós eram convocados em reuniões oceânicas para aprenderem a odiar, eram mandados combater uns contra os outros. Os diversos messianismos secularizados, que pretenderam substituir a esperança cristã, revelaram-se depois autênticos infernos. Hoje encontráis-vos reunidos aqui para afirmar que, no novo século, não vos prestareis a ser instrumentos de violência e de destruição; defendereis a paz, à custa da própria vida se for necessário. Não vos conformareis com um mundo onde outros seres humanos morrem de fome, continuam analfabetos, não têm trabalho. Vós defendereis a vida em todas as etapas da sua evolução terrena, esforçar-vos-eis com todas as vossas forças por tornar esta terra cada vez mais habitável para todos.

Queridos jovens do século que começa, dizendo «sim» a Cristo, dizeis «sim» a cada um dos vossos mais nobres ideais. Eu peço a Cristo que reine nos vossos corações e na humanidade do novo século e milénio. Não tenhais medo de vos entregar a Ele: guiar-vos-á e dar-vos-á força para O seguirdes cada dia em todas as situações.

Que Maria Santíssima, a Virgem que disse «sim» a Deus durante toda a sua vida, os Santos Apóstolos Pedro e Paulo e todos os Santos e Santas, que assinalaram ao longo dos séculos o caminho da Igreja, vos conservem sempre neste santo propósito!

(Papa João Paulo II, Discurso na vigília de oração, XV Jornada Mundial da Juventude, Roma, 19 de Agosto 2000)

3º Encontro



Biografias e textos das figuras escolhidas (ver Textos de apoio)
Cartazes com frases sobre santidade para decorar a sala (ver textos de apoio)



1. Propor, em pequenos grupos, a análise de várias figuras (uma por grupo). Para isso, o animador dispõe das respectivas biografias e textos.

Poder-se-ão ainda utilizar outras figuras, sendo interessante incluir a do padroeiro/a da Paróquia, comunidade ou Movimento em que o grupo se insere.

Neste trabalho de análise, importa ter em conta os seguintes aspectos:

- Importância do encontro com Cristo
- Opções de vida e sentido do caminho percorrido
- Experiência do amor de Deus

Nota: Na folha entregue a cada grupo deverá, acima da biografia da figura, estar o texto do Papa Bento XVI da Mensagem para a XXVI Jornada Mundial da Juventude 2011 (ver Textos de apoio).

2. Plenário em que cada grupo partilha o seu trabalho.



342 | 343 | 497



Cântico

[Todos]

Ó Deus santo e fonte de santidade!
Tu nos fizeste à tua semelhança,
adoptaste-nos como Teus filhos,
deste-nos Jesus como modelo e caminho
e infundiste sobre nós o teu Espírito.
Chamaste-nos a sermos santos
e ajudas-nos com tantos dons espirituais.

A ti clamo, ó Pai, vem socorrer-nos!
Escuta os Teus filhos, quando te invocam.
Suba para Ti a nossa oração como incenso,
e as nossas mãos erguidas como oferenda.

Preserva as nossas bocas da mentira,
defende os nossos lábios da falsidade.
Não nos deixes escorregar para a maldade
nem permitir a influência de más companhias.
Que saibamos acolher as repreensões das nossas faltas
como ajuda para melhorar as nossas vidas.
Que não nos deixemos enganar pelo erro.

Inspira-nos palavras com que possamos ajudar
os outros a viverem na verdade e no bem.
Enche os nossos corações de compaixão,
para não deixarmos sem ajuda cada próximo.

Dá-nos a clarividência para ver os nossos pecados,
a recta consciência para nos arrependermos
e uma vontade firme para nos corrigirmos.

Instrui-nos com a Tua palavra viva
e concede-nos a graça de a pôr em prática.
Senhor, não queremos vidas santas isoladas!

Dá-nos uma santidade de povo,
que seja acolhida e correspondida
por todos os membros da Tua Igreja.

Queremos uma santidade que Te dê glória!
Para Ti, Trindade Santa, se voltam nossos olhos:
Com fé, a Ti nos entregamos, acolhe-nos.

Protege-nos das ciladas do mal que nos cerca,
livra-nos de quem nos pode fazer cair.

A comunhão com os irmãos seja uma forte ajuda
e a presença de Teu filho entre nós nos santifique.
(Pe. Jorge Guarda)

Cântico



Sugestões de frases para cartazes:

“Os santos não são super-homens, nem nasceram perfeitos. São como nós; pessoas que antes de contemplar a glória do céu viveram uma vida normal, com alegria e dor, com fadiga e esperança.”
(Papa Francisco)

“Queridos rapazes e raparigas, digo-vos com força: prefiram altos ideais, sejam santos! Mas será possível ser santo com a vossa idade? A minha resposta é: certamente!”
(Papa Bento XVI)

“Sede livres para ser santos”

(*Papa Bento XVI*)

“Jovens de todos os continentes, não tenhais medo de ser os santos do novo milénio.”

(*Papa João Paulo II*)

“Deus chama-nos para ser «seus»: quer que todos sejam santos. Caros jovens, tende a ambição de ser santos, como Ele é santo! “

(*Papa João Paulo II*)

Nota: A estas poderão acrescentar-se frases das figuras escolhidas.

“Na história da Igreja, os santos e os mártires hauriram da Cruz gloriosa de Cristo a força para serem fiéis a Deus até à doação de si mesmos; na fé encontraram a força para vencer as próprias debilidades e superar qualquer adversidade. De facto, como diz o apóstolo João, «Quem é que vence o mundo senão aquele que crê que Jesus é Filho de Deus?» (1 Jo 5, 5). E a vitória que nasce da fé é a do amor. Quantos cristãos foram e são um testemunho vivo da força da fé que se exprime na caridade; foram artífices de paz, promotores de justiça, animadores de um mundo mais humano, um mundo segundo Deus; comprometeram-se nos vários âmbitos da vida social, com competência e profissionalismo, contribuindo de modo eficaz para o bem de todos. A caridade que brota da fé levou-os a dar um testemunho muito concreto, nas acções e nas palavras: Cristo não é um bem só para nós próprios, é o bem mais precioso que temos para partilhar com os outros. Na era da globalização, sede testemunhas da esperança cristã em todo o mundo: são muitos os que desejam receber esta esperança! Diante do sepulcro do amigo Lázaro, morto havia quatro dias, Jesus, antes de o chamar de novo à vida, disse à sua irmã Marta: «Se acreditasses, verias a glória de Deus» (cf. Jo 11, 40). Também vós, se acreditardes, se souberdes viver e testemunhar a vossa fé todos os dias, tornar-vos-eis instrumentos para fazer reencontrar a outros jovens como vós o sentido e a alegria da vida, que nasce do encontro com Cristo!”

(*Papa Bento XVI, Mensagem para a XXVI Jornada Mundial da Juventude, 2011*)

Santa Teresa do Menino Jesus (1873-1897)

Em 1888, com apenas quinze anos de idade, Teresa Martin entra no Carmelo de Lisieux, no Norte de França. Embora vivesse apenas mais nove anos, Teresa, que adoptara como nome de religiosa o de Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, faz em tão curto espaço de tempo uma descoberta fabulosa: que era amada profundamente por Deus e nada mais lhe era pedido que corresponder a esse amor. Em Jesus, Teresa descobre o rosto deste Deus, um Deus que, na época (e não poucas vezes ainda hoje) era apresentado como um Deus vingador cuja terrível justiça podia condenar os homens ao Inferno, mas que ela, insistentemente, afirma como um Deus de amor, cuja paixão é a de salvar o Homem. Morre em 1897, com 24 anos, nove dos quais passados em clausura. Pio XI nomeou-a padroeira das Missões, juntamente com S. Francisco Xavier, em 1927. Em 1944, foi proclamada por Pio XII padroeira de França e João Paulo II reconheceu-a como Doutora da Igreja em 1997, por ocasião do centenário da sua morte.

«Ser tua esposa, ó Jesus!, ser carmelita, ser, pela minha união contigo, a mãe das almas. Isso deveria bastar-me...; não é assim... Sem dúvida, estes três privilégios são realmente a minha vocação: Carmelita, Esposa e Mãe. No entanto, sinto em mim outras vocações, sinto a vocação de Guerreiro, de Sacerdote, de Apóstolo, de Doutor, de Mártir; enfim, sinto a necessidade, o desejo de fazer por Ti, Jesus, todas as obras mais heróicas... [...]

Como estes desejos constituíam para mim um verdadeiro martírio durante a oração, abri as epístolas de S. Paulo, a fim de procurar alguma resposta. Os meus olhos depararam com os capítulos XII e XIII da Primeira Epístola aos Coríntios. Li no primeiro que nem todos podem ser apóstolos, profetas, doutores, etc...; que a Igreja é composta por diferentes membros, e que o olho não poderia ao mesmo tempo ser a mão...

A resposta era clara, mas não satisfazia os meus desejos, não me dava a paz... [...] Sem desanimar, continuei a leitura, e consolou-me esta frase: «Procurai com ardor os dons mais perfeitos, mas vou mostrar-vos ainda um caminho mais excelente». E o Apóstolo explica como todos os dons mais perfeitos nada são sem o Amor..., que a Caridade é o caminho excelente que conduz seguramente a Deus. Finalmente encontrara o repouso... Considerando o corpo místico da Igreja, não me tinha reconhecido em nenhum dos membros descritos por S. Paulo; ou melhor, queria reconhecer-me em todos... A caridade deu-me a chave da minha vocação. Compreendi que se a Igreja tinha um corpo composto de diversos membros, o mais necessário, o mais nobre de todos não lhe faltava: compreendi que a Igreja tinha um coração, e que esse coração estava ardendo de amor. Compreendi que só o Amor fazia agir os membros da Igreja; que se o Amor se apagasse, os apóstolos já não anunciariam o Evangelho, os mártires recusar-se-iam a derramar o seu sangue... Compreendi que o Amor encerra todas as vocações, que o Amor é tudo, que abarca todos os tempos e todos os lugares... numa palavra, que é Eterno!

Então, num transporte de alegria, exclamei: «Ó Jesus, meu Amor! Encontrei finalmente a minha vocação: a minha vocação é o Amor!...»

Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, e esse lugar, ó meu Deus, fostes Vós que mo destes... No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor... Assim serei tudo... assim o meu sonho será realizado!!!...»

(Santa Teresa do Menino Jesus, Obras Completas, Coimbra, Ed. Carmelo, 1996, p. 227-230)

«Este ano, [...] Deus concedeu-me a graça de compreender o que é a caridade. Dantes compreendia-o, é verdade, mas de uma maneira imperfeita. [...] [Jesus diz aos seus discípulos], com uma ternura inexprimível: «Dou-vos um mandamento novo, que vos ameis uns aos outros, e que assim como Eu vos amei, vós também vos ameis uns aos outros. O sinal pelo qual todos conhecerão que sois meus discípulos, é amar-vos mutuamente».

Como amou Jesus os seus discípulos, e porque os amou? Ah! Não eram as qualidades naturais deles que O podiam atrair; havia entre eles e Ele uma distância infinita: Ele era a Ciência, a Sabedoria eterna; eles eram pobres pescadores, ignorantes e cheios de pensamentos terrestres. Apesar disso, Jesus chama-lhes seus amigos, seus irmãos. Quer vê-los reinar com Ele no reino de seu Pai, e para lhes abrir esse reino quer morrer numa cruz, pois disse: «Não há maior amor do que dar a vida por aqueles que se ama».

Caríssima mãe, ao meditar estas palavras de Jesus, compreendi quanto era imperfeito o meu amor para com as minhas Irmãs; vi que não as amava como Deus as ama. Ah! Compreendo agora que a caridade perfeita consiste em suportar os defeitos dos outros, em não se escandalizar com as suas fraquezas, em edificar-se com os mais pequenos actos de virtude que se lhes vir praticar; mas compreendi sobretudo que a caridade não deve ficar encerrada no fundo do coração: «Ninguém, disse Jesus, acende uma candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas coloca-a sobre o candelabro para alumiar todos os que estão em casa». Creio que essa luz representa a caridade, que deve iluminar e alegrar, não só os que são mais queridos, mas todos aqueles que estão em casa, sem exceptuar ninguém».

(Santa Teresa do Menino Jesus, Obras completas, p. 256-258)

«[...] os directores [espirituais] fazem avançar na perfeição mandando praticar um grande número de actos de virtude e têm razão, mas o meu director que é Jesus não me ensina a contar os meus actos; ensina-me a fazer tudo por amor, a não Lhe recusar nada, a ficar contente quando Ele me dá uma ocasião de Lhe provar que o amo, mas isso faz-se na paz, no abandono».

(Santa Teresa do Menino Jesus, *Obras completas*, p. 477)

«Não posso temer um Deus que se fez tão pequeno por mim....amo-O!...Porque Ele é só amor e misericórdia!»

(*Santa Teresa do Menino Jesus, Obras completas*, p. 650)

Irmão Roger (1915-2005)

O Irmão Roger é mundialmente conhecido como o fundador da Comunidade Ecuménica de Taizé. Roger nasce na Suíça, no seio de uma antiga família evangélica, mas, desde cedo, foi tocado pelo exemplo da sua avó materna, que procurara, durante a I Guerra Mundial, acolher em sua casa todos os que fugiam dos horrores do conflito e, após o fim da mesma, sentira a necessidade de combater as divisões que ainda vigoravam entre os cristãos, começando a reconciliação dentro de si, frequentando a Igreja Católica sem, contudo, renegar a sua tradição religiosa. O jovem Roger, com apenas 25 anos, chega à pequena aldeia de Taizé, no sul de França. Com ele, trazia o sonho de uma comunidade onde jovens de diferentes Igrejas cristãs pudessem viver e celebrar em conjunto a fé no Senhor Jesus. Estávamos em 1940, em plena II Guerra Mundial. Afastado de Taizé em finais de 1942 pela Gestapo, por acolher refugiados políticos, sobretudo judeus, regressa em 1944. Cinco anos depois, congrega já à sua volta seis outros irmãos, também de origem evangélica, que vivem de acordo com um modo de vida monástico anterior à Reforma Protestante, pautado pelo celibato, aceitação do ministério do prior e comunidade de bens materiais e espirituais. Em 1969 recebem os primeiros irmãos de origem católica.

Em 2005, em Taizé, no decorrer da oração da noite, foi assassinado, quando contava 90 anos.

Actualmente, a comunidade de Taizé é formada por cerca de uma centena de irmãos de várias confissões cristãs e originários de cerca de 30 países.

Todos os anos chegam a Taizé dezenas de milhares de jovens que ali se reúnem em oração.

“Seguir Cristo: eis-nos face a uma escolha, a escolha de ir ao ponto de dar a nossa vida por Ele. Mas Deus não Se impõe. Ele deixa cada um livre de optar. Ele nunca constrange. Doce e humilde, Cristo permanece à porta de cada coração humano e bate.

Quando parece que se apaga em nós a capacidade de Lhe responder, deparamo-nos com espanto – o nosso coração pode acordar de repente e surpreender-se a chamá-I’O: “Tu, Cristo, faz com que eu me dê!”

Escolher Cristo supõe caminhar num caminho só, não em dois ao mesmo tempo. Feliz quem pode dizer-lhe: “Tu vês quem sou. Não preciso de Te esconder nada do meu coração. Tu foste um homem. E quando interiormente o meu ser se dispersa, o coração sedento vai ao ponto de Te dizer: faz-me viver em Ti, Jesus Cristo, unifica o meu desejo e a minha sede”.

Tu Que, sem olhar para trás, queres seguir Cristo, lembra-te que já os apóstolos, a Virgem Maria e os crentes dos primeiros tempos foram chamados a viver em grande simplicidade e a partilhar. Uma das alegrias puras do Evangelho é caminhar sempre numa simplicidade do coração que conduz a uma simplicidade de vida.

Escolher Cristo! Uma vez, fui convidado a ir a São Petersburgo, que na altura se chamava Leninegrado (foram os anos antes da queda do muro de Berlim), e fiquei sensibilizado por descobrir tantos jovens na catedral ortodoxa. Procuravam seguir Cristo na situação difícil das

suas vidas. O bem-amado bispo Nicodime pediu-me que tomasse a palavra. Senti-me impelido a dizer-lhes: “Se Cristo não tivesse ressuscitado, não estaríamos aqui, não haveria por todo o país a confiança ardente em Deus, que é a vossa. Se Cristo não tivesse ressuscitado, não estaria hoje presente no meio de nós. Ele seria lembrado, talvez, como um ser notável na história da humanidade. Mas não seria possível descobrir uma comunhão n’Ele, falar com Ele na oração”.

Na véspera, o bispo tinha-me convidado a dirigir a palavra àqueles que seriam ordenados padres ortodoxos em breve: “Quanto mais caminhamos em Cristo, mais descobrimos uma mudança que o Evangelho faz nas nossas vidas. Pelo Espírito Santo, Cristo vem trabalhar no nosso íntimo, até às forças contraditórias, “transfigurando” o que nos inquieta em nós próprios. Quanto mais procurarmos aproximarmo-nos invisivelmente de Cristo, mais trazemos no nosso coração, sem o sabermos, um reflexo do Ressuscitado”.

Jesus Cristo, se não tivesses ressuscitado, a quem iríamos para descobrir um reflexo de Deus? Se não tivesses ressuscitado, não estaríamos juntos à procura da Tua comunhão, não encontraríamos em Ti o perdão, a reconciliação, as fontes donde jorram as renovações interiores. Se não tivesses ressuscitado, onde iríamos buscar energias para Te escolher sempre de novo?”

(Irmão Roger, de Taizé, Oração: frescura de uma fonte, p.79, 80, 81, Paulus)

Beata Chiara Luce Badano (1971-1990)

Chiara Luce nasceu numa família simples. Filha única de pais católicos praticantes, chamados Maria Teresa e Ruggero Badano, foi uma criança muito esperada depois de 11 anos em tentativas para terem um filho. Recebeu uma educação cristã e a sua mãe conta que “percebemos logo que não era apenas nossa filha. Era, antes de tudo, filha de Deus, e como tal a devíamos educar, respeitando a sua liberdade”. Aos 9 anos entrou como Gen (geração nova) no Movimento dos Focolares. Viveu a sua espiritualidade e pouco a pouco envolveu os pais. Desde então, na sua vida tentou “colocar a Deus em primeiro lugar”. Prosseguiu os estudos até o Liceu clássico, e ofereceu a Jesus as suas dificuldades e sofrimentos.

Aos 13 anos, começou a fazer parte das Gen 3 da Ligúria, e pela sua coerência de vida era por vezes muito criticada pelas amigas e até mesmo por sacerdotes. Foi ridicularizada, porque era uma Gen e ia à Missa também durante a semana. Participava com atenção da aula de religião, procurava amar a todos os professores, mesmo os mais difíceis, e era muito disponível para ajudar todos. Por isso, as crianças chamavam-na de “freira”. Isso fê-la sofrer muito, mas na Mariápolis encontrou a resposta n’Ele, isto é, em Jesus Abandonado.

Aos 17 anos, de repente, uma dor aguda no ombro esquerdo revelou, nos exames e nas inúteis operações, um osteossarcoma que deu início a um calvário de dois anos aproximadamente. Depois que ouviu o diagnóstico, Chiara não chorou, nem se revoltou: ficou imóvel em silêncio e depois de 25 minutos saiu dos seus lábios o «sim» à vontade de Deus. Repetirá muitas vezes: «Se é o que queres, Jesus, é o que eu também quero”.

Assim, aos 19 anos, no dia 7 de Outubro de 1990, faleceu, após uma noite muito dolorosa.

“Os jovens são o futuro. Eu já não posso correr, mas gostaria de lhes passar a chama como nas Olimpíadas. Os jovens têm uma só vida e vale a pena vivê-la bem!”.

(Chiara Luce Badano)

“Não tenho nada, mas tenho ainda o coração e com ele posso amar sempre”

(Chiara Luce Badano)

“Em todo o seu percurso, totalmente jovem mas particularmente na última etapa da extraordinária aventura que foi (e é) a sua vida, Chiara Luce Badano poderá ter muito a ensinar-nos.

Numa das suas últimas cartas, um mês antes da sua última viagem (bem perto de nós, em 1990) escrevia a dois amigos, depois de lhes ter agradecido todo o amor concreto que lhe tinham manifestado: “... queria pedir-vos um favor (não sei se vou conseguir fazer-me entender completamente): não queria nada que me pusessem num pedestal! (...) Jesus permitiu esta prova mas é mérito Seu o facto de eu conseguir aceitá-la (...) De meu há mesmo muito pouco. E vocês não pensem que são demasiado ‘pequenos’, porque não o são!”

E reportando-se a um telefonema sublinha o que lhe tinha sido dito a propósito de ela se confessar não se sentir “à altura” e que tanto lhe tinha tocado: “é Ele quem nos eleva até à Sua altura. Não temos que nos preocupar. O importante é dizermos o nosso sim no momento presente”.

Nestes momentos últimos que sintetizam toda uma vida (mesmo se “exteriormente” breve: nasceu em 1971) dois elementos se podem desde já sublinhar na tentativa de percebermos melhor a escolha de vida de Chiara, como oferta. Por um lado a consciência clara de que a primeira escolha (primeira oferta) é a de Deus por nós: é Ele que permite, é mérito Seu a aceitação, é Ele quem nos eleva. E, simultaneamente a certeza de que cada nossa resposta – cada nosso sim – o damos em cada momento presente!

Algum tempo antes, quando por consequência do avançar da doença e dos necessários tratamentos, tinha perdido a possibilidade de andar, comentava: “Se eu tivesse que escolher entre começar a andar ou ir para o Paraíso, escolheria, sem hesitar, ir para o Paraíso. A este ponto é a única coisa que me interessa... Mas procuro não dizer isto, para não pensarem que eu me quero ir embora para não sofrer mais. Não é bem assim. Eu quero é ir ter com Jesus”.

Diversas foram as vias percorridas para chegar a esta paixão, que foi também a primeira e fundamental escolha. Mas a Palavra, a Palavra de Deus viva e, particularmente o Evangelho teve um papel muito importante no caminho de Chiara. E assim, ainda aos onze anos, se lhe refere, em carta, a propósito de um encontro em que tinha participado e em que o Evangelho tinha sido a sua principal descoberta e de uma forma completamente nova: “Percebi que não era uma cristã autêntica porque não o vivia até às últimas consequências. Agora quero fazer desse magnífico livro o único objectivo da minha vida. Não quero e não posso continuar analfabeta de uma mensagem tão extraordinária. Como para mim foi fácil aprender o alfabeto, também deve ser fácil viver o Evangelho. Descobri aquela frase que diz “Dai e ser-vos-á dado”. Tenho que aprender a ter mais confiança em Jesus, a acreditar no seu imenso amor. Obrigado por esta grande dádiva, que todos os dias descubro de uma forma nova”.

(...)

Não é difícil assim perceber como toda a breve vida de Chiara grita um único tudo: Deus! Junta-se a quantos no mundo não se põem a si mesmos, nem ao trabalho, nem ao estudo em primeiro lugar mas só a Deus. E a partir dessa primeira e fundamental escolha são capazes de perceber melhor e melhor atuar todas as outras escolhas.

Assim o fez claramente... Chiara! Desde pequena que predilecção sua eram os mais pobres, débeis, excluídos: da sua própria casa (a alegria que sentia por poder ajudar e fazer companhia aos avós, idosos) e da sua amada Sassello à escola, primeiro da sua aldeia e, depois da cidade de Savona.

E à medida que o círculo se ia alargando também o seu coração se dilatava na medida sem medida de Jesus, não se limitando à predilecção pelos excluídos de bens materiais ou de afectos mas preferindo também os ateus e os não crentes. Sabia instaurar com eles um diálogo profundo com extraordinária delicadeza e sem nunca transmitir a impressão de os querer convencer do que quer que fosse. Entre eles estava Amoretti, professor de literatura. Visitando-a, fica profundamente tocado e mesmo perturbado a ponto mesmo de afirmar: “Admirei nela a capacidade de viver o

mistério, o sentido último, com naturalidade. Gostaria de dizer que talvez ela estivesse dentro das próprias respostas que nós procurávamos”.

A brevidade do percurso de Chiara não a fez escolher propriamente uma vocação – como modo de oferta da sua vida - mas o tempo em que fisicamente viveu foi o suficiente para manifestar, nas palavras e sobretudo nos gestos, a clareza da sua escolha de Deus como Ideal, seu único tudo, a quem tudo e toda se oferecia. E essa disponibilidade preparava-a serenamente para o que lhe viria a ser pedido ou significado.

A ânsia de um mundo unido que acreditava ser possível e que de alguma forma trazia dentro de si, fê-la sonhar ser hospedeira. Mas também poder vir a fazer Medicina e tornar-se pediatra, pensando sobretudo nas crianças do Terceiro Mundo.

Era uma paixão – essa pelas mais pobres - que desde bem cedo cultivou e que exprimiu na partilha de bens, desde o próprio relógio de pulso, mais do que uma vez dado, ao dinheiro que lhe tinha sido oferecido e que ela entregou a um amigo seu que se empenhava na abertura de poços em África, dando assim origem a iniciativas naquele continente que ainda hoje têm o seu nome e inspiração. Porque tudo percebia como oferta de Deus (que nos confia também os bens como a administradores do Seu capital) que assim só existe se for oferta nossa a Ele e pelos outros!

Sonhava também com uma família e chega a dar alguns primeiros passos de um namoro que não haveria de prosseguir. O rapaz chamava-se Luca, habitava na mesma aldeia onde tinha a fama de ser o bonitão, e tinha a sua mesma idade. A breve história tem altos e baixos também porque a beleza que interessa verdadeiramente a Chiara é a interior. A provocação de uma cena de ciúmes fá-la pensar quão diferente fosse a escala de valores dos dois e a própria visão de vida. Chiara não consegue pensar num relacionamento que, pelo menos potencialmente os encaminhasse para o matrimónio e assume a ruptura e de forma que partilha com uma amiga a quem escreve: “Continuamos muito amigos... Mas fiquei contente por ter acabado, porque, sobretudo agora sinto, mais profundamente a importância de uma amizade verdadeira!”

Um tal exercício quotidiano (o exercício do reconhecimento da proposta de Deus para a sua vida e da possibilidade da sua resposta) preparou-a – e de que maneira – para manter viva até ao fim e, sobretudo na prova da doença, a oferta de tudo a Deus, caminho que havia antes empreendido. Não sem se perguntar, como o faz, a poucos meses da sua partida, em carta que dirige a Chiara Lubich na sequência da visita da mãe de Carlo Grisolia, um outro jovem dos Focolares falecido poucos meses antes: “... será que também eu vou conseguir ser fiel a Jesus Abandonado e viver para O encontrar como o fez o Carlo? Sinto-me tão pequena e o caminho a percorrer é tão árduo... Muitas vezes sinto-me esmagada pela dor. Mas é o Esposo que vem ao meu encontro, não é? Sim, eu também digo juntamente contigo: “Se é isso que queres, Jesus, também eu quero”!

Serão assim tantos os momentos em que como que actualizará esta escolha de Deus por ela e sua por Deus. Mas há um momento significativo e que parece mesmo decisivo tal como a mãe, Maria Teresa o conta (e o dvd-documentário Chiara Luce Badano - uno splendido disegno, Città Nuova 2010 ilustra de forma muito bela): “Há já algum tempo que ela tinha percebido que a situação ia de mal a pior e que era portadora de um verdadeiro cancro. Entretanto manteve intacta a esperança de ficar curada. Alguns dias depois da cirurgia, perguntou directamente ao médico qual era o verdadeiro diagnóstico. Assim ficou a saber a verdade sobre a sua doença, e também que iria perder os cabelos por causa da quimioterapia. Talvez tenha sido esse pormenor que a fez compreender a gravidade da doença: de facto, ela dava muita importância aos seus cabelos. Estávamos em Turim, na casa de amigos (...).

Ainda a estou a ver a chegar ao jardim, enrolada no seu casaco verde. Tinha o olhar fixo no chão. Aproximou-se, parecia ausente e entrou em casa. Perguntei-lhe como é que tinha corrido. E ela: “Agora, não! Não me digas nada, agora!” Atirou-se de bruços para a cama, com os olhos fechados. Ficou assim durante vinte e cinco minutos. Senti-me a morrer mas o único modo de

estar ao lado dela naquele momento era ficar calada, sofrer com ela. Era uma batalha, aquela que Chiara estava a travar. Depois, ela virou-se e disse-me a sorrir: 'Agora, podes falar'. Conseguiu! Disse novamente o seu sim. E nunca mais voltou atrás!"

Franz Coriasco, irmão da sua melhor amiga e autor de um magnífico livro sobre Chiara Luce (até pela perspectiva sincera e honesta de um não-crente que ele também é) comenta assim (também no dvd já citado) aquele momento: "Foi muito provavelmente o momento mais duro da sua vida, das escolhas decisivas e irrevocáveis. Se a sua vida fosse um filme, aquele seria indubitavelmente o momento clímax. Ou o seu Getsemani, como escreverão alguns anos depois os teólogos da Comissão".

(Pe. António Bacelar, Itinerário Catequético Rumo à JMJ Rio2013, Departamento Nacional Pastoral Juvenil)

Beato Pier-Giorgio Frassati (1901-1925)

Filho de Alfredo Frassati e Adelaide Ametis, família abastada, dona do jornal La Stampa. Tendo vivido entre 1918 e 1922 em Berlim, onde o seu pai foi embaixador de Itália, Pier Giorgio viveu sobretudo no Piemonte, na cidade de Turim.

Pier-Giorgio era profundamente anti-fascista, chegando a envolver-se em confrontos físicos com adeptos do Partido Social Fascista de Benito Mussolini. Quando aquele dirigente assumiu o poder, em 1922, o seu pai demitiu-se de embaixador e regressou a Itália com a família. Em 1921 Pier Giorgio inscreveu-se no Partido Popular italiano (Partito Popolare Italiano), dirigido por Luigi Sturzo que se reclamava das ideias da Democracia Cristã.

Dedicou-se desde muito novo a várias obras sociais, de caridade e religiosas. Envolveu-se no seio de vários grupos católicos de juventude, como o Apostolado da Oração e a Sociedade de São Vicente de Paulo, quando adolescente participou dos centros da Juventude Mariana Vicentina em Turim, e mais tarde torna-se membro da Ordem Terceira de São Domingos. Uma das suas máximas de vida era: «A Caridade não é suficiente: precisamos de reformas sociais». Foi um dos fundadores do jornal «Momento», baseado nos ensinamentos sociais do Papa Leão XIII explanados na sua encíclica Rerum Novarum. Estudante de Engenharia Industrial Mecânica na Escola Real Politécnica, entre 1918 e 1925, pretendia vir a dedicar-se integralmente aos mineiros, que ele via como uma das classes profissionais mais sofredoras, seja em termos de dureza profissional, fosse em termos sociais.

Era um desportista, praticando diversas modalidades entre as quais se destacava o montanhismo, mediante o qual aproveitava para se isolar, rezar e reflectir na solidão das montanhas.

Frassati morreu em 1925 de poliomelite e milhares de pessoas participaram no seu funeral. Encontra-se enterrado na Catedral de Turim.

Em 20 de Maio de 1990, foi beatificado pelo Papa João Paulo II, que o nomeou Patrono dos Desportistas.

"Pergunta-me se eu sou feliz. Como poderia não ser, enquanto minha fé me der força...pois o sofrimento é uma coisa muito diferente da tristeza, que é a pior doença de todas. É quase sempre causada pela falta de fé".

(Pier Giorgio Frassati, carta à sua irmã Luciana, 14 de Fevereiro de 1925)

"A fé que me foi dada no baptismo sugere-me com uma voz segura: Pelas suas próprias forças, você nunca fará nada, mas se tiver Deus como o centro das suas acções, então sim, você alcançará o objectivo."

(Pier Giorgio Frassati, carta a I. Bonini, 15 de Janeiro de 1925)

“Viver sem uma fé, sem um património para defender, sem um esforço constante pela verdade, não é viver mas somente existir.”

(Pier Giorgio Frassati)

“Discípulo é aquele que ama...”

Ser discípulo de Jesus, no amor pelos (mais) pobres, é sinónimo, entre tantas outras coisas, de aceitar viver um compromisso, um “compromisso com a Caridade” (aqui entendida como “amor em acto, concreto e contínuo”). No entanto, “compromisso” e “caridade” são, como bem sabemos, conceitos/palavras de difícil aceitação/compreensão pelos nossos contemporâneos:

-o primeiro porque aponta para algo que escapa ao “imediatismo” dos horizontes com que somos, hoje, forçados a medir as nossas expectativas, os nossos sonhos, as nossas aspirações...;

-o segundo porque é muitas vezes entendido (em contraposição com a “solidariedade institucionalmente organizada”) como algo “demasiado informal”, que remete para a “caridadezinha” dos “restos” e das “sobras” de um mundo farto que rebenta pelas costuras do seu próprio egoísmo.

Convirá reconhecer que muita culpa disto temos nós, os cristãos que nos demitimos de ser “sal, luz e fermento” na “massa” social, cultural, laboral, política, do nosso tempo, optando por reduzir a (vivência da) caridade a uma mera “esmola” (da qual até pedimos o respetivo recibo... para, com ele, obtermos as ditas “contrapartidas fiscais”!!!). Contudo, mais importante do que nos revoltarmos e “apontarmos o dedo” a uma sociedade que tem dificuldade em perceber este “excesso de dom” a que Jesus Cristo nos impele nesta “forma sempre activa” de O seguirmos, é conhecer e aprofundar o verdadeiro sentido destas expressões, procurando, depois, compará-lo com a nossa forma de as (não) vivermos... E a vida (a todos os títulos exemplar) de Pier Giorgio Frassati a isso nos convida...

Pier Giorgio Frassati: do berço de ouro aos bairros de lama...

Não fossem a personalidade e sensibilidade de Pier Giorgio verdadeiramente “anormais” e ele poderia muito bem ter sido o ídolo do “jet-set” do seu tempo. Nascido num verdadeiro “berço de ouro”, a 6 de Abril de 1901, desde cedo optou por seguir “contra a corrente”, em “contra-mão” com o que era “normal” para um menino de tão nobres origens: “...quando Pier tinha quatro anos, bateu à porta da casa Frassati uma mulher com uma criança descalça ao colo. Pier viu e compreendeu imediatamente: tirou os sapatos e deu-lhos, depois fechou rapidamente a porta para que ninguém soubesse.”

A sua era uma personalidade forte mas afectuosa, preocupada, consciente e responsável, especialmente sensível ao sofrimento dos outros. A pouco e pouco, ia transparecendo nele aquela que é (ou deveria ser) a “imagem de marca”, o “ADN” de qualquer cristão:

-uma **Fé** (sempre e necessariamente relacional) profunda, alimentada pela oração diária e pela leitura e reflexão da Palavra;

- uma **Esperança** (que é sinónimo de alegria espontânea, simples e confiante) inabalável;

- e uma **Caridade** (sincera e desprendida, concreta e palpável, porque) atenta à realidade do mundo.

Com efeito, “Ainda não tinha onze anos e já a sua mente era atormentada com pensamentos sobre a miséria, contra os quais tentava lutar com os seus pequenos trabalhos, como juntar pratinhas, bilhetes de comboio, selos de correio para os missionários”. Por isso, quando o seu tio, ou a sua avó lhe davam algum dinheiro para o seu mealheiro, este acabava sempre no bolso dos pobres. Vemos, assim, que ele preferia investir num “banco diferente”: um banco que não lhe propunha TAEGs favoráveis nem tentadoras propostas de spread... mas que lhe haveria de render a “cem por um”.

Um “adulto em ponto pequeno”. Um menino de olhos e coração bem abertos ao que vê... e Àquele

que, não vendo, presente. Um menino que haveria de crescer, em estatura e em Graça, alargando a perspectiva e aprofundando o olhar, a tal ponto de acreditar profundamente que em cada rosto sofredor dos pobres da sua Turim, estava um “alter Christus” (outro Cristo) que lhe pedia, a ele, ajuda para carregar (ou aliviar) o peso da sua cruz: “Pier Giorgio nunca vê o outro como um estranho, mas como alguém com quem deve solidarizar-se até assumir a sua carga. Agindo sempre em nome próprio, nunca relegando para os outros, encarregando-se pessoalmente de tudo; portanto, não uma esmola, mas verdadeira solidariedade, não um pietismo fingido, mas o amor a Deus em ação.”

Assim, e embora tendo nascido rico, “escolheu o sacrifício e o amor aos últimos. Poderia alegrar a sua juventude com recepções e festas e bailes, mas preferiu ser o ‘carreão’ dos pobres, arrastando pelas ruas de Turim carroças e carros de mão carregados com os trastes dos desalojados”... Carroças e carros de mão que ele preferiu em detrimento do carro novo que seu pai lhe prometera como “prémio” de fim de licenciatura... Com efeito, em vez de “ir dar umas voltas” e “gozar a juventude”, preferiu que o pai lhe desse o dinheiro correspondente ao preço do carro (24 mil libras, uma pequena fortuna naquele tempo...), para logo o poder novamente “investir”... como esmola para a Conferência de S. Vicente de Paulo da sua cidade. Mas este é apenas um de tantos outros momentos/decisões da sua vida, profundamente exemplares, que nos levam a concluir que Pier Giorgio fez, de facto, da defesa e auxílio dos pobres a sua “opção fundamental”.

“Cristo vem a mim todos os dias. Eu pago-lhe a visita indo visitar os pobres.”

Quando a vida já lhe havia dado a provar do fel de que também é feita, acabou por se convencer profundamente de que só no Homem poderia servir o Deus que tanto procurava: era atendendo às necessidades básicas dos mais necessitados, lutando pela defesa e preservação da sua radical dignidade de filhos de Deus (cfr. Lumen Gentium, 30. 32) que ele se encontrava com o verdadeiro rosto do “Deus-que-sofre”, pois eram para ele muito claras - cristalinas! - as palavras do Evangelho: “Sempre que fizeste isto aos mais pequeninos foi a mim que o fizestes...(Mt 25, 40)”. Por isso costumava dizer, a quem lhe perguntava sobre o que o movia: “Cristo vem a mim todos os dias. Eu pago-lhe a visita indo visitar os pobres.”

A história da sua breve vida (morreu com apenas 24 anos) foi, pois, sendo tecida e construída à imagem desse mesmo Jesus Cristo: uma constante “kenose” (descida) aos infernos da dor e da pobreza extrema... para, desde aí, subir a Deus no e com o Homem por ele resgatado do sofrimento.

Aos 17 anos, decidiu inscrever-se no curso de Engenharia Industrial Mecânica no Real Instituto Politécnico de Turim, “com a intenção de se especializar em Engenharia de Minas”, contrariando todos os planos traçados por seu pai Alfredo Frassati (que dele queria fazer o gestor futuro do seu - ainda hoje existente - jornal La Stampa e da sua fortuna). Em vez de seguir a “via fácil” de um futuro mais que risonho e promissor, opta pelo “caminho estreito e pedregoso” dos que procuram (e encontram) “um outro modo de ser” (Levinas) que no outro-Outro tem seu fundamento. Deixando-se tocar pelas dificuldades sentidas pelos mineiros (o grupo operário mais explorado do seu tempo), faz a sua escolha profissional coincidir com a sua radical vocação ao serviço dos demais. Para tal, teve que estudar dia e noite, passando “todos os dias com os livros, alternando o estudo com a oração – para ele tão indispensável como o ar que respirava – e o serviço aos pobres”.

Apesar das grandes responsabilidades como estudante, nunca o jovem Frassati deixou de ter tempo para aquilo que mais força lhe dava: a oração e a partilha. Impressiona, ainda assim, que tenha decidido, em Novembro de 1918 (no mesmo mês em que ingressou na Universidade) inscrever-se na Confraria de São Vicente de Paulo. Contudo, “Mesmo quando era apertado – para não dizer ‘asfixiado’ – pela quantidade enorme dos seus estudos, Pier Giorgio não renunciava

ao compromisso para com os pobres da Conferência de São Vicente de Paulo.”⁵ Os pobres e a luta (política) ativa, apaixonada e desinteressada pelos seus direitos eram as suas preocupações primeiras; tudo o mais era secundário, à luz do que já Jesus Cristo tinha ensinado: “...quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo...” (Mt 20, 26).

Uma vida feita dom total de si mesmo...

Tornando real este desafio de Jesus, e apesar de ser pouco quer o tempo quer o dinheiro de que dispunha, tudo fez para aliviar, quer material quer espiritualmente, as dificuldades de alguns dos 50 mil pobres que, oriundos do Norte e do Sul de Itália, acorriam ao “triângulo industrial” formado pelas cidades de Turim, Génova e Milão, guiados pela miragem (que se convertera em sonho frustrado) de melhores condições de existência. Mal pagos e em grande maioria analfabetos, “moravam em colmeias humanas”; “vivendo uma existência de miséria, nalguns aspectos sub-humana” eram, assim, os mais pobres entre os mais pobres, captando e exigindo, por isso mesmo, de Frassati a maior das disponibilidades.

Como se tal não bastasse, Pier Giorgio não podia sequer contar nem com a ajuda nem com a compreensão dos seus mais próximos nesta sua opção: seus pais não só desconheciam as suas “andanças” pelos tugúrios de Turim como lhe censuravam a sua constante “cabeça no ar”. “Vais ser um homem inútil aos outros e a ti mesmo”: era este o veredicto do seu pai quanto ao seu futuro (uma visão tão distante da realidade quanto injusta) ... E nem a sua irmã, noutras situações e assuntos sua fiel confidente, compreendia as suas atitudes e opções...

Rapaz de uma espiritualidade tão profunda quanto realisticamente transformada em acção, a sua forma de seguir Jesus Cristo nos “mais pobres entre os pobres” não era mera “actividade benemérita” ou de “ocupação dos tempos livres”: tudo o que fazia, fazia-o porque sabia ser essa a sua missão: o serviço era a sua “vocação radical”; a caridade era a sua melhor oração; o Evangelho era o seu Guia; em suma, era um “místico de olhos abertos”, parafraseando uma expressão do teólogo João Baptista Metz. Pier Giorgio soube “ler os sinais” do seu tempo, julgá-los à luz da Palavra de Deus e agir em conformidade com a radicalidade do testemunho proposto por Jesus Cristo. E fê-lo dupla e literalmente até ao seu último suspiro: porque morreu vítima de poliomielite fulminante, doença que contraiu muito provavelmente numa das suas constantes visitas aos pobres dos tugúrios de Turim (a quem serviu durante toda a vida) ... e porque momentos antes de morrer (e parecendo ter plena consciência de haver chegado a sua hora), ainda encontrou forças para um derradeiro gesto de caridade: à sua irmã, que velava o seu sofrimento, encomendou que fossem entregues umas injeções a um pobre que deveria ter visitado, e que renovasse a apólice de um outro... Eis como até no leito da dor e da própria morte, era para fora de si que o seu olhar se voltava...

(Também) por isto o exemplo-testemunho deste que foi o “jovem das oito bem-aventuranças”, como o definiu o Papa João Paulo II, permanece(rá) vivo e perene: a mensagem que o jovem Frassatti nos transmite é a de uma total liberalidade face aos bens (materiais) e poderes (terrenos) deste mundo, uma liberalidade própria de quem sabe que só deixando-se esvaziar de si mesmo poderá ser capaz de se deixar preencher pela “Vida-feita-dom” que Jesus nos aponta e inspira. Pois ele sabia algo que nos cabe continuar a descobrir: que “Quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas, quem perder a sua vida por minha causa, há-de encontrá-la.” (Mt 16, 25).

Inspirado por outros “santos sociais” de Turim que, com ele, ainda hoje nos servem de exemplos maiores desta forma concreta de sermos discípulos (S. José Benedito Cottolengo, S. José Cafasso e S. João Bosco), a sua vivência da caridade era “laboriosa e concreta, feita com o coração nas mãos, com simplicidade e sem preconceitos.”⁸ “Nele podemos ver perfeitamente realizada a unidade entre a fé e a vida que não se encontra facilmente na vida concreta diária dos cristãos, mesmo dos sinceramente praticantes.”

Por isso, e em jeito de “conselho-testamento”, numa das suas muitas cartas, disse certa vez: “Nós - que, por graça de Deus, somos católicos - não devemos gastar os anos mais belos da nossa vida como desgraçadamente fazem tantos jovens infelizes que se preocupam em gozar os bens terrenos e não produzem nada de bom, mas que apenas fazem frutificar a imoralidade da nossa sociedade moderna. Devemos treinar-nos, a fim de estar prontos para travar as lutas que, seguramente, teremos de combater pela realização do nosso programa e para assim darmos à nossa Pátria, num futuro não muito longínquo, dias mais alegres e uma sociedade moralmente sã. Mas para tudo isto é preciso: a oração contínua para obter de Deus a graça sem a qual as nossas forças são vãs; organização e disciplina para estarmos prontos para a acção no momento oportuno e, finalmente, o sacrifício das nossas paixões e de nós mesmos, porque sem isso não se pode atingir o objectivo.”

(Luís Manuel da Cruz Leal, Itinerário Catequético Rumo à JMJ Rio2013, Departamento Nacional Pastoral Juvenil)

Beato Frederico Ozanam (1813-1853)

Em 23 de Abril de 1833, um jovem que tinha ido para Paris a fim de continuar os estudos, celebra o seu 20º aniversário. E resolve congregar um grupo de amigos, com este objectivo: ir ter com os mais pobres e colocar-se ao seu serviço. Nascia a “Sociedade de S.Vicente de Paulo”, inspirada no espírito deste santo. Chamada, a princípio, “Conferência da Caridade”, veio a chamar-se “Conferência de S.Vicente de Paulo” (as “Conferências Vicentinas”). Era no início da revolução industrial e do grande capitalismo, que gerou um proletariado na miséria. Os jovens estudantes dedicam-se às famílias operárias mais pobres. Ozanam faz, entretanto, dois doutoramentos: em Direito e em Letras. Já catedrático, casado e pai de filhos, entrega-se ao mesmo combate pela justiça e pela caridade. Ao contrário de muitos católicos do seu tempo, opta abertamente pela Democracia e pela República, assumindo as suas responsabilidades no domínio político e social. Não o podendo fazer na Assembleia Nacional, por não ter sido eleito nas legislativas de 1848, desenvolve o seu combate político através da escrita. Uma pleuresia obriga-o a suspender toda a actividade, vitimando-o a 8 de Setembro de 1853 quando tinha apenas 40 anos de idade. Foi beatificado pelo Papa João Paulo II em 22 Agosto de 1997.

“O amor a mim mesmo será a base da minha vida individual, o amor aos meus semelhantes será a base da minha vida social, o amor a Deus pairará sobre ambos como o primeiro princípio e o fim último de todas as minhas obras... Oh meu amigo, que esta lei de amor seja a nossa para que, pisando a vanglória, o nosso coração só arda por Deus, pelos homens e pela verdadeira honra.”

(Frederico Ozanam, Carta a Augusto Materne)

“Devemos censurar-nos, certamente, por não sabermos amar a Deus como O amaram esses grande santos, mas talvez a nossa fraqueza possa encontrar para isso uma sombra de desculpa, porque, ao que parece, para amar é preciso ver e nós não vemos a Deus senão com os olhos da fé, e é tão débil, a nossa Fé. Mas aos homens, aos pobres, vemo-los com os olhos da cara: aí estão; podemos meter a mão; nos seus rostos se vêm os sinais da coroa de espinhos; e então, não há lugar para a incredulidade; devíamos cair a seus pés e dizer-lhes, com o Apóstolo: ‘Tu és Meu Senhor e Meu Deus’. Vós sois os nossos senhores e nós seremos os vossos servos; vós sois para nós a imagem sagrada desse Deus que não vemos e, não sabendo amá-lo de outro modo, amá-lo-emos na vossa pessoa.”

(Frederico Ozanam, Cartas)

“Se a questão que agita hoje o mundo que nos rodeia não é nem um problema de pessoas nem de formas políticas, mas um problema social; se é a luta dos que nada têm contra os que têm demasiado; se o que faz tremer o chão debaixo dos nossos pés é o choque violento da opulência e da pobreza, o nosso dever é interpormo-nos entre esses inimigos irreconciliáveis e fazer com que uns se despojem, cumprindo um mandato legal, e os outros recebam como um benefício; que uns deixem de exigir e os outros de recusar; que, na medida do possível, reine a igualdade entre os homens.”

(Frederico Ozanam, Cartas)

“Fiel ao mandamento do Senhor, Frederico Ozanam acreditou no amor, no amor que Deus tem por todos os homens. Ia ao encontro de todos os que tinham mais necessidade de ser amados, daqueles a quem Deus-Amor não podia ser efectivamente revelado senão pelo amor duma outra pessoa. Ozanam encontrou nisto o seu caminho rumo à santidade. E percorreu-o com determinação.

Frederico Ozanam amava todos os necessitados. Desde a sua juventude, tomou consciência de que não bastava falar da caridade e da missão da Igreja no mundo: isto devia traduzir-se num empenho efectivo dos cristãos no serviço dos pobres. Estava assim em sintonia com a intuição de São Vicente: «Amemos a Deus, meus irmãos, amemos a Deus, mas que isto aconteça com os nossos braços e com o suor do nosso rosto» (São Vicente de Paulo, XI, 40). Para o manifestar de maneira concreta, com a idade de vinte e cinco anos, com um grupo de amigos, criou as Conferências de São Vicente de Paulo, cuja finalidade era a ajuda aos mais pobres, num espírito de serviço e de partilha. Bem depressa, estas Conferências difundiram-se fora de França, em todos os países da Europa e do mundo. Eu mesmo, como estudante, antes da segunda guerra mundial, fiz parte de uma delas.

O amor pelos mais miseráveis, por aqueles de quem ninguém se ocupa, já está no centro da vida e das preocupações de Frederico Ozanam. Ao falar destes homens e destas mulheres, ele escreve: «Deveríamos cair aos seus pés e dizer-lhes com o Apóstolo: “Tu es Dominus meus”. Vós sois os nossos mestres e nós seremos os vossos servidores; sois para nós as imagens sagradas deste Deus que não vemos e, não sabendo amar doutra maneira, nós O amamos nas vossas pessoas» (A Louis Janmot).

Ele observa a situação real dos pobres e procura um empenho cada vez mais eficaz, para os ajudar a crescer em humanidade. Compreende que a caridade deve levar a trabalhar pela reparação das injustiças. Caridade e justiça caminham a par e passo. Tem a coragem lúcida dum empenho social e político de primeiro plano numa época agitada da vida do seu país, pois nenhuma sociedade pode aceitar a miséria como uma fatalidade, sem que a sua honra não seja atingida. É assim que se pode ver nele um precursor da doutrina social da Igreja, que o Papa Leão XIII desenvolverá alguns anos mais tarde na Encíclica Rerum novarum.

Diante das pobrezaas que oprimem muitos homens e mulheres, a caridade é um sinal profético do empenho do cristão no seguimento de Cristo. Convido, pois, os leigos e de modo particular os jovens a darem prova de coragem e de imaginação, a fim de trabalharem para a edificação de sociedades mais fraternas, onde os mais necessitados sejam reconhecidos na sua dignidade e encontrem os meios para uma existência respeitável. Com a humildade e a confiança incondicional na Providência, que caracterizavam Frederico Ozanam, tende a audácia da partilha dos bens materiais e espirituais com aqueles que estão na miséria!

O Beato Frederico Ozanam, apóstolo da caridade, esposo e pai de família exemplar, grande figura do laicado católico do século XIX, foi um universitário que assumiu uma parte importante no movimento das ideias do seu tempo. Estudante, professor eminente primeiro em Lião e depois em Paris, na Sorbona, teve em vista antes de tudo a investigação e a comunicação da verdade, na serenidade e no respeito das convicções daqueles que não partilhavam as suas. «Aprendamos

a defender as nossas convicções sem odiar os nossos adversários, escrevia ele, a amar aqueles que pensam diversamente de nós [...] lamentemo-nos menos dos nossos tempos e mais de nós mesmos» (Cartas, 9 de Abril de 1851). Com a coragem do crente, denunciando todos os egoísmos, ele participa activamente na renovação da presença e da acção da Igreja na sociedade da sua época. Conhece-se também o seu papel na instituição das Conferências da Quaresma nesta catedral de Notre-Dame de Paris, com o objectivo de permitir aos jovens receber um ensinamento religioso renovado, ante as grandes questões que lhes interrogam a fé. Homem de pensamento e de acção, Frederico Ozanam continua a ser para os universitários do nosso tempo, professores e estudantes, um modelo de empenho corajoso capaz de fazer ouvir uma palavra livre e exigente, na busca da verdade e na defesa da dignidade de toda a pessoa humana. Que seja também para eles um apelo à santidade!

A Igreja confirma hoje a escolha de vida cristã feita por Ozanam, assim como o caminho que assumiu. Ela diz-lhe: Frederico, o teu caminho foi deveras a via da santidade. Passaram mais de cem anos, e eis o momento oportuno para redescobrir este caminho. É preciso que todos estes jovens, mais ou menos da tua idade, reunidos em tão grande número em Paris, provenientes de todos os Países da Europa e do mundo, reconheçam que esta estrada é também deles. É preciso que compreendam que, se quiserem ser cristãos autênticos, devem empreender este mesmo caminho. Oxalá abram melhor os olhos da própria alma às necessidades tão numerosas dos homens de hoje. Compreendam estas necessidades como desafios. Cristo chama-os, cada um pelo seu nome, a fim de que cada um possa dizer: eis o meu caminho! Nas opções que fizerem, a tua santidade, Frederico, será confirmada de modo particular. E grande será a tua alegria. Tu, que já vês com os teus olhos Aquele que é o amor, sê também um guia em todos os caminhos que estes jovens vão escolher, seguindo hoje o teu exemplo!

(Papa João Paulo II, Homilia de Beatificação de Frederico Ozanam, 22 de Agosto de 1997)

Paulo VI (1897-1978)

Paulo VI foi eleito Papa em 21 de Junho de 1963, para suceder a João XXIII. No dia 27 anuncia a reabertura do Concílio para 29 de Novembro seguinte, encerrando-o a 8 de Dezembro de 1965. Entretanto iniciou as viagens do papa fora do Vaticano: à Terra Santa, à Sede das Nações Unidas, União Indiana, a Fátima... Faleceu no dia 6 de Agosto de 1968, festa da Transfiguração do Senhor. Dele escreveu Jean Guitton, no livro “Diálogos com Paulo VI”: “Enquanto João XXIII anulava os obstáculos ultrapassando-os, ele prefere incarnar-se no elemento refractário: vai direito ao difícil. Conservou dos seus longos estudos a ideia de que o homem é um ser que procura a fim de melhor conhecer, que é atormentado por não saber. O mistério não é nunca plenamente possuído, mas adivinhado, agarrado através das sombras: este claro-escuro convida a uma procura que não finda. De modo que, com Paulo VI, o Concílio assumiu um sentido bastante novo, tendo-se tornado um instrumento e a imagem da consciência religiosa em acção, que procura o que já encontrou a fim de melhor o descobrir, para lhe dar um revestimento mais preciso, mais adequado às necessidades da nossa época. Para “se pôr em dia”, segundo a expressão de João XXIII, a Igreja de Paulo VI torna a entrar em si mesma e aprofunda-se”.

«Creio que de todos os deveres de um Papa, o mais invejável é o da paternidade. Em tempos, acontecia-me acompanhar Pio XII nas grandes cerimónias. Ele mergulhava na multidão como na piscina de Betsaida. Comprimiam-no, rasgavam-no, e ele ficava radiante de alegria. Recobrava força. Mas ser testemunha de uma paternidade e ser-se pai, são coisas muito diferentes. A paternidade é um sentimento que invade o coração e o espírito, que nos acompanha em cada hora do dia; que não pode diminuir, mas que se acrescenta porque o número dos filhos aumenta; que toma amplitude; que não se delega; que é tão forte e tão ténue como a vida, a qual não cessa senão

no último instante. Se não é habitual que um papa se retire antes do fim, é porque não se trata somente de uma função, mas de uma paternidade. E não se pode deixar de ser pai. A paternidade é um sentimento universal que se estende a todos os homens. Sinto-a derramar-se de mim por círculos concêntricos e muito para além das fronteiras visíveis da Igreja. Sinto-me pai da família humana inteira».

(Jean Guilton, Diálogos com Paulo VI, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 36)

«É preciso estar no lugar de um papa para compreender como esta pequena frase amas-me mais? é (como a palavra de que fala a Epístola aos Hebreus) uma faca que penetra até à articulação dos ossos, aos nervos, à medula; como esta pequena palavra MAIS se torna ao mesmo tempo causa de reconforto e causa de tormento: sabe-se lá alguma vez se se ama MAIS? É dura esta exigência de amar MAIS, estar marcado na fronte, na espádua, com este cunho de um amor que não deve ter limite, que é inquietado por esta incerteza de amar MAIS. O que reconforta neste tormento é poder amar universalmente. E entendo por universalmente não apenas lançar um olhar de amor a todos, mas também a todas as condições, a todos os estados da vida humana; repetir que ninguém é estranho, ninguém está excluído, ninguém sequer afastado, longínquo. Cada ser amado está presente. E o coração de um papa, dilatado por este dever tão doce, tem talvez de dizer a cada um que virtualmente ama, que o ama mais.»

(Jean Guilton, Diálogos com Paulo VI, p. 212)

Martin Luther King (1929-1968)

Natural de Atlanta (Geórgia), nos Estados Unidos, em 1955 doutorou-se em Filosofia pela Universidade de Boston. Foi pastor baptista em Montgomery (Alabama). Apologista da não-violência para resolver os conflitos raciais, mas amante da justiça, organizou campanhas e marchas no Sul do seu país contra a opressão e segregação dos americanos negros por parte da comunidade branca. Negou-se a pregar a resignação dos seus irmãos de cor, mas também recusou sempre a violência para atingir os seus objectivos. Mas o amor aos inimigos, que ele pregava aos negros, já significava para os seus adversários brancos uma derrota moral. Em 1936, durante uma série de manifestações pacíficas em Birmingham (Alabama), a polícia acometeu contra eles com cães, mangueiras e matracas. Martin foi encarcerado com mais três mil. Outras vezes, a sua casa foi incendiada, recebeu ameaças de morte, sofreu assaltos de reaccionários brancos. Em 1964 foi-lhe atribuído o Prémio Nobel da Paz. Finalmente, a 4 de Abril de 1968, quando se encontrava em Memphis (Tennessee) para organizar uma série de protestos, foi assassinado na varanda do hotel. Tinha 39 anos. Em 1983 o senado americano declarava o dia da sua morte como a 10ª festa nacional dos Estados Unidos.

«Permitam-me agora dizer que, se quisermos ter paz na Terra e boa vontade para com os homens, devemos afirmar, de modo pacífico, a condição sagrada de todas as vidas humanas.

Todo o homem é alguém, porque é um filho de Deus. Por isso, quando dizemos “não matarás”, queremos dizer que a vida humana é demasiado sagrada para ser perdida nos campos de batalha deste mundo. O homem é mais do que um diminuto capricho dos electrões ou um pouco de fumaça de um incêndio sem fim. O homem é uma criatura de Deus, feita à Sua semelhança e deve, por conseguinte, ser respeitado como tal. Enquanto os homens não perceberem isso, enquanto as nações não compreenderem isto, teremos guerras. Um dia, alguém nos deverá lembrar que, embora possa haver diferenças políticas e ideológicas, os norte-vietnamitas são nossos irmãos, os chineses são nossos irmãos – e um dia todos nós teremos de nos sentar juntos à mesa da fraternidade. Mas em Cristo não há nem judeus nem pagãos. Em Cristo não há nem homens nem mulheres. Em Cristo não há nem comunistas nem capitalistas. Em Cristo, não há escravos nem

livres. Somos todos um em Jesus Cristo. E, quando acreditarmos realmente no carácter sagrado da personalidade humana, não exploraremos os outros, não espezinharemos os outros com os pés ferrados da opressão, não mataremos ninguém.»

(Martin Luther King Jr., O grito da consciência, Rio de Janeiro, Ed. Expressão e Cultura, 1968, p. 113-115)

«Temos de poder dizer aos nossos mais fanáticos opositores: “Igualaremos a vossa capacidade de infligir sofrimento com a nossa capacidade de suportá-lo. Enfrentaremos a vossa força física com a nossa força moral. Fazei o que quiserdes, e continuaremos a amar-vos. Não podemos, em boa consciência, obedecer às vossas leis injustas e acatar o vosso injusto sistema, porque a não-cooperação com o mal é tanto uma obrigação moral quanto a cooperação com o bem; mas jogai-nos numa prisão, que nós ainda vos amaremos. Bombardeai as nossas casas, ameaçai os nossos filhos e, embora seja difícil, nós ainda vos amaremos. Mandai os vossos embuçados criminosos buscar-nos à meia-noite, arrastar-nos para uma estrada deserta e espancar-nos até deixar-nos semi-mortos, e ainda assim vos amaremos. Espalhai os vossos agentes de propaganda por todo o país, a fim de fazer parecer que não estamos culturalmente preparados para a integração, e ainda vos amaremos. Mas ficai certos de que a nossa capacidade de sofrer triunfará e um dia conquistaremos a nossa liberdade. Não só conquistaremos a liberdade para nós, mas apelaremos de tal maneira ao vosso coração e à vossa consciência, que também vos conquistaremos e a nossa vitória será dupla».

(Martin Luther King Jr., O grito da consciência, p. 117-118)

«Eu tenho o sonho de que um dia, os homens se ergam e percebam que são feitos para viver uns com os outros, como irmãos. Esta manhã, ainda tenho o sonho de que, um dia, todos os negros deste país, todas as pessoas de cor do mundo, serão julgados com base no seu carácter, e não na cor da sua pele, e de que todos os homens respeitarão a dignidade e o valor da personalidade humana. Ainda sonho, hoje, que um dia as indústrias paradas de Appalachia serão revitalizadas, e os estômagos do Mississippi serão cheios, e a fraternidade será mais do que algumas palavras no fim de uma oração, e sim o primeiro assunto em todas as agendas legislativas. Ainda sonho, hoje, que um dia a justiça jorrará como a água e o direito será como um rio caudaloso. Ainda sonho, hoje, que, em todos os nossos estados e assembleias, serão eleitos homens que praticarão a justiça e possuirão piedade e serão humildes ante o seu Deus. Ainda sonho, hoje, que um dia a guerra chegará ao fim, que os homens transformarão as espadas em arados e as lanças em machados, e as nações não mais de levantarão contra outras nações, nem se estudará mais a arte da guerra. Ainda sonho, hoje, que um dia o cordeiro e o leão ficarão lado a lado e todos os homens poderão sentar-se sob a sua vinha e sob a sua figueira, e ninguém sentirá medo. Ainda sonho, hoje que um dia todos os vales serão exalçados e todas as montanhas e colinas serão aplainadas, e a glória do Senhor será revelada e toda a mortal humanidade a verá, seremos capazes de derrotar o desespero e levar uma luz nova às câmaras escuras do pessimismo. Com essa fé, apressaremos a chegada do dia em que haverá paz na Terra e boa vontade para com todos os homens. Será um dia de glória. As estrelas da manhã cantarão em coro e os filhos de Deus gritarão de alegria».

(Martin Luther King Jr., O grito da consciência, p. 121-122)

Aristides Sousa Mendes (1885-1954)

Em Julho de 1885, na povoação de Cabanas de Viriato (Mangualde) nascem César e Aristides, dois gémeos de temperamentos aparentemente opostos. Aristides era tão expansivo e extravagante quanto o seu irmão discreto e cumpridor. Educado na fé cristã, esta fé não era para ele letra morta, hábito social que fica bem nas boas famílias. Suspeita-se nele um entusiasta dos novos tempos, um amante do belo e dos prazeres mas, para além de tudo isso, a consciência da sua humanidade

e da dos outros encarnara profundamente o seu ser. Aventureiro, seguiu a carreira diplomática, pontuada pelas constantes viagens e pelo nascimento de muitos filhos, até ir parar a Bordéus, num tempo em que a barbárie organizada lançara já a sua sombra sobre a Europa e o mundo, enquanto Salazar jogava habilmente com a sua neutralidade. Com efeito, em Maio de 1940 a França é invadida pelas tropas nazis. Ao Sudoeste do país acorrem multidões de refugiados. A salvação seria atravessar a fronteira com Espanha. Mas isso só é possível com visto para Portugal, dado o clima político vivido em Espanha nessa época. Aristides de Sousa Mendes, contrariando ordens de Salazar, passa milhares de vistos, salvando outros tantos seres humanos de uma morte certa, sobretudo judeus e opositores ao nazismo. O mesmo fez em Bayonne e Hendaya. Quando as autoridades fronteiriças espanholas deixaram de aceitar os vistos passados por ele, Sousa Mendes acompanhou pessoalmente um grande número de refugiados através da fronteira para lhes assegurar a passagem. É impossível estabelecer os números exactos, mas é quase certo que mais de 10 000 refugiados conseguiram fugir de França e entrar primeiro em Espanha e depois em Portugal graças aos vistos de Sousa Mendes. Contudo, estas iniciativas do cônsul valeram-lhe a oposição de Salazar e das autoridades portuguesas da época. Deste modo, Sousa Mendes foi chamado a Portugal em 1940 e, no mesmo ano, foi-lhe instaurado um processo disciplinar, sendo acusado de «concessão abusiva de vistos em passaportes de estrangeiros». Punha-se assim um fim a uma carreira diplomática de 30 anos, sendo Sousa Mendes impedido de voltar a exercer qualquer cargo diplomático e condenado a uma situação de completa indefinição quanto ao seu futuro, a qual se manteve até à sua morte, ocorrida a 3 de Abril de 1954 na completa miséria. Desde então, foi homenageado por Israel, pelos Estados Unidos e, finalmente, por Portugal. A 13 de Março de 1988, um projecto apresentado na Assembleia da República por Jaime Gama e aprovado por unanimidade por todos os partidos políticos com assento parlamentar reabilitou Sousa Mendes, considerando-o um «homem de bem» que sacrificou tudo aquilo que amava e prezava - a sua família, a sua carreira - por estranhos de quem se compadeceu e reabilitando-o e reintegrando-o no serviço diplomático.

[Defesa de Sousa Mendes face à acusação, movida no âmbito do processo contra ele iniciado em 1940, de que não era, ao contrário do que dizia o ex-cônsul, «necessário salvar toda essa gente»] «Era realmente meu objectivo «salvar toda aquela gente», cuja aflicção era indescritível: uns tinham perdido os seus cônjuges, outros não tinham notícias dos filhos extraviados, alguns haviam visto sucumbir pessoas queridas sob os bombardeamentos alemães que todos os dias se renovavam e não poupavam os fugitivos apavorados. Quantos tiveram que inumá-los, antes de prosseguirem na louca correria da fuga!

Mas, além deste aspecto emocionante ao máximo, que me enchia de comiseração por tanto infortúnio, outro havia para mim que não era de desprezar, o da sorte que estava reservada a tanta gente se caíssem nas mãos do inimigo. Com efeito, eram numerosos entre os fugitivos os oficiais dos exércitos dos países ocupados anteriormente, austríacos, checos e polacos, os quais seriam fuzilados como rebeldes; eram igualmente numerosos os belgas, holandeses, franceses, luxemburgueses e até ingleses, que seriam submetidos ao duro regime dos campos de concentração alemães; havia intelectuais eminentes, artistas de renome, homens de Estado, diplomatas da mais alta categoria, grandes industriais de renome, etc., que teriam a mesma sorte.

Muitos deles eram judeus, que, já perseguidos antes, procuravam angustiosamente escapar aos horrores de novas perseguições, por fim um sem número de mulheres de todos os países invadidos que procuravam evitar ficar à mercê da brutal sensualidade teutónica.

Junte-se a este espectáculo o de centenas de crianças que, acompanhando os pais, participavam dos seus sofrimentos e angústias, demandando cuidados que eles, naquela situação, lhes não podiam prestar. Pensemos ainda que toda esta multidão, por falta de alojamento, dormia nas ruas

e praças públicas sujeita à imundície.

Quantos suicídios e outros actos de desespero se produziram, quantos actos de loucura de que eu próprio fui testemunha!

Tudo isto não podia deixar de me impressionar vivamente, a mim que sou chefe de numerosa família e compreendo melhor do que ninguém o que significa a falta de protecção à família. Daí a minha atitude, inspirada única e exclusivamente nos sentimentos de altruísmo e de generosidade de que os portugueses, através dos seus oito séculos de história, souberam tantas vezes dar provas eloquentes e que tanto ilustraram os nossos feitos heróicos.»

(Rui Afonso, Injustiça. O Caso Sousa Mendes, Lisboa, Caminho, 1990, p. 107-108)

[Conclusão da defesa de Sousa Mendes no processo acima referido]

«Procurei honrar a missão que me estava confiada e defender o nosso bom nome e prestígio. Recorreram a mim, como representante de Portugal, pessoas das mais eminentes de muitos países com os quais mantivemos sempre as melhores relações: homens de Estado, Embaixadores e Ministros, generais e outros oficiais superiores, professores, homens de letras, académicos, artistas de renome, jornalistas, alguns deles com serviços a Portugal, estudantes universitários, pessoal de várias organizações da Cruz Vermelha, membros de casas reinantes, príncipes de sangue, combatentes de todas as patentes e postos, industriais e comerciantes, religiosos de ambos os sexos, mulheres e crianças carecendo de protecção. Deles recebi, em geral, palavras de apreço e consideração por Portugal, país hospitaleiro e acolhedor, único na Europa onde poderiam encontrar sossego e descanso para tantos sofrimentos e fadigas. Para a minha consciência, representam as suas palavras a mais preciosa recompensa pelo que por eles fiz. [...] Posso ter errado, mas, se errei não o fiz com intenção, tendo procedido sempre segundo os ditames da minha consciência que, apesar do esgotamento nervoso que sofri e sofro ainda pelo excesso de trabalho suportado, passando semanas quase sem dormir, nunca deixou de me guiar no cumprimento dos meus deveres, com pleno conhecimento das minhas responsabilidades.»

(Rui Afonso, Injustiça..., p. 111-112)

Outra bibliografia:

* José-Alain Fralon, Aristides de Sousa Mendes, Um Herói Português, Lisboa, Presença, 1999.

Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein)

(1891-1942)

A vida de Edith Stein é uma contínua procura da verdade. Nasceu na Silvais em 1891, filha de pais judeus ortodoxos de Breslan. Essa procura da verdade condu-la não só aos estudos filosóficos tornando-se assistente e discípula de Husserl, mas também ao empenho social. Há um período na sua vida em que se declara atea, mas não deixa de procurar, o que a aproxima do catolicismo, e que a leva a receber o Baptismo em 1921, com 30 anos. Alimentou-se do catecismo, do missal e dos escritos de St^a. Teresa de Ávila. Participou quotidianamente na Eucaristia. Desejosa de uma vida mais contemplativa, torna-se carmelita em 1923, consagrando a sua vida à contemplação da Cruz.

Os dons da sua brilhante inteligência, os trabalhos que a tornaram famosa nos meios filosóficos e depois no movimento da renovação católica alemã, nada mais lhe despertaram que o desejo de se oferecer em holocausto para a salvação do povo de Israel. A 2 de Agosto de 1942, como represália contra as corajosas declarações públicas do episcopado holandês a favor dos Israelitas, a polícia alemã prendia e deportava todos os padres, religiosos e religiosas de origem judia que residissem nos Países Baixos. A irmã Bénédicte de la Croix (nome de religião de Edith Stein), retida no Carmelo d'Echat, foi enviada para Auschwitz onde desapareceu a 9 de Agosto, tal como

centenas de milhões de judeus enviados para as câmaras de gás e para os crematórios. Foi canonizada pelo Papa João Paulo II a 11 de Outubro de 1998 na Praça de São Pedro. Foi proclamada pelo mesmo papa co-padroeira da Europa, conjuntamente com Santa Brígida da Suécia, Santa Catarina de Sena a 1 de Outubro de 1999.

“O nosso amor pelo próximo é a medida do nosso amor a Deus.”

(Sta. Teresa Benedita da Cruz)

“Deus é a verdade. Quem busca a verdade busca a Deus, quer esteja ou não consciente disso.”

(Sta. Teresa Benedita da Cruz)

“Deus dirige cada um de nós nos seus próprios caminhos: um chega mais fácil e mais rápido à meta do que outro. Na realidade é pouco o que podemos fazer em relação àquilo que opera em nós. Mas esse pouco, devemos fazê-lo. Isto é, antes de tudo: perseverar na oração pelo caminho recto sob o impulso da graça quando a sentimos, e segui-la sem resistência.

Quem age assim, perseverando pacientemente, não poderá dizer que os seus esforços são em vão. Apenas não deve dar um prazo ao Senhor.”

(Sta. Teresa Benedita da Cruz)

“Aqui uma vida humana é modelada pelo amor de Deus até nos mais mínimos pormenores. Não conheço coisa mais grandiosa e bem gostaria de poder levar isto à minha vida e à de todos os que me rodeiam. O que mais me encanta é que o espírito do Carmelo seja o amor e que este espírito esteja perfeitamente vivo nesta casa.” (Após a entrada para o Carmelo)

(Sta. Teresa Benedita da Cruz, Uma síntese dramática do séc. XX, p.102-103)

“Eu estava quase aliviada de me tornar parte comum do lote de judeus alemães. Mas precisava, no entanto, decidir o futuro. Pedi conselho ao Sindicato de Professores Católicos, os quais me tinham pedido para vir para Munster. A Presidente propôs-me de ficar em Munster até ao Verão para que pudesse prosseguir as minhas investigações. Se a retomada do meu curso no Outono se tornasse impossível, consideraria sem dúvida alguma, a hipótese de ir para o estrangeiro. Efectivamente, recebi logo de seguida uma proposta para a América Latina, mas a essa altura já eu tinha tomado um outro caminho.

Doze dias após o meu regresso de Beuron, a seguinte ideia invadia o meu espírito: Não será este o momento de entrar finalmente para o Carmelo?

Havia 12 anos que eu pensava nesta opção. Depois dessa famosa viagem de Verão em 1921, onde a vida de St^a. Teresa caiu nas minhas mãos, pus um termo nas minhas peregrinações a caminho da verdade. A 1 de Janeiro de 1922, aquando do meu baptismo, senti que se tratava apenas de uma etapa, uma preparação, para a minha entrada na Ordem do Carmelo...

Depois, alguns meses mais tarde, estava eu ao pé da minha velha mãe, apercebi-me de que ela não era capaz de aceitar o meu segundo passo. Sem dúvida, ela não morreria, mas conheceria uma amargura pela qual eu não poderia assumir a responsabilidade. Deveria, portanto, esperar pacientemente. Este meu pensamento íntimo foi confirmado pelos meus directores de consciência. Entretanto, a espera havia-me tornado particularmente insuportável nos últimos tempos. Sentia-me uma estrangeira no mundo...

Igualmente, após ocupar o meu cargo como professora em Munster e uma vez leccionado o primeiro semestre, fiz o pedido para entrar para o Carmelo. O meu director recusou sempre o meu pedido, em atenção aos sentimentos da minha mãe e em consideração à influência que eu exercia, depois de alguns anos, nos intelectuais católicos.

Fui obediente à decisão.

Mas eis que todos os obstáculos pareciam ceder. As minhas possibilidades de agir chegavam ao fim. Quanto à minha mãe, não preferiria ela ter-me num convento na Alemanha, em vez de um colégio da América Latina?

No Domingo do Bom Pastor, a 30 de Abril de 1933, fui à Igreja, depois do meio-dia, dizendo a mim mesma: não sairei daqui antes de saber se o momento chegou, sim ou não, para entrar para o Carmelo. E assim que o padre deu a bênção do Santo Sacramento, recebi, interiormente, o sim do Bom Pastor.” (Descrição da sua vocação)

(Elisabeth Miribel, Edith Stein, Paris, Ed. du Seuil, 1954, p.127-129)

“Estimados Irmãos e Irmãs! O amor de Cristo foi o fogo que ardeu a vida de Teresa Benedita da Cruz. Antes ainda de se dar conta, ela foi completamente arrebatada por ele. No início, o seu ideal foi a liberdade. Durante muito tempo, Edith Stein viveu a experiência da busca. A sua mente não se cansou de investigar e o seu coração de esperar. Percorreu o árduo caminho da filosofia com ardor apaixonado e no fim foi premiada: conquistou a verdade; antes, foi por ela conquistada. De facto, descobriu que a verdade tinha um nome: Jesus Cristo, e a partir daquele momento o Verbo encarnado foi tudo para ela. Olhando como Carmelita para este período da sua vida, escreveu a uma Beneditina: «Quem procura a verdade, consciente ou inconscientemente, procura a Deus». Embora sua mãe a tenha educado na religião hebraica, aos 14 anos de idade Edith Stein, «consciente e propositadamente desacostumou-se da oração». Só queria contar consigo mesma, preocupada em afirmar a própria liberdade nas opções de vida. No fim do longo caminho, foi-lhe dado chegar a uma surpreendente conclusão: só quem se une ao amor de Cristo se torna verdadeiramente livre.

A experiência desta mulher, que enfrentou os desafios de um século atormentado como o nosso, é para nós exemplar: o mundo moderno ostenta a porta atraente do permissivismo, ignorando a porta estreita do discernimento e da renúncia. Dirijo-me especialmente a vós, jovens cristãos (...): evitai conceber a vossa vida como uma porta aberta a todas as opções! Escutai a voz do vosso coração! Não permaneçais na superfície, mas ide até ao fundo das coisas! E quando chegar o momento, tende a coragem de vos decidirdes! O Senhor espera que coloquais a vossa liberdade nas suas mãos misericordiosas.

Santa Teresa Benedita da Cruz conseguiu compreender que o amor de Cristo e a liberdade do homem se entrecruzam, porque o amor e a verdade têm uma relação intrínseca. A busca da verdade e a sua tradução no amor não lhe pareciam ser contrastantes entre si; pelo contrário, compreendeu que estas se interpelam reciprocamente. No nosso tempo, a verdade é com frequência interpretada como a opinião da maioria. Além disso, é difundida a convicção de que se deve usar a verdade também contra o amor, ou vice-versa. Todavia, a verdade e o amor têm necessidade uma do outro. A Irmã Teresa Benedita é testemunha disto. «Mártir por amor», ela deu a vida pelos seus amigos e no amor não se fez superar por ninguém. Ao mesmo tempo, procurou com todo o seu ser a verdade, da qual escrevia: «Nenhuma obra espiritual vem ao mundo sem grandes sofrimentos. Ela desafia sempre o homem inteiro». A Irmã Teresa Benedita da Cruz diz a todos nós: Não aceiteis como verdade nada que seja isento de amor. E não aceiteis como amor nada que seja isento de verdade!

Enfim, a nova Santa ensina-nos que o amor a Cristo passa através da dor. Quem ama verdadeiramente, não se detém diante da perspectiva do sofrimento: aceita a comunhão na dor com a pessoa amada. Consciente do que comportava a sua origem judaica, Edith Stein pronunciou palavras eloquentes a este respeito: «Debaixo da cruz, compreendi a sorte do povo de Deus... Efectivamente, hoje conheço muito melhor o que significa ser a esposa do Senhor no sinal da Cruz. Mas dado que se trata de um mistério, isto jamais poderá ser compreendido somente com a

razão». Pouco a pouco, o mistério da Cruz impregnou toda a sua vida, até a impelir rumo à oferta suprema. Como esposa na Cruz, a Irmã Teresa Benedita não escreveu apenas páginas profundas sobre a «ciência da cruz», mas percorreu até ao fim o caminho da escola da Cruz. Muitos dos nossos contemporâneos queriam fazer com que a Cruz se calasse. Mas nada é mais eloquente que a Cruz que se quer silenciar! A verdadeira mensagem da dor é uma lição de amor. O amor torna o sofrimento fecundo e este aprofunda aquele. Através da experiência da Cruz, Edith Stein pôde abrir um caminho rumo a um novo encontro com o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. A fé e a cruz revelaram-se-lhe inseparáveis. Amadurecida na escola da Cruz, ela descobriu as raízes às quais estava ligada a árvore da própria vida. Compreendeu que lhe era muito importante «ser filha do povo eleito e pertencer a Cristo não só espiritualmente, mas inclusive mediante um vínculo sanguíneo».”

(Papa João Paulo II, Homilia de canonização de Edith Stein, 11 de Outubro de 1998)

Andrea Riccardi (1950-)

Andrea Riccardi nasceu em Roma, em 1950. Cresceu longe da Igreja, no seio dos debates políticos dos anos 60, que lhe pareciam sempre bastante abstractos. Descobriu a via do concreto através da leitura dos Evangelhos, que o levou, a partir de 1968, com outros estudantes, ao mundo dos pobres da periferia de Roma. Pela mão de Yves Congar e D. Chenu, grandes historiadores e teólogos, precursores e obreiros da renovação do Vaticano II, a par do encontro com a teologia oriental e protestante, foram descobrindo o sentido da Igreja Católica. A. Riccardi, sendo também um homem de acção, é sobretudo um investigador, um académico e um escritor. Ensinou História dos Partidos e Movimentos Políticos na Universidade de Bari. Actualmente, é titular da cadeira de História do Cristianismo na Universidade de Roma. Um cristianismo em confronto e diálogo com as sociedades laicas e com as outras Igrejas cristãs (ecumenismo) e com todas as grandes religiões. A nível internacional, A. Riccardi tornou-se uma referência por ter fundado, em 1968, a famosa Comunidade de Santo Egídio, reconhecida pela Santa Sé. O nome Santo Egídio vem do primeiro local da Comunidade, o bairro romano de Trastevere. Esta comunidade reúne 15 000 membros e está difundida principalmente em Itália, mas também noutros países, incluindo Portugal. A par de uma intensa actividade de formação para a solidariedade, a Comunidade de Santo Egídio promove iniciativas locais de ajuda aos pobres e excluídos, gere cantinas populares, trabalha com emigrantes, orienta projectos de cooperação para o desenvolvimento nos países do Sul e lança escolas da paz para as crianças. A sua grande causa, nos últimos dezoito anos, tem sido precisamente a construção da paz, com intervenções de mediação nos conflitos em Moçambique, Argélia, Guatemala, Sudão, Burundi, ex-Jugoslávia, Kosovo. O método da Comunidade de Santo Egídio, e de A. Riccardi na primeira linha, é como o ovo de Colombo. Sem se ligar a qualquer dos campos, começam por realçar o que une cada uma das partes em litígio, pondo de lado o que as separa. Mas a credibilidade destes homens resulta do facto de não terem qualquer interesse material na mediação da paz. O único objectivo que os move é fazer cessar a violência e os massacres. Outra vertente importante da intervenção de A. Riccardi e da Comunidade de Santo Egídio dos últimos dezasseis anos tem sido a promoção do encontro e diálogo entre as religiões mundiais. Está convencido de que podem fazer muito pela paz ou transformar-se em fontes de hostilidades. Por último, toda esta acção procura o seu alimento espiritual na beleza e na verdade da celebração da Liturgia. Ela guarda os membros da Comunidade da ideologia e da «cultura dos projectos». É a janela aberta para a gratuidade do Espírito Santo. *[in A. Riccardi, Santo Egídio, Roma e o Mundo, introdução de Fr. Bento Domingues, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, pp. I-IV (adaptado)]*

“Cristo mandou os seus discípulos anunciar o Evangelho e curar as doenças; mas a mais grave doença do mundo não é a guerra? E a melhor cura que os discípulos de Jesus podem trazer não

é a paz? O milagre da paz. É por isso que eu penso que, neste ponto, a Igreja não pode apegar-se apenas ao papa. Ele fala de paz, mas não são nítidas quais as ocasiões que os cristãos podem aproveitar para, por si próprios, dela se ocuparem. [...]

A relação entre paz e pobreza é fundamental. Enquanto esta não for resolvida, a paz não estará garantida. É o que se afirma no binómio inseparável, solene, «justiça e paz». Creio que neste nosso mundo que está a aceitar como natural a presença de extensas áreas de pobreza, se acumulem situações de tensão e de guerras possíveis. Mas a violência e a guerra não nascem só da pobreza. A riqueza também as produz. Descobrimos também que o compromisso com a paz está ligado à oração. A paz constitui um dos aspectos principais da oração da nossa comunidade[...].”

(Andrea Riccardi, Santo Egídio..., p. 74)

“A parábola do Bom Samaritano ensina-nos que o pobre já não é o homem que encontrei há trinta anos, é preciso ser sempre samaritano porque os pobres mudam. Hoje a pobreza são os velhos, os vagabundos, os doentes de Sida, os estrangeiros e os refugiados. De início, para Santo Egídio eram as crianças sem acesso à educação, ou os idosos, as pessoas que viviam nos bairros de lata. Os pobres de hoje não apagam os pobres de ontem. Actualmente existe uma grande pobreza urbana, representada pelos estrangeiros, aqueles que são designados por esse termo horrível de extracomunitários.”

(Andrea Riccardi, Santo Egídio..., p. 141)

“Pode dizer-se «um cristão na política», como «um cristão que é professor». [...] Quais os domínios em que temos algo a dizer? São numerosos. Como cristãos, temos exigências a exprimir em política estrangeira: por exemplo, sobre a cooperação internacional das relações Norte-Sul, ou da paz. Temos valores cristãos a propor em matéria de educação. Há o discurso sobre a vida, o respeito pela vida, desde a concepção até à derradeira hora: a questão do aborto toca-nos muito, tal como o respeito devido à vida do idoso e o apoio aos aflitos. [...] Há, porém, que estar atentos. O cristianismo não deve ter medo de se confrontar com problemas concretos, mas eu temo um cristianismo que se imiscua em tudo. Penso às vezes que o grande problema do cristianismo é falar ao coração do homem. “Tudo vos pertence, mas vós pertenceis a Cristo”.”

(Andrea Riccardi, Santo Egídio..., p. 165-166)

“O que aprendeu com os pobres, em que o modificaram?”

Penso, em primeiro lugar, que impediram, talvez sem que eu me desse conta, que se insinue em mim uma barbárie silenciosa, a barbárie de uma vida incapaz de pietas, de paixão por todos aqueles que são diferentes de mim. Os pobres alargaram o meu horizonte e o meu mundo pessoal, que não acabou e não acaba onde, por razões sociais, culturais, teria acabado. É uma dilatação psíquica, afectiva e, num certo sentido, um olho suplementar.

Os pobres ensinaram-me ainda que a pobreza não é quase nunca uma escolha, e que não é quase nunca inelutável. Os vagabundos que optaram por viver na rua são uma minoria. Mas ao mesmo tempo os vagabundos, como muitas pessoas com problemas mentais, são como que um protesto contra a forma como construímos a nossa vida quotidiana e contra a forma como são invertidos os valores importantes e os menos importantes.

Os pobres ensinaram-me a não acreditar num mundo fingido, sem pobres, e a não procurar erguer muros artificiais entre mim e o sofrimento. O sofrimento e a fraqueza fazem parte da vida. Sofrimento e fraqueza foram amados e combatidos por Jesus. É irreal tentar construir ilhas às quais a pobreza não teria acesso, esperando desse modo manter longe de nós o sofrimento. Os pobres ensinaram-me a não ter medo dos pobres e a não ter medo de viver. Muitos idosos, hoje, não diferem grandemente dos leprosos de que nos fala o Evangelho. O mesmo destino, à margem,

o mesmo cansaço, o medo daquilo que eles são e daquilo que eles representam. Os pobres são o espelho da nossa fragilidade mesmo se, em geral, somos extremamente privilegiados em relação a eles. A companhia dos pobres é um grande remédio para a aprendizagem da partilha. Os pobres ensinaram-me que não existem na qualidade de «pobres», como uma categoria homogênea, determinada pela necessidade. Os pobres são pessoas, que têm por vezes, de uma maneira dramática, os mesmos problemas que nós, mais acentuados, gritantes. Sendo pessoas não têm apenas as necessidades mais evidentes: comer, dormir aquecidos, ser cuidados. Os pobres são pessoas que me lembram que cada um deles precisa de ser tratado como um amigo, como uma amiga. Os idosos, os doentes em fase terminal, os doentes de Sida, ensinam-me quanta vida há quando já pouca resta e como vale a pena vivê-la. Ensinam-me o valor da vida quando as forças se acabaram, quando se está feio, desfigurado pelo mal. As grandes capacidades afectivas de muitos doentes mentais põem em causa uma grande parte da arrogância intelectual e uma grande parte da nossa própria crença cartesiana ou que, de qualquer forma, tem a impressão de dominar a complexidade do real com a razão. O handicap físico é uma enorme escola contra uma sociedade de puros, são e belos, demasiado estreita para uma maioria de nós, é um considerável antídoto à definição de normas difíceis de atingir para uma grande parte da humanidade.”

(Andrea Riccardi, Santo Egídio..., p. 175-176)

Jean Vanier (1928-)

Nasceu em 1928. Deixou a marinha canadiana para estudar Filosofia e viver numa comunidade cristã perto de Paris. Depois de se ter doutorado, ensinou na Universidade de Toronto. Em 1964 deu início à comunidade da «Arche», acolhendo dois adultos deficientes mentais, numa pequena casa em Trosly-Breuil (França). Esta comunidade cresceu e hoje existem mais de cem casas com oficinas, em trinta países, nas quais se partilha a vida e o trabalho. Em 1971, em conjunto com Marie Hélène Mathieu, fundou «Fé e Luz», um movimento que acolhe as pessoas com deficiência, seus familiares e seus amigos para partilhar momentos de celebração e oração. Actualmente há mais de mil comunidades no mundo, inclusive em Portugal.

«O ciúme é um dos flagelos que destroem a comunidade. É consequência de ignorarmos os nossos dons ou de não acreditarmos suficientemente neles. Se estivéssemos realmente convencidos dos nossos dons, não teríamos ciúmes dos dons dos outros, que sempre nos parecem melhores».

(Jean Vanier, A comunidade, lugar do perdão e da festa, 2ª ed., Lisboa, Paulistas, 1986, p. 32-33)

«O dom não está necessariamente ligado a uma função. Poder ser a qualidade de amor que anima uma função, como pode ser uma qualidade de amor manifestada na comunidade fora de toda a função. Há aqueles que têm o dom de sentir imediatamente e de viver o sofrimento dos outros: é o dom da compaixão; outros têm o dom de sentir quando há alguma coisa que vai mal e são capazes de logo apontar o dedo: têm o dom do discernimento; outros têm o dom da luz, vêem claro no que diz respeito às opções fundamentais da comunidade; outros têm o dom de animar e criar um clima propício à alegria, ao discernimento e ao crescimento profundo dos outros; outros têm o dom de discernir o bem das pessoas e de as ajudar; outros têm o dom dos primeiros contactos, do acolhimento dos novos. Cada um tem um dom e deve poder exercê-lo para o bem e o crescimento de todos.

Mas existe também, no mais íntimo do coração das pessoas, a sua união profunda e secreta com Deus, seu Esposo, que corresponde ao seu nome secreto e eterno. É verdade que somos feitos para sermos alimento de outros tal como os outros serão nosso alimento (e cada um é um tipo diferente de alimento), mas somos sobretudo feitos para viver esta relação única com o nosso

Pai, em Seu filho Jesus. O dom é como a irradiação desta união secreta; provém dela e ao mesmo tempo prolonga-a».

(Jean Vanier, A comunidade, lugar do perdão e da festa, p. 34-35)

«Nas comunidades cristãs, Deus parece chamar, para a mesma comunidade, pessoas humanas muito diferentes, vindas de culturas, de classes e de países diferentes. As comunidades mais belas são, justamente, o resultado desta grande diversidade de pessoas e de temperamentos, o que obriga cada uma a ultrapassar as suas simpatias e antipatias para amar o outro, com as suas diferenças. Essas pessoas nunca teriam escolhido viver juntas. Humanamente isso parece um desafio impossível de vencer, mas é porque é impossível que elas têm a certeza de que foi Deus quem as escolheu para viverem nessa comunidade. E então o impossível torna-se possível. Elas não se apoiam mais sobre as suas capacidades humanas, ou sobre as suas simpatias, mas sobre o Pai que as chamou para que vivessem juntas. Ele lhes dará, pouco a pouco, esse coração novo e esse espírito novo para que se tornem testemunhas do amor. Quanto mais impossível é humanamente, tanto maior é o sinal de que esse amor vem de Deus, e que Jesus está vivo: «Todos reconhecerão que sois meus discípulos pelo amor que tiverdes pelos outros» (Jo 13, 35).

Jesus escolheu para viverem com Ele, na primeira comunidade dos apóstolos, homens profundamente diferentes: Pedro, Mateus (o publicano), Simão (o zelote), Judas... Nunca teriam andado juntos se o Mestre não os tivesse chamado».

(Jean Vanier, A comunidade, lugar do perdão e da festa, p. 26-27)

IV - Celebração “ A vida manifestou-se”

Nota: Todo o esquema da celebração e os textos escolhidos apontam para que a celebração se realize ao entardecer, num ambiente confortável, com pouca luz mas a suficiente para se conseguir ler.



- Um presépio previamente preparado pelo animador ou pelo grupo (mas sem a imagem do Menino)
- Folhas com as leituras e os cânticos
- Velas para todos os participantes
- Círio grande ou outro suporte com luz
- Recipiente para queimar papéis
- Papel e canetas.

Esquema da celebração:

Cântico inicial (de Advento)

Introdução e momento penitencial

Após saudar os jovens, quem preside – o animador ou um sacerdote, se puder estar com o grupo na celebração – convida os presentes a viver este momento num ambiente de tranquilidade e de alegria. Nele, o grupo celebra, agora ao ritmo da oração e da festa, o caminho iniciado e o seu compromisso em continuá-lo com generosidade e responsabilidade. Este encontro acontece já muito perto do Natal, em tempo de Advento, lembrando que este Menino que nasce é a luz que ilumina cada homem e cada mulher, e que os convida a descobrir um sentido mais pleno, quer para a sua vida, quer para a história do mundo. Recordando o percurso já feito, onde cada um procurou conhecer-se e conhecer um pouco melhor os outros, discernindo o que quer da vida e o que a própria vida o desafia a ser, quem preside convidará os jovens a escrever aquilo que, em si e na realidade em que vive, é ainda obstáculo para que esta luz brilhe, o que ainda é escuridão e precisa de ser iluminado.

Esta actividade deve ser pessoal, sem troca de impressões, se possível com música de fundo (mas não música de Natal).

Cântico penitencial (“Perdoa, Senhor, o nosso dia” ou outro)

Liturgia da Palavra

O Presidente pode introduzir a leitura de Isaías:

Desde o início que o homem teve a experiência das suas limitações e dificuldades, se viu confrontado com problemas que nem sempre compreendia ou conseguia resolver. Deus entra também nesta história, provocando-o e abrindo-lhe os horizontes, enchendo-o de esperança e convidando-o a confiar na força do Seu amor. Um amor que foi até ao impensável: Deus faz-se Menino.

1ª Leitura: Is 9, 1-6 («O povo que andava nas trevas viu uma grande luz»).

Quando chegar ao versículo 4 («É que um Menino nos nasceu...»), entra a imagem do Menino com o círio aceso.

Salmo: Hoje nasceu o nosso Salvador, Jesus Cristo Senhor! (Salmo da Missa da Meia Noite), ou outro de Natal.

Evangelho: Jo 1, 1-12 ou Jo 3, 16-21

Cântico (de Natal)

Silêncio

Oração do Lucernário (Tradição Apostólica, séc. III)

O Presidente relembra o tema das leituras: Cristo como luz. Os cristãos, desde os primeiros séculos, começaram a celebrar o Domingo ao cair da tarde de Sábado, com um rito intitulado Lucernário. Com ele, saudava-se a luz que é Cristo e, após o mesmo, acendiam-se todas as candeias. A oração seguinte era lida nesse momento, conforme nos atesta um cristão de Roma, chamado Hipólito, que, no início do séc. III, a conservou numa obra intitulada A Tradição Apostólica (a oração deve ser lida por todo o grupo).

[Todos]

Nós te damos graças, Senhor, por teu Filho Jesus Cristo, Nosso Senhor, por quem nos iluminaste revelando-nos a luz incorruptível. Atravessámos este dia e chegámos à noite que começa. A luz diurna que tu criaste foi para nós alimento de alegria. Agora, por tua graça, não nos falta a luz quando anoitece. Por isso, nós te louvamos e glorificamos por teu Filho Jesus Cristo, Nosso Senhor, por quem te damos glória, poder e honra, com o Espírito Santo, agora e para sempre, pelos séculos dos séculos. *Ámen.*

Distribuição da luz

Após esta oração, cada jovem acende a sua vela no círio. Este será o sinal do compromisso de cada um, aceitando ser e viver sempre na Luz, caminhando com Cristo e com os irmãos, alimentando-se da sua Palavra e da Eucaristia, permanecendo na oração. Durante o acender das velas, pode cantar-se um cântico relativo à luz (Na nossa escuridão, ou outro).

Preces:

(Fonte: Rezar juntos. Orações e Cânticos de Taizé, p. 30-31)

Jesus Cristo, tu vens transfigurar-nos para nos renovares à imagem de Deus: ilumina as nossas trevas.

Jesus Cristo, luz do coração, tu conheces a nossa sede: conduz-nos em direcção à fonte do teu Evangelho.

Jesus Cristo, luz do mundo, tu iluminas cada ser humano: concede-nos discernir a tua presença em cada pessoa.

Jesus Cristo, amigo dos pobres: abre em nós as portas da simplicidade para te acolhermos.

Jesus Cristo, manso e humilde de coração: renova em nós o espírito da infância.

Jesus Cristo, tu que concedes à Igreja a preparação do teu caminho no Mundo: abre a todos as portas do teu Reino.

(outras preces, espontâneas)

Pai-Nosso

Oração

Jesus, nossa alegria, quando compreendemos que tu nos amas, algo nas nossas vidas é apaziguado e mesmo transformado. Nós perguntamos-te: que esperas tu de mim? E, pelo Espírito Santo, tu respondes: que nada te perturbe, eu rezo em ti, ousa o dom da vida.

Queima dos papéis

Os jovens são convidados a queimar os papéis em que escreveram aquilo que neles e na sua vida precisa de ser iluminado ou que é entrave para que a luz de Cristo aí brilhe com maior intensidade. Podem queimá-los no círio ou no suporte existente em que acenderam as velas, como sinal de que é Cristo quem nos purifica e transforma, nos perdoa e liberta. É o seu amor que nos permite retomar sempre o caminho em direcção ao Pai, e é na sua luz que descobrimos como viver a vida de uma maneira mais plena e feliz.

Envio

Leitura de Ef 5, 8-9

Cântico final

2º Bloco - **Descobrir a relação**

INTRODUÇÃO

Ao encetar o segundo bloco somos lançados para um percurso que nos levará à descoberta do universo das relações definidoras da nossa vida. Tentaremos decifrar os níveis de relação que nos constituem pessoalmente e nos definem mais profundamente.

O primeiro desafio do grupo e de cada um dos seus membros será analisar a realidade humana que emerge da vida de todos e constatar a evidência: cada pessoa é um ser de relação que procura render-se à experiência do amor. Ansiamos por amar e ser amados e aí sermos reconhecidos pessoalmente. Nascermos, crescemos e amadurecemos envolvidos por um tecido de relações humanas, que acolhemos como riqueza e surpresa, mas de que somos igualmente responsáveis. Nelas vamos sendo desenhados pessoalmente e nelas emerge um desejo pessoal de acolhimento e entrega, de escuta e oferta, enfim, de amor. Crescer na relação, pela verdade partilhada e pela alegria de reconhecer cada um e ser reconhecido, é o sustento do crescimento na identificação pessoal.

Mas este percurso leva-nos um pouco mais à frente: olhando para Jesus, percebemos que Ele, antes de mais, oferece uma relação amorosa aos que arriscam deter-se diante do seu rosto. O crescimento e a verdade que provêm de Jesus são o resultado da intensidade de uma relação amorosa que Ele oferece, suscitando confiança e disponibilidade. A amizade que Jesus gera em cada pessoa começa n'Ele: é uma surpresa sua, uma iniciativa da sua bondade, uma entrega incondicional da sua palavra, dos seus dons e da sua misericórdia. E com que finalidade? Apenas a de arriscar a comunhão com o homem e inaugurar na vida de cada um o reino de seu Pai.

Será neste contexto que iremos tentar perceber a especificidade e riqueza das relações de namoro e família. Tão próprias e tão ricas, chamam-nos a atenção para um amor que não se dilua em utilitarismo, facilidade ou superficialidade, mas que arrisque a verdade e a confiança, o compromisso e o dom. Em Jesus percebemos que estas não são relações fáceis porque são o resultado da rivalidade no amor mútuo e na entrega de si, e são igualmente o resultado de um risco: o de vislumbrar que vida e que projecto Deus propõe a quem se lança na busca da comunhão.

Terminamos o bloco lançando o olhar sobre as bases da nova relação que Jesus nos oferece com Ele e com os outros. Recebemos um Dom: o nosso baptismo semeou em nós o Espírito de Jesus que, com ele, também a nós nos mete no coração do Pai e nos exige a oferta pessoal aos irmãos. Chamados a ser filhos e irmãos, somos surpreendidos por uma qualidade de relação que só no Espírito e na palavra de Jesus se torna possível porque tem a medida da sua Páscoa, tem a medida dos seus braços que alcançam todos os homens quando alcançam a obediência ao projecto do Pai. Porque o amor exige a intimidade e a intimidade aumenta a verdade e a confiança, esta nova relação alimenta-se na oração e nela se exprime. Rezar corresponde à busca da relação que já não se inventa mas se acolhe de Jesus, porque ela é de Deus e do amor que Ele espelhou e semeou na vida de Jesus.

OBJECTIVOS

- Perceber a pessoa como um ser em relação
- Tomar consciência da importância dos outros na construção da personalidade
- Perceber o crescimento pessoal como um caminho da dependência à autonomia
- Perceber que Deus é relação e como se relaciona
- Descobrir a vida como um projecto com sentido

TEMAS

- I – A Relação: o caminho do Homem
- II – A Relação: o caminho de um projecto de amor
- III – A Relação: o caminho de Deus
- IV - Celebração - “Amou-nos até ao fim”

LEGENDA



Material



Dinâmica



Referências YouCat



Oração



Compromisso



Textos de apoio

2º BLOCO

I – A relação – o caminho do Homem

LINHAS GERAIS

As ciências humanas definem o homem como um ser em relação.

Ao relatar a criação do homem, a Bíblia põe na boca do Criador uma afirmação como esta: «Não é bom que o homem esteja só: dar-lhe-ei uma companheira semelhante a ele» (Gn 2, 18).

A vida humana procede de uma relação e só pode subsistir graças às relações.

Os outros têm um papel importante na construção da personalidade.

Os outros ajudam-nos a ser nós próprios na medida em que nos amam, aceitam-nos tal como somos, interessam-se pelo que somos e pelo que podemos ser, não se assustam com o que vivemos ou lhes revelamos de nós, são verdadeiros, não procuram agradar, dizem o que pensam de nós.

Todo o ser humano tem em si uma aspiração visceral a amar e uma necessidade fundamental de ser amado. O espaço onde pode actualizar essa aspiração e satisfazer essa necessidade são as diferentes relações interpessoais.

O crescimento pessoal desenvolve-se desde a dependência total (bebé/mãe) até à autonomia que é feita de proximidade e liberdade simultâneas.

As atitudes fundamentais que promovem e facilitam uma relação humana construtiva são:

Atitudes pessoais:

- reconhecimento do outro (reconhecer o outro naquilo que ele é, aceitá-lo tal como é sem querer modificá-lo);
- confiança nas possibilidades do outro (acreditar que o outro tem dentro de si um potencial de vida que pode ser desenvolvido);
- interesse desinteressado (manifestar interesse, de modo gratuito, por aquilo que o outro vive);
- respeito pela sua liberdade (respeitar as vivências do outro sem pretender condicioná-lo nas suas tomadas de decisão);
- empatia e afecto profundo (afecto que brota das zonas mais profundas do ser e não de uma mera sensibilidade superficial);

Atitudes interpessoais:

- abertura / acolhimento (abertura ao outro feita de comunicação profunda e transparência e acolhimento daquilo que o outro comunica de si, sem julgamento);
- autenticidade / adaptação (fidelidade a si mesmo sem rigidez e ao mesmo tempo capacidade de adaptação ao outro sem anulação de si mesmo);
- generosidade / gratidão (gratuidade na relação com o outro e ao mesmo tempo o sentido de gratidão para com o outro);
- fidelidade / perdão (fidelidade à relação e ao outro e capacidade de compreender e perdoar ao outro quando ele não for fiel);

Algumas dificuldades na relação interpessoal

Movimentos egocêntricos:

- captação (desejo de captar as atenções do outro sobre si);
- dependência (estar dependente do outro, das suas opiniões, do seu apreço, das suas expectativas, etc.);
- transferência (transferir para o outro sentimentos que se tem em relação a pessoas do passado);
- medos (medo de ser rejeitado, medo de ser invadido, medo de ser ridicularizado, etc.);

Mecanismos de defesa:

- distanciamento (colocar-se à distância para não sofrer com as atitudes ou comportamentos do outro);
- minimização das necessidades (desvalorizar as próprias necessidades ou convencer-se a si próprio de que não tem necessidades);
- contra dependência (comportamento próprio da adolescência psicológica, feito de oposição sistemática ao outro de quem se dependeu antes; é o estar sempre no contra; é um caminho para passar da dependência para o estado adulto);

O QUE SE PRETENDE

- descobrir-se como um ser em relação;
- perceber a influência dos outros na construção da personalidade;
- descobrir as atitudes facilitadoras de uma relação humana positiva, saudável.

Propõem-se dois encontros e, com eles, um percurso que parte da descoberta do dom de si mesmo e do dom manifestado nos outros (1º encontro) para o equacionar das relações que construímos e estabelecemos enquanto caminho de crescimento pessoal (2º encontro).

1º Encontro



Folhas com texto: “As pessoas são dádivas”

Folhas de papel em branco

Folhas com Salmo 8 + oração

Folhas com Salmo 139 (138), embrulhado como um presente



1. Leitura e interiorização do texto “As pessoas são dádivas”.

As pessoas são dádivas

As pessoas são dádivas de Deus para mim.

Já vêm embrulhadas, algumas lindamente e outras de modo menos atraente.

Algumas foram danificadas no correio; outras chegam por “entrega especial”.

Algumas estão desamarradas, outras hermeticamente fechadas.

Mas o invólucro não é a dádiva e essa é uma importante descoberta.

É tão fácil cometer um erro a esse respeito, julgar o conteúdo pela aparência.

Às vezes a dádiva é aberta com facilidade; às vezes é preciso a ajuda de outros.

Talvez porque tenham medo.

Talvez já tenham sido magoados antes e não queiram ser magoados de novo.

Pode ser que agora se sintam mais como “coisas” do que como pessoas “humanas”.

Sou uma pessoa: como todas as outras, também sou uma dádiva.

Deus encheu-me de uma bondade que é só minha.

E contudo, às vezes tenho medo de olhar dentro do meu invólucro.

Talvez eu tenha medo de me desapontar.

Talvez eu não confie em meu próprio conteúdo.

Ou pode ser que eu nunca tenha realmente aceitado a dádiva que eu sou.

Todo o encontro e partilha de pessoas é uma troca de dádivas.

A minha dádiva sou eu; a tua és tu.

Somos dádivas um para o outro.

(Escrito anónimo, citado por John Powell e Loretta Brady, Arrancar Máscaras! Abandonar papéis!, 10ª ed., S. Paulo, Ed. Loyola, 1998, p.28)

2. Estabelecer um diálogo, dois a dois, sobre as questões: que tipo de dádiva sou eu? Como está “embrulhada”?

3. “Cara a cara positivo” – no cimo de um papel cada um escreve o seu nome. O papel vai passando por todos e cada um escreve só uma qualidade sobre o amigo. A dinâmica termina quando cada um receber o seu papel de volta.

4. Partilha: Reconheço-me no que os outros dizem de mim? Valorizo as qualidades que tenho?



56 | 58 | 59 | 64 | 280 | 402



Cântico

Leitura do Salmo 8:

Senhor, nosso Deus,
como é admirável o vosso nome em toda a terra!
A vossa majestade está acima dos céus.

Da boca das crianças e meninos de peito
sai um louvor que confunde os vossos adversários
e reduz ao silêncio os inimigos rebeldes.

Quando contemplo os céus, obra das vossas mãos,
a lua e as estrelas que lá colocastes,
que é o homem para que Vos lembreis dele,
o filho do homem para dele
Vos ocupardes?

Fizestes dele quase um ser divino,
de honra e glória o coroastes;
destes-lhe poder sobre a obra das vossas mãos,
tudo submetestes a seus pés:

Ovelhas e bois, todos os rebanhos,
e até os animais selvagens,
as aves do céu e os peixes do mar,
tudo o que se move nos oceanos.
Senhor, nosso Deus,
como é admirável o vosso nome em toda a terra!

Leitura da oração:

[Todos]

Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz.

Onde houver ódio que eu leve o Amor;

Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;

Onde houver discórdia, que eu leve a união;

Onde houver dúvida, que eu leve a Fé;

Onde houver erro, que eu leve a Verdade;

Onde houver desespero, que eu leve a Esperança;

Onde houver tristeza, que eu leve a Alegria;

Onde houver trevas, que eu leve a Luz;

Senhor,
Fazei que eu procure mais:
Consolar que ser consolado,
Compreender que ser compreendido,
Amar que ser amado.



Como compromisso para a semana é dado a cada um, em forma de embrulho, o Salmo 139 (138) e algumas questões para reflexão individual:

Salmo 139 (138)

Senhor, Vós conheceis o íntimo do meu ser,
sabeis quando me sento e quando me levanto.
De longe penetrais o meu pensamento:
Vós me vedes quando caminho e quando descanso,
Vós observais todos os meus passos.
Ainda a palavra me não chegou à língua
e já, Senhor, a conheceis perfeitamente.
Por todos os lados me envolveis
e sobre mim pondeis a vossa mão.

Prodigiosa ciência, que não posso compreender,
tão sublime que a não posso alcançar!
Onde poderei ocultar-me ao vosso espírito?
Onde evitarei a vossa presença?
Se subir ao céu, Vós lá estais;
se descer aos abismos, ali
Vos encontrais.
Se voar nas asas da aurora,
se habitar nos confins do oceano,
mesmo ali a vossa mão me guiará
e a vossa direita me sustentará.
Se disser: «Talvez as trevas me hão-de ocultar
e a luz, em volta de mim, se fará noite»,
nem as trevas, para Vós, têm obscuridade:
a noite brilha como o dia
e a escuridão é clara como a luz.

Vós formastes as entranhas do meu corpo
e me criastes no seio de minha mãe.
Eu Vos dou graças
por me haverdes feito tão maravilhosamente:
admiráveis são as vossas obras.
Vós conhecíeis já a minha alma
e nada do meu ser Vos era oculto,
quando secretamente era formado,
modelado nas profundidades da terra.

Ainda em embrião se viam as minhas obras
e já meus dias estavam marcados no vosso livro;
estavam escritos e fixados,
ainda antes que um só deles existisse.
Como são difíceis, meu Deus, os vossos desígnios!
Incalculável é o seu número.
Se os quisesse contar, seriam mais numerosos que a areia
e, se pudesse chegar ao fim, estaria ainda convosco.
Sondai-me, ó Deus, e vede o meu coração,
ponde-me à prova e conheci os meus pensamentos.
Vede que não ande por mau caminho,
conduzi-me pelo caminho da eternidade.

**Deus conhece-te como realmente és. Com Ele podes ser tu mesmo!
E tu com os outros? És verdadeiro e autêntico nas relações da tua vida? Dás demasiada
importância ao “embrulho” / aparência?**

2º Encontro



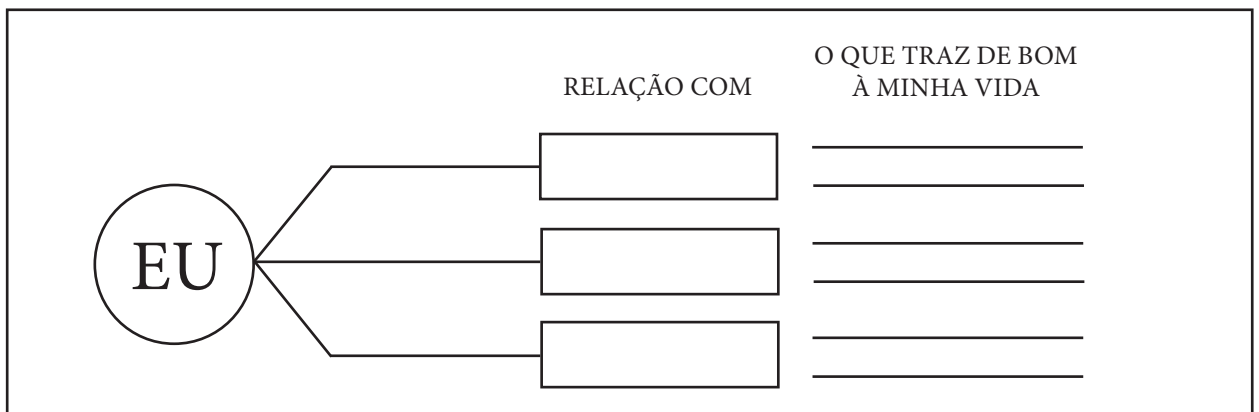
Texto para a oração
Folha com esquema das relações
Bíblia



1. Partilha do resultado da reflexão feita ao longo da semana.

2. Cada um faz uma lista das relações mais importantes que tem.

4. Entrega do seguinte diagrama a cada jovem, dando tempo para preenchimento e reflexão pessoal. Para cada relação procura descobrir que aspectos pessoais e relacionais se desenvolvem e crescem graças a essa relação (ex.: honestidade, sinceridade, segurança, generosidade, responsabilidade, alegria, confiança)



4. Depois deste trabalho pessoal, pode ser feita uma partilha de descobertas importantes que tenham sido feitas.

 321

 **Cântico**

Leitura do texto (que pode ser distribuído por todos):

Uma das descobertas que fazemos na oração é que, quanto mais nos aproximamos de Deus, mais perto ficamos de todos os nossos irmãos e irmãs da família humana. Deus não é um Deus privado. O Deus que mora no nosso santuário íntimo é também o Deus que mora no santuário íntimo de cada ser humano. Reconhecendo a presença de Deus no nosso próprio coração, podemos também reconhecer essa presença no coração dos outros, porque o Deus que nos escolheu a nós como lugar de habitação também nos dá a capacidade de ver o Deus que habita nos outros. Se virmos só demónios dentro de nós mesmos, também só veremos demónios nos outros. Mas, quando vemos Deus dentro de nós, também podemos ver Deus nos outros.

Tudo isto nos poderá parecer muito teórico mas, se rezarmos, experimentaremos cada vez mais que somos parte da família humana, infinitamente atraída por Deus que a todos nos criou para partilhar da sua luz divina.

Com frequência, perguntamo-nos o que podemos fazer pelos outros, especialmente por aqueles que mais necessidades sentem. Não é nenhum sinal de fraqueza dizermos: "Devemos rezar uns pelos outros". Rezar uns pelos outros é, antes de mais, reconhecer, na presença de Deus, que pertencemos uns aos outros como filhos do mesmo Deus. Sem este reconhecimento de solidariedade humana, o que fizermos uns pelos outros não nascerá do que realmente somos. Somos irmãos e irmãs, e não competidores ou rivais. Somos filhos de Deus, não seguidores de diferentes deuses.

Rezar, isto é, escutar a voz d'Aquele que nos trata como "muito amados", é aprender que essa voz não exclui ninguém. Onde eu moro, Deus mora comigo e onde Deus mora comigo encontro todos os meus irmãos e irmãs. E assim, a intimidade com Deus e a solidariedade com toda a gente são dois aspectos inseparáveis do mesmo viver, no momento presente.

(Henri J.M. Nouwen, Aqui e Agora, 1995)

[Todos]

Senhor, Tu dás-nos os outros,
que vigiam enquanto nós dormimos,
que crêem enquanto nós duvidamos,
que continuam a rezar,
enquanto nós permanecemos calados.

Tu dás-nos os outros,
que caminham connosco,
que connosco têm, esperam e temem,
que estão cansados e não desistem,
a quem podemos entregar
as nossas preocupações e necessidades.

Tu dás-nos os outros,
que, connosco, estão diante de Ti,
que Te pedem e perguntam,
que Te agradecem
e que estão à Tua disposição.

Tu dás-nos os outros
e os colocas ao nosso encargo.
Não te amamos sem eles
e, sem eles, não seremos por Ti amados.
Que sejamos uma bênção uns para os outros,
Caminhando para Ti.
Ámen.

(Youcat Orações)

Leitura que pode servir de compromisso para a semana – 1 Cor 13, 4-8

2º BLOCO

II – A relação – o caminho de um projecto de amor



LINHAS GERAIS

1. «Então Ele perturbou-se e ficou comovido» (Jo 11, 33). Jesus Cristo chorou. São lágrimas dum amigo que se entristece com a morte de alguém que com Ele partilhou tantos momentos. Noutras ocasiões da vida de Jesus, Ele ri e partilha a alegria de estar com os amigos. Na verdade, Ele é o amigo de todas as horas. A relação que estabelece com os homens é uma relação de amor. Ele é o companheiro de viagem, que nos dá a mão para com Ele nos fazermos ao largo na aventura da vida. Não só nos aponta o caminho, como o percorre ao nosso lado. Ele é guia e companheiro de jornada.

Ninguém pode sobreviver sozinho. É na nossa relação com Deus e com os outros que a nossa vida se estrutura, define e nos descobrimos como pessoas capazes de amar, ser amados e, em conjunto com os irmãos, construir o Reino por Ele começado. Quando Cristo nos pede para nos amarmos, está a pedir-nos para sermos. Deus é amor. E o homem, criado à imagem e semelhança de Deus, só é homem quando ama e é amado: «O homem não pode viver sem amor. Permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se não se encontrar com o amor, se não o experimentar e se não o tornar algo próprio, se nele não participar vivamente» (João Paulo II, *Redemptor Hominis*, nº 10).

Perceber em Jesus Cristo o desafio da amizade e do amor é olhar para Ele e deixarmos que nos ensine a amar. Senhor, ensina-me a amar! Esta é a súplica dos crentes de todos os tempos.

2. Nesta etapa da vida, o namoro e a família ocupam um lugar e constituem uma interrogação importantes na experiência e no discernimento do jovem. São formas de descoberta e de vivência do amor de Deus que somos chamados a viver. Por isso, propomos neste tema uma primeira abordagem do namoro e do matrimónio. A descoberta do namoro como um caminho de aprofundamento do amor, feito de diálogo, escuta e de descoberta do outro. Tempo privilegiado para se definirem compromissos e projectos de vida. Tempo onde Deus está presente, para nos ajudar a dar sentido aos nossos sentimentos, emoções e escolhas, e acima de tudo, para nos desafiar a uma opção radical. Tempo onde se estrutura o matrimónio e a família.

No tempo em que vivemos, é urgente redescobrir o matrimónio como sacramento do amor: «O sacramento do matrimónio é sinal da união de Cristo e da Igreja. Confere aos esposos a graça de se amarem com o amor com que Cristo amou a sua Igreja» (Catecismo da Igreja Católica 1661). Amor eterno, fiel e fecundo, feito de compromisso e confiança. Amor responsável e livre, de entrega incondicional ao outro, de perdão e de vida partilhada.

O matrimónio é também o alicerce da família, berço e futuro da humanidade. É na família que somos educados e nos fazemos, ou não, homens e mulheres capazes de ser no mundo testemunhas do amor de Deus: «A essência e os deveres da família são, em última análise, definidos pelo amor. Por isso é-lhe confiada a missão de guardar, revelar e comunicar o amor, qual reflexo vivo e participação real do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja, sua esposa. (...) A família, fundada e vivificada pelo amor, é uma comunidade de pessoas: os esposos, homem e mulher, os pais e os filhos, os parentes. A sua primeira tarefa é a de viver fielmente a realidade da comunhão num constante empenho por fazer crescer a autêntica comunidade de pessoas. (...) O amor entre o homem e a mulher no matrimónio e, de forma derivada e ampla, o amor entre os membros da mesma família (...) é animado e impelido por um dinamismo interior e incessante, que conduz a família a uma comunhão sempre mais profunda e intensa, fundamento e alma da comunidade conjugal e familiar» (Papa João Paulo II, *Familiaris Consortio*). Sinal visível e real do amor de Deus, a família é comunidade amorosa de pessoas, ao serviço da vida, participando no desenvolvimento da sociedade e na vida e missão da Igreja.

O QUE SE PRETENDE

- Identificar os sentimentos e relações de empatia que se podem estabelecer;
- Descobrir o papel da amizade na construção de um projecto de vida;
- Discutir o namoro nas suas vertentes humanas e sociais;
- Identificar as características e os problemas da família de hoje;
- Celebrar a relação de amor como expressão de vida.

Para este tema propomos três encontros: um primeiro onde se fala das relações de empatia que se estabelecem entre os indivíduos, especialmente a amizade; no segundo apresenta-se o amor como uma forma de sedução (enamoramento); no último encontro fala-se do amor como entrega (casamento), da família como expressão do amor conjugal e da relação filial.

1º Encontro



Quadro ou cartolina
Marcadores
Bíblias
Texto d'O Príncipezinho



1. O animador escreve num quadro a palavra AMIZADE. Pede aos elementos do grupo que digam palavras que, segundo eles, se relacionam com esta (brainstorming), e regista-as no quadro.
2. Pedir a cada um que justifique a sua escolha.
3. Em grupo, chegar a um consenso e escolher as três palavras que melhor definem AMIZADE.
4. Comentar, em pequenos grupos, o texto Jo 15, 12-17, tendo em conta as implicações da amizade (o conhecimento e a abertura ao outro; a construção de um projecto comum; a entrega da vida) no caminho de cada um e no projecto de vida, respondendo às seguintes questões:
 - a – Caracteriza o amor de que fala Jesus;
 - b – Procura perceber, no contexto da leitura, qual o valor que Jesus dá à amizade.
4. Construir, no pequeno grupo, uma frase que resuma a partilha efectuada.
5. Plenário em que cada grupo apresenta a sua frase e justifica a sua escolha.



64 | 402



Cântico

Leitura d'O Príncipezinho

- «Foi então que apareceu a raposa.
- Olá, bom dia! – disse a raposa.
 - Olá, bom dia! – respondeu delicadamente o príncipezinho que se voltou mas não viu ninguém.
 - Estou aqui – disse a voz – debaixo da macieira.
 - Quem és tu? – perguntou o príncipezinho – És bem bonita ...
 - Sou uma raposa – disse a raposa.
 - Anda brincar comigo – pediu-lhe o príncipezinho – Estou tão triste ...
 - Não posso ir brincar contigo – disse a raposa – Não estou presa ...
 - Ah! Então desculpa! – disse o príncipezinho.
- Mas pôs-se a pensar, a pensar, e acabou por perguntar:
- O que é que “estar preso” quer dizer?
 - Vê-se logo que não és de cá – disse a raposa – De que é que tu andas à procura?
 - Ando à procura dos homens – disse o príncipezinho. – O que é que “estar preso” quer dizer?
 - Os homens têm espingardas e passam o tempo a caçar – disse a raposa – é uma grande maçada!

E também fazem criação de galinhas! Aliás, na minha opinião, é a única coisa interessante que eles têm. Andas à procura de galinhas?

- Não – disse o príncipezinho – Ando à procura de amigos. O que é que “estar preso” quer dizer?

- É uma coisa que toda a gente se esqueceu – disse a raposa – Quer dizer que se está ligado a alguém, que se criaram laços com alguém.

- Laços?

- Sim, laços – disse a raposa – Ora vê: por enquanto, para mim, tu não és senão um rapazinho perfeitamente igual a outros cem mil rapazinhos. E eu não preciso de ti. E tu também não precisas de mim. Por enquanto, para ti, eu não sou senão uma raposa igual a outras cem mil raposas. Mas, se tu me prenderes a ti, passamos a precisar um do outro. Passas a ser único no mundo para mim. E, para ti, eu também passo a ser única no mundo...

- Parece-me que estou a começar a perceber – disse o príncipezinho. – Sabes, há uma certa flor... tenho a impressão que estou preso a ela ...

- É bem possível – disse a raposa – Vê-se cada coisa cá na Terra...

- Oh! Mas não é da Terra! – disse o príncipezinho.

A raposa pareceu ficar intrigada.

- Então. É noutro planeta?

- É.

- E nesse tal planeta há caçadores?

- Não.

- Começo a achar-lhe alguma graça... E galinhas?

- Não.

- Não há bela sem senão... – disse a raposa.

Mas a raposa voltou a insistir na sua ideia:

- Tenho uma vida terrivelmente monótona. Eu, caço galinhas e os homens, caçam-me a mim. As galinhas são todas iguais umas às outras e os homens são todos iguais uns aos outros. Por isso, às vezes, aborreço-me um bocado. Mas, se tu me prenderes a ti, a minha vida fica cheia de sol. Fico a conhecer uns passos diferentes de todos os outros passos. Os outros passos fazem-me fugir para debaixo da terra. Os teus hão-de chamar-me para fora da toca, como uma música. E depois, olha! Estás a ver, ali adiante, aqueles campos de trigo? Eu não como pão e, por isso, o trigo não me serve para nada. Os campos de trigo não me fazem lembrar de nada. E é uma triste coisa! Mas os teus cabelos são da cor do ouro. Então, quando estiver presa a ti vai ser maravilhoso! Como o trigo é dourado, há-se fazer-me lembrar de ti. E hei-de gostar do barulho do vento a bater no trigo...

A raposa calou-se e ficou a olhar durante muito tempo para o príncipezinho.

- Por favor... Prende-me a ti! – acabou finalmente por dizer.

- Eu bem gostava – respondeu o príncipezinho – mas não tenho muito tempo. Tenho amigos para descobrir e uma data de coisas para conhecer...

- Só conhecemos as coisas que prendemos a nós – disse a raposa – Os homens, agora, já não têm tempo para conhecer nada. Compram as coisas já feitas nos vendedores. Mas como não há vendedores de amigos, os homens já não têm amigos. Se queres um amigo, prende-me a ti!

- E o que é que é preciso fazer? – perguntou o príncipezinho.

- É preciso ter muita paciência. Primeiro, sentas-te um bocadinho afastado de mim, assim, em cima da relva. Eu olho para ti pelo canto do olho e tu não dizes nada. A linguagem é uma fonte de mal entendidos. Mas todos os dias te podes sentar um bocadinho mais perto...»

(Antoine de Saint-Exupéry, O Príncipezinho, 7ª ed., Lisboa, Ed. Aster, s.d., cap. XXI, p. 66-69)

“Mão no ombro” – cada jovem é convidado a colocar a sua mão no ombro de quem está à sua direita. Em silêncio, reza por esse amigo em concreto.

Pai Nosso

Cântico



Chamei-vos Amigos

Jesus teve amigos, e a amizade foi um marco na construção do seu caminho. Ele associou amigos à sua missão; tornou a amizade um lugar para o reconhecimento dele próprio e da amizade de Deus. Se aceitarmos a definição de amizade que dá Timothy Radcliffe, descrevendo-a como «o risco imenso de nos deixarmos olhar pelo outro, em toda a nossa vulnerabilidade, entregando-nos nas suas mãos», a Jesus cabe, melhor do que a ninguém, a designação de «o amigo».

A atmosfera dos Evangelhos não deixa margem para equívocos: Jesus desenvolveu a sua missão fora do espaço sagrado tradicional; o seu percurso amadurece-se de modo distanciado em relação ao Templo, elegendo espaços religiosamente neutrais, como a casa, a praça, a margem, o caminho, lugares por excelência, da coreografia do humano. Mas não foram apenas lugares novos e mais próximos das relações do quotidiano: foram também novos gestos e novas palavras. A indignação dos que o acusavam de ser amigo de publicanos e pecadores, porque partilhava com eles a mesa e o convívio (cf. Lc 7,34), sinaliza, de facto, o modo incomum do agir de Jesus. Quando a cultura vigente advogava a «separação», Jesus emergia como um profeta da relação e da amizade.

Jesus tornou também novas algumas velhas palavras. O vocabulário do amor e da amizade não é o mesmo depois dele. Olhemos para o termo típico da amizade, *philia*, e para a sua semântica. No Evangelho de João, o termo surge seis vezes, em empregos decisivos para a maturação da amizade. O amor agápico é o amor da caridade, um amor divinizado; na verdade, um excesso de amor, oblativo e assimétrico, sem prever correspondência ou reciprocidade. Enquanto o amor *philia* é o amor dos amigos necessariamente simétrico e recíproco. Sempre que Jesus usa uma palavra do léxico da amizade ensina-nos alguma coisa de profundo acerca dela. E as situações narrativas em que as suas proclamações ocorrem reforçam essa singularidade.

O discípulo amigo

Jesus tinha com o grupo dos Doze discípulos uma relação de amizade. Quem é, por isso, o «discípulo amado», referido dessa forma unicamente pelo Evangelho de João? Não o sabemos, porque ele permanece anónimo, constituindo uma espécie de enigma que o Evangelho guarda. Nunca se diz o seu nome, mas enunciam-se relatos e detalhes de afeto a seu respeito e, por eles, percebemos que o «discípulo amado» é um «discípulo amigo». A primeira vez que aparece esta designação é no capítulo 13, no contexto a Última Ceia. Jesus tinha acabado de anunciar que um dos presentes o trairia. Os discípulos ficaram, primeiro, aturdidos com a revelação, depois curiosos por identificarem o traidor. «Um dos discípulos, aquele que Jesus amava, estava à mesa reclinado ao peito de Jesus. Simão Pedro acenou-lhe para pedir-lhe: “Diz-nos, de quem é que Ele fala?” Reclinando-se este mesmo discípulo sobre o peito de Jesus, interrogou-o: “Senhor, quem é?”» (Jo 13, 23-25). O discípulo amado é aquele que tem uma proximidade particular a Jesus; é aquele que se reclina sobre o seu peito, não apenas numa demonstração de afeto, mas também de comunhão de vida e sentimentos. Este gesto do reclinar é uma imagem que comparece em outros textos judaicos e que tem a ver com a transmissão em testamento. O Evangelho representa, digamos, o testamento de um amigo; o olhar de um amigo sobre Jesus que nos implica profundamente, colocando-nos no seu lugar. A intervenção do discípulo amado liga-se, assim, a um eixo profundo da teologia de João que considera ser através da amizade que nós compreendemos Jesus e nos avizinhamos dele». A posição do discípulo amigo, no interior do grupo, em nada belisca o papel protagonista que Pedro tem: Pedro é o primeiro dos Doze. Mas, em várias ocasiões, Pedro só

penetra o segredo de Jesus quando usa a mediação do discípulo amigo (veja-se, por exemplo, o episódio da verificação do túmulo vazio, Jo 20, 1-10).

Outro momento altamente significativo surge aos pés da cruz. Estavam ali a sua mãe, a irmã de sua mãe Maria, mulher de Cleófas e Maria Madalena. Ao ver sua mãe e junto dela o discípulo que Ele amava, o discípulo amigo, Jesus disse à mãe: «Mulher eis aí o teu filho», depois disse ao discípulo: «Eis aí a tua mãe», e desde aquela hora o discípulo recebeu-a em sua casa (cf. Jo 19, 25-27). O episódio tem vários níveis de leitura, e o discípulo representará, neste particular, a Igreja no seu conjunto. Mas uma coisa é certa: há uma amizade feita de confiança e de intimidade, entre Jesus e este discípulo amigo. Não é a qualquer pessoa que se confia a própria mãe! Como aqueles soldados que temem não sobreviver a uma guerra e escrevem ao amigo predileto, a pedir: «Olha pelos meus velhotes»; Jesus tem este gesto de atribuir ao discípulo amigo a proteção que a mãe precisaria.

A última vez que o discípulo amado vem referido é em João 21, 24 quando se diz: «É este discípulo que dá testemunho destas coisas e as escreveu, e nós sabemos que o seu testemunho é verdadeiro.» Ficamos então a saber que o Evangelho foi escrito a partir da privilegiada testemunha que é um amigo. O relato de Jesus é construído do ponto de vista da amizade. O facto de este discípulo ter permanecido anónimo estabelece um jogo muito envolvente com o leitor. O Evangelho é lido, a partir do olhar do discípulo amigo, e, simbolicamente, o leitor assume a sua visão, a sua atitude e o seu lugar. O Evangelho de João e a amizade têm, de facto, uma relação fundamental.

Não servos, mas amigos

O Evangelho de João não nos relata a Última Ceia, da forma que os Evangelhos sinópticos o fazem. Narra, sim, que no decorrer dela Jesus lava os pés dos discípulos (cf. Jo 13). É o único contacto físico que os Evangelhos contam entre eles. O corpo não está ausente da amizade e é, por isso, tão simbólico que Jesus, que se dispõe a dar a vida pelos amigos, lave os seus pés, tocando cada um com o acolhimento radical da sua amizade. Nesse contexto, Jesus faz um discurso-chave para a teologia da amizade: «É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que quem dá a vida pelos seus amigos, vós sois meus amigos se fizerdes o que Eu vos mando. Já não vos chamo servos, visto que o servo não está ao corrente do que faz o seu Senhor, mas a vós chamei-vos amigos porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi a meu Pai» (Jo 15, 12-15).

Se calhar, houve um tempo na relação deles com Jesus que a palavra «servos» ou mesmo a palavra «discípulo» era apta a descrever o que viviam. Porém, é o próprio seguimento de Jesus que pede que elas sejam suplantadas. Agora só a palavra «amigo» vale para descrever alguém que segue Jesus, porque o próprio Jesus nos funda numa relação de conhecimento e de reconhecimento de tudo aquilo que Ele ouviu do Pai. A experiência de amizade dos discípulos será, depois, ainda complementada pela vinda do Espírito Santo que vai conduzi-los à verdade total. O Espírito testemunha no coração deles aquilo que ainda não conseguiram abraçar: o sentido último, a verdade total sobre o que a amizade de Jesus representa.

És deveras meu amigo?

Na última conversa de Jesus com Pedro, ouve-se o marulhar suave do lago. É um diálogo impressionante. Gira todo à volta de um subtil jogo verbal que escapa em grande parte das traduções. Jesus parece perguntar a mesma coisa por três vezes: «Pedro, tu amas-me?»; obtendo de Pedro também uma resposta que se repete: «Tu sabes que te amo.» Contudo, o texto original grego é bem mais rico, O texto joga com o sentido de dois verbos: philéo, que expressa o amor de amizade; e agapáo que descreve um amor total.

Jesus começa por perguntar a Pedro: «Simão... tu amas-me com um amor total?» (Jo 21, 15).

Antes do drama da traição, o Apóstolo teria imediatamente adiantado: «Amo-te claro, sem qualquer reserva.» Mas agora, que se sabe dolorosamente capaz de ser infiel, diz com humildade: «Senhor... tu sabes que sou realmente teu amigo.» Isto é: «amo-te como posso, com o meu frágil e inacabado amor.» Jesus insiste com ele, segunda vez: «Simão, tu amas-me com este amor total que eu espero?» E Pedro balbucia a resposta adequada às suas humildes, mas também realistas possibilidades: «Senhor, tu sabes que sou teu amigo.» E, quando pergunta pela terceira vez, Jesus altera a pergunta que faz a Simão e agora diz-lhe: «Então, és meu amigo?» Que quer dizer: «Tu és deveras meu amigo?»

Simão compreende finalmente Jesus; que Jesus não nos pede o que nós não somos capazes de dar. Ele aceita a nossa amizade que fraqueja, os nossos sins ainda incipientes, os passos que damos vacilantes. Para fazermos subir até si, Jesus desce até nós.

O Evangelho conta que Pedro ficou triste por Jesus se ter de adaptar à nossa humanidade. Mas é esta adaptação de Jesus, esta aceitação radical da nossa pobreza, este seu caminhar incessante ao encontro da nossa amizade, a fonte da nossa esperança. E tal como ao primeiro entre os discípulos, também a nós, a cada um de nós, Jesus repete apenas: «Segue-me.»

(José Tolentino Mendonça, Nenhum caminho será longo, 2012)

2º Encontro



Textos para a oração

Bíblia

Projector de vídeo e computador (para a hipótese de projecção de diapositivos)



1. Em conjunto, conversar sobre as seguintes questões:

- a) O que é o namoro?
- b) Pontos positivos e negativos de namorar.
- c) Como deve ser um namoro cristão?
- d) Que influência tem o namoro nas outras relações da vida?
- e) Um bom namoro resultará num bom casamento?

2. Apresentação de testemunhos de jovens sobre o namoro (ex.: projecção em diapositivos ou em papel):

“Namorar é ótimo quando os jovens procuram conhecer-se nas suas qualidades e defeitos. Juntos descobrem os seus ideais e constroem uma base de compreensão e de harmonia de sentimentos. O namoro ajuda os dois a conhecerem-se.”

“Os jovens namorados dão a impressão de que são muito liberais e que tudo é permitido. Nos jardins, na escola, na praia, na discoteca, o que vemos são beijos e toques que levam apenas a uma explosão sexual. Muitas carícias mas pouco carinho.”

“Namorar é tempo de preparação para o casamento. É tempo de sentir, de conhecer, de querer bem. No namoro testam-se os sentimentos para o futuro.”

“O namoro é tempo de adaptação de um ao outro. É tempo de renúncia de si para ver e sentir o outro. É tempo de entendimento mútuo.”

3. Debate sobre estes testemunhos.

4. Jesus Cristo, no Evangelho, propõe-nos o Reino de Deus. Optar pelo Reino é optar por um novo homem e uma nova mulher, dispostos a relacionamentos que privilegiem e promovam a “vida em abundância” (Jo 10, 10). Esta força do amor é retratada de maneira muito bela pelo apóstolo Paulo em 1Cor 13, 1-13.

a) Fazer a leitura da passagem bíblica com música de fundo

b) Em seguida, um momento de silêncio para reflexão

c) Partilha: Qual a parte desta leitura que mais te chamou a atenção? O que é que este texto nos diz sobre o verdadeiro amor?

5. Se o animador considerar oportuno, convidar um casal de namorados cristãos para dar o seu testemunho.



Cântico

Leitura do texto:

O que é o amor?

O amor é a livre entrega do coração.

Quando alguém ama uma coisa a sério, tem tanta vontade dessa coisa que sai de si para se entregar a ela. Um músico pode entregar-se a uma obra prima. Uma educadora de infância pode estar disponível de todo o coração para as suas crianças. Nessa amizade está o amor. A mais bela forma de amor neste mundo é, todavia, o amor entre um homem e uma mulher, no qual duas pessoas se entregam mutuamente para sempre. Esse amor humano é a imagem de um amor divino, o amor por excelência. O amor é o que o Deus trino tem de mais íntimo. Em Deus existe partilha constante e entrega perene. Quando o amor divino transborda, participamos no eterno amor de Deus. Quanto mais o ser humano ama, mais parecido fica com Deus. O amor deve cunhar toda a vida de uma pessoa, o que no entanto, se realiza profundamente quando um homem e uma mulher se amam no matrimónio e se tornam ‘uma só carne’ (Gn2, 24). (*Youcat*, 402)

[Todos]

Senhor,

abençoa todos os namorados,
que de mãos dadas buscam a felicidade,
vivendo a cada encontro a alegria
de procurar o caminho a que os chamas.

Faz com que se descubram
e se compreendam, e que formem
com ternura, encanto e esperança,
uma verdadeira aliança de amor.

Ilumina-os para que sejam perseverantes
nos sonhos que desejam realizar juntos,
e para que aprendam a amar-se
em constante sintonia com a Tua vontade.

Permite, Senhor,
que no caminho de todos os namorados
o Teu amor, eterno e fiel,
seja uma inesgotável fonte,
que alarga os seus corações
à medida da Tua entrega total,
para que, com a protecção de Maria,
caminhem juntos, confiados em Ti.
Ámen.

Pai Nosso

Cântico



AMOR

A palavra amor é uma das mais desgastadas da história, mais desvalorizadas, adulteradas e, contudo, continua sendo a palavra fundante mais importante do ser humano.

“Amor” remete-nos para energia, atitude, sentimentos positivos, proximidade, solidariedade, compaixão, empatia, amizade.

O amor, em nós, é um dom e uma tarefa. Como dom é fruto da árvore da vida que cresce na nossa natureza como possibilidade que quer ser actualizada. A maçã é a linguagem amorosa da macieira. Como tarefa, o amor é aprendizagem, mimetismo, interiorização, maturação e crescimento. A arte de amar é o culminar de um processo que flui dando à pessoa uma das características mais essenciais da sua maturidade.

O amor tem diversas dimensões, distintos cumprimentos de onda, dependendo das situações ou da relação interpessoal.

Dinamiza uma energia amistosa ou empática ou erótica. A escolha destes dinamismos depende da liberdade situada e relacional, da lucidez do coração e, em certas ocasiões, da resposta do outro.

«Existem poucos estudos empíricos em psicologia acerca do amor.» Esta queixa de Abraham Maslow nos anos cinquenta foi reparada na última década com uma mais abundante literatura acerca do amor empiricamente avaliado e reconhecido. Falando estritamente, o amor não se pode medir: o “mais que ontem, menos que amanhã” ou “amo-te mais a ti do que a mim”, não deixam de ser frases nas quais algo se pode intuir e sentir mas não avaliar rigorosamente.

O amor está feito de três ingredientes: solicitude, afecto, intimidade.

A **solicitude** supõe atenção eficaz ao outro nas suas necessidades e desejos. Tomar o outro a meu cargo, escutá-lo, respeitá-lo, ajudá-lo.

O **afecto** junta algo mais; não só dou algo a alguém mas quero estar com ele, junto a ele, junto a ela. O afecto é essa atmosfera agradavelmente calorosa e magneticamente atractiva que nos leva a partilhar tempo, proximidade física, sintonia pessoal e emocional com o outro.

A **intimidade** consiste em comunicar-me com o outro. À proximidade física, ao contacto afectuoso, junta-se aqui a palavra que me autoexpressa e a escuta que permite ao outro revelar-se-me.

Muitas vezes uma proximidade física descobre um grande vazio entre duas pessoas; a intimidade é a ponte que, verbalmente ou não, nos aproxima do outro e nos permite a maravilha do encontro e o conhecimento mútuo.

A relação destas dimensões do amor depende do estilo de amar e da situação pessoal face ao outro.

Fomos educados para a solicitude; menos para o afecto; muito pouco para a intimidade. Até mesmo a própria palavra intimidade foi reduzida a uma dimensão física do amor em casal. Saber harmonizar solicitude, afecto e intimidade supõe amar a partir de todo o ser; não com um gesto voluntarista, nem com uma dimensão puramente cognitiva, nem tão pouco com uma exaltação dos sentidos ou das emoções.

O equilíbrio entre estas três dimensões supõe um amor lúcido, uma inteligência do coração que, em certas ocasiões, não tem quase nada a ver com o enamoramento.

O amor não é algo que eu dou mas a maneira de ser de alguém para com o outro. O amor é sempre um eu-tu. Amar é tirar o outro do anonimato, dar-lhe um rosto e um nome.

Tony de Mello expressava o amor num belo conto que nos explicará a realidade misteriosa e presente do amor mais profunda e intuitivamente que muitas palavras reflectidas e ponderadas. Trata-se do conto dos dois irmãos e as searas de trigo:

Era uma vez dois irmãos que pela morte dos seus pais repartiram em duas metades a herança. Ao anoitecer o mais velho, casado e com muitos filhos, que tinha passado o dia a trabalhar nas terras, pensou e disse para consigo mesmo: “Não é justo que eu tenha recebido a metade, tenho muitos filhos, que crescerão e cuidarão de mim, quando for velho, enquanto meu irmão, sozinho na vida, necessitará mais para assegurar a sua velhice.”

O irmão mais novo, solteiro, trabalhava também nas suas terras e na hora do descanso à tarde, pensou e disse para consigo mesmo: “Não é justo que eu tenha recebido a metade da herança de nossos pais. Estou só na vida, necessito muito pouco para viver enquanto que meu irmão, com tantos filhos, deveria ter recebido muito mais que eu”.

Depois destas reflexões, os dois irmãos, cada um deles amparado pela escuridão da noite, iam ao seu celeiro, carregavam um saco de trigo e esvaziavam-no no celeiro do respectivo irmão. Com este ir e vir, uma noite encontraram-se os dois irmãos, cada um em direcção ao celeiro do outro.

Os homens do povo, que tinham decidido construir um templo à sua divindade, discutiam acerca de qual era o lugar mais sagrado, mais adequado para a construção do templo. Uns, mais sábios, afirmavam que a montanha próxima, já que as montanhas tinham sido sempre lugar de habitação dos deuses, cenário de teofanias. Outros apostavam no rio como símbolo da vida das suas terras e pessoas, lugar de purificação e louvor a seus deuses. Porém, um grupo dos mais velhos indicava a praça maior da povoação como lugar de encontro humano, de relações pessoais calorosas e símbolo da centralidade que o templo deveria ter para os habitantes do lugar. Somente um, profundamente sábio, afirmou, depois de os escutar, que o lugar mais sagrado, onde verdadeiramente se podia construir adequadamente o templo, era o sítio onde os dois irmãos, carregados com os seus sacos de trigo, se tinham encontrado. O sítio do amor fraterno.

O amor é a origem e a vocação da mulher e do homem.

Pensamos que nascemos, ainda que nem sempre seja assim, como fruto de uma decisão amorosa. Esperamos que o amor passe pelas nossas vidas despertando energia, ilusão, motivação, encontro.

O amor é o primeiro que se sente presente ou ausente e o único que é mais forte que a morte. O amor, com a sua possibilidade de desamor, é a experiência que dá sol à vida e sabor à existência.

O amor torna aquele que ama paciente e amável. Aquele que ama não busca o seu próprio interesse, ainda que, evidentemente, possa expressá-lo ao outro. Se se irrita, é capaz de perdão e reconciliação, não se instala nas ofensas, mas alegra-se na verdade, com a justiça, com o respeito e a liberdade do outro. Este amor pode parecer utópico mas essa utopia faz-nos caminhar numa direcção decidida pelos nossos corações.

O amor, apesar de tudo, corre pelas veias da vida, por isso é capaz de dar vida. Dizer: “Eu amo” ou “Eu amo-te”, supõe uma maturidade que não se improvisa. Para que um homem ou uma mulher possam verdadeira e eficazmente pronunciar a palavra amor, tiveram que crescer lenta e cuidadosamente, autocompreender-se, centrar-se e descentrar-se, experimentar uma libertação e uma capacidade de criar para que o amor não seja uma palavra vazia, mas densa, viva e vinculante. Para dizer: “Eu amo” é necessário uma infraestrutura psíquica e pessoal que supõe ter recebido amor. Não qualquer forma e tipo de amor, mas um amor incondicional. Este tipo de amor não está vinculado a condições de mérito ou esforço, mas começa e acaba na pessoa, por ser ela mesma, por existir tal como é.

O amor, se se quer construir sobre ele um projecto de vida, tem que ser maduro e sólido, consciente e fiel. Construir um projecto amoroso não é puro enamoramento, alvoroço de sentidos ou emoções desordenadas.

Se a paixão surge no enamoramento, o amor fá-lo amadurecer e torna-o quotidiano, numa coerência fiel e crescente. O amor ao outro não é simplesmente amor ao que o outro proporciona, quer dizer, amor a mim mesmo utilizando o outro. Amo-te porque satisfazes as minhas necessidades e utilizo-te para minha satisfação.

Ainda que não isento dessa dimensão, o amor ama o outro como distinto, como livre, como a alguém que ao dizer-se, desperta em mim a vontade de abraçá-lo, acolhê-lo, escutá-lo e alegrar-me com ele. Este amor heterocêntrico é o amor que cresce perante um tu que personaliza e permite ao outro, dando-lhe as ferramentas, ser ele mesmo, ela mesma.

O amor há-de ser inteligente.

O síndrome, descrito nos últimos anos por psicólogas americanas, da mulher que ama demasiado, é relativamente frequente. Não basta amar muito mas é necessário amar bem, amar com lucidez e percepção da realidade que queremos acompanhar e transformar com respeito. Este amor lúcido permitirá à pessoa saber os limites de eficácia do seu amor; chegar até à fronteira do outro, chamar à sua porta e deixar o espaço de silêncio e escuta para perceber a sua palavra.

O amor pode tudo e ao mesmo tempo é impotente: só pode amar.

Amar é deixar o outro ser ele mesmo, ela mesma, sabendo que só assim a autenticidade do amor se verifica na história relacional das pessoas.

O amor, sendo a energia mais poderosa do homem, necessita também de uma infraestrutura social que lhe permite fazer-se história e visualizar-se na história humana.

Amar adultamente supõe, na maioria dos casos, um trabalho, uma casa, uma alimentação assegurada. Quer dizer, ter satisfeitas as mais primárias necessidades para que, livres delas, possamos dar a nossa palavra ao outro e constituí-lo em alguém amável e amado.

Como escreve o nosso grande poeta místico, João da Cruz: “Ao entardecer da vida serás julgado pelo amor”. Esta disciplina pendente não implica o penoso dever de estudá-lo, mas o gozoso ou trabalhoso desejo de cultivá-lo. O fruto nascerá como dom da terra humana desse cultivo, ultrapassando-o nas suas possibilidades e limites. Amar-se é amar, é possibilitar o crescimento maduro de uma capacidade que, se é autêntica, será sempre fecunda e libertará a vida no outro.

No amor para além de uma diferença quantitativa, amo mais ou menos, existe uma diferença qualitativa, de uma ou outra forma. Estes podiam ser níveis do amor:

- Não desejar a ninguém o que não desejo para mim.
- Desejar aos outros o que desejo para mim.
- Desejar aos outros o que desejam e necessitam.
- Dar aos outros o que necessitam e não só o que gosto e dou a mim mesmo.
- Dar aos outros algo que eu necessito e talvez ficar eu sem isso.
- Não só dar, mas dar-me tal como necessitam de mim.
- Dar-me tal como sou e melhorar a minha pessoa para dar-me melhor.

Em qual destes níveis estou? Respeito o pensamento do outro? Sou capaz de dialogar com os outros que são e pensam de maneira diferente de mim? Compreendo o outro apesar de ser diferente? Compreendo os sentimentos do outro?

O amor faz-se gesto, carinho, serviço, ajuda dada e recebida. Mas o amor faz-se também palavras depois das obras, palavras verdadeiras que explicam o que dou e quem é o outro para mim. O amor faz-se expressão do que sou, o amor faz-se consciência de que tu e eu formamos um nós.

Toda a mulher, todo o homem, tornam-se pessoas escolhendo a sua própria vida. Nesse sentido, tenho que discernir se ao escolher a minha vida o faço a partir do amor, perguntando-me: O que amo na vida? A quem amo na minha vida? Como amo eu? A resposta é dada a diferentes níveis: amo coisas... os meus livros, as minhas experiências, o meu trabalho, as minhas afeições Que pessoas amo eu na vida?

Se me fizerem uma radiografia existencial apareceria o amor como a realidade mais nítida e mais profunda da minha vida?

A minha vida vale o que vale o amor. Diz-me o que amas e dir-te-ei quem és.

Se na minha vida não há amor, estou morto; mas, provavelmente, o meu amor está adormecido, esperando que alguém o desperte, que eu mesmo o desperte para abrir-se à realidade.

A tua experiência do amor faz-te mais livre ou escraviza-te? Se te escraviza é porque não amas de verdade ou porque não ajustaste o amor à realidade intra e interpessoal.

Estas considerações sobre o amor não devem desanimar-nos se a nossa experiência deixa o amargo de uma certa solidão ou isolamento, de uma experiência de desamor. Talvez o amor tenha passado por nós com uma linguagem diferente da que esperávamos escutar ou, mais dolorosamente, não tenha passado, apesar de ainda a sua semente estar no meu coração. Talvez decidir-se a amar seja decidir-se a viver sem esperar resposta, já que o amor não se paga com amor, dá-se e acolhe-se, oferece-se.

(José António Garcia Monge, Treinta palabras para la madurez, s.l., Editorial Desclée de Brounser S.A., 1997, tradução de Fátima Terra)

Aquilo que pondes em questão, no actual contexto social, assume um peso maior. Gostaria de vos oferecer apenas algumas orientações para uma resposta. Em certos aspectos, o nosso é um tempo difícil, sobretudo para vós jovens. A mesa está posta com tantas coisas apetecíveis, mas, como no episódio evangélico das bodas de Caná, parece que faltou o vinho da festa. Sobretudo a dificuldade de encontrar um trabalho estável é causa de incerteza sobre o futuro. Esta condição contribui para adiar a tomada de decisões definitivas, e incide de modo negativo sobre o crescimento da sociedade, que não consegue valorizar plenamente a riqueza de energias, de competências e de criatividade da vossa geração.

Falta o vinho da festa também a uma cultura que prescindem com frequência de critérios morais claros: na desorientação, cada qual é estimulado a mover-se de maneira individual e autónoma, muitas vezes unicamente só no perímetro do presente. A fragmentação do tecido comunitário reflecte-se num relativismo que afecta os valores essenciais; a consonância de sensações, de estados de ânimo e de emoções parece mais importante do que a partilha de um projecto de vida. Também as opções fundamentais se tornam assim frágeis, expostas a uma revogabilidade perene, que com frequência é considerada expressão de liberdade, mas ao contrário, indica a sua carência. Faz parte de uma cultura privada do vinho da festa também a aparente exaltação do corpo, que na realidade banaliza a sexualidade e tende a fazê-la viver fora de um contexto de comunhão de vida e de amor.

Queridos jovens, não tenhais medo de enfrentar estes desafios! Nunca percais a esperança. Tende coragem, também nas dificuldades, permanecendo firmes na fé. Tende a certeza de que, em todas as circunstâncias, sois amados e protegidos pelo amor de Deus, que é a nossa força. Deus é bom.

Por isso é importante que o encontro com Ele, sobretudo na oração pessoal e comunitária, seja constante, fiel, precisamente como o caminho do vosso amor: amar a Deus e sentir que Ele me ama. Nada nos pode separar do amor de Deus! Depois, tende a certeza de que também a Igreja está próxima de vós, vos ampara, não cessa de olhar para vós com grande confiança. Ela sabe que tendes sede de valores, dos verdadeiros, sobre os quais vale a pena construir a vossa casa! O valor da fé, da pessoa, da família, das relações humanas, da justiça. Não desanimeis face às carências que parecem afastar a alegria da mesa da vida. Nas bodas de Caná, quando o vinho terminou, Maria convidou os servos a dirigirem-se a Jesus e deu-lhes uma indicação clara: «Fazei o que Ele vos disser» (Jo 2, 5). Valorizai estas palavras, as últimas de Maria descritas nos Evangelhos, quase um seu testamento espiritual, e tereis sempre a alegria da festa: Jesus é o vinho da festa!

Como namorados estais a viver uma fase única, que abre para a maravilha do encontro e faz descobrir a beleza de existir e de ser preciosos para alguém, de poder dizer um ao outro: tu és importante para mim. Vivei com intensidade, gradualidade e verdade este caminho. Não renunciéis a perseguir um ideal alto de amor, reflexo e testemunho do amor de Deus! Mas como viver esta fase da vossa vida, como testemunhar o amor na comunidade? Gostaria de vos dizer antes de tudo que eviteis fechar-vos em relações intimistas, falsamente animadoras; fazei antes com que a vossa relação se torne fermento de uma presença activa e responsável na comunidade. Depois, não vos esqueçais de que para ser autêntico, também o amor exige um caminho de amadurecimento: a partir da atracção inicial e do «sentir-se bem» com o outro, educai-vos a «amar» o outro, a «querer o bem» do outro. O amor vive de gratuidade, de sacrifício de si, de perdão e de respeito do outro.

Queridos amigos, cada amor humano é sinal do Amor eterno que nos criou, e cuja graça santifica a escolha de um homem e de uma mulher de se entregarem reciprocamente a vida no matrimónio. Vivei este tempo do namoro na expectativa confiante desse dom, que deve ser aceite percorrendo um caminho de conhecimento, de respeito, de atenções que nunca deveis perder: só sob esta condição a linguagem do amor permanecerá significativa também com o passar dos anos. Depois, educai-vos desde já para a liberdade da fidelidade, que leva a proteger-se reciprocamente, até viver um para o outro. Preparai-vos para escolher com convicção o «para sempre» que conota o amor: a indissolubilidade, antes de ser uma condição, é um dom que deve ser desejado, pedido e vivido, para além de qualquer mutável situação humana. E não penseis, segundo uma mentalidade difundida, que a convivência seja uma garantia para o futuro. Acelerar as etapas acaba por «comprometer» o amor, que ao contrário precisa de respeitar os tempos e a gradualidade nas expressões: tem necessidade de dar espaço a Cristo, que é capaz de tornar um amor humano fiel, feliz e indissolúvel. A fidelidade e a continuidade do vosso gostar um do outro tornar-vos-ão capazes de estar também abertos à vida, de ser pais: a estabilidade da vossa união no Sacramento do Matrimónio permitirá que os filhos que Deus vos conceder cresçam confiantes na bondade da vida. Fidelidade, indissolubilidade e transmissão da vida são os pilares de qualquer família, verdadeiro bem comum, património precioso para toda a sociedade. Desde já, fundai sobre eles o vosso caminho rumo ao matrimónio e testemunhai-o também aos vossos contemporâneos: é um serviço precioso! Sede gratos a quantos vos acompanham na formação com zelo, competência e disponibilidade: são sinal da atenção e da solicitude que a comunidade cristã vos dedica. Não estejais sós: sede os primeiros a procurar e a acolher a companhia da Igreja.

Gostaria de voltar mais uma vez a falar de um aspecto essencial: a experiência do amor tem no seu interior a propensão para Deus. O verdadeiro amor promete o infinito! Por conseguinte, fazei deste vosso tempo de preparação para o matrimónio um percurso de fé: redescobri para a vossa vida de casal a centralidade de Jesus Cristo e do caminhar na Igreja. Maria ensina-nos que o bem de cada um depende do escutar com docilidade a palavra do Filho. Em quem confia

n'Ele, a água da vida quotidiana transforma-se no vinho de um amor que torna a vida boa, bela e fecunda. De facto, Caná é anúncio e antecipação do dom do vinho novo da Eucaristia, sacrifício e banquete no qual o Senhor nos alcança, nos renova e transforma. Não perca a importância vital deste encontro: a assembleia litúrgica dominical vos encontre sempre plenamente partícipes: da Eucaristia brota o sentido cristão da existência e um novo modo de viver (cf. Exort. ap. pós-sinodal *Sacramentum caritatis*, 72-73). Então, não tereis medo de assumir a importante responsabilidade da escolha conjugal; não receeis entrar neste «grande mistério», no qual duas pessoas se tornam uma só carne (cf. Ef 5, 31-32).

(Papa Bento XVI, Encontro com os namorados, 11 de Setembro de 2011)

3º Encontro



Projector de vídeo e computador (para a hipótese de projecção de diapositivos)
Textos para a oração



1. Apresentação de diapositivos ou entrega de folha, com frases escolhidas pelo animador, retiradas da “Audiência Geral” do Papa Francisco (ver textos de apoio).

2. Testemunho de um casal cristão convidado.

3. Tempo para os jovens colocarem questões ao casal.

4. Síntese final feita pelo animador, tendo em conta, o que foi apresentado pelos diversos grupos mas também a introdução e os objectivos do tema. Nesta síntese devem estar presentes, entre outras, as seguintes conclusões:

- A família como fruto e expressão do amor humano;
- A família humana vista à imagem da família divina;
- O lugar/papel dos filhos nesta relação de amor;
- A relação da família-comunidade com a comunidade paroquial (e/ou outras comunidades).



260 | 261 | 416 | 418



Cântico (a Maria)

Oração de um mistério do terço, com a seguinte meditação:

A vida de Maria foi uma vida de perfeita comunhão com o Filho, partilhando com Ele alegrias, dores e triunfos.

Ela e José, vivendo em harmonia, rezavam e guardavam todas as coisas nos seus corações, mesmo em momentos mais difíceis: desde o Sim que inaugurou a missão e abriu o caminho de Deus à

humanidade, e depois durante a infância e educação de Jesus e na Sua vida pública. Não hesitemos em seguir o seu exemplo e em ver cada família como um local privilegiado onde se desenvolve a existência única de cada ser humano - uma escola de vida carregada de significado. O amor mútuo, a responsabilidade, a atenção, o respeito, a oração e a obediência a Deus, fonte de liberdade, são o que torna cada família no colaborador mais próximo de Deus na formação de homens novos, convidando outros, com o seu exemplo, à comunhão da fé e da esperança. Peçamos, neste mistério, a Nossa Senhora, pelas famílias do mundo inteiro, para que alicerçadas em Deus e movidas pelo amor que vem do Céu vivam em unidade e sejam verdadeiras Igrejas domésticas.

Pai Nosso | 10 Avé Marias | Glória

Oração

[Todos]

Ó Deus, de quem procede toda a paternidade no céu e na terra,
faz com que nesta terra, por teu Filho Jesus,
«nascido de mulher», e pelo Espírito Santo,
fonte de caridade divina, cada família humana
se torne um verdadeiro santuário de vida e amor,
para as gerações que se renovam sem cessar.
Que a tua graça oriente os pensamentos
e as acções dos esposos para o bem das suas
famílias e de todas as famílias do mundo.
Que as jovens gerações encontrem
na família um apoio inquebrantável,
que as torne sempre mais humanas
e as faça crescer na vida e no amor.
Que o amor, fortalecido pela graça
do sacramento do Matrimónio,
seja mais forte do que todas as fraquezas
e crises conhecidas pelas nossas famílias.
Enfim, pedimos-te, por intercessão
da Sagrada Família de Nazaré,
que, em todas as nações da Terra,
a Igreja possa cumprir com fruto a sua missão
na família e pela família.
Ámen.

(Papa João Paulo II)

Cântico



O Sacramento do Matrimónio leva-nos ao cerne do desígnio de Deus, que é um plano de aliança com o seu povo, com todos nós, um desígnio de comunhão. No início do livro do Génesis, o primeiro livro da Bíblia, coroando a narração sobre a criação, afirma-se: «Deus criou o homem à sua imagem; criou-o à imagem de Deus, criou o homem e a mulher... Por isso, o homem deixa o

seu pai e a sua mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne» (Gn 1, 27; 2, 24). A imagem de Deus é o casal no matrimónio: o homem e a mulher; não só o homem, não somente a mulher, mas os dois juntos. Esta é a imagem de Deus: o amor, a aliança de Deus connosco está representada na aliança entre o homem e a mulher. Isto é muito bonito! Somos criados para amar, como reflexo de Deus e do seu amor. Na união conjugal o homem e a mulher realizam esta vocação no sinal da reciprocidade e da comunhão de vida plena e definitiva.

Quando um homem e uma mulher celebram o sacramento do Matrimónio, Deus, por assim dizer, «espelha-se» neles, imprime neles os seus lineamentos e o carácter indelével do seu amor. O matrimónio é o ícone do amor de Deus por nós. Com efeito, também Deus é comunhão: as três Pessoas do Pai, Filho e Espírito Santo vivem desde sempre e para sempre em unidade perfeita. É precisamente nisto que consiste o mistério do Matrimónio: dos dois esposos Deus faz uma só existência. A Bíblia usa uma expressão forte e diz «uma só carne», tão íntima é a união entre o homem e a mulher no matrimónio! Eis precisamente o mistério do matrimónio: o amor de Deus reflecte-se no casal que decide viver junto. Por isso, o homem deixa a sua casa, a casa dos seus pais, e vai viver com a sua mulher, unindo-se tão fortemente a ela que os dois se tornam — reza a Bíblia — uma só carne.

Na Carta aos Efésios, São Paulo frisa que nos esposos cristãos se reflecte um mistério grandioso: a relação instaurada por Cristo com a Igreja, uma relação nupcial (cf. Ef 5, 21-33). A Igreja é a esposa de Cristo. Esta é a relação. Isto significa que o Matrimónio corresponde a uma vocação específica e deve ser considerado uma consagração (cf. *Gaudium et spes*, 48; *Familiaris consortio*, 56). É uma consagração: o homem e a mulher são consagrados no seu amor. Com efeito, em virtude do Sacramento, os esposos são revestidos de uma autêntica missão, para que possam tornar visível, a partir das realidades simples e ordinárias, o amor com que Cristo ama a sua Igreja, continuando a dar a vida por ela na fidelidade e no serviço.

No sacramento do Matrimónio há um desígnio deveras maravilhoso! E realiza-se na simplicidade e até na fragilidade da condição humana. Bem sabemos quantas dificuldades e provas enfrenta a vida de dois esposos... O importante é manter viva a união com Deus, que está na base do vínculo conjugal. E verdadeira unidade é sempre com o Senhor. Quando a família reza, o vínculo mantém-se. Quando o esposo reza pela esposa, e a esposa ora pelo esposo, aquela união revigora-se; um reza pelo outro. É verdade que na vida matrimonial existem muitas dificuldades, muitas; que o trabalho, que o dinheiro não é suficiente, que os filhos enfrentam problemas. Tantas dificuldades! E muitas vezes o marido e a esposa tornam-se um pouco nervosos e brigam entre si. Discutem, é assim, sempre se alterca no matrimónio, e às vezes até voam pratos! Mas não devem entristecer-se por isso, pois a condição humana é mesmo assim! E o segredo é que o amor é mais forte do que o momento do litígio, e é por isso que eu aconselho sempre aos cônjuges: não deixeis que termine o dia em que discutistes, sem fazer as pazes. Sempre! E para fazer as pazes não é necessário chamar as Nações Unidas, que venham a casa para instaurar a paz. É suficiente um pequeno gesto, uma carícia... E até amanhã! E amanhã tudo recomeça! Esta é a vida. É preciso levá-la adiante assim, levá-la em frente com a coragem de querer vivê-la juntos. E isto é grandioso, é bonito! A vida matrimonial é realmente bela, e devemos preservá-la sempre, cuidando dos filhos. Outras vezes eu já disse nesta Praça algo que contribui muito para a vida matrimonial. Trata-se de três palavras que é necessário pronunciar sempre, três palavras que devem existir sempre em casa: com licença, obrigado, desculpa. Eis as três palavras mágicas. Com licença: para não se intrometer na vida dos cônjuges. Com licença, como te parece isto? Com licença, permite-me. Obrigado: agradecer ao cônjuge; obrigado por aquilo que fizeste por mim, obrigado por isto. A beleza da gratidão! E dado que todos nós erramos, há outra palavra um pouco difícil de pronunciar, mas necessária: desculpa. Com licença, obrigado e desculpa. Com estas três palavras, com a oração do esposo pela esposa e vice-versa, voltando a fazer as pazes sempre antes que o dia termine, o matrimónio

irá em frente. As três palavras mágicas, a oração e fazer as pazes sempre!
(Papa Francisco, Audiência Geral, Praça de São Pedro, 2 de Abril de 2014)

Jesus inaugura a sua missão pública num banquete nupcial, a festa das núpcias, onde, ao transformar a água em vinho, inaugura o vinho novo, a dimensão definitiva da festa, ligada à sua Páscoa, o verdadeiro vinho novo para a festa definitiva, que a Igreja, o verdadeiro Monte Sião, celebra na Eucaristia, saboreando, desde já, a festa das núpcias do Cordeiro. Nesse dia do Banquete das Núpcias, “o Senhor enxugará as lágrimas de todas as faces e fará desaparecer da terra inteira o opróbrio que pesa sobre o seu Povo” (Is 25, 8). E o Profeta acrescenta que tudo isso acontecerá “porque o Senhor falou”. A Palavra de Deus está no centro da festa das núpcias.

Esta afirmação do Profeta convida-nos a meditar sobre a centralidade da Palavra de Deus e a família cristã como vivência do sacramento do matrimónio. Fá-lo-emos guiados pela Exortação Apostólica “Verbum Domini” (cf. nº 85). Começa por afirmar que “com o anúncio da Palavra de Deus, a Igreja revela à família cristã a sua verdadeira identidade, o que ela é e deve ser segundo o desígnio do Senhor”. Portanto, só escutando a Palavra de Deus, a família cristã vai percebendo a beleza da sua especificidade. Não basta casar na Igreja; a própria preparação do casamento cristão tem de ser feita na escuta da Palavra, que deve acompanhar os esposos cristãos na vivência da fidelidade, no sentido do seu amor como experiência de caridade, na colaboração íntima com Deus, autor e Senhor da vida, na fecundidade e no respeito sagrado pela vida. O matrimónio é um longo caminho, guiado pela Palavra, que só terminará quando, na Casa do Pai, tiverem a alegria de perceber que as suas núpcias foram a inauguração das núpcias eternas, as núpcias do Cordeiro com a Igreja, sua esposa.

A Palavra de Deus revela, desde o início, o mistério das núpcias humanas, expressão criada da íntima comunhão entre as Pessoas divinas: “Deus criou o homem à Sua imagem, à imagem de Deus Ele o criou; e criou-os homem e mulher. Deus abençoou-os e disse-lhes: sede fecundos” (Gn 1, 27-28). “Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe e une-se à sua mulher e os dois tornam-se uma só carne” (Gn 2, 24).

Sem anular a sua diferença, serem um só, na comunhão de amor; é isso a imagem de Deus Uno e Trino. Neste serem um só, na totalidade do seu ser, corpo e espírito, os esposos realizam o desígnio de Deus. Devido à fragilidade do pecado, só em Cristo o casal cristão retoma a possibilidade de serem um só. Cristo torna-se, assim, o protagonista principal do amor conjugal cristão e deu à própria expressão da natureza a força de ser sinal sacramental. A Exortação Apostólica afirma: “na celebração sacramental, o homem e a mulher pronunciam uma palavra profética de doação recíproca: ser uma só carne, sinal do mistério da união de Cristo e da Igreja”. Porque é em Cristo que encontram a força para viverem plenamente a vocação impressa na natureza, cada casal cristão anuncia esse mistério da união de Cristo com a Igreja. A Carta aos Efésios é clara: “Por isso o homem deixará seu pai e sua mãe e une-se à sua mulher, e os dois serão uma só carne. Este mistério é grande: eu refiro-me a Cristo e à Igreja” (Ef 4, 31).

Cada casal cristão torna-se, assim, na vivência da sua comunhão conjugal, um anúncio de Jesus Cristo e do seu amor à Igreja, que ama como uma esposa.

(Dom José Policarpo, Homilia no encerramento do Encontro Diocesano das Famílias por ocasião do Jubileu Sacerdotal, 9 de Outubro de 2011)

O matrimónio cristão

Donde vos veio a decisão de casardes, e de casardes na igreja?

A resposta pode parecer evidente: casámo-nos porque nos amávamos, casámos na igreja porque somos cristãos.

Mas ainda não é a resposta mais verdadeira. De facto, há outro Amor que vos precedeu, vos chamou e vos tornou capazes de manifestardes um ao outro o vosso amor e de o viverdes.

Casastes-vos porque Deus Pai desde sempre pensou em vós, vos amou e vos chamou no Seu Filho Jesus; casastes-vos na igreja, porque Jesus foi o primeiro a dar o Seu «sim» ao Pai até ao gesto supremo do amor e da obediência, e vos deu a força para dizerdes o vosso «sim»; casastes-vos porque o Espírito Santo, recebido no Baptismo, foi, pouco a pouco conformando-vos a Jesus, seguindo o dom e o carisma do amor conjugal.

É esta a realidade mais profunda do vosso ser e da vossa vida; daqui nasce uma segunda pergunta.

Que relação existe entre a vossa essência de casados e a vossa essência de cristãos?

A relação não é mera justaposição extrínseca. O matrimónio, em que fostes constituídos como graça, é para vós um modo particular e específico de viver o seguimento de Jesus. Quem casou na igreja será cristão no matrimónio, seguirá Jesus na vida conjugal; será esta a sua santidade, o seu cristianismo.

Refiro-me ainda às palavras que escutámos da Carta aos Filipenses e do Deuterónimo: «Ama a Javé, teu Deus, com todo teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6, 5); «...Sede inocentes e íntegros, como perfeitos filhos de Deus que vivem no meio de gente pecadora e corrompida» (Fl 2, 15). Mas onde? Como? No seguimento de Jesus. Na vossa vida matrimonial, conjugal e familiar.

Podemos, então, concluir: estais casados cristãmente para amar mais a Jesus Cristo. É este o segredo do matrimónio cristão.

Dessa maneira, o matrimónio é, por um lado, exaltado como lugar de seguimento e imitação do Senhor; e, por outro, é também relativizado, porque, como qualquer realidade criada, está ao serviço do Reino de Deus, é uma forma de estar em Cristo e de O seguir. O bem absoluto é seguir Cristo; tudo o resto são bens não-últimos, mas abertos e relativos ao absoluto que é Jesus e o Seu Reino.

Quando falo sobre estas verdades, pergunto-me: Quantos compreendem? Quantos captam o poder cristão (isto é, relativo a Cristo) do matrimónio? São muitos, infelizmente, os que procuram viver a vida matrimonial indo algumas vezes à igreja, mas sem compreender a relação íntima que liga as duas realidades.

É esta graça, é esta revelação que vos é dada através da vossa caminhada cristã, sendo assim responsáveis pelos numerosos casais que arrastam o seu matrimónio e o seu cristianismo, não vivendo nenhum deles com alegria.

Por isso, deveis resplandecer como luzeiros no mundo. Porque o matrimónio é o vosso caminho específico de santidade (cf GS, 48).

Qual é o sentido do vosso amor conjugal pelo caminho da fé?

Poderemos resumi-lo sinteticamente assim: o vosso matrimónio contém uma vocação a uma unidade de casal e de família que tem de ser construída dia a dia; é uma natural e irresistível vocação à unidade. Por isso, lemos as palavras de Jesus, que valem para todas as famílias: «Sejam um, como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti, para que também eles estejam em Nós» (Jo 17, 21).

A experiência dos primeiros anos de matrimónio é precisamente aquela em que se procura, por todos os modos, construir esta unidade, com o entusiasmo e a alegria de se verem feitos um para o outro, mas também com as surpresas desagradáveis de mutuamente descobrirem que o outro não é como se pensava e que, por isso, se requer um longo caminho de integração, de ascese, de perdão e de paciência. Porque a unidade não é evidente; pois é um milagre, é um dom oferecido por Deus, é uma graça, que duas pessoas vivam juntas durante muito tempo sem se cansarem uma da outra, mas agradecendo cada vez mais esse dom de Deus. Não é óbvio que

haja concordância em família, não é natural; o que é natural é justamente o contrário. É a graça do sacramento do matrimónio que nos leva a viver um caminho único, «a dois», realizando todas as acções diárias já não com o espírito de pessoa solteira, livre para escolher e fazer o que quiser e exigir respeito da parte do outro; acontece, porém, que tudo, directa ou indirectamente, deve ser feito «a dois» ou, pelo menos, em função um do outro. Isto é muito difícil e há pessoas que ainda não o compreenderam, mesmo depois de muitos anos de casamento; talvez se lamentem de ter problemas, de não serem compreendidas, pois não perceberam esta regra fundamental.

É claro que, precisamente para poderem viver bem, «a dois», são precisos momentos de tranquilidade, de privacidade, de solidão (porque uma coisa ajuda a outra); mas não são momentos em que a pessoa se fecha sobre si mesma, antes de discrição ou reserva, para melhor poder descobrir a outra pessoa.

Entramos agora no grande tema da intimidade sexual, como expressão e alimento de uma comunhão interpessoal total, na lógica do dom de si próprio, que é acolhido, recebido pelo sacramento do matrimónio para a unidade perfeita em Jesus. Para que isto aconteça, para que a intimidade mais profunda seja deveras vivida como dom, é necessária uma educação constante para a castidade, «como virtude que promove a sexualidade da pessoa e a defende de todo o empobrecimento e falsificação». Assim se exprimem os Bispos Italianos no documento *Evangelização e Cultura da Vida Humana* (n.º 29). E prosseguem: «Além disso, na vida conjugal, é necessário cultivar entre os cônjuges uma relação de doação e acolhimento recíprocos, favorecida até pelo recurso aos métodos naturais de regulação da fertilidade» (*Ibidem*).

No entanto, estes métodos devem ser encarados tendo em vista uma progressiva, bem controlada e vivida intimidade.

Certamente, como nos recordou São Paulo, deveis resplandecer como luzeiros num mundo às escuras; a sociedade em que vivemos não nos ajuda nada, mas lembremo-nos também de que nunca houve uma sociedade perfeita. No tempo de Jesus as coisas eram muito mais difíceis, a ideia do matrimónio assim vivido era algo nunca ouvido e, no entanto, foi esta força que venceu o mundo.

Como escrevi em *Estar de acordo na família*, não devemos, por isso, desanimar, pois a unidade exige trabalho, requer muito perdão, muita paciência, exige que se comece sempre do princípio. É uma constante educação mútua, é deixar-se educar pelo outro, que em toda a vida comum representa um objectivo que se deve esclarecer, um alvo que tem de ser limpo todos os dias.

Que deveres e responsabilidades derivam de ser casal e família cristã?

A resposta é dupla: o vosso matrimónio contém a *vocação ao dom da vida* e engloba uma vocação missionária (que talvez se viva nos primeiros anos, sobretudo com o exemplo, e nos outros a seguir mais com a irradiação positiva).

Como o Papa disse, a 28 de Outubro de 1989 a jovens casais reunidos, em Taranto: «Sois colaboradores do Criador na difusão e na educação da vida humana» (n.º 4).

Neste sentido, os primeiros anos do matrimónio estão carregados de recursos estupendos, mas também são ameaçados pelo medo e pelas dificuldades. Diante da espera e do nascimento do primeiro filho, é fácil perceber a carga de alegria e de responsabilidade deste serviço; contudo, não faltam medos e dificuldades, por vezes, até muito sérios, de ordem não só económica e social, como também psicológica ou de saúde. E, às vezes, o medo pode tornar-se desamor ou mesmo rejeição programática do filho. Diz o documento da CEI [Conferência Episcopal Italiana] *Evangelização e Cultura da Vida Humana*: «Há jovens casais que tendem a adiar muito o nascimento do primeiro filho, depois de terem conseguido arranjar outras coisas que consideram essenciais, de acordo com os modelos actualmente dominantes» (n.º 9).

Portanto, num contexto como o nosso, é preciso pedir a Deus a graça de *descobrir o significado*

autêntico da procriação e da paternidade responsável. É necessário reagir contra a mentalidade dominante e aceitar o convite à generosidade (cf. Evangelização e Cultura da Vida Humana, n.º 32), à dedicação e à confiança.

E também é necessário *nunca subordinar os filhos a outro fim que não seja eles mesmos*. O filho não deve ser querido por algo diferente dele; de contrário, passar-se-á, depois, para formas de desilusão ou de domínio, que envenenam, sobretudo, os anos da sua adolescência. A condição primária para enfrentar adequadamente o problema das vocações que preocupa a nossa Diocese é precisamente esta atitude pronta a aceitar com alegria, mesmo as opções dos filhos e filhas que os levem para fora da família, para horizontes mais vastos. E são opções que, depois dos primeiros sacrifícios e afastamentos, inevitavelmente se repercutem como graça e alegria na própria vida familiar.

A acção missionária. Deveis ser *protagonistas na Igreja e na sociedade, antes de mais com a vossa vida conjugal e familiar vivida cristãmente*. Perante concepções e formas familiares contraditórias e inaceitáveis, já é missionário querer viver um ideal cristão com serenidade, simplicidade e coragem.

Cumpram-vos propor, em primeiro lugar pelo vosso testemunho de vida, uma concepção e um tipo de família cujo fundamento está no matrimónio, como união estável de um homem e de uma mulher, baseada no amor conjugal.

Mas depois, sobretudo após os primeiros anos, é preciso que todos vós sejais colaboradores e colaboradoras, promotores e promotoras de uma *renovada acção pastoral nas relações com os casais jovens como vós*. De muitas maneiras: grupos familiares, trabalho na paróquia, pastoral familiar, voluntariado internacional, formas de acolhimento e abertura missionária. São extraordinárias as formas de generosidade que vejo nas jovens famílias; por vezes, fico verdadeiramente confundido ao ver as opções corajosas de acolhimento, de adopção ou de êxodo missionário que há na nossa Diocese, tanto mais belas quanto menos propagandeadas.

Vou ler-vos palavras de um jovem casal libanês, de uma *Equipa de Casais de Nossa Senhora*: «Nestes três anos de casamento formámo-nos, como formigas trabalhadoras, assíduas e pacientes, para procurarmos ser um sacramento vivo, preparado para o acolhimento, formando uma família que seja oásis de paz. Neste ano, a guerra foi cada vez mais devastadora. Mas a esperança não nos abandona; e no Natal de 89 nascerá o nosso primeiro filho». Eis uma família que se esforçou por viver uma provação dolorosa, tornando-se irradiação de paz à sua volta.

Quero falar num outro tema que me é muito caro, ou seja, a atenção e a *proximidade com os anciãos*: proponho que se faça um pacto social, pelo qual os idosos possam ser tratados pelos seus filhos até ao fim da sua existência.

E alargue ainda as vossas perspectivas a uma *participação social mais directa*, no mundo escolar, económico e político, para que a convivência civil respeite mais cada pessoa, considerada no seu necessário contexto familiar.

Concluo com uma exortação, sempre muito necessária: *nunca perca a confiança*, aconteça o que acontecer. *O Senhor orou também por vós*: «Não Te peço que os tirs do mundo [...] Consagra-os na verdade [...] Guarda-os do Maligno» (Jo 17, 15.17). Jesus não só ora por vós, mas também está convosco. Diz o Concílio: «Como outrora Deus foi ao encontro do Seu povo com um pacto de amor e de fidelidade, assim também agora o Salvador dos homens e Esposo da Igreja vem ao encontro dos cônjuges cristãos pelo sacramento do matrimónio. Além disso, permanece com eles» (GS, 48).

Que a vossa experiência diária, mesmo nas provações, nos sofrimentos e nas dificuldades, testemunhe esta alegria profunda que é a alegria do Evangelho, vivido na família cristã, para que essa alegria possa difundir-se amplamente à vossa volta e tornar a nossa Igreja mais resplandecente.”

(Carlo Maria Martini, *Aonde Vais Família?*, Lisboa, Ed. São Paulo, 1996, p. 145-150)

2º BLOCO**III – A relação – o caminho de Deus****LINHAS GERAIS**

1. «E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós. E nós contemplamos a sua glória: glória do Filho único do Pai, cheio de amor e fidelidade» (Jo 1, 14).

Deus fez a sua morada no coração dos homens. Ele busca incessantemente o Homem. Desde a criação que Deus nos faz seus e nos convida a com Ele estabelecermos uma relação amorosa. O amor de Deus pelos homens, sempre presente ao longo da história da Salvação, que anima e fecunda, atinge a sua plenitude em Jesus Cristo. Ele é o filho muito amado do Pai. O Deus conosco. O amor feito homem para revelar ao homem os caminhos do amor. Presente em todos os momentos da nossa vida, mesmo quando não o vemos e nos parece distante, Deus dá-se a conhecer na pessoa do seu filho Jesus Cristo, o Verbo Encarnado. Ele é o rosto do Pai, a Palavra definitiva de Deus aos homens. Ele é a plenitude da relação de Deus com os homens – o Deus feito homem.

Por isso, é em Cristo, com Cristo e por Cristo que a humanidade entra em comunhão plena com Deus. É Ele que nos mostra o caminho para Deus, caminho feito de amor ao Pai e aos homens: «Todo aquele que ama, nasceu de Deus e conhece a Deus. Quem não ama não conhece a Deus porque Deus é amor» (1 Jo 4, 7). Amemos porque Ele amou primeiro. Só há caminho para Deus no amor ao próximo como o Pai o ama infinitamente em seu Filho. Só assim podemos estar em comunhão com Aquele que é o Amor. Porque somos filhos no Filho, deixemo-nos seduzir por Cristo, pela sua pessoa, pelas suas atitudes, pela forma como Ele se relaciona e aprenderemos a ser com Deus e com os homens, aprenderemos a ser verdadeiramente filhos de Deus e irmãos uns dos outros. Ele é a grande surpresa de Deus. Oferta gratuita de relação amorosa aos que ousam contemplar o seu rosto. Olhemos para a cruz, onde o amor atinge a plenitude da entrega total e Cristo une para sempre Deus e os homens.

2. É Jesus também que nos ensina a rezar. Na oração, encontro íntimo de dois corações, onde Pai e filho se unem num diálogo, Deus penetra e envolve todo o nosso ser. Presente de muitos modos na vida de cada homem, Deus fez a sua morada na Igreja, corpo de Cristo, e continua a vivificar-nos através dela. De um modo particular, nos sacramentos, sinais eficazes da graça, sinais de Deus na nossa vida, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, pelos quais nos é dada a vida Divina (Catecismo da Igreja Católica 1131). Desde o início da nossa vida, o Espírito de Deus é derramado no nosso coração, faz-nos filhos de Deus, alimenta-nos e congrega-nos, confirma e edifica as nossas escolhas, e auxilia-nos nos momentos de fraqueza e de dor.

O QUE SE PRETENDE

- Identificar situações de encontro com Deus na minha vida;
- Perceber a minha vida como uma relação com Deus, em Deus e para Deus;
- Olhar as múltiplas relações de Jesus com os Homens do seu tempo;
- Acolher Jesus como a Revelação do Pai;
- Deixar-me seduzir por Aquele que é o Amor em relação;
- Ousar ser relação amorosa para os outros.

Para este tema propomos três encontros num processo gradativo que parte da tomada de consciência do próprio que é chamado à relação com Deus, passa pelo acolhimento de Jesus como lugar da verdadeira e única relação e culmina num apelo a um compromisso de relação com os outros, à luz da Palavra Revelada.

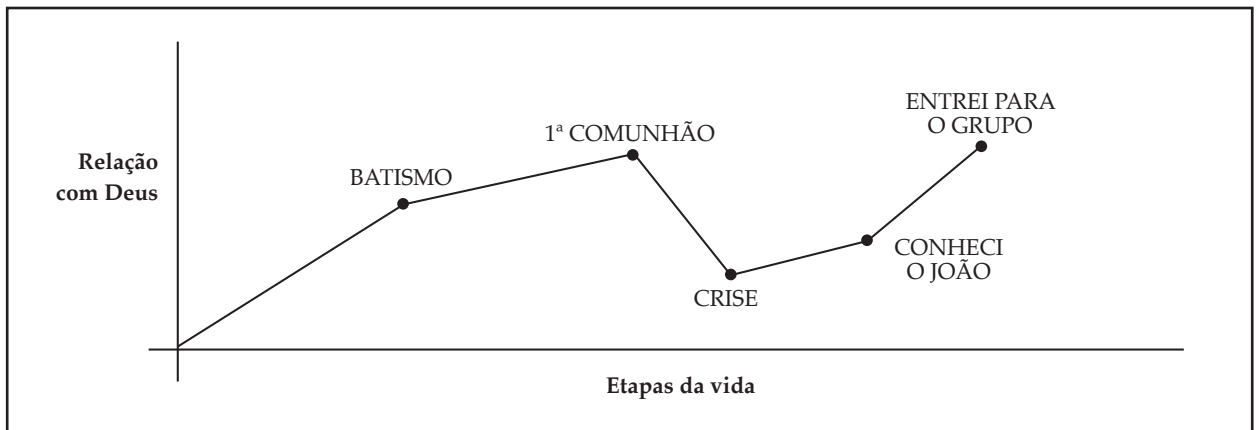
1º Encontro



Bíblias
Folhas para fazer o gráfico
Texto: "Pegadas na areia"



1. Propor a cada um que num gráfico expresse os momentos mais marcantes da sua relação pessoal com Deus.
O gráfico a realizar deve ser expressão pessoal e íntima da relação que cada um tem com Deus e pretende fazer cada um tomar consciência dessa mesma relação. Exemplo:



2. Depois do trabalho individual, em pequenos grupos:

2.1. Partilhar o que foi marcante nesses momentos e como é que a presença de Deus se manifestou?
2.2. Encontrar elementos comuns nessas partilhas e perceber o que nos dizem acerca do modo como Deus se faz presente na vida.

3. Partilhar em plenário as respostas.

4. É importante que o animador faça uma síntese de tudo o que foi dito, relacionando-o com os objectivos específicos que se pretendem alcançar:

- Deus falou-nos definitivamente em Jesus Cristo.
- Jesus é o Rosto do Pai.
- Jesus disse aos seus discípulos que estaria sempre com eles; está presente na Igreja e através da Igreja.

- Os sacramentos são sinais eficazes desta presença. É Deus que se dá aos homens. - *Youcat* 174 | 177 | 279

- Os momentos desta vivência cristã são, na vida de cada um, momentos, por excelência, da presença de Deus:

- Batismo – *Youcat* 130 | 150 | 193 | 194-202 / *Catecismo da Igreja Católica* 1212 – 1284
- Confirmação – *Youcat* 193 | 203-207 / *Catecismo da Igreja Católica* 1285 – 1321
- Eucaristia – *Youcat* 99 | 193 | 208-223 / *Catecismo da Igreja Católica* 1322 – 1419
- Reconciliação – *Youcat* 224-229 / *Catecismo da Igreja Católica* 1422 – 1498



Cântico

Leitura – 1 Jo 4, 7-10

Breve momento de silêncio

Entrega do texto: “Pegadas na areia”

Pegadas na Areia

Um noite eu tive um sonho...

Sonhei que andava a passear na praia com o Senhor, e, no firmamento, passavam cenas da minha vida. Após cada cena que passava, percebi que ficavam dois pares de pegadas na areia: um era o meu e o outro era do Senhor.

Quando a última cena da minha vida passou diante de nós, olhei para trás, para as pegadas na areia, e notei que muitas vezes, no caminho da minha vida, havia apenas um par de pegadas na areia. Notei também que isso aconteceu nos momentos mais difíceis e angustiosos do meu viver. Isso aborreceu-me deveras e perguntei então ao Senhor:

- Senhor, Ti disseste-me que, uma vez que resolvi seguir-Te, Tu andarias sempre comigo, em todos os caminhos. Contudo, notei que durante as maiores tribulações do meu viver, havia apenas um par de pegadas na areia. Não compreendo porque é que, nas horas em que eu necessitava de Ti, Tu me deixaste sozinho.

O Senhor respondeu-me:

- Meu querido filho, jamais te deixaria nas horas da prova e do sofrimento. Quando viste, na areia, apenas um par de pegadas, eram as minhas. Foi exactamente aí que peguei em ti ao colo.

Cântico



Durante a semana seguinte ao encontro, cada jovem reflecte e regista, no final de cada dia, de que forma é que Deus esteve presente na sua vida (acontecimentos, pessoas, etc.).



Testemunhas vivas do amor de Deus

Todas as relações humanas, sejam elas entre pais e filhos, maridos e esposas, apaixonados e amigos, sejam entre membros duma comunidade, são para serem sinais do amor de Deus pela

humanidade como um todo e por cada pessoa em particular. Este é um ponto de vista pouco comum mas é o ponto de vista de Jesus. Jesus diz: "Amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei. É nisso que todos reconhecerão que sois meus discípulos" (Jo 13, 34-35). E como é que Jesus nos ama? Ele diz: "Como o Pai me amou, assim vos amei Eu" (Jo 15, 9). O amor de Jesus por nós é a plena expressão do amor de Deus por nós, porque Jesus e o pai são um. "O que Eu vos digo", diz Jesus, "não o digo de mim mesmo, mas o Pai que está em mim é que faz as obras. Acreditai que estou no Pai e o Pai em mim" (Jo 14, 10-11).

Estas palavras, à primeira vista, podem parecer sobremaneira irrealis e mistificadoras, mas têm implicações directas e radicais quanto à maneira de vivermos o nosso relacionamento diário.

Jesus revela-nos que somos chamados por Deus a sermos testemunhas vivas do amor de Deus. E tornamo-nos essas testemunhas seguindo a Jesus e amando-nos mutuamente como Ele nos ama. O que tem isto a ver com o casamento, a amizade, a comunidade? É que a fonte do amor que sustenta estas relações não são os parceiros em si mesmos mas Deus que junta os parceiros. Amar-se reciprocamente não é agarrar-se uns aos outros de modo a encontrar segurança num mundo hostil, mas viver em conjunto de tal maneira que todos nos reconheçam como povo que torna o amor de Deus visível ao mundo. Não só provém de Deus toda a paternidade e maternidade, mas também toda a amizade, a camaradagem, o matrimónio, bem como a verdadeira intimidade e comunidade. Quando vivemos como se as relações humanas fossem uma criação dos homens e, portanto, sujeitas às voltas e às mudanças dos regulamentos e costumes humanos, não podemos esperar nada senão uma imensa fragmentação e alienação que, de resto, caracterizam a nossa sociedade. Mas, quando proclamamos e reclamamos constantemente Deus como a fonte de todo o amor, então descobriremos o amor como um Dom de Deus ao seu povo.

Revelar a fidelidade de Deus

Todas as relações humanas, para serem autênticas, devem procurar a sua fonte em Deus e dar testemunho do amor de Deus. Um dos mais importantes atributos do amor de Deus é a fidelidade. Deus é um Deus fiel, um Deus que cumpre as suas divinas promessas e nunca nos desilude. Deus mostra a sua fidelidade para com Abraão e Sara, Isaac e rebecca, Jacob e Raquel. Deus mostra a sua fidelidade para com Moisés e Aarão e para com o seu povo quando foge do Egipto para a Terra Prometida. Mas a fidelidade de Deus vai mais longe. Deus não só quer ser um Deus *para nós*, mas também um *Deus conosco*. Ao enviar-nos Jesus, Deus quer convencer-nos da inquebrantável fidelidade do seu amor divino. Mas há mais ainda. Quando Jesus parte diz-nos: "Não vos deixarei órfãos...mas vou enviar-vos o Espírito Santo" (cf. Jo 14, 18s). O Espírito de Jesus é Deus dentro de nós. Aqui é revelada a plenitude da fidelidade de Deus. Por Jesus, Deus dá-nos o seu divino Espírito, de maneira a podermos viver uma vida semelhante à de Deus. O Espírito é a respiração de Deus. É a intimidade entre Jesus e o seu Pai. É a divina comunhão. É o amor de Deus a actuar dentro de nós.

Esta fidelidade divina é o cerne do nosso testemunho. Pelas nossas palavras, mas sobretudo pela nossa vida, devemos revelar a fidelidade de Deus ao mundo. O mundo não está interessado na fidelidade de Deus ao mundo. O mundo não está interessado na fidelidade, porque a fidelidade não contribui para alcançar o sucesso, a popularidade e o poder. Mas, quando Jesus nos chama ao amor mútuo, como Ele nos amou a nós, chama-nos a relações fieis, não baseadas nos interesses pragmáticos do mundo, mas sim na certeza do amor eterno de Deus.

A fidelidade, obviamente, não significa necessariamente estar sempre juntos, a todo o custo. Isso não é um reflexo do amor de Deus. A fidelidade significa que toda a decisão que tomamos em conjunto na vida deve ser guiada pela mais profunda consciência de que somos chamados a ser sinais vivos da presença fiel de Deus entre nós. E isso exige uma atenção aos outros que via muito para além de qualquer obrigação formal.

(Henri J. M. Nouwen, *Aqui e Agora*, 1996)

O BAPTISMO

O santo Baptismo é o fundamento de toda a vida cristã, o pórtico da vida no Espírito e a porta que dá acesso aos outros sacramentos. Pelo Baptismo somos libertos do pecado e regenerados como filhos de Deus; tornamo-nos de Cristo e somos incorporados na Igreja e feitos participantes na sua missão (Catecismo da Igreja Católica, nº 1213)

“Eu te baptizo
em nome do Pai,
e do Filho,
e do Espírito Santo”.

O segredo da água

O baptismo tem as suas raízes nas entranhas da criação, de onde jorram as suas fontes. No mistério da água. A água impele o homem e povoa o seu imaginário. Toda a vida é um canto de louvor à água, uma ladainha à fertilidade. A água é alimento, alegria, reflexo e música, inércia e movimento, doçura e força. Ela é o concerto harmonioso do som e da luz. Haverá alguma realidade que não possa ser sugerida pela água? S. Francisco dizia: “Bendito sejas tu, Senhor, pela irmã água: ela é útil e humilde, preciosa e casta”.

Ora, todas as possibilidades de evocação da água se movem em torno de dois pólos: vida-fecundidade e morte-destruição. É esse o mistério da água: ela tem em si tanto a vida como a morte. A água fecunda e a água mata; desperta para a vida e provoca o afogamento. Está-se apaixonado por ela e tem-se medo dela. É do seio da água que surge toda a vida, mas neste túmulo também tudo é tragado.

A água da criação encontra simbolicamente o seu sentido último no Baptismo. A partir do primeiro dia da criação, “o Espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas” (Gn 1, 2), e “um rio nascia no Éden e ia regar o jardim, dividindo-se, a seguir, em quatro braços” (Gn 2, 10).

A água fecunda.

Mas a arca de Noé teve que salvar o homem das águas destruidoras do dilúvio. “Pela madeira da arca”, dirão os Padres da Igreja, “fomos salvos da morte”. O mesmo se dirá da madeira da cruz, que nos salva de outro dilúvio.

Acima de tudo, Israel guarda a memória das “águas salvadoras do Mar Vermelho”. Ao sair da casa de escravidão do Egipto, o povo foi salvo: atravessou o mar a pé enxuto e viveu. Mas os cavaleiros do Faraó foram tragados; de manhã, os seus cadáveres cobriam as margens do mar. Ao longo dos séculos, a passagem do Mar Vermelho foi considerada como uma prefiguração do Baptismo. O fenómeno reproduz-se, aliás, a uma escala menor, por ocasião da travessia do Jordão sob o comando de Josué, à entrada da terra prometida.

Entretanto, também Moisés tinha salvo da sede todo o Israel fazendo, com a sua vara, brotar água do rochedo.

Os Padres da Igreja não cessavam de procurar o menor indício de água salvadora no Antigo Testamento, um pouco como os garimpeiros no leito de um rio: águas do paraíso, do dilúvio, do Mar Vermelho, água extraída do rochedo no deserto, Jordão, banho de Naaman o Sírio, etc. Vamos voltar a encontrar juntas todas estas imagens do Baptismo na magnífica bênção da água baptismal em todas as vigílias pascais. E não é tudo.

Jesus baptizado no Jordão

Jesus deixou-se baptizar por João no Jordão; assim, Ele cumpre todas as prefigurações, realiza-as. É que aqui não se trata de um anúncio obscuro da redenção e do novo nascimento: aqui tudo se passa realmente. Aqui a água já não prefigura apenas, realiza. Jesus ilustra esta novidade do

Batismo em vários outros relatos e discursos. A Nicodemos Ele fala de “nascer da água e do Espírito” (Jo 3); à samaritana promete uma água viva (Jo 4); e o paralisado é curado junto da piscina (Jo 5).

Mas Ele vai mais longe. Liga o banho de água ao dom do Espírito Santo. Porque, sobre o Jordão, o céu abre-se e “o Espírito Santo desce como uma pomba e permanece sobre Ele” (Jo 1, 32). João batizava com água; Ele batiza no Espírito Santo e no fogo (Mt 3, 11).

Mais ainda: Jesus liga o seu batismo à cruz. Curva a cabeça sob a mão de João e desaparece sob a superfície do rio. Submete-Se como um escravo, manifestando assim a renúncia a Si próprio (*kenose*). Aliás, Ele falará da sua morte como de um batismo (cf. Mc 10, 38s) e dirá da sua angústia até que ele se realize (cf. Lc 12, 50). De resto, a água que brota do seu lado trespassado simboliza o batismo (cf. Jo 19, 34).

Baptizados na morte

Paulo será o primeiro a formular expressamente esta realidade: ser-se batizado é entrar na morte de Cristo, é morrer e ser sepultado com Ele e também ressuscitar com Ele (cf. Rm 6). Ele não entende isto à maneira de uma imagem vazia de sentido, mas de uma realidade verdadeira. Como o enxerto de uma planta partilha todas as aventuras do caule, assim, pelo Batismo, nós somos plantados e crescemos com Cristo; vivemos tudo o que Ele viveu. Com Ele, tornamo-nos ‘profetas, sacerdotes e reis’. Isto significa que como profetas dizemos as suas palavras, que como sacerdotes oferecemo-nos —n’Ele e com Ele —em oferta espiritual ao Pai, e que é com um poder real que transformamos o mundo e santificamos a criação.

Jesus pediu à sua Igreja que baptizasse: “*Ide... ensinai todas as nações, baptizando-as*” (Mt 29, 19). Para isso, a Igreja não esperou mais do que o Pentecostes, e desde então nunca mais parou. Aos três milhares do Pentecostes têm-se sucedido milhões e milhões.

O Batismo é, pois, confiado à Igreja. Ela empresta a sua fé aos pequeninos que ainda não podem crer por si próprios. A sua própria fé. Através da fé dos pais, é a Igreja-Mãe que dá a sua fé aos mais pequenos. Tão grande é o seu instinto de mãe.

A Igreja dá o Batismo às crianças, mas em compensação recebe essas crianças. Pelo batismo, ela toma-se “feliz mãe de tantos filhos”, como se pode ver esculpido no frontão das pias baptismas do mais antigo baptistério de Roma. Se a Igreja ‘faz’ o Batismo, o Batismo ‘faz’ a Igreja. Graças a ele, surge uma única grande família de irmãos e irmãs, a *família Dei*, a família de Deus.

Renunciar ao pecado e revestir-se de Cristo

O Batismo não só incorpora à Igreja mas também muda o homem. Deus não nos considera apenas como um conjunto — a sua família — mas considera também cada um em particular.

Interiormente, os sacramentos operam o que exprimem, o que mostram exteriormente. São sinais e símbolos, mas sinais activos. Pode sempre deduzir-se o que o sacramento opera a partir do que se vê e do que se ouve. O mesmo acontece com o Batismo. A água é ao mesmo tempo destruidora e vivificante; ela pode ser sepulcro ou banho. Esta dupla acção encontra-se no coração de cada baptizado. Passa-se qualquer coisa.

No baptizado, o pecado é destruído pelo poder da cruz que venceu todo o mal. O misterioso pecado original com que vimos ao mundo é suprimido pelo Batismo. Mas ficam resíduos, já não do pecado mas daquilo que outrora o acompanhou. Ainda temos que morrer, e não somos poupados ao sofrimento; conservamos a nossa natureza muitas vezes recalcitrante, e subsiste “um espinho na nossa carne” que nos leva ao pecado, à cobiça, outro nome do nosso egoísmo.

Mas também nos tomamos uma nova criação. Mais uma vez, não se trata aqui de uma metáfora, de uma maneira de falar. É uma realidade. E a Escritura não se cansa de inventar imagens e palavras, fortes e realistas, para exprimir isto. Não somos apenas considerados filhos de Deus

ou chamados assim, somo-lo realmente (1 Jo 3); somos uma nova criação (2 Cor 5, 17) e filhos adoptivos de Deus (Gl 4, 5-7). Pedro tem a expressão mais forte: “nós participamos da natureza divina” (2 Pd 1, 4). Somos membros de Cristo (cf. 1 Cor 6, 15; 12,27), herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo (Rm 8, 17), templos do Espírito Santo (1 Cor 6, 19).

A riqueza do acontecimento baptismal é inesgotável: todos os teólogos se têm debruçado sobre ele para o compreenderem melhor. Pelo Baptismo, a Santíssima Trindade vem habitar em nós e faz-nos participar da sua própria vida (a graça santificante); Ela faz nossos os pensamentos de Deus (fé), os seus desígnios e a sua segurança (esperança), a sua própria vitalidade e a sua vicia íntima (caridade), O Baptismo confere-nos também os dons do Espírito Santo, isto é, a delicadeza e o entusiasmo para fazer o bem. No entanto, as nossas virtudes morais naturais são aguçadas: o que de melhor há em nós é despertado e estimulado.

A CONFIRMAÇÃO

“Pelo sacramento da confirmação, os baptizados são mais perfeitamente vinculados à Igreja, enriquecidos com uma forma especial do Espírito Santo e deste modo ficam obrigados a difundir e defender a fé por palavras e obras, como verdadeiras testemunhas de Cristo” (*Catecismo da Igreja Católica, n°1285*)

“Recebe,
por este sinal,
o dom do Espírito Santo”.

Completar o baptismo

Baptismo e Confirmação são muito próximos; dir-se-ia que a segunda é o prolongamento do primeiro. A Confirmação confirma corrobora o que o Baptismo deu Completa-o.

É como auxílio de imagens que mais bem se pode sugerir a relação entre estes dois sacramentos. Na vida de Jesus não houve senão um único e mesmo mistério pascal, mas houve Páscoa e Pentecostes. Na Páscoa, Jesus ressuscitou, revestido do poder do Espírito até no seu próprio corpo; no Pentecostes, esse poder manifestou-se exteriormente, entrou em acção. Assim acontece na nossa vida: temos a nossa Páscoa no Baptismo e o nosso Pentecostes na Confirmação. O que, pelo Baptismo, já estava em germen em nós desenvolve-se pela Confirmação.

No Baptismo recebemos praticamente tudo, como uma criança ao nascer. Ela tem inteligência, vontade, coração e imaginação. De facto, nada lhe falta, mas, por enquanto, tudo está adormecido. Mais tarde, tudo isso há-de despertar, e a criança poderá pensar, querer, sentir e imaginar. Do mesmo modo, o baptizado já é plenamente cristão, mas ainda uma ‘criança’: a Confirmação fará dele um adulto.

O baptizado assemelha-se a um veleiro munido de todo o equipamento necessário: casco e leme, mastro e velas. Mas continua amarrado, imóvel junto ao cais. Só quando se levantar o vento da manhã de Pentecostes é que tudo se põe a funcionar. As velas vão-se enfunar, e depois é só pilotar e navegar.

As lágrimas da oliveira e o perfume do bálsamo

A Confirmação é ministrada através de dois sinais: o óleo perfumado e a imposição das mãos. O óleo — as lágrimas da oliveira, como lhe chama a liturgia — provém da criação, misturada com bálsamo, O óleo sugere a abundância, a exuberância da natureza. Mas também flexibilidade, purificação e cura, docilidade e amabilidade, riqueza e paz. O óleo embeleza e faz brilhar, como o prateado das oliveiras faz cintilar a paisagem. Toma resplandecente e forte. O bálsamo sugere prazer e festa; dá ao óleo o seu encanto.

Este significado rico é retomado e desenvolvido na Confirmação. Nela encontra-se, com efeito, a opulência do Espírito, a agilidade e o brilho do atleta, a beleza do sacerdócio real, o bálsamo da alegria, a cura da timidez.

Tal como o óleo é uma substância familiar aos homens, a imposição das mãos é um gesto que lhes é habitual. Tem muitos significados: transmissão de poder, garantia de força, missão, bênção, sinal de continuidade e de reconhecimento, gesto de protecção.

Profetas, sacerdotes e reis

Na antiga Aliança, os profetas, os sacerdotes e os reis eram ungidos. Por este procedimento sugeria-se e ratificava-se tanto a sua dignidade como o seu cargo e a sua missão.

Mas a antiga Aliança dirige a sua atenção sobretudo para o Ungido por excelência, o Messias. Um dia virá o verdadeiro Ungido sobre o qual repousará a plenitude do Espírito: “O Espírito do Senhor repousa sobre Mim, porque o Senhor Me ungiu. Enviou-Me...” (Is 61, 1).

Quando o Espírito vem no Antigo Testamento, vem normalmente a uma única pessoa, e com vista a uma actuação exterior num dado momento. Foi o que aconteceu a Moisés e a Josué, a Gedeão, a Saul e a David. Mas os profetas vêm como no futuro o Espírito se vai derramar sobre todo o povo. Ele será, por assim dizer, ‘democratizado’. “Depois disto, acontecerá que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne: os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão; os vossos anciãos terão sonhos, e os vossos jovens terão visões...” diz Joel (Jl 3, 1). Por outro lado, o Espírito estabelecer-Se-á então no coração dos fiéis; a sua acção será completamente interiorizada: “Dar-vos-ei um coração novo e introduzirei em vós um espírito novo” (Ez 36, 26). Não suscitará uma força exterior, mas dará, com a obediência dócil e o amor íntimo à lei, o conforto.

Pentecostes

Tudo isto se realiza em Jesus. Manifestamente já no seu baptismo no Jordão: o céu abre-se e o Espírito desce sobre Ele como uma pomba. Jesus é o Messias, o Cristo, o Ungido.

Na cruz, “Ele transmitiu o Espírito”, diz João (Jo 19, 30). Transmite-O a toda a Igreja. As coisas precipitam-se já na tarde do dia de Páscoa. Vem pôr-Se no meio dos discípulos, estando as poitas fechadas, sopra sobre eles e diz: “Recebei o Espírito Santo” (cf. Jo 20, 19-23). No Pentecostes, isto mesmo se realizará em potência, e Pedro compreenderá como é dada razão ao profeta Joel: o Espírito será derramado sobre todos os que acreditarem e se deixarem baptizar (cf. At 2, 17-21), “Estas palavras emocionaram-nos até ao fundo do coração. Perguntaram a Pedro e aos outros apóstolos: ‘Que havemos de fazer, irmãos?’. Pedro respondeu-lhes: ‘Convertei-vos e peça cada um o baptismo em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos seus pecados; recebereis, então, o dom do Espírito Santo’ (At 2, 37s).

Uma tradição dupla

Depressa os apóstolos começam a impor as mãos para dar o Espírito (cf. At 8, 15-17; 19, 5s). Para o autor da Carta aos Hebreus, isto é evidente: uma pessoa toma-se cristã pelo Baptismo e pela imposição das mãos; isso todos os cristãos sabem desde a sua primeira instrução (cf. Hb 6, 1s).

Muito rapidamente, todavia, a esta imposição das mãos se junta a unção com azeite perfumado (crisma). Porque a vinda do Espírito é, muitas vezes, apresentada também como uma unção; esta é doce e penetrante ao mesmo tempo, reconfortante como o Espírito. A riqueza simbólica que a humanidade atribui desde há muito tempo ao óleo perfumado é uma ilustração da acção do Espírito. Este Espírito repousa em plenitude sobre Cristo; por isso, o seu nome significa exactamente Ungido. Daí também que todos os que seguem Cristo sejam chamados cristãos (ungidos).

Nas Igrejas desenvolveu-se uma tradição dupla. O Oriente continua a acentuar fortemente

a unidade orgânica entre o Baptismo e a Confirmação. Por isso, os dois sacramentos são administrados durante uma mesma cerimónia. Ao princípio, o bispo podia sempre fazê-lo em pessoa. Mas, com a multiplicação dos baptismos e a fundação de muitas paróquias fora da cidade, os padres tiveram de assumir gradualmente esta função: baptizavam e confirmavam ao mesmo tempo. É que, apesar de tudo, é uma espécie de 'sacramento duplo' (S. Cipriano).

O Ocidente conservou a Confirmação ligada ao bispo: é ele que procede à inserção plena na Igreja. É por isso que, entre nós, a Confirmação foi diferida para alguns anos depois do Baptismo. O que também permitia catequizar a criança.

O Ocidente chama a atenção para a ligação de cada cristão à Igreja e, logo, ao bispo. Porque ele é o garante e o servidor da Igreja. Ele garante a sua unidade e a pertença da Igreja local à grande Igreja (catolicidade); além disso, ele faz também a ligação aos primeiros apóstolos (apostolicidade).

O Espírito e os seus dons

Quais são os efeitos da Confirmação? Tudo o que aconteceu aos discípulos no Pentecostes acontece aos confirmados: a infusão plena do Espírito.

Por outras palavras: a Confirmação aprofunda a graça baptismal e fá-la crescer. Essa foi também em Jesus a relação entre Páscoa e Pentecostes.

A confirmação enraíza-nos mais na relação filial com o Pai. De modo que podemos dizer cada vez com mais verdade: "Abba, Pai". Recebemos a graça da oração a fim de tomarmos mais consciência do facto de sermos filhos e filhas de Deus e de vivermos melhor essa realidade. Ao mesmo tempo, tomamo-nos mais semelhantes ao Filho. A imagem de Cristo cresce em nós. Os seus pensamentos, a sua vontade, os seus sentimentos, tornam-se os nossos: tomamo-nos mais cristãos.

Recebemos sem medida os dons do Espírito Santo. Segundo as palavras de S. Paulo, em nós crescem "caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, temperança" (Gl 5, 22s).

Tornamo-nos membros adultos da Igreja, equipados para anunciar sem receio por palavras e por actos o nome de Cristo, para nos afirmarmos seus discípulos e nunca termos vergonha da sua cruz.

A EUCHARISTIA

"O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura". (Constituição sobre a Liturgia, nº 47)

"Isto é o meu Corpo,
Isto é o cálice do meu Sangue..."

O sacramento da presença de Jesus

A Eucaristia completa a iniciação cristã. Ela é a fonte e o ponto culminante de todos os sacramentos: tudo provém dela e tudo leva a ela. Com efeito, ela contém tudo o que o cristianismo é, ou seja, Cristo glorioso, vivo entre nós. Por ela, vem-nos toda a bênção divina; por ela, voltam ao Pai todo o louvor, toda a acção de graças, toda a súplica, toda a oferenda que Lhe dirigimos.

Também se Lhe chama muitas vezes "o Santíssimo Sacramento". Ela tem, aliás, um sem-número de nomes: refeição (ou ceia) do Senhor, banquete das núpcias do Cordeiro, fracção do pão, celebração eucarística, santo sacrifício, sacrifício de louvor, oferenda espiritual, liturgia sagrada e divina (Oriente), os santos Mistérios, a comunhão, a santa Missa...

Duplamente implantada na criação e na cultura

Por dois aspectos, a Eucaristia está enraizada no húmus da criação e da cultura humana: ela é refeição e sacrifício. Ou, para dizer o mesmo numa única expressão tomada da história das religiões, ela é refeição sacrificial.

O pão e o vinho estão no coração da criação. São a síntese de tudo o que a terra pode dar de riqueza, de segurança e de energia, de frutos amadurecidos ao sol de Deus, de esconjuro da pobreza e da morte. O pão assegura ao homem vida e meios de subsistência, o vinho coroa-o de alegria.

Mas o pão e o vinho não são apenas fruto da bênção divina e da fertilidade da nossa mãe terra. São também fruto do trabalho dos homens. Simbolizam a nossa participação. Pertencem não só à natureza mas também são cultura. No pão e no vinho estão entrelaçados bênção divina, esforços do homem e exuberância da natureza. “Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos da vossa bondade, fruto da terra e do trabalho do homem...”.

“...que hoje Vos apresentamos...”. Há, desde sempre, um dinamismo irresistível que faz com que, tendo recebido os frutos, eles sejam de novo oferecidos a Deus. Passa-se da fruição à renúncia, do acolhimento à restituição, da refeição ao sacrifício. No princípio do verão, em toda a parte, na alegria de ter colhido os primeiros frutos, o homem põe-se a caminho, carregado com as primícias — os primeiros frutos para as oferecer a Deus. Exprime assim o que sente no fundo de si mesmo: tudo o que a terra produz pertence a Deus, é d’Ele. Apenas nos é emprestado. Não somos os proprietários, apenas os administradores.

Só mais tarde se tomará evidente que Deus não nos pede que Lhe devolvamos o que colhemos da sua mão, mas que Ele nos quer a nós próprios em todo o nosso ser. O verdadeiro sacrifício é o dom de si mesmo.

O pão da salvação e o vinho do Reino que vem

No terriço da refeição e do sacrifício vai fixar-se toda uma história religiosa do pão e do vinho, refeição e sacrifício, como a areia se aglutina à beira-mar. Descobrimos estas aluviões nos relatos da antiga Aliança.

Desde havia séculos, todos os anos Israel oferecia as primícias ao seu Criador. De repente, vai acrescentar-se uma coisa, um quadro histórico. Os pães ázimos da refeição pascal lembram a saída do Egipto. Deus salvou Israel das mãos do Faraó, mas tudo teve de se passar tão depressa que a massa não teve tempo de levedar, e o povo teve que levar pães sem fermento. A partir de então, todas as vezes que os filhos de Israel tomam o pão nas suas mãos, bendizem a Deus.

Mas também se pensa no maná, esse pão vindo do céu que, no deserto, salvou Israel da fome. Isto significa que o pão já não remetia para os benefícios do Deus Criador, mas antes para a sua poderosa intervenção libertadora na história.

Também intervém qualquer coisa que diz respeito ao vinho. A bênção do cálice no fim de toda a refeição judaica já não é apenas acção de graças pelo “fruto da videira”, mas olhar antecipador para o vinho que Israel há-de beber no Reino que vem, quando o Messias vier.

A última ceia

Jesus prossegue na mesma linha. Ele vai perscrutar ainda o mistério do pão e do vinho assim como o do sacrifício, e tirar daí coisas ainda bem mais profundas. Pão e vinho tornam-se o seu próprio Corpo e o seu próprio Sangue; e o sacrifício é a entrega da sua vida na cruz.

Na multiplicação dos pães, toma-se evidente que Jesus, só por Si, pode salvar de uma situação sem saída, e dar pão em abundância àqueles que O escutam. A insuficiência da antiga criação dá lugar à abundância irresistível da nova era. Há tanto pão que sobejam vários cestos. A antiga criação não podia suscitar uma coisa assim; era precisa uma nova criação. O mesmo se passa com

o vinho. Em Caná, o embaraço dos noivos dá lugar à munificência de seis talhas cheias de vinho. O vinho da segunda criação é muito mais abundante que o da primeira.

Mas, por mais estranho que pareça, em toda esta profusão e exuberância há sempre como que uma nota discordante. Os relatos terminam em tom menor. Depois da multiplicação dos pães e do anúncio da Eucaristia no discurso do Pão da Vida (Jo 6), muitos discípulos de Jesus vão-se embora dizendo: “Duras são estas palavras! Quem pode escutá-las?” (Jo 6, 60). Os Doze quase os acompanham! Aferram-se às palavras de Jesus, mas compreender é que eles não podem. É já a cruz que projecta a sua sombra. O mesmo acontece em Caná. “Que temos nós com isso, mulher?”, diz Jesus a sua mãe, “a minha hora ainda não chegou” (Jo 2, 4). Uma alusão bem clara à ‘hora’ da paixão. Assim, refeição e sofrimento ficam ligados entre si. A refeição do Senhor será também o memorial da sua paixão e da sua morte. É esse o sacrifício.

Tudo isto se torna realidade na última ceia. Aí todos os eixos se juntam: o do pão e do vinho, o da refeição e do sacrifício, o da oferenda e do dom de si. A criação e a redenção; ontem, hoje e amanhã. “Isto é o meu Corpo que será entregue por vós” — “Este é o cálice do meu Sangue... que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados”.

“Fazei isto em memória de Mim”

“Fazei isto em memória de Mim”, disse Jesus. Nunca testamento algum foi respeitado com maior cuidado que o de Jesus, “até que Ele venha”.

Desde as origens, a Igreja tem observado escrupulosamente este memorial: manteve-se fiel à “fracção do pão” (cf. At 2,42) e permitiu “partir o pão na casa dos fiéis” (cf. At 2, 46). Era sobretudo ao domingo, primeiro dia da semana e dia da ressurreição, que os cristãos se reuniam para “partir o pão” (cf. At 20, 7).

E isto manter-se-á até ao nosso tempo em todas as comunidades cristãs, A estrutura de base da celebração eucarística é a mesma em toda a parte; mas passou pelas culturas oriental e ocidental, dando-lhe cada uma um toque específico: ritual da corte imperial de Bizâncio, devoção íntima à cruz da Idade Média, sentido da presença real na época do Concílio de Trento e da Contra-Reforma, sentido da comunidade e da solidariedade do nosso século, etc. Já para não falar das várias artes — estatuária, pintura e música — que produziram muitas obras-primas em torno da liturgia, como uma auréola em tomo do sol.

A Igreja também aprofundou a sua visão teológica do mistério da Eucaristia. Ela passeia pelo jardim, nunca completamente explorado, da sua fé, expondo à vista aqui e além uma planta ou uma flor delicada: esse tesouro estava ali desde sempre, mas na sombra, e agora pode aparecer à luz.

Que é a Eucaristia? Qual é o meu lugar nela?

Antes de mais, é acção de graças e louvor ao Pai. Primeiro, pela criação, pois tudo o que Deus fez ou deu — natureza e cultura, objectos e pessoas, tempo e história — tudo é entregue ao Pai no sacrifício da cruz de Jesus. Todos os eixos da criação e da história convergem para a cruz, e dela partem para Deus, seu fim último. Pela cruz de Jesus, a Igreja pode, em nome de todos os homens, agradecer a Deus e louvá-l’O por todas as suas maravilhas. Ela empresta os seus lábios a todo um universo sem voz para dirigir a Deus a homenagem que Lhe pertence.

A Eucaristia é sacrifício comemorativo de Cristo e do seu Corpo que é a Igreja. Em todas as eucaristias aparecem estas palavras: “Celebrando agora, Senhor, o memorial da morte e ressurreição de vosso Filho, nós Vos oferecemos...”. É o cerne da Eucaristia. Ela é memória, memorial. Não se trata de uma simples recordação sem consistência. Não, um memorial litúrgico torna de novo presente o que era passado. A morte e a ressurreição de Jesus não são aqui apenas evocadas: são representadas e proclamadas. E, porque a Eucaristia é essa espécie de memória realista da morte

sacrificial na cruz, ela própria é sacrifício. É claro que, visto a Eucaristia depender inteiramente do sacrifício da cruz, ela não se adiciona à cruz; Cristo não morre uma segunda vez. Mas, dado que Cristo e a sua Igreja são um enquanto Esposo e Esposa, a missa é também o sacrifício de toda a Igreja. Não que a Igreja acrescente seja o que for ao sacrifício de Cristo, mas por lhe estar associada de maneira totalmente activa.

Na Eucaristia, Cristo está realmente presente pela força da sua palavra e do Espírito Santo. Ele está presente na sua Igreja de muitas maneiras: na sua palavra, na oração da Igreja (“Onde estiverem reunidos, em meu nome, dois ou três, Eu estou no meio deles”, Mt 18, 20), nos pobres, nos doentes, nos cativos (cf. Mt 25, 31-46), nos sacramentos, na missa e na pessoa do padre. Mas em parte alguma Ele está presente de maneira tão intensa como no pão e no vinho (Constituição sobre a Liturgia, nº 7). Porquê?

No pão e no vinho, Cristo está presente em pessoa e inteiramente. “Verdadeira, real e substancialmente”, afirma tradicionalmente a Igreja. ‘Verdadeiramente’ significa não por assim dizer, como por uma metáfora; ‘realmente’ quer dizer não como imagem ou como um símbolo vazio; ‘substancialmente’ quer dizer não parcialmente ou apenas pelo seu poder: Ele próprio está ali integralmente.

A fé na presença real é mais manifesta quando falamos a Jesus depois de ter comungado ou durante a adoração. Reflectamos um instante. Quando o carteiro nos mete uma carta debaixo da porta e nós damos por isso no Outro extremo da casa, não fazemos conversa. Mas se o carteiro toca à porta e nos dá o envelope em mão, falamos, pelo menos, para dizer “obrigado”. Uma carta é uma coisa, a que ninguém fala; o carteiro, pelo contrário, é alguém, a quem se fala. Se nunca falamos da Eucaristia ao Senhor, estaremos seguros de acreditar que Ele está nela no seu corpo vivo?

Finalmente, a Eucaristia é refeição e alimento. Tudo o que os alimentos fazem no nosso corpo faz o Senhor na nossa alma. E que faz Ele? A comunhão faz-nos intimamente um com Ele. “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue”, diz Ele, “fica em Mim e Eu nele” (Jo 6, 56). A comunhão faz-nos viver eternamente da própria vida que Cristo recebe do Pai e que está no Pai; essa vida não conhece nem morte nem corrupção. A comunhão apaga os nossos pecados veniais; é instrumento de perdão para as nossas faltas diárias. Preserva-nos também de faltas mais graves. A Eucaristia é cimento de unidade para a Igreja. Ela une-nos a Cristo, mas ao Cristo total, isto é, a todos os nossos irmãos e irmãs.

A comunhão cria laços vertical e horizontalmente: “Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” (1 Cor 10, 17). De um modo particular, a comunhão obriga-nos em relação aos pobres. “Vós tomais o Sangue do Senhor e nem reconheceis o vosso irmão. Vós desonrais esta mesa quando acreditais que aquele que para ela foi convidado (o pobre) não é digno de partilhar o vosso pão. Deus declarou-vos livres dos vossos pecados para que pudésseis vir sentar-vos a esta mesa. Porque não sois também mais misericordiosos?” (S. João Crisóstomo).

A Eucaristia é já antecipação do banquete celeste. Ela não é apenas olhar para trás para o passado: ceia, cruz e ressurreição. Tende em esperança para a vinda de Cristo. Aqui vimo-l’O apenas esfumado, na fé; depois vê-l’O-emos face a face. “Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!” (aclamação depois da consagração).

O SACRAMENTO DA PENITÊNCIA E DA RECONCILIAÇÃO

“Aqueles que se aproximam do sacramento da Penitência obtêm da misericórdia de Deus o perdão da ofensa a Ele feita e ao mesmo tempo reconciliam-se com a Igreja, que tinham ferido com o seu pecado, a qual, pela caridade, exemplo e oração, trabalha pela sua conversão” (Constituição dogmática sobre a Igreja, nº 11)

“Deus, Pai de misericórdia, que, pela morte e ressurreição de seu Filho, reconciliou o mundo consigo e infundiu o Espírito para a remissão dos pecados, te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz.

E eu te absolvo dos teus pecados em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo”.

Pecado e expiação

Desde os tempos mais remotos, o homem sempre caiu e tentou levantar-se. Parece que a humanidade nasceu com a culpa, que ela lhe é congénita. A Bíblia di-lo, aliás, de forma pormenorizada no relato da primeira queda.

O ser humano sente-se ao mesmo tempo grande e pequeno, forte e fraco, vítima de uma espécie de esquizofrenia, que Paulo exprimirá de modo surpreendente: “Não faço aquilo que quero, mas aquilo que aborreço” (Rm 7, 15). Ambiguidade! “Quem me há-de libertar deste corpo de morte?” (Rm 7, 24): é o grito das gerações de todos os tempos. A história universal está semeada de tentativas para escapar ao sentimento de culpa. Na maioria das vezes, pelos esforços próprios do homem. Mas sem sucesso: o homem não pode salvar-se. Apesar de uma imensidade de tentativas de expiação e de outras tantas técnicas e rituais de purificação. O resultado de todos estes esforços é, geralmente, o desespero e o suicídio, ou então o refluxo, a imersão no rio infernal do esquecimento, a hipocrisia ou, no nosso tempo, o recurso a um mito de inocência: “Já não há lei, logo, já não há mal”. Não, o homem não consegue resolver sozinho o problema das suas faltas e da sua culpa.

Só Deus pode dominar a culpa

Só Deus tem uma solução para a culpa do homem: Ele liberta. Todo o Antigo Testamento está marcado por esta ideia, Logo a partir da primeira queda: imediatamente a seguir ao relato da falta vem a promessa de um Redentor (cf. Gn 3, 15).

A história de Israel é uma sequência ininterrupta de deserções e de regressos, de pecado e de perdão. É a história da misericórdia de Deus para com o seu povo. A versão mais bela deste tema é a que encontramos no profeta Oseias. Deus ordena-lhe que retome a mulher adúltera e a ame de novo. “É assim”, diz Ele, “que Eu faço também com Israel”.

Mas Deus faz a mesma coisa com cada ser em particular. Aqui o relato mais belo é o do pecado e da conversão de David. É, na literatura universal, a análise mais apurada da aventura do pecador, do seu caminho para Deus feito de avanços e recuos (cf. 2 Sm 11-12).

Jesus significa Deus salva

É com Jesus que o perdão faz a sua verdadeira entrada no mundo: todo o perdão — antes d’Ele e depois d’Ele — é concedido por causa da cruz. Já o seu nome é isto que sugere: “Pôr-Lhe-ás o nome de Jesus; porque Ele salva o povo dos seus pecados” (Mt 1, 21).

Com Jesus, tudo é claro: há perdão para todos os pecados, e esse perdão não vem senão de Deus. Na cruz, Jesus é o Cordeiro que tira o pecado do mundo. É por Jesus, o Filho do Homem, ser o Filho de Deus que Ele pode perdoar os pecados. Depois da cura do paralítico os judeus censuram-Lho com azedume (cf. Mc 2, 1-12).

Mas o que parece ainda mais surpreendente é o facto de Ele transmitir à sua Igreja o poder de perdoar os pecados. Promete-o a Pedro (Mt 16, 19) e aos discípulos (Mt 18, 18). Na tarde do dia de Páscoa, deseja-lhes a paz, sopra sobre eles e diz-lhes: “Recebei o Espírito Santo. Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos” (Jo 20, 22). Quando Mateus, anos mais tarde, põe por escrito o relato do paralítico, conclui-o com estas palavras: “Ao ver isto, a multidão ficou dominada pelo temor e glorificou a Deus, por ter dado tal poder aos homens” (Mt 9, 8). ‘Aos homens’: manifestamente, os apóstolos já o faziam correntemente.

Jesus descreveu também de modo penetrante o percurso do pecador — longe de Deus e de regresso a Ele — na parábola do Pai misericordioso e do filho perdido (Lc 15, 11-32). Todas as peripécias estão presentes. A vertigem da tentação e a obstinação do pecador “Pai, dá-me aparte dos bens que me corresponde”. A partida e o prazer efémero, a miséria num país distante, a fome e a degradação. “Ah, quem me dera encher o estômago com as alfarrobas que dão aos porcos!”. As saudades da terra, os primeiros passos no caminho do regresso e o amor atencioso do Pai decidido desde há muito tempo, a plangente confissão: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti”. A resolução de reparar o mal: “Trata-me como um dos teus jornaleiros”. O perdão generoso e a festa porque “aquele que estava perdido encontrou-se”. É, de facto, o itinerário de todo o pecado, de toda a conversão, de todo o perdão.

A Igreja: morada dos pecadores e único jardim do perdão

Em boa verdade, o cristão já não deveria pecar depois do Baptismo. “Mas fostes lavados”, diz Paulo, “mas fostes santificados, mas fostes justificados pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus” (1 Cor 6, 11). Terá sido uma surpresa para a Igreja primitiva verificar que o cristão ainda peca e que uma segunda conversão, uma segunda tábua de salvação, é necessária e possível. João di-lo expressamente: “Se dissermos que não temos pecados (e João dirige-se a baptizados!), enganamo-nos a nós mesmos, e não há verdade em nós. Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e purificar-nos de toda a iniquidade (1 Jo 1, 8s). Não tinha o próprio Jesus recomendado que rezássemos todos os dias no Pai Nosso “Perdoai-nos as nossas ofensas”? Paulo está plenamente consciente do problema e diz: “(Deus) confiou-nos o mistério da reconciliação... Reconciliai-vos com Deus” (cf. 2 Cor 5, 18-20). A forma litúrgica do perdão de Deus conheceu, ao longo dos séculos, muitas variações: é a movimentada história da confissão, que não é rectilínea. Mas encontram-se sempre as mesmas componentes: conversão íntima do coração e arrependimento, recurso à Igreja, confissão, absolvição, satisfação que é como que o princípio de uma vida nova. Essas componentes podem aparecer numa ordem diferente, ser formuladas de maneira diferente, ser mais ou menos acentuadas. Assim, dantes punha-se manifestamente a tónica nas obras de penitência, mais tarde numa confissão pormenorizada. Esta evolução não tem outra explicação que não seja o cuidado pastoral da Igreja: ajudar o mais possível os baptizados a converter-se e a receber o perdão. Encontramos o eco dos próprios ingredientes nas múltiplas designações do sacramento. Com efeito, chama-se-lhe sacramento da conversão, porque dá forma ao nosso regresso a Deus após o pecado; sacramento de penitência, porque é a expressão da nossa penitência pessoal, do nosso arrependimento e da nossa vontade de reparação; sacramento da confissão, porque a confissão dos pecados à Igreja é um elemento essencial; sacramento de perdão, porque dá “o perdão e a paz”, como diz a fórmula da absolvição; finalmente, sacramento de reconciliação, porque traz a reconciliação com Deus, com os irmãos e irmãs na Igreja, consigo próprio.

O meu contributo indispensável

O homem está implicado em todos os sacramentos: todos exigem fé e disposição de acolhimento. Se, quando se é baptizado ou confirmado, não se tem essa disposição, o sacramento é válido mas não dá fruto. Com a Confissão é diferente: sem o nosso próprio contributo pessoal, muito simplesmente não há sacramento. Em nenhum outro sacramento os actos de quem o recebe são tão essenciais à própria existência do sacramento.

Trata-se, antes de mais, de um contributo do coração: o arrependimento, incluindo o firme propósito de uma vida nova. Arrependimento não é o mesmo que remorso. Pode ter-se remorso por uma coisa pela qual a pessoa não é inteiramente responsável, por exemplo, quando, por esquecimento, se deixa uma porta entreaberta e no interior da sala as pessoas são apanhadas por uma corrente de ar. Não há que se arrepender de uma coisa de que não se é culpado. Arrependimento também não

é remorso. O remorso não tem esperança, não tem saída; o arrependimento é cheio da esperança de que Deus me perdoará.

Mas a boca também tem de participar. A confissão é indispensável. Porque torna a pessoa mais consciente da gravidade do pecado. O facto de o exprimir identifica-me mais com o meu pecado: quando falo dele, o meu pecado toma-se verdadeiramente meu. Mas o arrependimento também adquire maturidade, plenitude (muitas vezes, as lágrimas não correm senão quando a pessoa exprime o mal que cometeu!). Finalmente, a confissão é também uma forma de expiação penosa. A Igreja substituiu a pena física das duras obras de penitência de outrora pela pena psíquica de ter de confessar de viva voz.

Mas também todo o meu eu tem que fazer alguma coisa — espiritual e corporalmente: precisamente, uma obra de penitência. Para expiar e para reorientar a minha vida no bom sentido. É a penitência ou satisfação.

A dupla reconciliação

A Confissão reconcilia com Deus. Dá paz e tranquilidade de consciência; é muitas vezes seguida de uma intensa consolação espiritual. Ao longo de toda a história do sacramento da Penitência, numerosas pessoas fizeram a experiência disso. Quando, por fim, tinham oportunidade e vontade de falar! A confissão é uma ressurreição espiritual e a restauração de filhos de Deus na sua dignidade e nos seus privilégios. Porque a nossa maior prerrogativa é exactamente a amizade de Deus.

Ir à Confissão reconcilia também com a Igreja. O pecado é um dado social: fere o corpo da Igreja. A Penitência também reconcilia com ela. E tem um efeito vivificante em toda a sua vida: aumenta a sua vitalidade, o seu dinamismo. Por ela, todos os irmãos e irmãs na Igreja se tomam melhores. *(Cardeal Godfried Danneels, O Jardim das Sete Fontes, 1996)*

2º Encontro



Bíblias

Textos para a oração

1. Propor, numa dinâmica de pequenos grupos, que identifiquem situações de encontro de Jesus com diversos tipos de pessoas do seu tempo, a partir de passagens bíblicas.

GRUPO 1

Crianças

Mt 19, 13-15

Mc 10, 13-16

Lc 9, 46-48

Lc 18, 15-17

Mc 10, 46-52

(Cura do cego Bartimeu)

Mt 9, 1-8

(O paralisado de Cafarnaum)

Lc 22, 47-54

(Prisão de Jesus)

Lc 22, 63-65

(Primeiros ultrajes)

Lc 23, 1-7

(No tribunal Romano)

Pobres

Lc 7, 11-17

(O filho da viúva)

Inimigos

Lc 23, 8-25

(Jesus perante Herodes e perante Pilatos)

Mt 26, 47-56

(Prisão de Jesus)

GRUPO 2

Jovens Mt 19, 16-30 (<i>Jovem Rico</i>)	Lc 5, 16-30 (<i>Jesus em Cafarnaum</i>) Lc 6, 1-11 (<i>Discussão sobre o sábado</i>)	Mãe Jo 2, 1-12 (<i>Bodas de Caná</i>) Jo 19, 25-27 (<i>Paixão- Jesus e Sua Mãe</i>)
Doutores da Lei Jo 3, 1-21 (<i>Encontro com Nicodemos</i>) Lc 2, 41-52 (<i>Jesus entre os doutores</i>)	Lc 10, 25-37 (<i>Parábola do bom samaritano</i>) Lc 13, 10-17 (<i>Jesus cura ao sábado</i>)	Lc 2, 41-52 (<i>Jesus entre os doutores</i>) Lc 8, 19-21; Mt 12, 46-50; Mc 3, 31-35 (<i>A verdadeira família de Jesus</i>)

GRUPO 3

Mulheres Lc 7, 36-50 (<i>Pecadora Arrependida</i>) Lc 8, 1-3 (<i>Mulheres servem o Senhor</i>) Lc 10, 38-42 (<i>Marta e Maria</i>) Lc 13, 10-17 (<i>Jesus cura uma mulher possesa</i>) Jo 20, 11-18 (<i>Aparição a Maria de Magdala</i>)	Jo 4, 1-30 (<i>Encontro com a Samaritana</i>) Jo 8, 1-11 (<i>A mulher adúltera</i>) Ricos Lc 11, 37-53 (<i>Contra os fariseus e os doutores da lei</i>) Lc 16, 1-14 (<i>O administrador infiel</i>)	Lc 19, 1-10 (<i>Zaqueu o publicano</i>) Discípulos Jo 1, 35-51 (<i>Primeiros discípulos</i>) Jo 13, 1-20 (<i>Jesus lava os pés aos discípulos</i>) Lc 24, 13-35 (<i>No caminho de Emaús</i>)
---	--	--

GRUPO 4

Homens Jo 5, 1-18 (<i>Cura de um paralítico de Betsaida</i>) Jo 9, 1-41 (<i>Cura de um cego de nascença</i>) Lc 5, 27-32 (<i>Vocação de Levi, refeição com os pecadores</i>) Lc 7, 1-10 (<i>A fé de um centurião romano</i>) Lc 8, 40-42.49-56	(<i>Cura da filha de Jairo</i>) Lc 23, 39-43 (<i>O Bom Ladrão</i>) Marginalizados Lc 8, 26-39 (<i>Cura de um Gadareno</i>) Mt 8, 1-4 (<i>O leproso</i>) Mt 9, 9-13	(<i>Vocação de Mateus</i>) Mt 15, 21-27 (<i>A fé de uma gentia</i>) Amigos Jo 7, 2-10 (<i>Festa dos tabernáculos</i>) Jo 11, 1-44 (<i>Ressureição de Lázaro</i>) Lc 22, 24-30 (<i>Quem é o maior</i>)
--	---	---

2. Fazer a leitura atenta de cada encontro a partir das seguintes sugestões:

- Quem são as personagens?
- Que situação motiva o encontro?
- Como é que Jesus acolhe e como é que Ele é acolhido?
- Qual a atitude de Jesus ao longo do encontro?
- Qual a atitude da outra personagem ao longo do encontro?
- Que mudanças ocorreram em ambos?
- Como é a despedida?

3. Analisados os textos, responder às seguintes questões:

Estes textos mudam a forma como vês Jesus?

Como aconteceu com estas pessoas, se hoje te encontrasses com Jesus, como seria esse encontro?

Achas que mudaria a tua vida?

4. Em plenário, partilha das reflexões feitas em cada grupo, com ênfase especial para as questões do ponto 3.



9 | 75 | 77 | 87 | 89



Ambiente de oração com música de fundo ou cântico de meditação.

Entrega e leitura do texto “Amado por um amor eterno.”

AMADO POR UM AMOR ETERNO

«Simão filho de João, tu amas-me?» é a última pergunta de Jesus a Pedro. Este homem estava entristecido, abatido por ter renegado Jesus três vezes, antes da Sua tortura sobre uma cruz. E eis ali o Ressuscitado à sua frente. Contudo Jesus não o condena pela sua negação. Ele não toma a atitude do forte. Não puxa a corda da má consciência já atada ao pescoço de Pedro. Em Cristo há uma profunda humanidade: também Ele, na sua vida terrestre, percorreu os caminhos dos Homens.

Cristo dirige apenas três palavras a Pedro: «Tu amas-me?» E cabe a Pedro responder: «Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo.» Uma segunda vez Jesus repete: «Simão, filho de João, tu amas-me?» De novo cabe a Pedro responder: «Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo.» Uma terceira vez Jesus insiste: «Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes?» E Pedro perturbado: «Senhor, Tu sabes tudo; Tu sabes que Te amo».

Desde esse dia, a cada ser humano sobre a terra Cristo diz incansavelmente: «Eu amei-te primeiro. E tu, amas-me?».

Há dias em que tapamos os ouvidos: esta pergunta torna-se insuportável, porque a verdade é que ninguém consegue amar por um acto de vontade.

Temos bem a certeza desta verdade? Cristo não obriga ninguém aamá-lo. Mas Ele, o Deus vivo, ama-nos primeiro, está ao lado de cada um discretamente como um pobre. Está connosco mesmo nos acontecimentos mais difíceis, nas fragilidades da existência. O Seu amor é uma presença, não por um instante, mas para sempre. Este amor eterno abre um futuro para lá de nós mesmos. Sem este além, sem este advento, a esperança desaparece...e dissipa-se o gosto de avançar.

Face ao Seu amor eterno, nós sentimos que a nossa resposta não pode ser evasiva, mas bem

concreta e persistente. A nossa resposta também não pode ser um esforço de vontade, o que levaria alguns à sua própria destruição. Ela deve ser antes de tudo um abandonarmo-nos nas mãos de Deus.

Estar face a Cristo, com ou sem palavras, é saber onde repousar o coração, é responder-lhe com a simplicidade de um pobre. Aqui está a força secreta de uma existência. Aqui reside o risco do Evangelho. «Às vezes já não sei se Te amo ou não, mas Tu, ó Cristo, Tu sabes que Te amo.»

A felicidade interior é oferecida a quem corre o risco deste amor, sem medir as consequências. Quando procuramos uma felicidade para nos servir a nós próprios, à mais pequena adversidade essa felicidade foge. Quanto mais ardentemente a quisermos agarrar, mais ela se afasta para longe de nós.

Tu que buscas apaixonadamente o Seu amor eterno, tu quem quer que sejas, saberás onde repousar o teu coração? Através do teu sofrimento, Cristo abre a porta duma plenitude: o louvor do Seu amor. Abandona-te, dá-te. Aí encontras a cura das tuas feridas e dos teus irmãos – n'Ele, curamo-nos uns aos outros.

(Ir. Roger de Taizé, O Seu Amor é um Fogo, Lisboa, Paulistas, 1990, p. 9-10)

Convidar cada um a olhar para a sua própria vida confrontando-a com as propostas de Jesus e o acolhimento que lhes damos.

Leitura – Mt 4, 18-22

Preces (espontâneas)

Leitura:

“Queridos jovens, Jesus interpela-nos para que respondamos à sua proposta de vida, para que decidamos qual estrada queremos seguir a fim de chegar à verdadeira alegria. Trata-se dum grande desafio de fé. Jesus não teve medo de perguntar aos seus discípulos se verdadeiramente queriam segui-Lo ou preferiam ir por outros caminhos (cf. Jo 6, 67). E Simão, denominado Pedro, teve a coragem de responder: «A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna» (Jo 6, 68). Se souberdes, vós também, dizer «sim» a Jesus, a vossa vida jovem encher-se-á de significado, e assim será fecunda. “

(Papa Francisco, Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude, 13 de Abril de 2014)

[Todos]

De tal modo amastes o mundo, Pai Santo,
que chegada a plenitude dos tempos,
nos enviastes como Salvador o Vosso Filho Unigénito:
feito homem pelo poder do Espírito Santo,
e nascido da Virgem Maria,
viveu a nossa condição humana,
em tudo igual a nós, excepto no pecado;
anunciou a salvação aos pobres,
a libertação aos oprimidos,
a alegria aos que sofrem.

Para cumprir o vosso plano salvador,
voluntariamente Se entregou à morte,
e com a sua ressurreição
destruiu a morte e restaurou a vida.

E a fim de vivermos, não já para nós próprios
mas para Ele, que por nós morreu e ressuscitou,
de Vós, Pai Misericordioso,
enviou aos que n'Ele crêem o Espírito Santo,
como primícias dos seus dons,
para continuar a sua obra no mundo
e consumir toda a santificação.

Concede-nos, Senhor, a graça de sermos
Teus discípulos, testemunhas do teu amor!
(*Oração Eucarística IV*)

Cântico final



O FILHO BEM-AMADO DE DEUS

O mistério mais íntimo de Jesus é indizível em linguagem humana. Jesus pertence ao mundo divino, e a sua verdadeira casa não é antes de mais entre os homens, mas no seio de Deus Trindade. É o último segredo que Ele nos revelou.

Jesus, que entrou no nosso tempo, nascido de Maria, que morreu e que ressuscitou, existe muito antes de vir à terra. Ele estava no seio do Pai. Ele é o Verbo.

“No princípio já existia o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava, no princípio, com Deus. Tudo começou a existir por meio d’ Ele, e, sem Ele, nada foi criado. N’ Ele estava a Vida e a Vida era a luz dos homens” (Jo 1, 1-4).

Os evangelistas não se cansam de qualificar Jesus com títulos e atributos em função da sua relação com Deus. Ele é “o Filho do Altíssimo”, segundo a palavra do anjo em Lucas; Ele é em João “o Bem-amado”, “o Filho único”. Em Jesus reside todo o poder real do Pai. Ele possui em pessoa o poder divino de fazer milagres. Ele pode dizer, sem reclamar para Si uma autoridade mais alta ou mais longínqua: “Eu digo-vos...”. A sua palavra persistirá eternamente como a própria palavra do Pai. Ele é maior que Salomão, maior que o sabbat, maior que o Templo, mesmo maior que os anjos, pois os anjos devem servi-l’O. Ele pode chamar a Deus simplesmente seu Pai; Ele não diz nunca connosco “Pai nosso” porque o seu carácter de Filho é único. Só Ele conhece o Pai e pode revelar a outros quem Ele é. João conclui, pois, com razão que “Ele e o Pai são um” (Jo 10, 30; cf.1,1). Paulo, por seu lado, diz: “Ele que era de condição divina...” (Fl 2, 6).

Quanto ao que se passa no interior do Deus Trindade, Jesus não levantou senão uma pequena ponta do véu. Pela simples razão de que nós não podemos apreender a intensidade do diálogo divino nem suportar o ardor do amor entre Pai, Filho e Espírito.

Aqui toda a reflexão teológica se revela insuficiente; nenhum estudo, nenhuma investigação pode ter acesso a este mistério. Aqui acaba toda a teologia; aqui começa a oração. Porque precisamente rezar é amar. Só o amor penetra no coração da Trindade. O pensamento não chega nem a meio caminho. A via do amor é a única possível; todas as outras desembocam em impasses.

O Natal mostra-nos o caminho: “para que, contemplando a Deus visível aos nossos olhos, aprendamos a amar o que é invisível” diz um prefácio de Natal. É o caminho da adoração amorosa. “Vinde, adoremos...”.

Ó Cristo,
Filho único de Deus Pai,
sinal do Pai e seu retrato,
elevado soberanamente acima de tudo,
Tu és o Verbo
que jorra desde toda a eternidade
da boca do Pai.
Tu que, com o Pai,
exalas o Espírito sobre o universo,
a Ti pertencem todo o poder,
todo o louvor e toda a glória
para sempre.
Ámen.

(Godfried Danneels, Homem amável, Deus adorável, Lisboa, C.E.P., 1995, p. 35-36)

A fé como encarnação da palavra

Escutar e acolher a Palavra do Senhor - eis o convite, insistentemente repetido, desde o início do mundo, pois é esse o caminho da vida e da salvação. Segui-la e deixar-se guiar por ela conduz à vida; rejeitá-la é a expressão mesma do pecado e da infidelidade. Acolhê-la no coração gera a fé, e esta é a primeira encarnação da Palavra. Quando a criatura acolhe totalmente a Palavra eterna de Deus e se deixa transformar por ela, o homem e Deus identificaram-se na Palavra, o mistério da encarnação do Verbo atingiu a plenitude: tudo o que Deus disse aconteceu no coração do Homem e, por Ele, no coração da Humanidade.

A Palavra revela-nos o coração do nosso Deus

O facto de Deus falar, de nos querer falar, é a primeira manifestação de quem é o nosso Deus. Segundo o salmista é isso que O distingue dos falsos deuses, que «têm boca, mas não falam» (Sl 115, 5). Para o Povo de Israel, a Palavra marca a diferença entre o seu Deus e os deuses dos outros povos, e por isso ela define a essência da fé de Israel, que é, fundamentalmente, escuta e seguimento da Palavra do Senhor.

A Palavra revela-nos, simultaneamente, o mistério de Deus e o mistério do homem: Deus fala, o homem pode escutá-l'O. A Palavra define a ambos, Deus e o homem, como pessoas, capazes de comunicar e fazer comunhão. É por isso que a fé de Israel se revela como um projecto de aliança, de amor e fidelidade, um desejo de intimidade e de partilha. Quando o Verbo Se fez Homem, em Jesus, esse homem é o Filho de Deus Pai e não apenas o programa de Deus. Ele é a Palavra que brota das entranhas de Deus. Esta experiência da encarnação da Palavra, em Jesus Cristo, levou o Apóstolo São João a perceber que «Deus é amor» (1 Jo 4, 16). O amor é, por natureza, comunicativo; aquele que ama, deseja comunicar e comunicar-se.

A palavra, na sua origem, é a mensagem íntima de quem ama. Ela revela-nos a interioridade de Deus. Por isso a Palavra de Deus é eterna como Deus. Assim a apresenta o evangelista São João: «No início existia o Verbo, o Verbo estava junto de Deus, o Verbo era Deus» (Jo 1, 1). A Palavra eterna de Deus comunica o insondável amor do coração divino, fonte da vida e do amor, que cria os homens com um projecto amoroso de felicidade e plenitude.

A Criação é a primeira encarnação da Palavra

A Palavra de Deus não é, para o Povo bíblico, apenas um discurso de Deus: ela manifesta-se, fundamentalmente, como uma experiência de Deus. A ela está ligada a experiência da vida, a aventura do amor, a esperança da felicidade, o alargar contínuo dos horizontes da liberdade. Não

é uma Palavra teórica, mas significativa e eficaz, pois cria e transforma, dando origem àquilo que anuncia. Não se limita a propor a salvação, realiza a salvação.

A criação inteira, cuja plenitude está no homem, é fruto fecundo da Palavra amorosa de Deus. Segundo São João, «tudo foi feito por ela e sem ela nada existiu. Ela era a vida de todos os seres» (Jo 1, 3-4). Segundo a narração do Génesis, a Palavra presidiu à Criação. Deus disse, pronunciou a sua vontade e o seu desígnio, e os seres começaram a existir. Mas é o homem, na sua capacidade de diálogo e ânsia de comunhão, que se revela, mais claramente, como fruto da Palavra. Ele é criado trazendo gravada no coração a imagem do próprio Deus (cf. Gn 1, 27), isto é, a capacidade de O escutar e entrar em comunhão com Ele. Deus diz-se como projecto de amor, na criação do homem, ao torná-lo capaz de O escutar e de acolher a sua Palavra. Esta imagem de Deus é, no coração do homem, a primeira encarnação do Verbo eterno e o fundamento primeiro da fé, como experiência de escuta e de comunhão. A escuta da Palavra acompanhará o homem na peregrinação da vida e da história. A vida é para ser vivida com Deus, é toda ela chamada a ser uma experiência de fidelidade e de amor. A Palavra revela continuamente Deus no seu projecto de amor e aproxima-o do homem, é luz que abre horizontes, força que alenta e tudo torna possível, é promessa de plenitude e, por isso, fundamento da esperança. Não escutar a Palavra de Deus é correr o risco de perder o sentido da vida e de se afastar dos caminhos da plenitude e da salvação. Daí a insistente recomendação dos profetas e dos orantes de Israel: «Se hoje ouvirdes a voz do Senhor; não fecheis os vossos corações».

Criado o homem à imagem de Deus, capaz de O escutar, a Palavra de Deus tende a aproximar-se do homem, a humanizar-se. A encarnação é uma exigência do Verbo enquanto Palavra dirigida aos homens. Essa encarnação acontece sempre que a Palavra eterna é acolhida num coração humano, desvelando-lhe o desígnio de Deus e projectando-o para uma vida de comunhão e de amor. A fé é uma encarnação da Palavra. Por isso ela sugere um caminho, abre horizontes de beleza e de exigência, introduz no nosso projecto de vida a voragem do amor de Deus.

Jesus Cristo é a plena encarnação da Palavra

No momento em que um homem fosse, na perfeição do seu ser e da sua vida, a realização plena da Palavra de Deus e, assim, a pudesse escutar totalmente, a Palavra de Deus ter-se-ia humanizado completamente e esse momento significaria a “plenitude do tempo”. É o que nos anuncia São João acerca de Jesus Cristo: «E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós, e nós vimos a sua glória, glória que Ele recebe de seu Pai como Filho único, cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 14). Deus foi completamente escutado, a Palavra foi completamente eficaz, identificando, misteriosamente, o Deus que fala e o homem que escuta.

Esta plenitude foi longamente preparada. A Palavra de Deus foi-se transformando, cada vez mais, em experiência humana, através da fé dos crentes. Essa fé levou-os a escutarem cada vez melhor o Senhor e a identificarem as suas vidas com a exigência do seu amor. A encarnação definitiva do Verbo acontece no momento em que uma grande crente, Maria, atinge a plenitude da escuta da palavra e da identificação da sua vida com a vontade e desígnio divinos. «Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim o que é dito pela tua Palavra» (Lc 1, 38). A encarnação do Verbo é o termo de um longo caminho, acontece como plenitude da escuta e do dom. O Verbo fez-Se carne porque a Palavra de Deus se humanizou plenamente, no coração de Maria.

Em Jesus Cristo, a Palavra é experiência de salvação

A Carta aos Hebreus anuncia-nos esta etapa nova da aventura da Palavra: «Depois de ter, muitas vezes e de vários modos, falado outrora aos nossos Pais pelos profetas, nestes dias, que são os últimos, falou-nos pelo Filho» (Hb 1, 1-2). Em Jesus Cristo dá-se a unificação da Palavra, a sua Palavra, e da experiência que ela gera, na comunhão com Ele e, por Ele, com a Santíssima Trindade.

Nunca foi tão claro que acolher a Palavra não é só abrir-se a uma mensagem, mas unir-se a uma Pessoa, encetando com Ela a aventura da radicalidade da vida. A Palavra de Cristo é profética; mas ela desvenda apenas o sentido do Cristo Palavra, que nos une a Ele, introduzindo-nos na sua própria experiência de vida. N'Ele, acolhemos a Palavra, sem dúvida escutando o Evangelho; mas acolhemo-la, sobretudo, quando no gesto sacramental do baptismo e da Eucaristia unimos as nossas vidas à d'Ele, numa comunhão de vida e de destino. Na Igreja não há oposição entre a Palavra e o sacramento, pois ambos nos unem a Cristo, palavra feita carne.

A fé cristã é essa união vital a Cristo, Palavra de Deus, e realiza-se em nós, quer pelo acolhimento e adesão à Palavra de Cristo, fruto da evangelização, quer pela união a Cristo, morto e ressuscitado, através dos sacramentos da Igreja. A fé é, assim, uma experiência de vida, em Jesus Cristo, e é a participação, pelos crentes, da encarnação do Verbo eterno de Deus. Ao unirmo-nos a Cristo, na fé, a encarnação da Palavra acontece e prolonga-se em nós. Desta nossa união ao Verbo encarnado, fala-nos o evangelho de São João: «a todos aqueles que O receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, eles que acreditaram no seu nome e que, nem o sangue, nem o querer da carne, nem o querer do homem, mas Deus gerou» (Jo 1, 12-13). Na fé dos cristãos, a Palavra continua a fazer-se carne, dando ao homem e à comunidade humana o ritmo novo da comunhão trinitária.

A Palavra preside à Igreja

Esta centralidade da Palavra encarnada preside à Igreja. A evangelização não é, apenas, uma das muitas actividades da Igreja; ela define a Igreja como projecto de salvação. Edificar a Igreja é continuar a aventura da Palavra, a qual, com a sua eficácia nunca desmentida, quando é acolhida tem força para tudo transformar.

A Igreja de Lisboa é chamada a exprimir-se e a crescer, na evangelização e pela evangelização. Esta resume, como atitude e como projecto, toda a realidade da Igreja. A comunhão com Cristo, Palavra feita carne, gera a comunhão na dupla direcção da caridade: a comunhão com Deus, Trindade Santíssima, onde nos descobrimos como «filhos no Filho», e a comunhão com os irmãos que reconhecemos de novo nessa comum experiência de divindade. Uma Igreja que vive da Palavra é, necessariamente, experiência de comunhão. A comunidade será, até ao fim dos tempos, a última e sempre actualizada expressão da encarnação da Palavra. Na comunidade cristã, o Verbo continua a fazer-se carne.

É daí que brota a possibilidade de a Igreja ser evangelizadora. Porque o Verbo encarnou nela, a Igreja pode proclamá-lo de novo, gerando a fé em novos crentes, aprofundando a fé dos que já acreditam.

(D. José Policarpo, Palavra e Vida, Lisboa, Grifo, 2000, p. 27-37)

3º Encontro



Texto “O Príncipe e a Lavadeira”



1. Encenação ou leitura dialogada do texto “O Príncipe e a Lavadeira”. (ver textos de apoio)

2. Conversa sobre o conto, realçando o amor “exagerado” de Deus, porque “enquanto nós *temos* amor, Ele é *feito* de amor. E isso faz toda a diferença e faz ter comportamentos difíceis de entender. Como aquilo que se passou entre o Príncipe e a Lavadeira, quando o príncipe, por amor, deixou o Palácio do pai e foi viver com a lavadeira para a aldeia da clareira do Bosque.

No fundo, nós habitualmente pensamos que as coisas *ou* estão longe, *ou* estão perto, *ou* são grandes *ou* são pequenas, *ou* são fortes *ou* são fracas.

Mas Deus é diferente. Parece que troca o OU pelo E. Ele está longe e está perto, é grande e é pequeno, e é muito forte e é muito fraco, tudo ao mesmo tempo e de uma maneira única que é só sua.

Se nós pensamos que Deus ou é Deus ou é homem, não O conseguimos entender. Nem damos por ele, caso nasça nalguma gruta desta terra e tenha de aprender a andar e a falar como qualquer homem.”

(Nuno Tovar de Lemos, s.j., O Príncipe e a Lavadeira, 2005)



Cântico

[Todos]

Amigo e nosso Senhor Jesus Cristo,
como és grande!

Com as Tuas palavras e obras revelaste-nos
quem é Deus, Teu Pai e Pai de todos nós,
e quem Tu és: nosso Salvador.
Tu nos chamas a estar contigo.

Queremos seguir-Te onde quer que vás.
Damos-te graças pela Tua Encarnação.
És o Filho Eterno de Deus,
mas não evitaste a humilhação de Te fazeres homem.
Damos-te graças pela Tua Morte e Ressurreição,
obedeceste à vontade do Pai até ao fim
e, por isso, és Senhor de todos e de todas as coisas.
Damos-Te graças porque na Eucaristia ficaste no meio de nós;
a Tua Presença, o Teu Sacrifício, o Teu Banquete
convidam-nos a nos unirmos sempre a Ti.
Chamas-nos a trabalhar contigo,
queremos ir onde Tu nos enviases
a anunciar o Teu Nome, a curar em Teu Nome,
a acompanhar os nossos irmãos a Ti.

Dá-nos o Teu Espírito Santo, que nos ilumine e fortaleça.
A Virgem Maria, a Mãe de Deus que nos deste na Cruz,
anima-nos a fazer o que Tu nos dizes.

Tu és a Vida!

Que o nosso pensar, o nosso amar e o nosso trabalhar tenham as suas raízes em Ti!

Tu és a nossa Rocha!

Que a fé em Ti seja o fundamento sólido de toda a nossa vida!

Ámen

(Oração pela XXVI Jornada Mundial da Juventude 2011)



A Encarnação

Serafim, o anjo madrugador, foi o primeiro a estranhar. “Já tão tarde e nenhum dos Três aparece?” Mas, pensando melhor, achou que não tinha nada a ver com isso, que, afinal, Deus é Deus e pode tomar o pequeno-almoço às horas que muito bem entender. Os outros foram chegando, à medida que os primeiros raios de sol entravam pela enorme janela e as melodias dos anjos tocadores os faziam despertar: primeiro Abraão com o seu filho Isaac; depois Jacob, acompanhado pelo seu grande amigo, o anjo lutador; Moisés, descalço como sempre; o profeta Isaías, solene com aquelas barbas que ele se recusava cortar... Aos poucos todos foram chegando e enchendo de conversas e risadas aquela enorme sala da corte celestial.

Todos conversavam menos Serafim. “Começo a sentir-me culpado,” segredou ele ao anjo Gabriel, que lia a seu lado o jornal, “talvez eu tenha tocado os sinos com pouca força e Eles não tenham acordado. Achas que vá lá ver?” O facto é que Eles não chegavam e aos poucos a estranheza da sua demora foi-se espalhando pela sala e fazendo crescer um burburinho de suposições. Jonas — dramático como sempre — levantou-se de um pulo. “Já não aguento mais. Sem Eles não há Céu. Alguém tem de ir lá perceber o que se está a passar! Não me sentia assim nervoso desde aqueles três dias em que estive no ventre da baleia!”

Alvoroço na corte celestial

Ainda estava ele a falar quando se ouviram vozes animadas que se aproximavam. Eram os Três. Apareceram sorridentes na porta, com aqueles sorrisos misteriosos que sempre antecedem as grandes notícias. Todos se calaram imediatamente e Deus Pai tomou a palavra. Tomou a Palavra pelo braço e falou:

— Estivemos a noite inteira, reunidos e já está tudo decidido. Vai ser agora!

Fez-se um grande silêncio perplexo na sala. “Vai ser agora, o quê?”, perguntavam todos baixinho, sem perceber nada. Mas Ele continuou:

— Já repararam no mundo? É mesmo um local fantástico, não é? Tantos homens e tantas mulheres! Tantas crianças por toda a parte! E tão diferentes uns dos outros! Uns brancos e outros negros; uns vestidos de túnicas outros de calças de ganga; uns trabalhando e outros descansando; uns chorando e outros rindo; uns amando e outros olhando... E cada um com o seu nome e a tentar ser feliz! Comovemo-Nos e decidimos que é este o momento certo.

Ninguém estava a perceber nada da conversa mas também ninguém tinha coragem de falar. Foi Adão que o fez, talvez por se ter sentido tocado pelas referências à questão da roupa.

— Senhor, em nome de todos peço desculpa, mas creio que nenhum de nós está a perceber exatamente o que estão a dizer. Vai ser agora o quê?

— Pois é — disse Deus —, estamos tão entusiasmados que nem explicámos bem. Decidimos jogar a grande cartada na história dos homens, algo impensável que a todos vai surpreender e fazer voltar para Nós.

— Até que enfim! — Disse Amós, o profeta, precipitadamente — Já era tempo de pôr aquela confusão em ordem. Eu cá por mim já há muito tempo que teria enviado um cataclismo. Sem um bom castigo ninguém aprende! Não há nada como uns trovões valentes ou um dilúvio ou uns abalos de terra para as pessoas se arrependem dos seus pecados. Desculpem-me o atrevimento, mas eu cá, se fosse Deus, já há muito que lhes tinha mostrado a minha ira. Infelizmente com eles tem de ser assim. A verdade é esta: os homens estragaram tudo. Os Três, muito bem intencionados, fazem uma criação com tudo pensado, dão liberdade aos homens e aí eles começam com guerras e ódios a destruir tudo e todos. É uma vergonha, só interesses mesquinhos, exploração do órfão e da viúva, incredulidade! Os homens estragaram a criação e agora, claro, os Três é que têm de inventar uma maneira qualquer de compor aquilo que os homens descompuseram, de arranjar o que eles estragaram. Se precisarem de alguma coisa contem comigo. Por uma causa destas estou disposto a tudo!

Amós, Amós — disse o Filho, cheio de paciência — não percebeste nada! O que vamos fazer, já estava tudo previsto antes de Adão nascer! Não é um remendo. Claro que nem tudo está bem no mundo, mas quando começámos a criação já sabíamos que não ia ser tudo perfeito e, mesmo sabendo isso, decidimos criar. Há guerras e injustiças, mas também há muita coisa boa. As crianças não crescem até adultos sem fazer disparates e os pais não deixam de as ter por causa disto, não é? O que vamos fazer não é pôr um remendo, é dar o grande passo pelo qual esperávamos desde o princípio e para o qual começámos a criação.

— E pode-se saber que passo é esse? — perguntou timidamente Isaías.

— Isaías, tu devias saber melhor que ninguém. Decidimos — disse o Filho muito solenemente —, decidimos que Eu iria viver com os homens! Não é fantástico?

A lição

Tudo parou nesse momento. Os olhos de todos na corte celestial estavam fixos nos Três. Fez-se um enorme silêncio de espanto. O anjo Gabriel, com o susto, não conseguiu controlar um rápido movimento reflexo da asa esquerda que, ao embater num jarro, fez derramar leite por todo o chão. — Desculpa, Senhor — disse ele muito atrapalhado —, eu não estava à espera de uma coisa assim. Disseste ir viver lá para a Terra? É essa a Tua ideia?

— Sim — disse o Espírito Santo —, e estamos os Três completamente envolvidos nisto. A ideia é dos Três e de sempre, mas não podia ser logo. Lentamente os homens foram crescendo e agora já estarão preparados para esta lição de amor. Eu mesmo abrirei os seus corações e entenderão o que é o amor. Aprenderão Connosco pessoalmente a amar. Aprende-se mais com os olhos que com os ouvidos!

— Amar? — Surpreendeu-se Amós, que não tinha ficado nada satisfeito — Eu pensei que a Vossa missão era a salvação, nunca pensei que fossem sentimentos!

— Tanto tempo aqui e ainda não entendeste?! — Disse o Espírito Santo — Só o amor salva! Amar e salvar não são duas coisas diferentes, são uma só. A única lição que os homens precisam de aprender é amar. A sua única missão é essa: amar. Quando souberem amar estarão salvos! Aos poucos temos ensinado cada homem a amar, falamos a cada um no seu coração e na sua consciência, inspiramos profetas para falarem em Nosso nome, entramos na sua história. Enfim, indiretamente temo-los preparado para o amor. Agora chegou o tempo de eles viverem com o amor em pessoa. Porquê mais rodeios se podemos ir lá diretamente? Pensa bem, quando eles virem o amor em pessoa e o abraçarem estarão salvos! Claro que não podíamos fazer isto logo no princípio, pois não estariam preparados para o aceitar. Agora é o momento certo. Quando eles puderem conhecer o Filho, estar com Ele, ouvi-Lo falar, vê-Lo amar, saberão amar e estarão salvos. Não se trata de uma emenda, trata-se de um objetivo. Foi pensando neste objetivo que começámos a criar.

A proximidade

— Cá por mim — disse Oseias com os olhos a brilhar —, têm todo o meu apoio. Confesso que não estava à espera. Claro, nenhum de nós imaginava isto. Mas têm todo o meu apoio. Aliás lembro-me de ter falado muitas vezes de amor ao meu povo. Fui até muito criticado por causa disso, por comparar Deus a um amante. O Filho ir lá abaixo disfarçado de homem, acho uma ideia estupenda.

— Oseias! — Interrompeu o Filho — “Disfarçado”, coisa nenhuma! Serei homem.

— Claro, Senhor, duas pernas, dois braços e uma cabeça e todos pensarão que sois um ser humano de verdade. Não é “disfarçado”, claro. É como se fosses mesmo homem.

— Oseias, não é “como se fosse”, Eu serei homem.

— Serás homem, como? Não vais nascer, não vais morrer, claro.

— Vou nascer, vou morrer e vou crescer.

— Às vezes faz frio lá em baixo, Senhor. Não é como aqui no Céu...

— Eu sei. Às vezes faz imenso frio, até mesmo no coração. E às vezes a comida não chega.

— Também vais comer?

— Claro! Vou comer, caminhar, sentir o frio da pedra sob os pés e o calor do Sol do Verão nas costas. Vou aprender e ter de andar à procura. Vou escutar e falar. Vou fazer perguntas e aprender. Vou ter de caminhar para ir de aqui para ali.

Jonas não aguentou mais.

— Não sabes em que Te vais meter, Senhor. Aquilo lá em baixo é uma selva! Ainda me arrepio só de pensar em Nínive... A pessoa às vezes sofre mesmo. E não só o frio e o calor mas também a incompreensão dos outros. E até mesmo a solidão. Desculpa, mas não é ambiente para Ti. Não seria muito mais sensato — desculpa-me o atrevimento... —, não seria muito mais sensato ires lá com aparência humana, adaptares-te a tudo, fazeres o que tens de fazer e depois voltares para cá?

— “Aparência humana”?! Essa é a primeira grande tentação dos homens, a tentação do “dar-se-sem-se-dar”, brincar ao amor sem se comprometer. Tocar sem se deixar afetar, sem perder as suas seguranças. Os homens querem deixar sempre livre o caminho de regresso. Então dão-se mas não se dão. Querem ter a sensação de que amam mas sem correr nenhum risco pessoal. E então dizem uns aos outros: “Amo-te muito mas não estou preparado para assumir nenhum compromisso, já tenho muitas questões na minha vida.” Ou então: “Ajudo-te a resolver os teus problemas desde que não me envolvas pessoalmente na tua situação!” Ou ainda: “Deixa-me cativar-te. Mas amanhã não me venhas bater à porta.” Não entendem nada. Amar é deixar que a carga do outro passe para nós. Uma espécie de transferência, entendes? Por isso é que antes de cada ato de amor devemos pensar se estamos preparados para ele. Quando amamos tornamo-nos frágeis. Então achamos mais fácil guardar sempre uma certa distância cada vez que amamos, de modo a nunca corrermos o risco de ser afetados. Era isso que pretendias quando sugerias que Eu fosse lá abaixo disfarçado de homem! Mas já vês que uma coisa destas Eu nunca poderia fazer...

— Senhor, certamente que os Vossos pensamentos não são os nossos pensamentos e que os Vossos decretos são insondáveis — insistiu Jonas solenemente —, mas francamente parece-me tudo isto um exagero! Sejamos acima de tudo práticos. Os homens precisam de orientações. Ide lá abaixo dar-lhes essas orientações. Os homens precisam de ajudas concretas. Ide lá abaixo dar-lhes essas ajudas. Os homens certamente ganhariam em conhecer-Vos. Ide lá abaixo dar-lhes um pouco de tempo. Mas francamente isto de ser homem parece-me arriscado e desnecessário.

— Jonas — respondeu o Filho cheio de paciência —, essa é precisamente a segunda tentação dos homens que se esforçam por seguir o bem, a tentação do “fazer-coisas-em-vez-de-estar”. Pensam que o amor se pode trocar por fazer coisas, não entendem que consiste sobretudo em estar presente. Dizem uns aos outros: “Dei-te uma hora do meu tempo, vês como te amo?” Ou: “Canto os cânticos da tua cultura, vês como te amo?” Ou: “Visto-me como tu te vestes e sorrio sempre que passas, vês como te amo?” Ou ainda: “Ajudei-te a preparar uma bela reunião, vês como te amo?” Mas o amor não consiste em horas, nem em cânticos, nem em roupas, nem em sorrisos, nem em reuniões, nem em nada do que se possa fazer por fora. O amor consiste em dar-se a si mesmo e para isso é preciso ter tempo para estar com o outro, ter tempo para simplesmente estar. Mas, claro, com o tempo apanhamos o frio e o calor do outro na nossa própria alma. Estás a ver, Jonas, um Deus muito eficiente e muito profissional mas que não tivesse tempo para estar não salvaria ninguém.

Foi então que um anjo adolescente saiu voando do coro dos anjos com a sua harpa na mão e dançou no ar à volta do Filho, cantando:

“Esta é a voz do meu amado! Ei-lo que vem aí, saltando sobre os montes, pulando sobre os outeiros. O meu amado é como a gazela e como um veadinho. Ei-lo atrás dos nossos muros, olhando pelas janelas!” (Ct 2,

8-10).

Depois parou diante do Filho e fez-Lhe uma grande vénia. Todos aplaudiram, sobretudo Deus Pai, visivelmente entusiasmado. Até que enfim que alguém parecia entender plenamente o significado daquilo que os Três lhes transmitiam! Mas nem todos estavam contentes. Alguém, do meio da multidão, pôs o dedo na ferida:

— Senhor — disse ele voltando-se para o Filho —, vejo que obviamente querem o bem dos homens. Tamanha entrega não pode significar outra coisa. O que me parece questionável — com o devido respeito, claro — é que isto seja o bem dos homens. Há uma linha, Senhor, uma linha que nos permite que nem tudo seja relativo. Abaixo dessa linha estão os pássaros, as árvores, as montanhas e os homens. Enfim... a criação. Acima dessa linha está Deus. Abaixo existe o tempo. Acima, a eternidade. Abaixo, o que é finito. Acima, o que é infinito. Abaixo é tudo relativo. Acima é tudo absoluto. Esta linha marca uma distância intransponível e permite que as coisas não se misturem. É bom para nós saber que acima de nós as coisas são claras e incondicionadas. Permite-nos viver com ordem a desordem da vida. Ora, se bem percebi, o Vosso projeto confunde tudo. A parte de cima mistura-se com a de baixo. A parte de cima vem para baixo e qualquer dia a parte de baixo já pensa que está lá em cima. Não é melhor para os homens deixar as coisas como estão, da mesma exata maneira que os nossos avós nos ensinaram? Não introduzirá isto uma confusão tremenda nas cabeças dos homens? Faz lembrar aqueles pais que se começam a comportar como se fossem filhos, ou aqueles professores que se sentam no meio dos alunos. É muito confuso. Parece-me que, se quereis o bem dos homens, a primeira coisa que deveis manter é a ordem.

— Será mesmo como dizes — explicou o Filho —, uma linha quebrada e aberta. Só que não percebeste porquê. É por causa do amor. O amor não suporta distâncias, hierarquias.

— Senhor, mas se quebrais essa linha estais sujeito a tudo o que é relativo. Não penseis que as multidões acorrerão para Vos servir. Aqui, sim, enchemo-nos de respeito quando Vos vemos passar. Lá em baixo não é assim, impera a lei do mais forte. Lá em baixo tudo pode acontecer. Até a violência. Até a morte. Em que posição ficais depois? Perdeis o Vosso estatuto superior e já não podeis salvar. E quem acaba a perder... são os homens!

— Aí é que te enganas. Ninguém salva de cima, a partir de uma posição de superioridade. Os homens terão de aprender a ver-Me de cima para baixo. Talvez não estejam ainda preparados para que lhes lave os pés, mas um dia perceberão. É esta a terceira tentação dos homens no que diz respeito ao amor, a tentação de “dar-a-mão-sem-se-abaixar”. Pensar que se pode amar sem se abaixar, sem ficar a perder. E então dizem coisas como: “Amo-te mas não digas a ninguém. A minha imagem ficaria estragada.” Ou: “Deixa-me fazer-te o bem mas não me obrigues a ir a tua casa, não me sinto bem nesse tipo de bairros.” Ou ainda: “Conta-me os teus pecados mas não entres em pormenores para eu não me sujar.” Mas amar é aceitar chegar a perder para que o outro fique a ganhar. Amar é quebrar a linha que nos mantém sempre por cima, na nossa autossuficiência.

— E não há hipótese de os dois ficarem a ganhar? — Retorquiu...

— No papel sim, é possível pensar num amor que só tenha ganhos. Na prática não. Amor e dor são inseparáveis.

— É disso mesmo que eu estou a falar, de dor. Não falo já da dor física, mas sobretudo da dor do coração. Que farias se os homens não Te aceitassem? Já pensaste nessa possibilidade?

— Pensei na possibilidade de amar até ao fim, onde quer que isso Me leve. É essa a linha que quero traçar — percebes? —, a linha do amor. Claro que isto rompe com as hierarquias. Quando se ama deixa-se de estar acima. Parece que nunca amaste ninguém.

— Senhor, e se isso Te levar até à morte? Imagina simplesmente a possibilidade de Te quererem matar? E Tu, que és Deus, que fazes?

— Não sei o que farei. Só sei que quero uma coisa: ser fiel até ao fim.

— Até à morte?

— Até à morte — disse o Filho, olhando o Pai, enquanto o Espírito pousava suavemente a cabeça no seu peito.

“Até à morte”... Ouvindo isto o anjo tocador não resistiu e voou novamente à volta do Filho e a cantar:

“Põe-me como um selo sobre o teu coração, como um selo sobre os teus braços. Porque o amor é forte como a morte. A paixão é violenta como o sepulcro! As muitas águas não poderiam extinguir o amor, nem os rios o poderiam submergir.” (Ct 8, 6).

A liberdade

Aos poucos foi-se gerando entre todos um entusiasmo geral por esta “cartada” que os Três iriam dar. Os mais extrovertidos dançavam de alegria, os mais solenes faziam discursos e propunham brindes, os mais impulsivos ofereciam-se para ir também “lá abaixo” ou “lá acima” à Terra e passar com o Filho o que quer que Ele viesse a passar. Havia também um grupo mais militante que começou animado a gritar palavras de ordem, como se fosse uma manifestação: “Hossana, hossana ao Filho de David!”, “Bendito o que vem em nome do Senhor” e outros slogans do género. De repente apareceu uma faixa dourada que dizia: “Encarnar já. Com os Três no Seu projeto de felicidade.” O Pai pediu então um pouco de calma e explicou:

— Vejo que já perceberam o alcance daquilo que acontecerá e ficamos tocados que partilhem do Nosso entusiasmo. A todos agradecemos o vosso apoio. No entanto gostava que soubessem uma coisa: não é a Nossa própria felicidade que procuramos. Não se admirem se vos dissermos que não precisamos de dar este passo. Damo-lo para que os homens sejam felizes. Será talvez difícil entenderem o seguinte: a Nós nada Nos falta. Um dia aparecerão homens que dirão que Nós, para sermos Deus, tínhamos de ir à Terra, que era uma necessidade. E isso não é verdade. A Nós nada Nos falta. Eles pensam que o amor é uma necessidade, não entendem que ir à procura do amor por necessidade não seria amor mas o seu contrário, a dependência. É esta a quarta tentação dos homens no que diz respeito ao amor, a tentação do “dar-para-se-preencher”. É verdade que todo o amor enriquece quem o dá. Mas é também verdade que amar é querer o bem do outro e não o nosso. Sem isto não há amor. Como sabem, os homens têm toda a espécie de carências, sobretudo afetivas. Quando, por vezes, fogem de as enfrentar procuram uma outra pessoa para tapar os seus buracos. E chamam-lhe amor. Dizem coisas estranhas como, por exemplo, “preciso de ti para ser feliz”, “sem ti não seria ninguém” e “não posso viver sem ti”. Ainda não entenderam nada. O amor é como uma ponte e cada pilar tem de estar bem assente por si próprio na sua própria margem. Buscar o apoio do pilar na própria ponte é meio caminho para tudo se desmoronar. Assim outros homens dizem: “dar-te a mão preenche o vazio que há em mim” e “dou-me a ti porque me sinto útil sabendo que precisas de mim”. E chamam-lhe amor. Mas não é. O amor é gratuito. Só pode amar quem aceita viver a sua própria solidão e sabe que não precisa do outro para sobre viver. A solidão não é contrário do amor — como os homens muitas vezes pensam —, é o seu alicerce escondido. Vocês pensarão então que amando assim não nos envolvemos. Mas enganam-se, é precisamente assim que nos podemos envolver sem medo de nos perdermos. O verdadeiro amor alimenta a independência. O Filho nunca deixará de ser quem é.

Agora é que estavam todos cada vez mais confundidos.

— Mas então — perguntou o anjo adolescente da harpa — o que é afinal o amor? Não é diluir-se no outro? Não é isso que vai acontecer agora com o Filho, deixar de ser quem é para ser homem?

— Não, Benjamim — atalhou o Filho muito de repente —, se Eu deixasse de ser quem sou já não podia amar. Repara no que se passa aqui no Céu. Aqui há só amor e cada um tem a sua personalidade diferente. Tu, por exemplo, não deixas de ser anjo por Me amares a Mim, que não sou anjo. O amor não te faz ser outro, diferente de ti, faz-te ser o melhor de ti próprio. Se deixasses

de ser quem és para Me agradar, por exemplo, estaria tudo estragado. É esta a quinta tentação dos homens quando amam, a tentação do “vender-se-para-agradar”. Os homens, para agradar àqueles que dizem amar, são capazes de empenhar o que têm de mais sagrado. Vendem os seus ideais, comportam-se como se não fossem eles, tornam-se incapazes de dizer o que realmente pensam, relativizam aquilo em que realmente acreditam para não perderem o outro. Eu não farei isso. Se o fizesse tornar-Me-ia um jogo de sombras, esvaziar-Me-ia e não teria nada para dar. Haverá talvez momentos em que os homens vão à Minha procura e não Me encontram porque vou precisar de estar comigo. Haverá talvez momentos em que os homens quererão que grite as palavras de ordem dos seus partidos e terei de os desiludir porque eu não Me vou contradizer a Mim próprio. Haverá talvez momentos em que Me oferecerão o mundo inteiro se Eu for seu cabeça de cartaz e ficarão desapontados quando abrir a boca porque a verdade não pode ser vendida. Estás a ver? Seria como tentar assentar o peso do pilar no tabuleiro da ponte. Duraria pouco tempo.

— Continuo a não perceber, Senhor! Eu primeiro pensava que Tu não irias ser bem homem mas que apenas Te disfarçarias de homem. Explicaste depois que não, e eu entendi as razões. Então achei que Tu ias deixar de ser Deus para poderes ser homem. Agora vejo que também não será assim e estou confundido. Sinceramente não entendo como é que Tu conseguirás ser homem continuando a ser Deus. É que a ideia que eu tenho das duas coisas é completamente diferente. Deus sabe tudo, os homens não. Deus está em toda a parte, os homens para irem de aqui para ali têm de se deslocar. Deus tem poder sobre tudo, os homens não...

O tema interessava visivelmente ao Filho, que ganhou um brilho especial nos olhos e respondeu assim:

— Havia, num país distante, um Rei. Vivia no seu palácio, no cimo da colina, rodeado de uma grande corte e na companhia do seu filho. Havia também nesse reino um bosque, um grande bosque atravessado por um pequeno rio azul. Muita gente vivia nesse bosque. Era gente boa e simples que nunca tinha entrado no palácio real e que se sentiria pouco à vontade se lá entrasse, tal era a distância entre estes dois mundos tão próximos. Os homens eram caçadores e lenhadores. As mulheres lavavam a roupa no rio. Ora um dia o Príncipe, cavalgando no bosque ao longo do rio, viu uma jovem Lavadeira. Ficou secretamente a olhar para ela por detrás dos canaviais e apaixonou-se por ela. Gostaria de se propor a ela e de a namorar. Mas como fazer? Levá-la a viver no palácio não era possível, seria de mais para ela. Ir ele viver para a clareira do bosque, com toda a sua corte, também não. Assustá-la-ia, a ela e a todos, e não iria resultar. Foi então que decidiu: “Deixarei a corte, perderei todos os meus privilégios reais, irei viver como mais um na clareira do bosque.” Passados anos lá o encontramos. Trabalha agora o dia inteiro como lenhador. Tem agora as suas mãos calejadas do machado. Até a sua maneira de falar é diferente, igual à de todos os lenhadores do bosque, com quem bebe, na taberna, ao fim da tarde, um copo de vinho antes de voltar para casa.

— Diz-me, Benjamim, este homem que agora vemos assim mal vestido, a suar e de mãos calejadas é ou não é Príncipe?

Benjamim hesitou: — Que história linda, Senhor! Bem... eu acho que... ou seja... acho que sim, que ele deixou tudo por amor mas que no fundo continua Príncipe.

— E achas muito bem — disse o Filho. — Claro que ele agora já não pode assinar decretos reais, nem pode dispor livremente da fortuna da família, nem tem a facilidade de meios que tinha no palácio. Mas o sangue azul que corria nas suas veias não o perdeu. Príncipe uma vez, Príncipe para sempre.

— Então, Senhor, isso significa que Tu vais perder os privilégios mas não vais deixar de ser quem és?

— É verdade, Benjamim. É assim o amor.

- E quem é a Lavadeira? É a humanidade?
- Nem mais, Benjamim.
- E o Teu sangue azul, que sangue é?
- É o amor, Benjamim.
- E a Lavadeira? O que aconteceu à Lavadeira?
- A Lavadeira, aos poucos, aprenderá a amá-Lo, ganhará nobreza de sentimentos e será uma Senhora.
- E irá viver para o palácio com ele?
- Sim, Benjamim, quando estiver preparada.
- E serão os dois felizes para sempre?
- Sim, Benjamim — disse o Filho a rir —, e serão os dois felizes para sempre. E o Rei tratá-la-á como filha. E ela será herdeira de todos os bens da família real.
- Acho que já estou a perceber, disse o anjo pegando na harpa.
- “Para onde foi o teu amado, ó mais formosa das mulheres? Para onde se retirou o teu amado? O meu amado desceu ao seu jardim, ao canteiro dos balsameiros, para se recrear entre as flores e colher lírios. Eu sou para o meu amado e o meu amado é para mim. Ele recreia-se entre os lírios.” (Ct 6, 1-3).*
- Esta história do Príncipe e da Lavadeira e a referência aos lírios tocou muito todos quantos estavam presentes. É que os jardins celestiais estavam cheios de lírios e não havia ali quem não os apreciasse. Foi então que um profeta menor, que estava escondido lá no meio do grupo dos profetas, sugeriu uma ideia. “Não seria possível decretar desde já na Terra uma harmonia perfeita, de modo que o Filho, ao chegar, fosse logo bem acolhido por todos? E se alguém não gosta de lírios? Pode até ficar longe do Filho ou mesmo estragar esta Sua vida lá em baixo!” Surgiu então entre todos uma grande discussão acerca dos lírios. Dever-se-ia ou não fazer com que todos os homens gostassem de lírios? A ideia foi ganhando terreno. Para bem dos homens, todos deveriam gostar de lírios, quer quisessem quer não... Isso facilitaria muito a missão do Filho, na qual estavam agora todos tão envolvidos. Mais uma vez o Pai pediu silêncio.
- Estão a ver? É esta a sexta e a maior tentação dos homens quando começam a amar, a tentação de “manipular-o-outro-para-não-o-perder”, de seduzir o outro de forma que ele não possa recusar o amor. Há tantas formas de o fazer, e algumas tão discretas! Há quem tente tornar-se imprescindível ao outro para que o outro não possa viver sem ele. Há quem tente confundir o outro de modo a que ele se convença de que já não é ninguém sem esse amor. Há até quem ameace com o perigo do castigo eterno no caso de ele recusar o amor. Mas cada um tem de descobrir por si só a cor dos lírios e amá-los livremente por aquilo que são. Se todos fossem obrigados a gostar de lírios, os lírios deixariam de ter encanto.
- E se não aceitarem o Filho? — Perguntavam todos — Se nem chegarem a abrir-Lhe a porta? Afinal eles sentem o mundo como a casa deles. Não seria melhor... enfim... forçar um pouco a entrada?
- O mundo é a casa deles — respondeu o Filho —, forçar a entrada, nunca! O amor, para ser amor, tem de ser livre dos dois lados.

(Nuno Tovar de Lemos, s.j., O príncipe e a Lavadeira, 2004)

2º BLOCO

Celebração “Amou-nos até ao fim” (cf. Jo 13, 1)

Sugerimos duas propostas distintas para o desenvolvimento desta celebração.

Em ambas seria muito importante a presença do pároco ou, na impossibilidade do mesmo, a de um outro sacerdote (indispensável, por razões óbvias, no caso de se optar pelo retiro). Esta pode ser, para o pároco, uma excelente oportunidade de acompanhamento do grupo e, para o grupo, será certamente importante a sua presença e o facto de vir dele o convite a participar nas celebrações do Tríduo Pascal.

PROPOSTA A

Desenvolvimento em dois encontros: um de preparação da celebração, nomeadamente da “via-sacra”, e outro com a própria celebração.

1º ENCONTRO – PREPARAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

Propõe-se, a partir do esquema tradicional da Via-Sacra, que se prepare uma caminhada com o grupo, aprendendo, com Jesus, a construir relações verdadeiras e com sentido. Nesta preparação, poder-se-ão distribuir os vários momentos pelos elementos do grupo, os quais, a partir da citação bíblica escolhida e da perspectiva sugerida no título, deverão fazer uma reflexão que ajude o grupo a confrontar o modo como constrói as suas relações com os horizontes propostos por Jesus (nos casos em que há várias citações, escolher apenas uma). Dentro da estação atribuída, os jovens poderão ainda escolher um cântico que acompanhe a transição para a paragem seguinte.

Os títulos, bem como as citações, são meramente indicativos, podendo escolher-se outros, nomeadamente se houver aspectos que o animador e/ou o grupo considerem que seja importante integrar, em função da reflexão efectuada ao longo do trimestre ou ao modo como se estruturam as relações no interior do grupo. O próprio grupo pode construir esta “via-sacra” com base na leitura de um ou mais Evangelhos. Contudo, seria aconselhável que se mantivesse o nascimento de Jesus e se terminasse com a citação de Jo 15, 12-13.

Em cada estação, o esquema será sempre idêntico: enunciação do título, leitura bíblica, reflexão ou oração, cântico.

Pode-se, ainda neste encontro ou num outro momento, definir o percurso e demarcar as diferentes paragens, cuidando ainda da sua ornamentação (com uma cruz, um cartaz, um símbolo...). O percurso definido deverá terminar no local onde se continuará e concluirá a celebração.

Importa não esquecer de combinar o local e hora de início da celebração, e de recomendar que todos tragam velas.

Esquema / Estações:

1. Reconhecer o dom da vida (Lc 2, 6-11 - Nascimento de Jesus)
2. Fazer opções (Lc 4, 1-12 – As tentações)

3. Ousar seguir Jesus (Lc 5, 27-28 – vocação de Levi)
4. Amar os inimigos (Lc 6, 27-36)
5. Olhar com o coração (Lc 7, 36-48 – A pecadora arrependida; Lc 19, 1-10 - Zaqueu)
6. Confiar (Lc 8, 22-25 – A tempestade acalmada)
7. Partilhar (Lc 9, 10-17 – multiplicação dos pães; Lc 21, 1-4 – oferta da viúva pobre)
8. Procurar o essencial (Lc 9, 23-25 - «Que aproveita ao homem...»; Lc 12, 22-32 - «Procurai antes o seu Reino...»; Lc 14, 26-27 – Tomar a cruz)
9. Caminhar na humildade (Lc 9, 46-48 – Quem acolhe esta criança...; Lc 14, 7-11 – o banquete e a escolha dos lugares)
10. Ser grato (Lc 10, 21 – «Bendigo-te, ó Pai...»; Lc 17, 11-19 – cura dos dez leprosos)
11. Compadecer-se (Lc 10, 29-37 – Bom Samaritano)
12. Viver a Palavra (Lc 10, 27-28 – Felizes os que escutam)
13. Servir (Jo 13, 3-5.12-17 – lava-pés)
14. Dar a vida (Jo 15, 12-13 - «Não há maior prova de amor...»)

2º ENCONTRO – CELEBRAÇÃO

Deve realizar-se já perto da Semana Santa ou no decurso da mesma, mas não no Tríduo Pascal (ou seja, entre o Domingo de Ramos e a Quinta-Feira Santa). O animador deve ter preparado o espaço final da celebração com antecedência, bem como folhas com os cânticos.

1. **Via-Sacra: A caminho com Jesus – aprender a vida** (segundo o esquema atrás apresentado ou outro feito pelo grupo e/ou pelo animador).
2. **Leitura da Paixão** (já no local onde termina a Via-Sacra)

Pode fazer-se uma breve introdução, como a seguinte, ou outra:

Jesus optou, desde o início da sua missão, por viver no amor, centrando a sua Boa-Nova num único anúncio: Deus é Pai e ama todos e cada um dos homens de maneira única, e deseja que todos participem da sua vida. Afastando a ideia de um Deus terrível e vingativo, de um ser castigador e distante, Jesus encarna em si o Deus próximo e misericordioso, cheio de compaixão e de ternura, atento aos problemas dos homens e sequioso do seu amor. A fidelidade a este projecto e a esta mensagem leva-o até ao extremo: Jesus morre de morte infame, porque Deus está com todos os homens até ao fim, faz caminho com eles até na própria morte, para lhes abrir as portas da vida.

* Leitura de Jo 19, 17-37

3. **Silêncio** (convém que este silêncio seja total, podendo o animador fazer uma breve exortação ao mesmo, logo após a leitura do Evangelho)

4. **Oração em volta da Cruz** (Adaptado de “Rezar juntos. Orações e cânticos de Taizé”, Porto, Ed. Salesianas, 2001, p. 8-9)

Para este momento, é necessário ter preparado previamente o espaço, com uma cruz deitada sobre bancos baixos e iluminada por algumas velas, bem como por um círio maior ou outro suporte, como o utilizado para a celebração do primeiro trimestre. O animador convida os jovens a aproximarem-se da cruz e a tocá-la durante alguns instantes, para confiar a Cristo, sem ser por palavras, aquilo que pesa sobre nós, os nossos próprios fardos e também tudo o que pesa sobre os outros, aqueles que estão perto de nós e também os que estão longe, os oprimidos, os desamparados, os doentes, os perseguidos. Cada um pode confiar a Cristo tudo o que, ao longo da “via-sacra”, descobriu como sendo um obstáculo à construção de relações mais saudáveis e construtivas, ou mesmo todas as relações que, na sua vida ou na daqueles que o rodeiam, o impedem de serem mais felizes.

A oração à volta da cruz permite estar em comunhão invisível não só com Cristo crucificado, mas também com todos os que sofrem, que estão abandonados, perseguidos ou torturados, condenados ao silêncio. E temos a confiança que, conhecido ou não, Cristo ressuscitado acompanha cada ser humano no seu sofrimento.

Para concluir este momento, sugere-se a leitura do seguinte texto, com a respectiva introdução:

A experiência da presença amorosa e constante de Deus marcou desde sempre os cristãos. Um teólogo ortodoxo, Olivier Clément, sintetiza-o muito bem, ao escrever:

«Deus, que é Amor sem limites, não é um Deus longínquo, numa eternidade superior. É um Deus infinitamente próximo, que é, em nós, mais interior que nós mesmos. De maneira que, por mais profundo que seja o nosso desespero, Deus está lá, mais profundo ainda, interpondo-se entre nós e o nada». (In *Carta de Taizé*, 2001, nota 19, p. 3)

5. **Vigília da luz** (Adaptado ou transcrito de “Rezar juntos. Orações e cânticos de Taizé”, Porto, Ed. Salesianas, 2001)

O animador convida cada jovem a acender a sua vela no círio ou noutro suporte com a luz, como sinal de espera até à celebração da ressurreição do Senhor. Cada um pode, ao acender a sua vela, recitar a seguinte oração:

Deus eterno, esperamos em silêncio e em paz até que se erga sobre nós a luz da Ressurreição.

Cânticos, com vista a prolongar este momento num clima meditativo.

6. **Invocações, lidas por diversos jovens do grupo.**

- Cristo, permanecendo fiel até à morte, tu mostras-nos o caminho do amor maior.
- Cristo, tomando sobre ti o peso do pecado, tu revelas-nos o caminho da bondade.

- Cristo, rezando por aqueles que te crucificaram, tu levas-nos a perdoar sempre.
- Cristo, abrindo o paraíso ao malfeitor arrependido, tu acendes em nós a esperança.
- Cristo, vem em auxílio da nossa pouca fé.
- Cristo, dá-nos um coração puro, renova e fortalece o nosso espírito.

(outras preces, espontâneas)

7. Pai nosso

8. Oração

Jesus Cristo, não vieste à terra para condenar o mundo, mas para que através de ti, o Ressuscitado, todo o ser humano encontre um caminho de reconciliação. E quando o amor que perdoa arde com uma chama do Evangelho, o coração, mesmo atribulado, pode recomeçar a viver.

9. Envio

O pároco ou, na sua ausência, o animador, convida o grupo a participar nas celebrações do Tríduo Pascal, podendo, explicar brevemente a respectiva estrutura. Será importante realçar a ligação entre esta celebração e o Tríduo: com efeito, a espera agora iniciada terminará na Vigília Pascal, onde se celebra a Ressurreição de Cristo. Convidará ainda os jovens a participarem nas celebrações de forma mais activa (leituras, serviço do altar, coro, etc...). Se ainda houver oportunidade, importa também incentivar e motivar os jovens do grupo à celebração do Sacramento da Reconciliação.

PROPOSTA B

Preparação e realização da celebração no âmbito de um retiro do grupo, durante um fim-de-semana, com início preferencialmente na 6ª-feira à noite e final no Domingo, depois do almoço.

6ª-feira

- Tempo mais leve, eventualmente com momentos de cariz lúdico.
- Convidar o Pároco / outro Sacerdote para falar aos jovens sobre a Páscoa / Tríduo Pascal e a importância deste tempo para os cristãos.
- Oração da noite (breve).

Sábado

Manhã

- Oração da manhã.
- Preparação da “via-sacra” (ver proposta A, 1º encontro).

Tarde

- “Via-Sacra” (ver proposta A, 2º encontro).
- Leitura da Paixão.
- Releitura individual, assinalando as passagens que mais tocaram a cada um, as dúvidas ou aspectos menos claros. Eventual partilha em grupos.
- Plenário.

Noite

- Oração à volta da cruz (ver proposta A, 2º encontro).
- Sacramento da Reconciliação.
- Momento de acção de graças, com preces e oração conclusiva (ver proposta A, 2º encontro).

Domingo

- Oração da manhã.
- Preparação da Eucaristia (distribuição dos diversos ministérios – leitores, acólitos; preparação de momentos específicos – por ex.: momento penitencial, apresentação dos dons; escolha de cânticos).
- Eucaristia - sugere-se que, após a comunhão, se faça o rito da luz descrito na proposta A do 2º encontro (vigília da luz), bem como o convite à participação no Tríduo Pascal e a sua eventual explicação (breve).

3º Bloco - Caminhar como um povo

INTRODUÇÃO

Entramos no derradeiro trimestre e, depois de perguntar pelo sentido da vida e pela qualidade de relações que constituem a nossa vida, somos convidados a um encontro mais profundo: reconhecer na Igreja esse universo de relações que nos oferece o sentido maior que buscamos para o nosso crescimento. “Caminha como um Povo”: no tema deste trimestre temos uma ajuda para a descoberta a fazer da nossa identidade eclesial. A Igreja é o povo que Jesus congrega e une. Pela sua Palavra e pelos sacramentos, que nos tornam a Páscoa de Jesus actual e fecunda, somos unidos a Jesus e, por Ele, unidos uns aos outros. Na relação com Jesus percebemos que a dignidade deste Povo é a da experiência da filiação divina: é-nos oferecida aquela mesma relação que Jesus tinha com o Pai e a qualidade de vida que a constitui. Por isso, esta relação é dom do Espírito Santo e tem como fio dos tecidos relacionais o mandamento novo do amor.

Neste Povo brilha o esplendor de uma unidade que Jesus oferece e o seu Espírito garante. Todos os cristãos, assimilados a Jesus, que é “o Caminho, a Verdade e a Vida”, estão unidos vitalmente uns aos outros, porque acolhem de Jesus a vida, que é verdade sobre a vontade do Pai e caminho para o Pai e seu Reino. O Espírito Santo que Jesus derramou no dia de Pentecostes sobre a Igreja é a garantia de Deus que os sacramentos são vida nova, que a Palavra é verdade de amor e liberdade, que os serviços na Igreja são sinal da caridade e ternura de Deus.

Nesta Igreja guardou Jesus o canal pelo qual Ele se torna presente e actuante: Jesus confiou a sua Palavra aos Apóstolos, constituiu-os com autoridade sobre todos os discípulos, instituiu os sacramentos, convidou à comunhão fraterna e impeliu à missão. Por isso, quando acedemos a este dom que se torna experiência, quando no berço da Igreja tomamos este alimento da sua vida que é o seu próprio tesouro, somos surpreendidos por Jesus e tornamo-nos seus discípulos, amigos seus. A fé em Jesus torna-se assim fé eclesial, porque é na experiência da fé da Igreja e dos seus ritmos que o Espírito nos conduz a uma fé mais plena em Jesus.

Porque a Igreja transporta um tesouro que é a própria vida de Jesus, ela continua as acções de Jesus neste mundo. Como Ele, também a Igreja está ao serviço do Reino: ela é chamada a edificá-lo, semeando neste mundo centelhas de amor e justiça, dignidade e verdade, misericórdia e justiça, que reproduzam nesta humanidade os traços da nova criação, fruto da Páscoa do Senhor. Ao serviço do Reino, a Igreja anuncia Jesus a todos os homens e procura inundar os recantos de pobreza e tristeza deste mundo, com a luz dos gestos e da atenção do próprio Senhor.

Na última etapa deste trimestre, seremos convidados a concretizar a nossa fé e atenção à Igreja, na nossa Diocese. Nesta porção de Igreja, reunida à volta de um Pastor (o Senhor Patriarca) que nos conduz, caminhando em diversas comunidades unidas entre si, assumindo a missão comum de ser luz para este mundo onde vivemos, podemos experimentar a realidade fecunda da Igreja e crescer para Jesus. Seremos por isso desafiados a assumir pessoal e comunitariamente a nossa Diocese de Lisboa como a nossa Igreja de referência, como aquela onde fomos gerados e somos sustentados.

OBJECTIVOS

- Descobrir-se a si mesmo, como membro de um Povo;
- Povo que é convocado, que está a caminho, que é um corpo que tem por cabeça, Cristo.

TEMAS

- I – A Igreja, Mistério de Comunhão
- II – A Igreja, Comunidade dos discípulos
- III – A Igreja Diocesana
- IV – Celebração “Chamados à Comunhão”

LEGENDA



Material



Dinâmica



Referências YouCat



Oração



Compromisso



Textos de apoio

3º BLOCO**I – A Igreja, mistério de comunhão****LINHAS GERAIS**

Já ouvimos muitas vezes falar de Igreja. Já todos tivemos muitas catequeses sobre a Igreja. Ao longo deste percurso teremos oportunidade de ir descobrindo e vivendo o que é isto de ser Igreja. Talvez por isso, fosse bom começarmos por partilhar uns com os outros o que é a Igreja. E, nesta simples partilha, mesmo sem darmos conta, estamos já a ser Igreja. Estamos unidos como povo, e congregados em nome do Senhor, desbravando os caminhos da vida, que, para nós, são caminhos de salvação.

«A Igreja em Cristo é como que o sacramento ou sinal, o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática “Lumen Gentium” sobre a Igreja, nº1). Ser sacramento da união íntima do homem com Deus - eis a primeira finalidade da Igreja. E porque a comunhão dos homens entre si radica na união com Deus, a Igreja é, também, o sacramento da unidade do género humano. Nela, esta unidade já começou, pois reúne homens «de toda a nação, raça, povo e língua» (Ap 7, 9). A Igreja é, ao mesmo tempo, «sinal e instrumento» da plena realização desta unidade, que está para vir» (Catecismo da Igreja Católica nº 775).

É na Igreja, povo de Deus e Corpo de Cristo, que se realiza a união dos homens com Deus e entre si. E, assim, a Igreja actualiza e realiza o desígnio de salvação que Deus tem para toda a humanidade – unir a si todos os homens. É um projecto de amor sem fim, que atingirá a plenitude quando todos formos um com o Pai.

Ninguém é, nem pode ser, cristão sozinho. Formamos um corpo que tem Cristo como cabeça. Somos um povo, unido, peregrinos do amor em direcção à casa do Pai.

O QUE SE PRETENDE

- Pôr em comum as dúvidas e incertezas sobre a Igreja;
- Compreender o papel da Igreja no mundo;
- Descobrir-se como membro da Igreja que é o povo de Deus;
- Viver a dimensão eclesial da fé.

Para este tema propomos três encontros: o primeiro em que se debatem as questões que se levantam hoje à Igreja e as suas posições face a estas; o segundo onde se parte à descoberta do coração da Igreja, à sua razão profunda de ser que lhe advém de Cristo e da presença actuante do seu Espírito desde os primeiros tempos; o terceiro onde aprofunda o sentido da Igreja e a sua missão no mundo de hoje.

1º Encontro



Textos para oração



1. Em conjunto, conversar acerca das questões que são colocadas hoje pelos jovens católicos e aos jovens católicos sobre a Igreja (doutrina, dogmas, etc.).

- O que pensas da Igreja?
- O que pensas sobre o papel da Igreja na História?
- Quais os aspectos mais negativos na Igreja de hoje?
- Quais os aspectos mais positivos na Igreja de hoje?
- O que pensas sobre os padres e os bispos?
- O que pensas sobre o papel dos leigos na Igreja?

2. Não se pretende que seja o animador a dar as respostas, mas sim que oriente a discussão e debate. Deverá também registar todas as questões, que serão debatidas a fundo no próximo encontro, com a presença de um convidado (sacerdote ou, na impossibilidade deste, uma religiosa, um seminarista ou alguém preparado do ponto de vista teológico para esclarecer dúvidas). Se possível entregar-lhe as questões, alguns dias antes do encontro, para facilitar a sua preparação.



Cântico inicial

Leitura:

Apesar das suas imperfeições a Igreja mudou e continua a mudar vidas. Paul Claudel (1868-1955), poeta, dramaturgo, ensaísta, embaixador, membro da Academia Francesa. Nasceu a 6 de Agosto de 1868, em Villeneuve-sûr-Fère-en-Tardenois, França, de uma família indiferente à Fé, e que ao mudar-se para Paris se tornou francamente atea. No entanto, como diz Claudel, «fiz uma boa primeira comunhão (1880), que, como ocorre com a maioria dos jovens, foi ao mesmo tempo o coroar e o fim das minhas práticas religiosas.» Aos dezoito anos, acreditava apenas que «este mundo é um rápido encadeamento de causas e efeitos que a ciência logo explicaria perfeitamente. Tudo isto me parecia, aliás, muito triste e aborrecido». Em Junho de 1886, ao ler a poesia de Rimbaud, Claudel abre-se ao espiritual. A 25 de Dezembro de 1886, com dezoito anos, entra em Notre-Dame de Paris para assistir aos ofícios de Natal, com o intuito de encontrar «matéria para alguns exercícios decadentes». Ele conta: «Eu próprio estava de pé entre a multidão [...] E foi então que se produziu o acontecimento que domina toda a minha vida. Num instante, o meu coração foi tocado e acreditei». Cantava-se então o Magnificat (do Ofício de Vésperas). É também nessa noite que, pela primeira vez, entra na leitura da Bíblia, que considera um imenso poema e que não mais interrompeu. Começa então a conversão de Claudel, que se torna a origem de toda a sua obra. Ele tornou-se, ao mesmo tempo, cristão e poeta. No entanto, trava um combate espiritual durante quatro anos até 25 de Dezembro de 1890, em que Claudel se confessa e volta, enfim, à comunhão da Igreja. Em 1893, inicia a sua carreira diplomática nos Estados Unidos, que o levará a correr mundo. Em 1894, deseja tornar-se monge beneditino. Está então na China. De volta a França, descobre que a sua vocação não é o sacerdócio. E, em 1906, casa, e é no casamento que o equilíbrio parece enfim reconquistado. Descobre no amor pela sua mulher o caminho para o desprendimento maior de si e de uma entrega completa a Deus. A sua conversão não termina, e

dura ao longo de toda a sua vida. Toda a obra poética e teatral de Claudel é um contínuo comentário ao acontecimento de 25 de Dezembro de 1886. A sua obra, testemunho da sua fé, e a história da sua conversão, repercutiram-se em muitas pessoas. Em 23 de Fevereiro de 1955, Quarta-Feira de Cinzas, Paul Claudel faleceu na sua casa, em Paris, tendo-lhe a França consagrado, em Notre-Dame, exéquias nacionais.

“A 25 de Dezembro de 1886, fui a Notre-Dame de Paris para assistir aos ofícios de Natal. Começava então a escrever, e parecia-me que nas cerimónias católicas, consideradas com um diletantismo superior, encontraria um excitante apropriado e a matéria de alguns exercícios decadentes.

Foi com essas disposições que, acotovelado e empurrado pela multidão, assisti, com um prazer medíocre, à Missa cantada. Depois, não tendo nada melhor para fazer, voltei para assistir às Vésperas. As crianças do coro, vestidas de branco, e os alunos do Seminário-Menor de Saint-Nicholas-du-Chardonnet que os ajudavam, cantavam o que mais tarde soube ser o Magnificat. Eu próprio estava de pé entre a multidão, junto do segundo pilar à entrada do coro, à direita da sacristia. E foi então que se produziu o acontecimento que domina toda a minha vida. Em um instante, o meu coração foi tocado e acreditei.

Acreditei com tal força de adesão, com tal elevação de todo o meu ser, com tão poderosa convicção, com tal certeza sem deixar lugar a qualquer espécie de dúvida, que, a partir de então, todos os livros, todos os raciocínios e todas as circunstâncias de uma vida agitada não puderam abalar-me a fé, nem mesmo, para ser mais preciso, atingi-la.

Tive, de súbito, o forte sentimento da inocência, da eterna juventude de Deus, uma revelação inefável. Tentando, como fiz várias vezes, reconstituir os minutos que se seguiram a esse instante extraordinário, encontro os elementos seguintes que, entretanto, formavam apenas um clarão, uma única arma de que a Providência Divina se servia para atingir e abrir enfim o coração de uma pobre criança desesperada: «Como são felizes os que crêem! E se fosse verdade? É verdade! Deus existe. Ele está em toda a parte. É alguém, é um Ser tão pessoal quanto eu. Ele ama-me, ele convoca-me.»”

(Paul Claudel, Convertidos do Século XX, Rio de Janeiro, Livrarias Agir, 1966, p. 132-133)

Leitura

Assim diz o Senhor:

Derramarei sobre vós uma água pura,
e ficareis putificados.

Vou purificar-vos de todas as imundícies
e de todos os vosso ídolos.

Dar-vos-ei um coração novo

E colocarei em vós um espírito novo.

Tirar-vos-ei o coração de pedra

e dar-vos-ei um coração de carne.

Colocarei dentro de vós o Meu espírito,

para que vivais de cordo com os Meus estatutos,
observeis e ponhais em prática as minhas normas.

Então habitareis na Terra

que dei aos vossos antepassados:

vós sereis o Meu povo,

e Eu serei o vosso Deus.

(Ez 36,25-28)

Cântico final “Vós todos sereis meu povo” ou semelhante



«Ide e fazei discípulos entre as nações!» (cf. Mt 28, 19)

1. Uma chamada urgente

A história mostra-nos muitos jovens que, através do dom generoso de si mesmos, contribuíram grandemente para o Reino de Deus e para o desenvolvimento deste mundo, anunciando o Evangelho. Com grande entusiasmo, levaram a Boa Nova do Amor de Deus manifestado em Cristo, com meios e possibilidades muito inferiores àqueles de que dispomos hoje em dia. Penso, por exemplo, no Beato José de Anchieta, jovem jesuíta espanhol do século XVI, que partiu em missão para o Brasil quando tinha menos de vinte anos e se tornou um grande apóstolo do Novo Mundo. Mas penso também em tantos de vós que se dedicam generosamente à missão da Igreja: disto mesmo tive um testemunho surpreendente na Jornada Mundial de Madrid, em particular na reunião com os voluntários.

Hoje, não poucos jovens duvidam profundamente que a vida seja um bem, e não veem com clareza o próprio caminho. De um modo geral, diante das dificuldades do mundo contemporâneo, muitos se perguntam: E eu, que posso fazer? A luz da fé ilumina esta escuridão, nos fazendo compreender que toda existência tem um valor inestimável, porque é fruto do amor de Deus. Ele ama mesmo quem se distanciou ou esqueceu d'Ele: tem paciência e espera; mais que isso, deu o seu Filho, morto e ressuscitado, para nos libertar radicalmente do mal. E Cristo enviou os seus discípulos para levar a todos os povos este alegre anúncio de salvação e de vida nova.

A Igreja, para continuar esta missão de evangelização, conta também convosco. Queridos jovens, vós sois os primeiros missionários no meio dos jovens da vossa idade! No final do Concílio Ecuménico Vaticano II, cujo cinquentenário celebramos neste ano, o Servo de Deus Paulo VI entregou aos jovens e às jovens do mundo inteiro uma Mensagem que começava com estas palavras: «É a vós, rapazes e moças de todo o mundo, que o Concílio quer dirigir a sua última mensagem, pois sereis vós a recolher o facho das mãos dos vossos antepassados e a viver no mundo no momento das mais gigantescas transformações da sua história, sois vós quem, recolhendo o melhor do exemplo e do ensinamento dos vossos pais e mestres, ides constituir a sociedade de amanhã: salvar-vos-eis ou perecereis com ela». E concluía com um apelo: «Construí com entusiasmo um mundo melhor que o dos vossos antepassados!» (Mensagem aos jovens, 8 de Dezembro de 1965).

Queridos amigos, este convite é extremamente actual. Estamos a passar por um período histórico muito particular: o progresso técnico nos deu oportunidades inéditas de interação entre os homens e entre os povos, mas a globalização destas relações só será positiva e fará crescer o mundo em humanidade se estiver fundada não sobre o materialismo mas sobre o amor, a única realidade capaz de encher o coração de cada um e unir as pessoas. Deus é amor. O homem que esquece Deus fica sem esperança e se torna incapaz de amar seu semelhante. Por isso é urgente testemunhar a presença de Deus para que todos possam experimentá-la: está em jogo a salvação da humanidade, a salvação de cada um de nós. Qualquer pessoa que entenda essa necessidade, não poderá deixar de exclaimar com São Paulo: «Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho» (1 Cor 9,16).

2. Tornai-vos discípulos de Cristo

Esta chamada missionária é-vos dirigida também por outro motivo: é necessário para o nosso caminho de fé pessoal. O Beato João Paulo II escrevia: «É dando a fé que ela se fortalece» (Encíclica *Redemptoris missio*, 2). Ao anunciar o Evangelho, vós mesmos cresceis num enraizamento cada vez mais profundo em Cristo, vos tornais cristãos maduros. O compromisso missionário é uma dimensão essencial da fé: não se crê verdadeiramente, se não se evangeliza. E o anúncio do

Evangelho não pode ser senão consequência da alegria de ter encontrado Cristo e ter descoberto n'Ele a rocha sobre a qual construir a própria existência. Comprometendo-vos no serviço aos demais e no anúncio do Evangelho, a vossa vida, muitas vezes fragmentada entre tantas atividades diversas, encontrará no Senhor a sua unidade; construir-vos-eis também a vós mesmos; crescereis e amadurecereis em humanidade.

Mas, que significa ser missionário? Significa acima de tudo ser discípulo de Cristo e ouvir sem cessar o convite a segui-Lo, o convite a fixar o olhar n'Ele: «Aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração» (Mt 11, 29). O discípulo, de facto, é uma pessoa que se põe à escuta da Palavra de Jesus (cf. Lc 10, 39), a quem reconhece como o Mestre que nos amou até o dom de sua vida. Trata-se, portanto, de cada um de vós deixar-se plasmar diariamente pela Palavra de Deus: ela vos transformará em amigos do Senhor Jesus, capazes de fazer outros jovens entrar nesta mesma amizade com Ele.

Aconselho-vos a guardar na memória os dons recebidos de Deus, para poder transmiti-los ao vosso redor. Aprendei a reler a vossa história pessoal, tomai consciência também do maravilhoso legado recebido das gerações que vos precederam: tantos cristãos nos transmitiram a fé com coragem, enfrentando obstáculos e incompreensões. Não o esqueçamos jamais! Fazemos parte de uma longa cadeia de homens e mulheres que nos transmitiram a verdade da fé e contam connosco para que outros a recebam. Ser missionário pressupõe o conhecimento deste património recebido que é a fé da Igreja: é necessário conhecer aquilo em que se crê, para o poder anunciar. Como escrevi na introdução do *Youcat*, o Catecismo para jovens que vos entreguei no Encontro Mundial de Madrid, «tendes de conhecer a vossa fé como um especialista em informática domina o sistema operacional de um computador. Tendes de compreendê-la como um bom músico entende uma partitura. Sim, tendes de estar enraizados na fé ainda mais profundamente que a geração dos vossos pais, para enfrentar os desafios e as tentações deste tempo com força e determinação”.

(Papa Bento XVI, Mensagem para a XXVIII Jornada Mundial da Juventude 2013)

2º Encontro



Registo das questões do encontro anterior
Bíblias
Projector de vídeo e computador




1. Leitura At 2, 42-47

2. Com a ajuda do convidado (que deve ser apresentado ao grupo), analisar o que é essencial na história da Igreja, desde o seu início, pondo em relevo os desafios lançados à “Igreja nascente” (a sua função; o acolhimento do outro; a importância do anúncio e da denúncia; a importância/papel do Espírito na Igreja; Cristo como o fundamento e o traço de união dos discípulos-Igreja).

3. Debate no qual o convidado deve identificar os aspectos que se prendem com os desafios lançados à Igreja daquele tempo e à de hoje (fazendo a ponte com as críticas e questões levantadas no encontro anterior).

4. Visualização de um vídeo que apresente a história, missão e acção da Igreja de forma breve, interessante e apelativa. Sugestão: “Epic – Evangomercial” disponível online em www.catholicscomehome.org.

 121-128

 **Cântico**

Oração

[Todos]

Pai, eu Vos dou graças por poder conhecer Jesus e viver com Ele.
E vos agradeço pela Igreja que me anuncia o Evangelho,
e através da qual Ele quer estar presente
para mim, na Sua palavra, no Seu sacramento,
Na sua presença forte e silenciosa no mundo.
Pela Igreja dividida, Vos peço que ela se reúna à volta
da Vossa mesa: pois, tal como o pão da vida que comemos
foi disperso nos grãos de trigo pelos campos
e que agora se tornou num só,
também a Vossa Igreja será reunida
dos quatro cantos da Terra no Vosso reino.

Lembra-vos, Senhor, da Vossa Igreja.
Livrai-a do poder do mal e tornai-a perfeita
com o poder do Vosso amor.
Trazei-a dos quatros cantos do mundo para casa,
para o Vosso reino.
Pois Vosso é o reino,
o poder e a glória para sempre.
(Adaptação de uma oração da Instrução dos Doze Apóstolos, *Youcat Orações*)

Pai Nosso

Cântico

3º Encontro



Bíblia



1. Neste encontro é proposto que os jovens entendam a Igreja como um mistério de comunhão, de amor desinteressado pelo próximo, de acção no mundo.

Assim, deverá ser feita uma visita a uma obra/instituição da Igreja de áreas como recuperação da toxicod dependência; a reinserção social; o apoio a idosos, doentes, deficientes e/ou crianças, entre outras.

2. Antes da visita, deverá ser previsto um tempo de oração.



Cântico

“Quem as mãos estende” ou semelhante

Leitura Tg 2, 14-18

Leitura das frases:

“Queridos jovens, cultivai os vossos talentos não só para conquistar uma posição social, mas também para ajudar os outros a crescer. Desenvolvi as vossas capacidades, não só para vos tornardes mais competitivos e produtivos, mas para serdes testemunhas da caridade.”

(Papa Bento XVI, Mensagem para a XXII Jornada Mundial da Juventude, 2007)

“ (...) Todos necessitamos de conversão em relação aos pobres. Devemos cuidar deles, ser sensíveis às suas carências espirituais e materiais. A vós, jovens, confio de modo particular a tarefa de colocar a solidariedade no centro da cultura humana. Perante antigas e novas formas de pobreza – o desemprego, a emigração, muitas dependências dos mais variados tipos –, temos o dever de permanecer vigilantes e conscientes, vencendo a tentação da indiferença. Pensemos também naqueles que não se sentem amados, não olham com esperança o futuro, renunciam a comprometer-se na vida porque se sentem desanimados, desiludidos, temerosos. Devemos aprender a estar com os pobres. Não nos limitemos a pronunciar belas palavras sobre os pobres! Mas encontremo-los, fixemo-los olhos nos olhos, ouçamo-los. Para nós, os pobres são uma oportunidade concreta de encontrar o próprio Cristo, de tocar a sua carne sofredora.”

(Papa Francisco, Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude, 2014)

[Todos]

Tornai-nos dignos, Senhor,

de servir os nossos irmãos

no mundo inteiro,

que vivem e morrem

na pobreza e na fome.

Dai-lhes, hoje, através das nossas mãos,

o pão nosso de cada dia;

através do nosso amor compadecido,
a nossa paz e alegria.
Senhor,
Fazei que eu procure mais
consolar que ser consolado;
compreender do que ser compreendido;
amar, do que ser amado.
pois é dando que se recebe.
é perdoando que se é perdoado.
E é morrendo que se vive para a vida eterna.
Ámen.

(Oração da manhã das Irmãs Missionárias da Caridade, Youcat Orações)

Cântico (Taizé) “Onde houver amor”



Revela-se como possível o amor ao próximo no sentido enunciado por Jesus, na Bíblia. Consiste precisamente no facto de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo. O seu amigo é meu amigo. Para além do aspecto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior de um gesto de amor, de atenção, que eu não lhe faço chegar somente através das organizações que disso se ocupam, aceitando-o talvez por necessidade política. Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor de que ele precisa. Aqui se vê a interação que é necessária entre o amor a Deus e o amor ao próximo, de que fala com tanta insistência a *I Carta de João*. Se na minha vida falta totalmente o contacto com Deus, posso ver no outro sempre e apenas o outro e não consigo reconhecer nele a imagem divina. Mas, se na minha vida negligencio completamente a atenção ao outro, importando-me apenas com ser «piedoso» e cumprir os meus «deveres religiosos», então definha também a relação com Deus. Neste caso, trata-se duma relação «correcta», mas sem amor. Só a minha disponibilidade para ir ao encontro do próximo e demonstrar-lhe amor é que me torna sensível também diante de Deus. Só o serviço ao próximo é que abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama. Os Santos — pensemos, por exemplo, na Beata Teresa de Calcutá — hauriram a sua capacidade de amar o próximo, de modo sempre renovado, do seu encontro com o Senhor eucarístico e, vice-versa, este encontro ganhou o seu realismo e profundidade precisamente no serviço deles aos outros. Amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis, constituem um único mandamento. Mas, ambos vivem do amor preveniente com que Deus nos amou primeiro. Deste modo, já não se trata de um «mandamento» que do exterior nos impõe o impossível, mas de uma experiência do amor proporcionada do interior, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros. O amor cresce através do amor. O amor é «divino», porque vem de Deus e nos une a Deus, e, através deste processo unificador, transforma-nos em um Nós, que supera as nossas divisões e nos faz ser um só, até que, no fim, Deus seja «tudo em todos» (1 Cor 15, 28).

A caridade como dever da Igreja

O amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de mais para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira, e isto a todos os seus níveis: desde a comunidade local passando pela Igreja particular até à Igreja universal na sua globalidade. A Igreja também enquanto comunidade deve praticar o amor. Consequência disto é que o amor tem necessidade também de organização enquanto pressuposto para um serviço comunitário ordenado. A consciência de tal dever teve relevância constitutiva na Igreja desde os seus inícios: «Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos de acordo com as necessidades de cada um» (At 2, 44-45). Lucas conta-nos isto no quadro duma espécie de definição da Igreja, entre cujos elementos constitutivos enumera a adesão ao «ensino dos Apóstolos», à «comunhão» (koinonia), à «fracção do pão» e às «orações» (cf. At 2, 42). O elemento da «comunhão» (koinonia), que aqui ao início não é especificado, aparece depois concretizado nos versículos anteriormente citados: consiste precisamente no facto de os crentes terem tudo em comum, pelo que, no seu meio, já não subsiste a diferença entre ricos e pobres (cf. At 4, 32-37). Com o crescimento da Igreja, esta forma radical de comunhão material — verdade se diga — não pôde ser mantida. Mas o núcleo essencial ficou: no seio da comunidade dos crentes não deve haver uma forma de pobreza tal que sejam negados a alguém os bens necessários para uma vida condigna.

Um passo decisivo na difícil busca de soluções para realizar este princípio eclesial fundamental torna-se patente naquela escolha de sete homens que foi o início do ofício diaconal (cf. At 6, 5-6). De facto, na Igreja primitiva tinha-se gerado, na distribuição quotidiana às viúvas, uma disparidade entre a parte de língua hebraica e a de língua grega. Os Apóstolos, a quem estavam confiados antes de mais a «oração» (Eucaristia e Liturgia) e o «serviço da Palavra», sentiram-se excessivamente carregados pelo «serviço das mesas»; decidiram, por isso, reservar para eles o ministério principal e criar para a outra mansão, também ela necessária na Igreja, um organismo de sete pessoas. Mas este grupo não devia realizar um serviço meramente técnico de distribuição: deviam ser homens «cheios do Espírito Santo e de sabedoria» (cf. At 6, 1-6). Quer dizer que o serviço social que tinham de cumprir era concreto sem dúvida alguma, mas ao mesmo tempo era também um serviço espiritual; tratava-se, na verdade, de um ofício verdadeiramente espiritual, que realizava um dever essencial da Igreja, o do amor bem ordenado ao próximo. Com a formação deste organismo dos Sete, a «diaconia» — o serviço do amor ao próximo exercido comunitariamente e de modo ordenado — ficara instaurada na estrutura fundamental da própria Igreja.

(Papa Bento XVI, Carta Encíclica Deus Caritas Est, n.18,20,21, 2005)

Felizes os pobres em espírito...

A primeira Bem-aventurança, tema da próxima Jornada Mundial da Juventude, declara felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu. Num tempo em que muitas pessoas penam por causa da crise económica, pode parecer inoportuno acostar pobreza e felicidade. Em que sentido podemos conceber a pobreza como uma bênção?

Em primeiro lugar, procuremos compreender o que significa «pobres em espírito». Quando o Filho de Deus Se fez homem, escolheu um caminho de pobreza, de despojamento. Como diz São Paulo, na Carta aos Filipenses: «Tende entre vós os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus: Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-Se a Si mesmo, tomando a condição de servo e tornando-Se semelhante aos homens» (Fl 2, 5-7). Jesus é Deus que Se despoja da sua glória. Vemos aqui a escolha da pobreza feita por Deus: sendo rico, fez-Se pobre para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8, 9). É o

mistério que contemplamos no presépio, vendo o Filho de Deus numa manjedoura; e mais tarde na cruz, onde o despojamento chega ao seu ápice.

O adjetivo grego *ptochós* (pobre) não tem um significado apenas material, mas quer dizer «mendigo». Há que o ligar com o conceito hebraico de *anawim* (os «pobres de Iahweh»), que evoca humildade, consciência dos próprios limites, da própria condição existencial de pobreza. Os *anawim* confiam no Senhor, sabem que dependem d'Ele.

Como justamente soube ver Santa Teresa do Menino Jesus, Cristo na sua Encarnação apresenta-se como um mendigo, um necessitado em busca de amor. O Catecismo da Igreja Católica fala do homem como dum «mendigo de Deus» (n. 2559) e diz-nos que a oração é o encontro da sede de Deus com a nossa (n. 2560).

São Francisco de Assis compreendeu muito bem o segredo da Bem-aventurança dos pobres em espírito. De facto, quando Jesus lhe falou na pessoa do leproso e no Crucifixo, ele reconheceu a grandeza de Deus e a própria condição de humildade. Na sua oração, o Poverello passava horas e horas a perguntar ao Senhor: «Quem és Tu? Quem sou eu?» Despojou-se duma vida abastada e leviana, para desposar a «Senhora Pobreza», a fim de imitar Jesus e seguir o Evangelho à letra. Francisco viveu a imitação de Cristo pobre e o amor pelos pobres de modo indivisível, como as duas faces duma mesma moeda.

Posto isto, poder-me-íeis perguntar: Mas, em concreto, como é possível fazer com que esta pobreza em espírito se transforme em estilo de vida, incida concretamente na nossa existência? Respondo-vos em três pontos.

Antes de mais nada, procurai ser livres em relação às coisas. O Senhor chama-nos a um estilo de vida evangélico caracterizado pela sobriedade, chama-nos a não ceder à cultura do consumo. Trata-se de buscar a essencialidade, aprender a despojarmo-nos de tantas coisas supérfluas e inúteis que nos sufocam. Desprendamo-nos da ambição de possuir, do dinheiro idolatrado e depois esbanjado. No primeiro lugar, coloquemos Jesus. Ele pode libertar-nos das idolatrias que nos tornam escravos. Confiai em Deus, queridos jovens! Ele conhece-nos, ama-nos e nunca se esquece de nós. Como provê aos lírios do campo (cf. Mt 6, 28), também não deixará que nos falte nada! Mesmo para superar a crise económica, é preciso estar prontos a mudar o estilo de vida, a evitar tantos desperdícios. Como é necessária a coragem da felicidade, também é precisa a coragem da sobriedade.

Em segundo lugar, para viver esta Bem-aventurança todos necessitamos de conversão em relação aos pobres. Devemos cuidar deles, ser sensíveis às suas carências espirituais e materiais. A vós, jovens, confio de modo particular a tarefa de colocar a solidariedade no centro da cultura humana. Perante antigas e novas formas de pobreza – o desemprego, a emigração, muitas dependências dos mais variados tipos –, temos o dever de permanecer vigilantes e conscientes, vencendo a tentação da indiferença. Pensemos também naqueles que não se sentem amados, não olham com esperança o futuro, renunciam a comprometer-se na vida porque se sentem desanimados, desiludidos, temerosos. Devemos aprender a estar com os pobres. Não nos limitemos a pronunciar belas palavras sobre os pobres! Mas encontremo-los, fixemo-los olhos nos olhos, ouçamo-los. Para nós, os pobres são uma oportunidade concreta de encontrar o próprio Cristo, de tocar a sua carne sofridora.

Mas – e chegamos ao terceiro ponto – os pobres não são pessoas a quem podemos apenas dar qualquer coisa. Eles têm tanto para nos oferecer, para nos ensinar. Muito temos nós a aprender da sabedoria dos pobres! Pensai que um Santo do século XVIII, Bento José Labre – dormia pelas ruas de Roma e vivia das esmolas da gente –, tornara-se conselheiro espiritual de muitas pessoas, incluindo nobres e prelados. De certo modo, os pobres são uma espécie de mestres para nós. Ensinam-nos que uma pessoa não vale por aquilo que possui, pelo montante que tem na conta bancária. Um pobre, uma pessoa sem bens materiais, conserva sempre a sua dignidade. Os pobres

podem ensinar-nos muito também sobre a humildade e a confiança em Deus. Na parábola do fariseu e do publicano (cf. Lc 18, 9-14), Jesus propõe este último como modelo, porque é humilde e se reconhece pecador. E a própria viúva, que lança duas moedinhas no tesouro do templo, é exemplo da generosidade de quem, mesmo tendo pouco ou nada, dá tudo (Lc 21, 1-4).

... porque deles é o Reino do Céu

Tema central no Evangelho de Jesus é o Reino de Deus. Jesus é o Reino de Deus em pessoa, é o Emanuel, Deus conosco. E é no coração do homem que se estabelece e cresce o Reino, o domínio de Deus. O Reino é, simultaneamente, dom e promessa. Já nos foi dado em Jesus, mas deve ainda realizar-se em plenitude. Por isso rezamos ao Pai cada dia: «Venha a nós o vosso Reino».

Há uma ligação profunda entre pobreza e evangelização, entre o tema da última Jornada Mundial da Juventude – «Ide e fazei discípulos entre todas as nações» (Mt 28, 19) – e o tema deste ano: «Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu» (Mt 5, 3). O Senhor quer uma Igreja pobre, que evangelize os pobres. Jesus, quando enviou os Doze em missão, disse-lhes: «Não possuiais ouro, nem prata, nem cobre, em vossos cintos; nem alforge para o caminho, nem duas túnicas, nem sandálias, nem cajado; pois o trabalhador merece o seu sustento» (Mt 10, 9-10). A pobreza evangélica é condição fundamental para que o Reino de Deus se estenda. As alegrias mais belas e espontâneas que vi ao longo da minha vida eram de pessoas pobres que tinham pouco a que se agarrar. A evangelização, no nosso tempo, só será possível por contágio de alegria.”

(Papa Francisco, Mensagem para a XXIX Jornada Mundial da Juventude, 2014)

3º BLOCO

II – A Igreja, comunidade dos discípulos

LINHAS GERAIS

Se o Senhor não edificar a casa em vão trabalham os construtores (Sl 127).

Esta casa, que é a Igreja, é edificada pelo Senhor. Ela é o corpo de Cristo. Vive d'Ele, n'Ele e para Ele; e Ele vive nela e para ela. Se não fosse Ele a pedra angular, todo o nosso trabalho seria vão. É Ele que nos une e faz de nós um só corpo. É o Seu Espírito, derramado no coração dos fiéis pelo baptismo, que nos sustenta, anima e nos faz Igreja.

Não somos Igreja, comunidade dos discípulos de Cristo, pelo que fazemos, mas pelo que somos. Somos filhos de Deus, membros de Cristo, portadores do Espírito Santo e, por isso, capazes de ser e de fazer Igreja. Capazes de ser construtores do Reino, na justa medida em que formos capazes de nos unir cada vez mais à pessoa de Jesus Cristo, e de vivermos animados pelo seu Espírito que nos enche de dons.

É sobretudo na oração, diálogo íntimo entre Deus e os homens, e nos sacramentos, sinais do amor de Deus por nós que nos enchem de Graça, que o nosso coração se molda e nos fazemos homens novos, à imagem de Cristo, o Homem Novo. Ser Igreja é ser um povo orante, que na oração forja a sua identidade e descobre a sua missão. Ser Igreja é abrir o coração aos sinais de Deus que a edificam e a sustentam ao longo da sua caminhada.

O QUE SE PRETENDE

- Identificar Jesus Cristo como Aquele que nos une e o Espírito Santo como aquele que nos sustenta;
- Despertar no interior de cada um a adesão a Jesus Cristo em Igreja;
- Valorizar como sinais de construção do Reino a oração e os sacramentos.

Propõe-se, para este tema, a realização de dois encontros. No primeiro encontro, pretende-se que os jovens, a partir da Palavra de Deus, façam a descoberta da Igreja como sinal da presença de Cristo no mundo e como comunidade dos seus discípulos congregada pelo Espírito Santo. No segundo encontro, sugere-se que, por meio de uma visita a uma igreja (de preferência a paroquial), se perceba o seu nexos com o Mistério da Igreja que aí celebra a sua fé e nela expressa a sua identidade profunda, alimentada e consolidada pelo Baptismo e pela Eucaristia.

1º Encontro



Bíblias

Cartolinas e material para elaborar cartazes



1. Propor que os jovens leiam e comentem os seguintes textos do Novo Testamento, procurando identificar quem nos une e quem nos sustenta

Mt 18,20 “ Pois onde estiverem reunidos...”

At 2, 42-47 “Eram assíduos à oração...”

Ef 2, 21-22 “É N’Ele que toda a construção...”

1 Cor 12, 12-13 “ Pois assim como o corpo...”

2. Divisão em 4 grupos. A cada grupo é entregue o texto referente a uma das características essenciais da Igreja – Una | Santa | Católica | Apostólica (ver Textos de Apoio).

3. O grupo deverá criar um cartaz/ folheto / anúncio para promover essa característica.

4. Síntese feita pelo animador, salientado, entre outros aspectos, que:

- A Igreja é presença real de Cristo Ressuscitado;

- Nela a memória de Cristo é actualizada pelo Espírito Santo;

- É o Espírito que faz reconhecer o Senhor Jesus, é por Ele que clamamos “Abba, Pai”.



114 | 119 | 120 | 129 - 145



Cântico

Leitura

Vós, portanto, já não sois estrangeiros

Nem hóspedes, mas concidadãos do povo de Deus

E membros da família de Deus.

Pertenceis ao edifício que tem como alicerce os Apóstolos

e os profetas; e o próprio Jesus Cristo é a pedra principal desta construção.

Em Cristo toda a construção se ergue, bem ajustada, para formar um templo santo no Senhor.

Em Cristo, também vós sois integrados nessa construção, para vos tornardes morada de Deus, por meio do Espírito.

(Ef 2,19-22)

Oração espontânea

Cântico



“Existem quatro atributos, inseparavelmente ligados entre si, que indicam os traços essenciais da Igreja e são sua missão: a Igreja é una, santa, católica e apostólica. Só a fé pode reconhecer que a Igreja recebe estas qualidades da sua fonte divina.

A Igreja é UNA graças à sua fonte – a Santíssima Trindade; graças ao seu fundador – Jesus que reconciliou todos os homens com Deus pela sua cruz, restabelecendo a unidade de todos num só povo e num só corpo; graças à sua “alma” - o Espírito Santo que habita nos crentes, que enche e rege toda a Igreja. “Há um só Corpo e um só Espírito (...) há um só Senhor, uma só fé, um só baptismo, um só Deus e Pai de todos” (Ef 4, 4-6).

A unidade da Igreja, movida pela caridade, é assegurada por laços visíveis de comunhão: a profissão de uma só fé recebida dos Apóstolos, a celebração comum do culto e dos Sacramentos, a sucessão apostólica pelo sacramento da Ordem.

A Igreja é SANTA porque, unida a Cristo, é santificada por Ele. Ele amou a Igreja como sua esposa, entregou-se por ela para a santificar, e cumulou-a com o Espírito Santo. Por Ele e n’Ele torna-se também santificante, porque as suas obras tendem para a santificação dos homens e a glorificação de Deus. “Cristo amou a Igreja e entregou-se por ela, a fim de a purificar com o banho da água e de a santificar pela Palavra” (cf Ef 5, 25-26).

É na Igreja que estão todos os meios de salvação e por isso todos os seus membros, seja qual for a sua condição ou estado de pecado, procuram nela a santidade.

A Igreja é santa mesmo acolhendo no seu seio pecadores; em si mesma não tem outra vida senão a da graça e vivendo a sua vida é que os seus membros se santificam.

A Igreja é CATÓLICA. É-o porque a sua respiração é universal, aberta à humanidade inteira, e a té a todo o cosmo e a todas as realidades. Nada do que é genuinamente humano lhe é estranho. As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e das mulheres de todos os tempos e de todos os lugares são também as suas alegrias e esperanças, as suas tristezas e angústias.

Animada por aquele Espírito de Deus que é Espírito de comunhão e que conduz à verdade inteira, a comunidade “católica” é a comunidade que guarda a plenitude da vida nova suscitada pelo mesmo Espírito de Cristo.

Guarda-a no espaço: a catolicidade significa a universalidade da Igreja, em que habitam povos de todas as línguas e raças e diz, ao mesmo tempo o milagre da unidade na multiplicidade. Guarda-a no tempo: a Igreja é a mesma em todas as épocas, segundo a mesma riqueza de fé.

Hoje, no contexto de uma sociedade multiétnica e multirreligiosa, a catolicidade da Igreja indica a tarefa de enriquecer-se com as experiências humanas e religiosas de todos os povos para poder perceber melhor, em toda a sua riqueza, a potencialidade da vida inscrita no Evangelho de Jesus Cristo. Trata-se de permanecer disponíveis ao diálogo para criar contactos e relações novas, capazes de estender a outras pessoas aquela relação libertadora e exigente com Deus que o Filho Jesus realizou entre nós.

“Fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão: eis o grande desafio que nos espera se quisermos ser fiéis ao desígnio de Deus e corresponder às expectativas mais profundas do mundo.”

(Papa João Paulo II, No início do novo milénio, Carta Apostólica)

Crer que a Igreja é católica quer dizer reconhecer, acolher e viver a sua dimensão missionária, que nasceu com ela. De facto, a Igreja “é católica. Porque Cristo a enviou em missão à universalidade do género humano “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos” (Mt 28, 19).

É-o por vontade de Cristo, que a faz participar na sua própria missão universal, no seu poder universal e leva-a a abrir-se a toda a humanidade, a todos os homens e a todas as culturas, tornando-se presente por todo o mundo para oferecer a todos a possibilidade de encontrar o próprio Senhor Jesus, único, universal e necessário Salvador do homem e do mundo.

A Igreja é APOSTÓLICA, porque está fundada sobre os Apóstolos, testemunhas escolhidas e enviadas pelo próprio Cristo. O Ressuscitado confiou a São Pedro, o primeiro entre os apóstolos, uma responsabilidade especial na Igreja. “Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (Mt 16,18).

Os doze apóstolos proclamam o Evangelho, conservam os ensinamentos de Jesus e, com o auxílio do Espírito Santo, defendem a verdade plena e não falsificada. “O que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos, o que as nossas mãos tocaram do verbo da vida, isso vos anunciamos para que estejais também em comunhão connosco” (1 Jo 1, 1.3ª).

Os Apóstolos transmitem a sua missão e o seu mandato a outros. A sucessão dos bispos de Roma remonta, sem interrupção, a São Pedro. Em comunhão com os bispos, sucessores dos apóstolos, o Papa, como sucessor de São Pedro, guia a Igreja no seu caminho através do tempo.

(Cf. Conferência Episcopal Italiana, *A verdade vos tornará livres*, 455-456 / Cf. Dionigi Tettamanzi «Esta é a nossa fé! Explicação do Credo», ed. Pau-linas, p. 120-122 / Cf. Catecismo da Igreja Católica, 811-865)

Somos convidados a cuidar da nossa fé, que é encontro com o Pai através de Jesus, pela acção do Espírito, mas fé vivida em Igreja e na Igreja, fé que tem de se tornar mais viva, mais adulta, mais amadurecida, mais convicta e convincente.

Celebrar a fé, com o coração em júbilo, celebrar a fé em atitude humilde de acção de graças, celebrar a fé em obras de caridade, de serviço, de apostolado apaixonado. Celebrar a fé que o Concílio Vaticano II quis avivar no nosso ser, no nosso coração, nas nossas comunidades, na Igreja universal. Com fé mais viva e mais amadurecida, com uma adesão mais profunda ao Amor que Deus é, poderemos aperceber-nos, mais e melhor, da graça do Concílio, ler e estudar os seus documentos, viver as suas directivas em Igreja, em comunhão de irmãos e irmãs.

Ter fé, viver da fé, crescer na fé não é só acreditar numas verdades, aceitar uns dogmas. A fé é adesão pessoal ao Amor. Ter fé é acreditar que Deus é Pai, origem de todo o dom e de toda a graça. A fé é uma relação viva com Alguém. E o Pai nos enviou seu Filho, o Verbo, que, pelo Espírito, fez nascer a Igreja e nos faz viver nela. Fé alimentada pela Palavra e pelos sacramentos, vivenciada pela oração, traduzida na vida em caridade cada vez mais perfeita, em amor cada vez mais universal.

A fé, simbolizada na vela que nos foi colocada na mão no dia do nosso baptismo, acesa na luz do Círio Pascal que nos representa Jesus Cristo, Aquele que é a Luz verdadeira, que pais e padrinhos seguraram connosco e prometeram manter viva e acesa. Fé como dom de Deus, do seu amor apaixonado pela humanidade, mas também como busca e determinação nossa, cultivada e amadurecida por cada um pela graça do Espírito que nos ungiu e que está em nós. (...)

A fé vive-se em comunhão com outros. Em família, que é Igreja doméstica, selada pelo sacramento do matrimónio. Em comunidade paroquial ou religiosa, na certeza de que Jesus está presente no meio dos que rezam e vivem unidos em seu nome. Em Igreja diocesana ou universal, para descobrir mais o rosto de Jesus, seu Esposo, que deu a vida por ela na Cruz e que na Eucaristia renova sem cessar o seu dom e a sua oferta. Fé comunitária que ajuda outros a viver, a animar-

se, a alegrar-se em Deus, a ser mais apóstolos, a descobrir os encantos do amor divino, a beleza encantadora da presença do amor no meio de nós.

Fé que deve sempre viver-se em clima de festa, de alegria, pois é sempre uma fé pascal, um acreditar em Jesus Ressuscitado e Vivo. Alegria que nos fará aceitar de modo evangélico a nossa cruz, as nossas dores, os nossos fracassos, os nossos pecados. A festa da fé tem de ser algo muito vivido e sentido como dom do Amor louco e apaixonado de Deus. Dizer «eu creio» deve ser vivido em alegria que nos adensa mais e mais no amor, nos fortalece a alma e nos faz viver em contínuo aleluia. Caso contrário, estamos a viver uma fé enfezada, uma fé estéril, uma fé mortíça, como a luz da vela que se está a apagar.

(Dário Pedroso, Mensageiro do Coração de Jesus, Janeiro 2012)

Na actualidade, são certamente muitos os que se sentem atraídos pela figura de Cristo e desejam conhecê-Lo melhor. Pressentem que Ele é a resposta a muitas das suas inquietações pessoais. Mas quem é Ele realmente? Como é possível que alguém que viveu na terra há tantos anos tenha algo a ver comigo hoje?

“Ao chegar à região de Cesareia de Filipe, Jesus fez a seguinte pergunta aos seus discípulos: «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?» Eles responderam: «Uns dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas.» Perguntou-lhes de novo: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» Tomando a palavra, Simão Pedro respondeu: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo.»

Jesus disse-lhe em resposta: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu. Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Abismo nada poderão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu.»

Depois, ordenou aos discípulos que a ninguém dissessem que Ele era o Messias.” (Mt 16, 13-20) Neste Evangelho vemos representadas, de certo modo, duas formas diferentes de conhecer Cristo. O primeiro consistiria num conhecimento externo, caracterizado pela opinião corrente. À pergunta de Jesus, «Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?», os discípulos respondem: «Uns dizem que é João Baptista; outros, que é Elias; e outros, que é Jeremias ou algum dos profetas». Isto é, considera-se Cristo como mais uma personagem religiosa junto às que já são conhecidas. Depois, dirigindo-se pessoalmente aos discípulos, Jesus pergunta-lhes: «E vós, quem dizeis que Eu sou?». Pedro responde formulando a primeira confissão de fé: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo». A fé vai mais longe que os simples dados empíricos ou históricos, e é capaz de apreender o mistério da pessoa de Cristo na sua Profundidade.

A fé, porém, não é fruto do esforço do homem, da sua razão, mas é um dom de Deus: «És feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne nem o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está no Céu».

Tem a sua origem na iniciativa de Deus, que nos desvenda a sua intimidade e nos convida a participar da sua própria vida divina. A fé não se limita a proporcionar alguma informação sobre a identidade de Cristo, mas supõe uma relação pessoal com Ele, a adesão de toda a pessoa, com a sua inteligência, vontade e sentimentos, à manifestação que Deus faz de Si mesmo. Deste modo, a pergunta de Jesus, «E vós, quem dizeis que Eu sou?», no fundo está impelindo os discípulos a tomarem uma decisão pessoal em relação a Ele. Fé e seguimento de Cristo estão intimamente relacionados. E, dado que supõe seguir o Mestre, a fé tem que se consolidar e crescer, tornar-se mais profunda e madura, à medida que se intensifica e fortalece a relação com Jesus, a intimidade com Ele. Também Pedro e os outros Apóstolos tiveram que avançar por este caminho, até que o encontro com o Senhor ressuscitado lhes abriu os olhos para uma fé plena.

Queridos jovens, Cristo hoje também se dirige a vós com a mesma pergunta que fez aos apóstolos: «E vós, quem dizeis que Eu sou?» Respondei-Lhe com generosidade e coragem, como corresponde a um coração jovem como o vosso. Dizei-Lhe: Jesus, eu sei que Tu és o Filho de Deus, que deste a tua vida por mim. Quero seguir-Te fielmente e deixar-me guiar pela tua palavra. Tu conheces-me e amas-me. Eu confio em Ti e coloco nas tuas mãos a minha vida inteira. Quero que sejas a força que me sustente, a alegria que nunca me abandone.

Na sua resposta à confissão de Pedro, Jesus fala da sua Igreja: «Também Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja». Que significa isto? Jesus constrói a Igreja sobre a rocha da fé de Pedro, que confessa a divindade de Cristo.

Sim, a Igreja não é uma simples instituição humana, como outra qualquer, mas está intimamente unida a Deus. O próprio Cristo Se refere a ela como a «sua» Igreja. Não se pode separar Cristo da Igreja, tal como não se pode separar a cabeça do corpo (cf. 1 Cor 12, 12). A Igreja não vive de si mesma, mas do Senhor. Ele está presente no meio dela e dá-lhe vida, alimento e fortaleza.

Queridos jovens, permiti que, como Sucessor de Pedro, vos convide a fortalecer esta fé que nos tem sido transmitida desde os Apóstolos, a colocar Cristo, Filho de Deus, no centro da vossa vida. Mas permiti também que vos recorde que seguir Jesus na fé é caminhar com Ele na comunhão da Igreja. Não se pode, sozinho, seguir Jesus. Quem cede à tentação de seguir «por sua conta» ou de viver a fé segundo a mentalidade individualista, que predomina na sociedade, corre o risco de nunca encontrar Jesus Cristo, ou de acabar seguindo uma imagem falsa d'Ele.

Ter fé é apoiar-se na fé dos teus irmãos, e fazer com que a tua fé sirva também de apoio para a fé de outros. Peço-vos, queridos amigos, que ameis a Igreja, que vos gerou na fé, que vos ajudou a conhecer melhor Cristo, que vos fez descobrir a beleza do Seu amor. Para o crescimento da vossa amizade com Cristo é fundamental reconhecer a importância da vossa feliz inserção nas paróquias, comunidades e movimentos, bem como a participação na Eucaristia de cada domingo, a recepção frequente do sacramento do perdão e o cultivo da oração e a meditação da Palavra de Deus.

E, desta amizade com Jesus, nascerá também o impulso que leva a dar testemunho da fé nos mais diversos ambientes, incluindo nos lugares onde prevalece a rejeição ou a indiferença. É impossível encontrar Cristo, e não O dar a conhecer aos outros. Por isso, não guardeis Cristo para vós mesmos.

Comunicai aos outros a alegria da vossa fé. O mundo necessita do testemunho da vossa fé; necessita, sem dúvida, de Deus.

(Papa Bento XVI, Homilia da Eucaristia final, XXVI Jornada Mundial da Juventude, 2011)

A missão pastoral dos Doze

O Senhor Jesus, no começo da sua missão, depois de ter orado ao Pai, constituiu doze Apóstolos para que ficassem com Ele e para os enviar a pregar o Reino de Deus e a expulsar os demónios. Os Doze foram escolhidos por Jesus como um colégio indivisível tendo Pedro à cabeça, e foi precisamente assim que cumpriram a sua missão, começando por Jerusalém (cf. Lc 24, 46), e depois como testemunhas directas da sua ressurreição para todos os povos da terra (cf. Mc 16, 20). Esta missão, sublinhada como fundamental pelo apóstolo Pedro perante a primeira comunidade cristã de Jerusalém (cf. At 1, 21-22), foi realizada pelos Apóstolos anunciando o Evangelho e fazendo discípulos entre todos os povos (cf. Mt 28, 16-20). Continuava-se assim a obra que o Ressuscitado lhes confiara na própria noite de Páscoa: «Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós» (Jo 20, 21).

Os Apóstolos, fundamentos da Igreja

Os Apóstolos, com Pedro à cabeça, são os fundamentos da Igreja de Cristo. Os seus nomes estão

inscritos nos alicerces da Jerusalém Celeste (cf. Ap 21, 14). Enquanto arquitectos do novo Povo de Deus, garantem a fidelidade a Cristo, pedra basilar do edifício, e ao seu Evangelho. Ensinam com autoridade, dirigem a comunidade e salvaguardam a unidade. Assim, a Igreja, «construída sobre o alicerce dos Apóstolos» (Ef 2, 20) guarda em si o carácter da apostolicidade, na medida em que conserva e transmite integralmente o bom depósito que receberam do próprio Cristo através dos Apóstolos. A apostolicidade da Igreja é garantia de fidelidade ao Evangelho recebido e ao sacramento da Ordem que torna permanente no tempo o ofício apostólico.

Continuidade da missão dos Doze no Colégio Episcopal

A missão pastoral do Colégio Apostólico perdura no Colégio Episcopal, como perdura no Pontífice Romano o ofício primacial de Pedro. O Concílio Vaticano II ensina que «os Bispos, por instituição divina, sucederam-se no lugar dos Apóstolos como pastores da Igreja, e quem os escuta, escuta Cristo; quem os despreza, despreza Cristo e Aquele que enviou Cristo» (cf. Lc 10, 16).

O Colégio Episcopal, com o Pontífice Romano à cabeça e nunca sem ele, é «sujeito de supremo e pleno poder sobre a Igreja universal», tal como o mesmo Pontífice, enquanto «Vigário de Cristo e pastor de toda a Igreja», tem o «poder ordinário, supremo, pleno, imediato e universal sobre a Igreja que pode exercer sempre livremente». Isto inclui que o Pontífice Romano tem igualmente o primado do poder ordinário sobre todas as Igrejas particulares e os seus agrupamentos. O episcopado, uno e indiviso, apresenta-se unido na mesma fraternidade à volta de Pedro, para realizar a missão de anunciar o Evangelho e de guiar pastoralmente a Igreja, a fim de que ela cresça em todo o mundo e, embora na diversidade de tempo e lugar, continue a ser comunidade apostólica.

(Congregação para os Bispos, Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos Apostolorum Successores, 9-11)

2º Encontro



Bíblías
Texto para a oração



1. Neste encontro visitar a Igreja (de preferência a paroquial) e, numa primeira fase, questionar sobre quais os espaços litúrgicos que parecem ter maior importância.

2. Tentar descobrir qual a relação que existe entre esses espaços e a oração/celebração da fé.

3. Propor a leitura dos textos seguintes e verificar o que têm a ver com esses espaços na casa da Igreja.

1 Cor 12, 13

Gl 3, 27-28

Rm 6, 3-11

1Cor 10, 16-17

Jo 6, 48-59
1 Cor 11, 17-34
Jo 6, 68-69
Mt 4, 4
Sl 104, 33-34
Sl 146, 2
Sl 150

4. Partilha a partir das seguintes questões:

Que disposição e que atitudes são necessárias para uma celebração mais adequada dos sacramentos?

As celebrações cristãs não são um acto mágico. Pressupõem uma fé viva e participante. Como é a tua presença nessas celebrações e em particular na Eucaristia?

A Liturgia da Palavra é uma parte fundamental das celebrações.

E na tua vida, que lugar tem a Palavra de Deus? Lês a Bíblia com frequência? Rezas a partir da Palavra?



166 | 167 | 168 | 169 | 170 | 171 | 190 | 191 | 192 | 279 | 490 | 491 | 492 | 493



Cântico

“Cantarei ao Senhor” (Taizé)

[Todos]

Eu vos exalto, ó meu Deus e Rei,
hei-de bendizer o Vosso nome
pelos séculos sem fim.

Cada dia Vos bendirei,
invocarei o Vosso nome
pelos séculos sem fim.

Grande é o Senhor e digno de louvor,
a Sua grandeza é insondável.

Uma geração transmitirá à outra
o louvor das Vossas obras,
anunciando os Vossos grandes feitos.

Falam do fulgor glorioso da Vossa majestade
e publicam as Vossas maravilhas.

Cante a minha boca as glórias do Senhor
e todos os mortais bendigam o Seu santo nome
pelos séculos, para sempre.

(Sl 145,1-6.21)

Cântico

“Cantarei ao Senhor” (Taizé)



Porque celebramos?

Porque todo o homem é um celebrante. Celebrar é, antes de mais, uma actividade humana. As festas e celebrações não pertencem exclusivamente ao domínio religioso: celebram-se aniversários, festas nacionais, bodas de prata... A festa é presença universal em qualquer cultura. É um “tempo forte”, especial, que rompe a monotonia do dia-a-dia. É celebração comunitária de qualquer coisa, desde que isso seja sentido como um valor. Uma comunidade festeja o que considera importante. Porque todo o homem religioso é um celebrante. A celebração da fé é elemento fundamental e estruturante de qualquer religião. Festa e religião estão intimamente ligadas. Também as festas e celebrações religiosas respondem ao desejo profundo de avaliar a vida, sublinhando o essencial, e de comunhão.

Contudo, introduz aí um factor novo: a relação com Deus. A festa religiosa é sempre um anseio de viver o mais próximo possível de Deus, de entrar em comunhão com ele.

Porque todo o cristão é um celebrante. A Liturgia insere-nos na História da salvação, que tem o seu centro em Jesus Cristo. A Constituição Sacrosanctum Concilium afirma: “Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que, pregando o Evangelho a toda a criatura, anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição, nos libertara do poder de Satanás e da morte e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que realizassem a obra de salvação que anunciavam, mediante o sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica” (SC 6).

O cristianismo, mais que uma ética ou moral, mais que um conjunto de dogmas e ensinamentos, é uma pessoa: Jesus Cristo. Celebramos porque, na Liturgia, Cristo está especialmente presente: “Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas acções litúrgicas. Está presente no Sacrifício da Missa quer na pessoa do ministro (...), quer principalmente sob as espécies eucarísticas. Está presente com o seu poder nos Sacramentos (...). Está presente na sua palavra, pois, quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura, é Ele quem fala. Está presente, enfim, quando a Igreja reza e canta, Ele mesmo que prometeu: “onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles (Mt 18, 20)” (SC 7). Celebramos porque é desse encontro com Cristo que recebemos a força, a alegria e o estímulo para viver e testemunhar a fé. Não que esse encontro só seja possível na e através da Liturgia, mas aí de modo muito especial: “toda a acção litúrgica (...) é acção sagrada por excelência cuja eficácia, com o mesmo título e no mesmo grau, nenhuma outra acção da Igreja pode igualar” (SC 7).

Celebramos porque “a liturgia é simultaneamente o cume para o qual se encaminha a acção da Igreja e a fonte de onde dimana toda a sua força” (SC 10). Toda a acção pastoral da Igreja se deve orientar para a comunhão na vida divina, realizada na Liturgia. Por outro lado, é à celebração que a Igreja vai buscar a sua força e dinamismo, para continuar a sua missão no mundo. Isto não significa que a Liturgia seja tudo, na vida da Igreja. De modo algum. A participação na Liturgia pressupõe o anúncio (SC 9) e deve conduzir à acção concreta: “A própria Liturgia impele os fiéis (...) a «viverem em perfeita concórdia»; pede que «manifestem na vida quanto receberam pela fé»” (SC 10).

Celebrar faz parte da fé! Não se trata de um elemento mais, mas de um elemento fundamental e estruturante da própria fé. Uma fé que não se exprima também na celebração é uma fé morta, reduzida ao subjectivismo da “minha fé”: se ser cristão é estabelecer com Cristo uma especial relação, a celebração é indispensável para estabelecer e manter viva tal relação. Celebrar envolve a totalidade do nosso ser. Ora, a fé não se reduz a um conjunto de ideias sobre Jesus Cristo;

enquanto relação que é, exige o envolvimento de todas as nossas capacidades comunicativas. Na celebração isso acontece necessariamente: celebrar não é fazer um discurso; é um “fazer” ritual e simbólico.

(Pe. Carlos Cabecinhas, *www.leiria-fatima.pt*, 2012)

A Casa da Igreja

A Igreja é o povo de Deus. Também é o edifício que abriga a assembleia do povo de Deus. Desde que começaram a erigir lugares de culto, no século III, os cristãos chamaram igrejas às suas casas de oração. É por este nome que as designa o imperador Diocleciano ao ordenar a sua destruição (ano 303). Dez anos mais tarde, com a paz, começava a grande aventura da arquitectura cristã. Ela iria exprimir, nas mais diversas linguagens plásticas, o canto do salmista: eu amo, Senhor, a beleza da casa em que habitais (Sl 25, 8) (...).

Mas não pode esquecer-se que o primeiro lugar na igreja cristã não pertence à arte. As cabanas feitas com ramos da floresta tropical desempenham a mesma função litúrgica. Também elas abrigam os fiéis reunidos para a celebração dos mistérios.

Na diversidade dos seus estilos, todas as igrejas apresentam as mesmas características dominantes, importas pela própria natureza da celebração litúrgica, ainda que seja possível adoptar disposições mais maleáveis. Regra geral, há uma diferenciação nítida entre o lugar reservado aos ministros, o presbitério ou santuário como se lhe costuma chamar, e a nave, onde estão os fiéis.

No presbitério encontramos a cadeira do presidente da assembleia, o estrado para a proclamação da palavra de Deus e o altar. A cadeira do presidente que, nas antigas basílicas se ergue ao fundo da ábside, quando aquele que a ocupa é o bispo, chama-se cátedra, a cadeira do mestre que ensina. A igreja-mãe da cidade episcopal recebe dela o nome de catedral. O ambão da Palavra, etimologicamente lugar onde se sobe, tomou, durante a Idade Média, na Itália, proporções monumentais, ao passo que, para cá dos Alpes se tornou, sob o nome de grade, num autêntico muro, esculpido com delicadeza, a separar a nave do presbitério. Hoje em dia o ambão reencontrou a sua funcionalidade original.

O altar constitui, no edifício, ponto de convergência de todos os olhares. Cada época, ao adoptar soluções muito diversas, fez questão de sublinhar o seu carácter sagrado. Dessa forma, para o colocar em evidência, foi coberto com um baldaquino, e envolvido por tapeçarias para melhor sublinhar o seu mistério. Em certas épocas preferiu-se colocar a mesa eucarística perto do povo; noutras, afastou-se o altar do sacrifício para o fundo do presbitério, sobrepondo-lhe um retábulo, cuja decoração nada deixa a invejar à iconostase bizantina.

No tempo da Reforma católica, o culto da Eucaristia como presença permanente de Cristo, faria surgir, à volta do sacrário, um lugar de oração pessoal, a capela do Santíssimo Sacramento.

Não teríamos dito tudo se não evocássemos o baptistério construído nas nossas regiões, dentro da igreja, e a torre, que se ergue para o céu como acto de fé permanente.

(Pierre Jounel, *A Missa ontem e hoje, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1988, p. 59-61*)

3º BLOCO**III – A Igreja diocesana****LINHAS GERAIS**

O Concílio Vaticano II lembra-nos: “Diocese é a porção do Povo de Deus, que se confia a um Bispo para que a apascente com a colaboração do presbitério, de tal modo que, unida ao seu pastor e reunida por ele no Espírito Santo por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitui uma Igreja particular, na qual está e opera a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica. Cada Bispo, a quem é confiada uma igreja particular, apascenta em nome do Senhor as suas ovelhas, sob a autoridade do Sumo Pontífice, como próprio, ordinário e imediato pastor, exercendo em favor das mesmas o múnus de ensinar, santificar e governar” (Concílio Ecuménico Vaticano II, O Múnus Pastoral dos Bispos na Igreja, nº 11).

Ser Igreja é fazer parte duma Diocese, formada à imagem da Igreja Universal, onde Cristo se torna presente, governada por um Bispo, sucessor dos Apóstolos, que a apascenta com paterna solícitude.

Ser cristão nesta Igreja de Lisboa é também deixar-se amar por ela, e amá-la como mãe. É ver no nosso Bispo o Pastor, a quem foi confiada a missão de nos guiar nos caminhos da vida e da fé e amá-lo também a ele: “em virtude da sua instituição divina, os bispos são os sucessores dos Apóstolos como pastores da Igreja, de modo que quem os ouve, ouve a Cristo e quem os despreza, despreza a Cristo e Àquele que enviou Cristo” (Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituição Dogmática “Lumen Gentium” sobre a Igreja, nº 20).

O QUE SE PRETENDE

- Ver a Igreja Local como uma expressão concreta da Igreja de Jesus Cristo;
- Olhar o Bispo como o nosso Pastor;
- Perceber os desafios a que somos chamados na Diocese;
- Aceitar esses desafios, vivendo-os no grupo e na Paróquia;
- Ousar ser missionário no concreto da sua vida.

Para este tema propomos três encontros num percurso de descoberta da realidade eclesial em que os jovens estão inseridos e no compromisso a que são chamados na Igreja Diocesana.

1º Encontro



Apresentação diapositivos ou semelhante preparada pelo animador
Projector de vídeo e computador



1. Partilha sobre o que os jovens sabem acerca da sua Paróquia.
2. Apresentação de diapositivos relativos à “estrutura” da Paróquia em que o grupo de insere:
 - Padroeiro
 - Comunidades (locais de culto)
 - Movimentos / grupos existentes
 - Serviços (Acolhimento, Cartório, Centro Social, etc.)
3. Partilha sobre o que os jovens sabem acerca da sua Vigararia.
4. Apresentação de diapositivos relativos à “estrutura” da Vigararia em que o grupo se insere:
 - Mapa geográfico da Vigararia com indicação das Paróquias.
 - Identificação do Vigário e da sua função.
 - Identificação do Assistente da Pastoral Juvenil (no caso de existir uma equipa vicarial podem identificar-se alguns membros da Paróquia que dela façam parte).
5. Partilha sobre o que os jovens sabem acerca da sua Diocese.
6. Apresentação de diapositivos relativos à “estrutura” da Diocese de Lisboa:
 - Definição de Diocese: “Uma Diocese é uma porção do Povo de Deus, confiada a um Bispo para que seja o seu pastor, com a ajuda do seu presbitério. Assim, a Diocese, unida ao seu pastor e por ele reunida, no Espírito Santo, graças ao Evangelho e à Eucaristia, constitui uma Igreja particular, em que está verdadeiramente presente e actuante a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica” (*Christus Dominus, 11*)
 - A Diocese de Lisboa é um Patriarcado – em 1716 o Papa Clemente XI atribuiu à Diocese de Lisboa a qualificação patriarcal como reconhecimento da importância de Lisboa na propagação da fé no mundo.
Mapa geográfico da Diocese com indicação das Vigararias.
 - Identificação do Bispo e da sua missão (*ver YouCat 144*).
 - Referência aos serviços diocesanos ligados directamente à Pastoral Juvenil (Juventude, Universitários, Vocações).
Consulta do site do Patriarcado de Lisboa.



141 | 144 | 253



Cântico

Preces

Só Deus é bom e só Ele pode converter os corações. Peçamos-Lhe por nós mesmos e pela Igreja e por todos os homens da terra, dizendo, humildemente: Ouvi-nos, Senhor.

- Pela Igreja, reunida pelo Espírito Santo com o Papa ..., o nosso Bispo ..., e todos os bispos, presbíteros e diáconos, para que cresça na unidade da Fé, oremos ao Senhor.
- Pelos leigos da nossa Diocese de Lisboa, empenhados nas várias formas da vida pastoral, para que se comprometam na irradiação da Fé pelo testemunho de vida, oremos ao Senhor.
- Pela nossa Vigararia de ..., para que, acolhendo a diversidade vivida em cada Paróquia, cresça na unidade, oremos ao Senhor.
- Para que os membros da nossa comunidade paroquial revelem, nos seus gestos e palavras, o rosto de Jesus aos que O procuram, oremos ao Senhor.
- Para que os jovens da nossa Diocese escutem com alegria a voz de Cristo que os chama, oremos ao Senhor.
- Pelos que não pertencem à nossa comunidade de fé, para que, vendo como os cristãos pensam e vivem, sintam que é bom conhecer Jesus e segui-’O, oremos ao Senhor.

Deus, Pai de todos os homens, que nos chamais a seguir o vosso Filho, fazei que os nossos corações se disponham a ouvir a sua voz e se coloquem ao serviço do seu reino. Por Cristo, nosso Senhor. Ámen.

Pai Nosso

Cântico



As Igrejas particulares

O Povo de Deus não é só uma comunidade de povos diversos, mas é também composta no seu interior por diversas partes, as Igrejas particulares, formadas à imagem da Igreja universal, nas quais e pelas quais a única Igreja Católica é constituída. A Igreja particular é confiada ao Bispo, que é princípio e fundamento visível de unidade, sendo através da sua comunhão hierárquica com a cabeça e com os outros membros do Colégio Episcopal que a Igreja particular se insere na «plena communio ecclesiarum» da única Igreja de Cristo.

Por isso, o Corpo místico de Cristo é todo ele também um corpo de Igrejas, entre as quais se cria uma admirável reciprocidade, uma vez que a riqueza de vida e de obras de cada uma delas redundam no bem de toda a Igreja, e cada pastor com o seu rebanho participam da abundância sobrenatural de todo o corpo.

Estas Igrejas particulares existem igualmente «na» e «a partir da» Igreja que nelas «verdadeiramente se encontra e actua». Por isto mesmo, o Sucessor de Pedro, Cabeça do Colégio Episcopal, e o

Corpo dos Bispos são elementos próprios e constitutivos de cada Igreja particular. O governo do Bispo e a vida diocesana devem manifestar a recíproca comunhão com o Pontífice Romano e com o Colégio Episcopal, bem como com as Igrejas particulares irmãs, em especial com as que se situam no mesmo território.

(Congregação para os Bispos, Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos Apostolorum Successores, n.5, 2004)

O Bispo, centro de unidade da Igreja particular

Ao cuidado pastoral do Bispo coadjuvado pelo seu presbitério é confiada a Diocese a que preside com o sagrado poder como mestre de doutrina, sacerdote do culto e ministro do governo.

No exercício do poder sagrado, o Bispo diocesano tenha sempre diante de si o exemplo de Cristo e assuma o autêntico espírito de serviço evangélico em relação à porção do Povo de Deus que lhe foi confiada.

No desenrolar da sua missão, o Bispo diocesano tenha sempre presente que a comunidade diocesana a que preside é uma comunidade de fé que precisa de ser alimentada pela Palavra de Deus; uma comunidade de graça que é constantemente edificada pelo sacrifício eucarístico e pela celebração dos outros sacramentos, através dos quais o povo sacerdotal eleva até Deus o sacrifício da Igreja e o seu louvor; uma comunidade de caridade, espiritual e material, que brota da fonte da Eucaristia; uma comunidade de apostolado, na qual todos os filhos de Deus são chamados a difundir as insondáveis riquezas de Cristo, manifestando-se individualmente ou associados em grupos.

A diversidade das vocações e dos ministérios que estrutura a Igreja particular exige que o Bispo exerça o ministério da comunidade não isoladamente mas juntamente com os seus colaboradores, presbíteros e diáconos, com a contribuição dos membros dos Institutos de Vida Consagrada e das Sociedades de Vida Apostólica, que enriquecem a Igreja particular com a fecundidade dos carismas e o testemunho da santidade, da caridade, da fraternidade e da missão.

O Bispo terá a consciência viva de ser na Diocese o fundamento e o princípio visível de unidade da Igreja particular. Deve promover e tutelar constantemente a comunhão eclesial no presbitério diocesano, de modo que o seu exemplo de dedicação, acolhimento, bondade, justiça e comunhão efectiva e afectiva com o Papa e com os seus irmãos no episcopado una cada vez mais os presbíteros entre eles e consigo, sem que nenhum presbítero se sinta excluído da paternidade, da fraternidade e da amizade do Bispo. Este espírito de comunhão do Bispo encorajará os presbíteros na solicitude pastoral para conduzirem à comunhão com Cristo e na unidade da Igreja particular o povo confiado aos seus cuidados pastorais.

Em relação aos fiéis leigos, o Bispo far-se-á promotor de comunhão inserindo-os na unidade da Igreja particular segundo a vocação e a missão que lhes é própria, reconhecendo-lhes a justa autonomia, escutando os seus conselhos e apreciando com toda a solicitude as legítimas petições em ordem aos bens espirituais de que precisam. Acolherá as associações laicais na pastoral orgânica da Diocese, respeitando sempre a identidade própria de cada uma, avaliando os seus critérios de espírito eclesial indicados pela Exortação Apostólica pós-sinodal «Christifideles Laici», de modo que os membros das associações, dos movimentos e dos grupos eclesiais unidos entre si e com o Bispo, colaborem com o presbitério e com as estruturas da Diocese para a vinda do Reino de Deus à sociedade onde são chamados a irradiar a novidade do Evangelho e a orientá-la segundo Deus. *(Congregação para os Bispos, Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos Apostolorum Successores, n.63, 2004)*

A paróquia, comunidade estável da Diocese

“Como na sua Igreja o Bispo nem sempre pode presidir pessoalmente e em todo o lugar a todo o seu rebanho, deve por isso constituir assembleias de fiéis, entre as quais têm lugar proeminente as paróquias organizadas localmente sob a guia de um pastor que faz as vezes do Bispo: elas representam, de facto, a Igreja visível estabelecida em toda a terra. Por este motivo, a vida litúrgica da paróquia e a sua ligação com o Bispo devem ser cultivadas no espírito e na acção dos fiéis e do clero; e importa fazer com que o sentido da comunidade paroquial floresça sobretudo na celebração comunitária da missa dominical”. (*Sacrosanctum Concilium*, 42)

Cada Diocese deve dividir-se em paróquias, que são comunidades de fiéis constituídas de forma estável e confiadas a um pároco como seu pastor.

As paróquias normalmente são constituídas pelos *fiéis dum determinado território*. Todavia, onde for conveniente, podem ser constituídas paróquias pessoais, ou seja, para grupos de pessoas, qualquer que seja o local do seu domicílio diocesano, com base no rito, na língua, na nacionalidade ou noutras motivações concretas.

Se por motivos de dificuldade (de ordem civil, económica, etc.) não for possível constituir em paróquia uma determinada comunidade de fiéis, o Bispo poderá formar provisoriamente uma quase-paróquia, confiando-a a um sacerdote como seu pastor. O que a disciplina canónica determina acerca da paróquia aplica-se também à *quase-paróquia*, a não ser que as mesmas normas estabeleçam outra coisa.

A organização diocesana da *estrutura paroquial* deve preocupar-se, tendo em conta a distribuição da população no território, que os fiéis possam ser uma verdadeira comunidade eclesial que se encontra para celebrar a Eucaristia, que escuta a Palavra de Deus, que vive a caridade através das obras de misericórdia corporal e espiritual, podendo os pastores conhecer pessoalmente os fiéis e prestar-lhes uma permanente assistência pastoral. Duma forma particular, importa facilitar aos párocos e aos vigários paroquiais a realização das tarefas que a disciplina canónica lhes atribui: a transmissão da Palavra de Deus, a celebração da liturgia e a administração dos sacramentos – especialmente as chamadas funções «paroquiais» – e a solícita presença pastoral junto dos fiéis, sobretudo os mais necessitados.

O Bispo tome medidas para a conveniente *regulamentação da actividade paroquial*, em particular sobre as seguintes matérias:

- o Conselho Pastoral Paroquial, cuja presença é desejável em todas as paróquias, a menos que o exíguo número dos habitantes não aconselhe de outro modo. O Bispo diocesano, depois de ouvido o Conselho Presbiteral, ponderará a possibilidade ou não de o tornar obrigatório em todas ou nas maiores paróquias;
- o Conselho Económico Paroquial, que deve existir em todas as paróquias, mesmo se formadas por um restrito número de fiéis;
- os livros paroquiais;
- os direitos e deveres dos vigários paroquiais;
- o cuidado pastoral da paróquia na ausência do pároco.

O modelo de paróquia

A paróquia deve caracterizar-se sobretudo pela união das pessoas, de forma a apresentar-se como uma verdadeira comunidade de fé, de graça e de culto, presidida pelo pároco. Em concreto, é conveniente dar atenção a uma série de características que configuram o modelo de paróquia e lhe acrescem a eficácia pastoral:

- Colaboração presbiteral. Sem renunciar à responsabilidade que lhe compete, o pároco, juntamente com os coadjutores paroquiais e os seus outros colaboradores, estudará a programação

e a execução das iniciativas respeitantes à cura de almas. É útil que o pároco e os coadjutores vivam na casa paroquial ou, pelo menos, tenham momentos diários de encontro e de vida comum para fortalecer o conhecimento, o entendimento e a comunhão entre si e, inclusive, para dar testemunho da fraternidade sacerdotal.

– Participação dos fiéis (clérigos, consagrados e leigos). Os que colaboram nas actividades paroquiais assumam e cumpram, com total responsabilidade, os compromissos apostólicos relativos à sua condição, tendo sempre o cuidado de agir em comunhão de intenções com o pároco e de harmonia com os outros responsáveis. O pároco não deixará de lhes pedir o parecer sobre os diversos problemas relativos à vida paroquial, sobretudo através do Conselho pastoral paroquial onde ele existir, ou através de outras formas de participação na vida paroquial.

– Promoção das associações paroquiais, especialmente as que foram criadas pela autoridade da Igreja para fomentar a catequese e o culto público.

– Criação de *centros de formação* de diversos tipos, como escolas de catecismo, escolas maternas, locais para encontros de formação de jovens, centros de assistência caritativa e social e para o apostolado familiar, bibliotecas, etc. Em suma, uma rede organizada que possa penetrar profundamente e de maneira diversificada nos vários ambientes e grupos da população.

O serviço do pároco e os vigários paroquiais

O pároco, com a ajuda dos seus vigários ou coadjutores e dos outros presbíteros agregados à paróquia, torna presente numa determinada comunidade da Diocese o múltiplo serviço do Bispo: mestre, sacerdote e pastor. Ele é o pastor da comunidade paroquial e actua sob a autoridade do Bispo.

As relações entre os pastores e os fiéis a eles confiados devem reflectir a natureza comunitária da Igreja. Por isso, o Bispo procure infundir nos clérigos, sobretudo nos párocos, um espírito fraterno que os leve a relacionar-se pessoalmente com os fiéis. Este trabalho pode ser difícil se o número dos fiéis confiados a cada pastor for excessivo, o que pode acontecer não só em territórios de missão, mas também em paróquias de zonas urbanas de demasiada extensão. Enquanto for possível fazer face à situação, o Bispo saberá despertar o zelo dos pastores, prevenindo-os contra uma visão eficientista ou «burocrática» do ministério, e levá-los-á a aproveitar todas as ocasiões de se aproximarem dos fiéis, sobretudo das famílias nas suas próprias casas. Os próprios actos do ministério pastoral – a comunhão dos doentes, a bênção das famílias, a visita aos idosos, etc. – constituem ocasiões privilegiadas.

Tendo em conta a importância da função do pároco na cura de almas, o Bispo usará de uma diligência especial para a sua escolha. Por meio de adequadas investigações, que efectuará com a ajuda do vigário forâneo ou da zona, que não deixará de consultar, assegure-se em primeiro lugar de encontrar uma pessoa idónea pela rectidão e sã doutrina, mas também pelo zelo apostólico e por outras virtudes necessárias ao ministério paroquial, como a capacidade de comunicação e os dotes de organização e direcção. Avaliará também prudentemente o ambiente humano, as possibilidades e os problemas da paróquia a prover, procurando convidar um sacerdote que possa integrar-se bem no contexto da paróquia.

O bem das almas é a norma suprema que deve guiar o Bispo na nomeação ou demissão dos párocos. Precisamente o bem dos fiéis e o sereno exercício da cura de almas requerem a estabilidade dos pastores, os quais devem ser por princípio nomeados por tempo indeterminado, embora também seja possível a nomeação temporária se tal for aprovado pela Conferência Episcopal. A indicação do prazo temporal da nomeação deve estar indicado no decreto de nomeação do pároco. O Bispo não poderá nomear um pároco por um tempo inferior ao que for indicado pela Conferência Episcopal. No entanto, a estabilidade não deve ser um obstáculo à disponibilidade dos párocos para assumirem uma outra paróquia, se o bem das almas o exigir.

A renúncia do pároco, mesmo a apresentada aos 75 anos de idade, não deverá ser automaticamente aceite, mas importará ponderar com atenção o bem da comunidade e as condições do pároco demissionário. Consoante os casos, o Bispo pode confiar uma paróquia mais pequena e menos trabalhosa a um pároco que se demitiu. Se, existindo motivações objectivas e documentadas de saúde e de relativa incapacidade, o pároco se recusar a apresentar a renúncia no prazo estabelecido, o Bispo procurará com insistência fazê-lo compreender a necessidade de submeter-se ao juízo dos Pastores da Igreja. O convite a renunciar aos 75 anos de idade poderá tornar-se um imperativo se o bem da comunidade o exigir e não existam outras causas de cessação. A remoção ou a transferência forçadas do pároco apenas são possíveis por graves motivos e segundo o procedimento estabelecido pela disciplina canónica.

(*Congregação para os Bispos, Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos Apostolorum Successores, n.210-212, 2004*)

As Vigararias Forâneas, Decanias ou Arciprestados e semelhantes

Para facilitar a assistência pastoral através duma actividade comum, várias paróquias limítrofes podem reunir-se em grupos específicos, como são as vigararias forâneas, também chamados decanias ou arciprestados, ou também zonas pastorais ou Prefeituras. De forma análoga se poderá proceder relativamente a *outros serviços com cura de almas*, como por exemplo, os capelães de hospitais e de escolas, a fim de que daí resulte um conveniente desenvolvimento de cada sector pastoral.

Para tornar possível a concretização do seu fim pastoral, na criação das vigararias forâneas importa que o Bispo tenha em conta alguns critérios como: a homogeneidade do carácter e dos costumes da população, as características comuns do sector geográfico (por exemplo, um bairro urbano, uma zona mineira, uma circunscricção), a proximidade geográfica e histórica das paróquias, a facilidade de encontros periódicos para os clérigos e outros, sem excluir os usos tradicionais.

É conveniente dotar os vigararias forâneas de um estatuto comum, que o Bispo aprovará depois de ouvido o Conselho Presbiteral, e no qual se estabeleça entre outros pontos:

- a composição de cada vigararia forânea ;
- a denominação do ofício de presidência, segundo as tradições do lugar (Arcipreste, Decano, Vigário forâneo), os seus poderes, a forma de designação, a duração do cargo, etc.;
- as reuniões a nível de forania : dos párocos e vigários paroquiais, dos responsáveis pelos vários sectores pastorais, etc.;
- se não se tiver previsto de outro modo, os estatutos podem também determinar que alguns vigários forâneos sejam, com base no seu próprio ofício, membros dos Conselhos diocesanos presbiteral e pastoral.

Onde for conveniente, poderão constituir-se serviços pastorais comuns para as paróquias da vigararia forânea, animados por grupos de presbíteros, religiosos e leigos.

A missão do vigário forâneo, do arcipreste ou decano e semelhantes

O ofício de vigário forâneo reveste-se de notável importância pastoral, enquanto colaborador íntimo do Bispo no serviço pastoral dos fiéis e solícito «irmão maior» dos sacerdotes da forania, sobretudo se está doente ou em situação difícil. Cabe-lhe coordenar a actividade pastoral que as paróquias exercem em comum, vigiar para que os sacerdotes vivam de acordo com o seu estado e para que seja observada a disciplina paroquial, sobretudo na liturgia.

Será, por isso, conveniente que o Bispo tenha encontros periódicos com os vigários forâneos, para tratar os problemas da Diocese e para ser devidamente informado sobre a situação das paróquias.

O Bispo consultará igualmente o vigário forâneo para a nomeação dos párocos.

Se o direito particular ou os legítimos costumes não previrem outra coisa – por exemplo,

estabelecendo um sistema eleitoral ou misto, ou atribuindo a tarefa aos titulares de algumas paróquias principais – o Bispo escolhe pessoalmente os vigários forâneos, tendo porém em conta as preferências dos sacerdotes da vigararia.

Ele pode demitir qualquer vigário forâneo quando, segundo o seu prudente juízo, houver uma justa causa.

O vigário forâneo deve ter as seguintes características:

- ser um sacerdote residente na vigararia e que trabalhe possivelmente na cura de almas ;
- ter ganho a estima do clero e dos fiéis pela sua prudência e doutrina, piedade e zelo apostólico; merecer a confiança do Bispo para que assim este possa, quando for necessário, delegar-lhe faculdades;
- possuir suficientes dons de direcção e de trabalho em equipa.

As áreas pastorais e semelhantes

Os mesmos critérios que levam à constituição de vigararias podem sugerir, em Dioceses de maior extensão, a formação de agrupamentos de vigararias, sob o nome de zona pastoral ou outro. À frente de cada zona poderão colocar-se Vigários Episcopais que possuam poder ordinário para a administração pastoral da zona em nome do Bispo, além de especiais faculdades que ele decida confiar-lhes.

(Congregação para os Bispos, Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos Apostolorum Successores, n. 217-219, 2004)

2º Encontro



Baralho de cartas

Folhas para reflexão individual

Folha para Carta/Compromisso de grupo

Texto para oração



1. Dinâmica:

- o grupo deve estar sentado em cadeiras, dispostas em círculo (se for um grupo grande, aconselha-se que as cadeiras sejam identificadas com o nome do ocupante);
- o animador entrega uma carta do baralho a cada jovem, que deve ver e decorar o seu naipe;
- as cartas são recolhidas e colocadas no baralho original;
- o animador retira a primeira carta e diz o naipe. Todos os jovens a quem calhou esse naipe devem andar uma cadeira para a direita;
- se a cadeira à sua direita estiver ocupada, devem sentar-se ao colo da pessoa que lá se encontra;
- Retira-se a segunda carta e repete-se o movimento, sendo que desta vez apenas se podem mexer os jovens que não estiverem “trancados” (com alguém sentado no seu colo);
- repete-se o movimento até que algum dos jovens chegue ao seu lugar original e este se encontre vazio (se alguém estiver a ocupar o seu lugar, deverá continuar a rodar);

Objetivo: Cada um tem o seu lugar na construção da comunidade. Sempre que alguém se põe no

lugar do outro, impede-o de dar o seu contributo e de realizar a sua missão.

2. Reflexão individual - entrega do texto “Construir comunidade” (ver textos de apoio), seguido das seguintes questões:

A partir do texto aponta os aspectos fundamentais para a vida de uma comunidade cristã.

E tu? Que dons podes colocar ao serviço da tua comunidade (grupo, Movimento, paróquia)?

O que é que o grupo / Movimento pode dar à Igreja (paróquia, vigararia, diocese)?

3. Em grupo, partilha da reflexão individual.

4. Redacção, com o contributo de todos, de uma Carta/Compromisso onde se inscrevam os principais desafios e compromissos a que o grupo é chamado. A Carta de Grupo será um projecto comunitário de vida que o grupo estabelece para si mesmo, onde inscreve as orientações que entende serem fundamentais para o seu caminho. Poderá ser posteriormente afixada no local onde o grupo se reúne e distribuída por todos os seus membros. A Carta de Grupo é um compromisso do grupo que vigora a partir da sua elaboração. Será, por isso, elemento fundamental a apresentar pelo grupo na Celebração conclusiva do primeiro ano do Itinerário Juvenil.

 24 | 321

 **Cântico**

[Lido alternadamente]

Que cada marca tua seja sinal de Deus,
que cada palavra proclamada seja apenas reflexo
daquele que te consagrou profeta,
que na simplicidade dos teus pequenos gestos
se manifeste a grandeza da Divina Caridade.

Possa Deus escrever, em ti e através de ti,
a história da tua comunidade
na alegria que semeias,
na paz que constróis,
na esperança que transmites
e na fé que te anima e contagia os outros.

seja Deus o motor principal das tuas andanças,
mesmo quando sentes que estás perdido e sozinho,
deixa que Deus pegue na tua mão
e escreva, em entrelinhas ondulantes de um mar crispado,
uma história de paz e de perdão.

Deixa que Deus narre a tua história
em tempos de silêncio e de deserto
à sequiosa geração que perguntará por ti:

que caminho percorreste com outros irmãos?
Que fizeste aos talentos dados?
Que novos mundos descobriste inspirado por Deus?
Deixa, por isso, que Deus escreva a tua história.
(Pe. Nélio Pita, *Deixa que Deus escreva a tua história*)

Pai Nosso

Cântico



Construir comunidade

Essa tem sido, há alguns anos, uma das prioridades da nossa acção pastoral: edificar a Igreja como comunidade viva, alimentada pela Palavra e capaz de testemunhar o amor, evangelizando. Mas a Igreja como comunidade tem a sua origem na comunhão com Deus. O contrário é construir sobre a areia, é ficar prisioneiro de critérios culturais e organizativos, é querer construir um mistério só com a nossa força de homens. Muitas vezes as nossas comunidades têm aparência e estrutura comunitárias, mas não têm a densidade da comunhão, que só pode ser a da caridade. E o Santo Padre convida-nos a fazer da Igreja “a casa e a escola da comunhão”. E “uma espiritualidade de comunhão significa, em primeiro lugar, ter o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há-de ser percebida também no rosto dos irmãos”. Só a experiência de Deus nos ajuda a construir a Igreja como experiência de comunhão. O Papa acrescenta: “Não haja ilusões! Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores de comunhão. Revelar-se-iam mais como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento”. Que grande interpelação aos nossos conselhos diocesanos e paroquiais, às estruturas de todas as obras e movimentos. A força que os dinamiza e o critério que os orienta tem de ser sobrenatural. Construir comunhão exige que se recorra aos meios da graça, que se saiba perdoar e reconhecer a necessidade do perdão, que se seja aberto à diferença e à variedade dos dons, que se aprenda a reconhecer e a agradecer todos os dons com que o Espírito de Cristo enriquece a sua Igreja; que o espírito de serviço seja mais forte que a ânsia de dominar e se descubra que não dominamos a Igreja, ao contrário, é ela que nos envolve na ternura de Deus. Comunidades assim dinamizadas pelo amor de Deus, transformam-se no verdadeiro sujeito da evangelização, pois esta deve testemunhar com a vida aquilo que anuncia. (Carta Pastoral de Dom José Policarpo, Patriarca de Lisboa, 2001)

A Igreja, Corpo místico de Cristo e Povo de Deus

A Constituição Dogmática «Lumen Gentium» recorda algumas imagens que ilustram o mistério da Igreja e põem em evidência as notas características reveladoras do insolúvel laço entre o Povo de Deus e Cristo. Entre essas destacam-se a do Corpo místico, do qual Cristo é a cabeça, e a do Povo de Deus, que recolhe em si todos os filhos de Deus, tanto pastores como fiéis, unidos intimamente pelo mesmo Baptismo. Este povo tem por cabeça Cristo, o qual «foi entregue à morte por causa dos nossos pecados e foi ressuscitado para nossa justificação» (Rm 4, 25); tem por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus em cujo coração, como num templo, reside o Espírito Santo; tem por lei o novo mandamento do amor e por fim o Reino de Deus já começado sobre a terra.

O nosso Salvador entregou esta sua Igreja, una e única, a Pedro (cf. Jo 21, 17) e aos outros Apóstolos para que a apascentassem, confiando-lhes a difusão e o governo (cf. Mt 28, 18-20) e constituiu-a para sempre coluna e suporte da verdade (cf. 1 Tm 3, 15).

A Igreja Sacramento de Salvação

A Igreja é Sacramento de Salvação enquanto, por meio da sua visibilidade, Cristo está presente no meio dos homens e continua a sua missão, dando aos fiéis o seu Espírito Santo. Por isso, o corpo da Igreja distingue-se de todas as sociedades humanas. De facto, a Igreja assenta não sobre as capacidades dos seus membros, mas sobre a íntima união com Cristo, do qual recebe e comunica aos homens a vida e a energia. A Igreja não significa só a íntima união com Deus e a unidade de todo o género humano, mas é sinal eficaz disso mesmo e, portanto, é sacramento de salvação.

A Igreja comunhão e missão

Ao mesmo tempo A Igreja é comunhão. As imagens da Igreja e as notas essenciais que a definem revelam que, na sua dimensão mais íntima, ela é um mistério de comunhão, antes de mais na Trindade, porque, como ensina o Concílio Vaticano II, «os fiéis, unidos ao Bispo, têm acesso a Deus Pai por meio do Filho, Verbo incarnado, morto e glorificado, na efusão do Espírito Santo, e entram em comunhão com a Santíssima Trindade». A comunhão está no coração da autoconsciência da Igreja e é o laço que a exprime como realidade humana, como comunidade dos Santos e como corpo de Igrejas. De facto, a comunhão exprime também a realidade da Igreja particular.

A comunhão eclesial é comunhão de vida, de caridade e de verdade e, enquanto ligação do homem com Deus, cria uma nova relação entre os próprios homens e manifesta a natureza sacramental da Igreja. A Igreja é «a casa e a escola da comunhão» que se edifica em torno da Eucaristia, sacramento da comunhão eclesial, onde «participando realmente do corpo do Senhor, somos elevados à comunhão com Ele e entre nós». Ao mesmo tempo, a Eucaristia é a epifania da Igreja, em que é manifestado o seu carácter trinitário.

A Igreja tem a missão de anunciar e propagar o Reino de Deus até aos últimos confins da terra, para que todos os homens creiam em Cristo e assim alcancem a vida eterna. A Igreja é portanto também missionária. De facto, «a missão própria que Cristo confiou à sua Igreja não é de ordem política, económica ou social. O fim que lhe predeterminou é de ordem religiosa. No entanto, precisamente desta missão religiosa brotam tarefas, luz e forças que podem contribuir para construir e consolidar a comunidade dos homens segundo a Lei divina».

(Congregação para os Bispos, Directório para o Ministério Pastoral dos Bispos Apostolorum Successores, n.3,6-7, 2004)

3º Encontro



Sugerimos a realização de uma visita à Sé de Lisboa, como forma de valorizar a catedral como Igreja-Mãe. Será importante preparar bem esta actividade contactando atempadamente o pároco da Sé e incluindo na visita, quer o templo, quer o tesouro da Sé. Na igreja convém destacar os sinais exteriores ligados ao ministério episcopal (a cátedra) e apresentar o tesouro como testemunho de uma História de fé da qual somos herdeiros.

Nota: pedir aos jovens que tragam para o próximo encontro - (celebração) - uma vela ou lucerna.

3º BLOCO

IV – Celebração “Chamados à comunhão” (cf. 1 Cor 1, 9)

NOTAS:

O espaço da celebração deve ser preparado de antemão, com um ícone de Cristo ou da cruz, uma pequena estante para a Bíblia, coberta com um pano, um círio ou suporte com luz, uma taça grande com água. O animador deve ter uma Bíblia para as leituras e pedras, cada uma com o nome de cada um dos jovens. Antes do início da celebração deve também escolher leitores para a Liturgia da Palavra e para as Preces.

No caso de o pároco ou outro sacerdote estar presente, faz-se a bênção da água no decurso da celebração. No caso de tal não ser possível, a água deve ter sido previamente benzida.

ESQUEMA

1. Cântico inicial (sugestão: Como são belos os pés ou Nós somos o povo do Senhor)

2. Saudação e acolhimento

Presidente: A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

Todos: Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

(breve introdução, salientando que estão nesta celebração em nome de Cristo, que convoca o seu povo; Ele enviou o Seu Espírito para que as mulheres e os homens de todas as culturas, idades, níveis sociais e etnias, possam viver o mistério de comunhão que se chama Igreja).

3. Invocação do Espírito

* Oração

Senhor,

Renova em nós o dom do Teu Espírito,
para que nos purifique nas águas da conversão e do arrependimento.

Então poderemos, num só coração e numa só alma,
glorificar o Teu nome e a Tua misericórdia.

Abre o nosso entendimento ao sentido das Escrituras:

que elas se tornem para nós Palavra viva e iluminem os nossos corações.

Que o teu Espírito derrame em nós o Teu amor,

e inspire a oração deste dia pelos nossos irmãos e irmãs,

pela unidade perfeita da Tua Igreja e por toda a humanidade.

(Adaptado do Guião da Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, 2002)

* Cântico (de invocação do Espírito Santo)

4. Liturgia da Palavra

* Entrada da Bíblia, com algumas velas. Se necessário, preceder este gesto de uma breve introdução, no sentido de ajudar o grupo a perceber que só nos compreendemos como cristãos e como Igreja à luz da Palavra de Deus.

* 1ª Leitura: 1 Jo 4, 12-19 («Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós»)

* Cântico: Deus é amor.
Atreve-te a viver por amor.
Deus é amor: nada há a temer. (ou outro)

* Aleluia

* Evangelho: Mt 5, 13-16 («Vós sois sal da terra... Vós sois a luz do mundo»)

* Silêncio

5. Momento Penitencial

* Bênção da água (se houver sacerdote)

* Gesto penitencial

Sugere-se que cada jovem se dirija à taça com a água, que deve estar junto ao ícone de Cristo ou da cruz. Junto à mesma, e após introduzir a mão na água, fará sobre si o sinal da cruz e, de seguida, acenderá a sua vela / lucerna no círio. Com este gesto, pretende-se recordar o baptismo, através dos sinais da água e da luz.

Durante este gesto, pode-se cantar um cântico.

6. Profissão de fé

Propõe-se a recitação do credo apostólico, um dos mais antigos da Igreja (séc. III).

Creio em Deus,
Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra.
Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor,
que foi concebido pelo poder do Espírito Santo;
nasceu da Virgem Maria;
padeceu sob Pôncio Pilatos,
foi crucificado, morto e sepultado;
desceu à mansão dos mortos;
ressuscitou ao terceiro dia;
subiu aos Céus;
está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso,

de onde há-de vir a julgar os vivos e os mortos.

Creio no Espírito Santo;
Na santa Igreja Católica;
Na comunhão dos Santos;
Na remissão dos pecados;
Na ressurreição da carne;
Na vida eterna.
Ámen.

[apagar vela/lucerna]

7. Oração Universal

Deve ser acompanhada por uma resposta recitada (ex: Ouvi-nos, Senhor) ou cantada (ex: *Kyrie eleison* ou *As misericórdias do Senhor para sempre cantarei*).

8. Pai nosso

9. Gesto da paz

10. Oração conclusiva

Senhor Jesus, nós Te bendizemos pelo dom da Tua Igreja. Nela recebemos o tesouro da fé e somos alimentados pela Tua Palavra e pelo Teu corpo. Nela aprendemos que o teu Evangelho é um caminho de liberdade e de paz e, pelos pastores que suscita, percebemos que Tu continuas a guiar o Teu povo. Nela descobrimos que és Tu o mais importante, e que só o amor, que Tu nos deste como mandamento e regra de vida, pode transformar o mundo. Nela descobrimos que todos têm lugar e todos são chamados a entrar na sua construção. Porque só na comunhão de todos os que crêem em Ti Tu poderás revelar verdadeiramente o Teu rosto.

11. Leitura da carta do grupo e entrega das pedras

Sugere-se para este momento a leitura da carta compromisso do grupo. Como sinal de compromisso, é dada a cada jovem uma pedra com o seu nome escrito. Ao entregá-la, quem preside poderá dizer uma frase pessoal que leve o jovem a perceber o significado profundo do gesto. Ex: «Pedro, Sara... como pedra viva, entra, também tu, na construção da Igreja. (cf. 1 Pd 2, 4-5). Sê sempre sal e luz para o mundo.»

12. Despedida e cântico final